







Michelle M. Dillow

Dragon Lords

01 - O Príncipe Bárbaro

Envio: Parceria PRT – PL

Tradução: PRT

Revisão Inicial: Silvia Helena

Revisão Final: Jacqueline Romero

2ª Revisão Final: Biah

Formatação e Leitura Final: Carol Vênus



Sinopse:

Romper nunca foi tão difícil...



Indo disfarçada no Noivas da Galáxia como uma das potenciais companheiras para esses bárbaros parecidos aos vikings, Morrigan não tem intenção de se escolhida para ficar. Mas quando Ualan de Draig a pega para ser sua esposa, com a ajuda de seu cristal misticamente brilhando, tudo o que ela pode fazer é dizer não. Ao acordar de uma noite induzida por drogas de prazeres tortuosos e insatisfatórios, Morrigan descobre que sua nave espacial partiu sem ela e Ualan está alegando que ela é sua esposa. Não é exatamente a história que esta repórter tinha em mente. E para piorar a situação, Ualan se recusa a tomar um não como resposta.

Ser amaldiçoado pelos deuses nunca foi tão frustrante...

Príncipe Ualan é como todos os outros de sua raça no planeta dominado por homens, Qurilixen. Ele é educado a confiar nos poderes místicos ao seu redor e quando chega a hora de se casar, está pronto para seguir esses poderes para escolher sua companheira de vida. Quando a teimosa, mas

belíssima, Morrigan se recusa a aceitar o seu destino compartilhado e sua autoridade suprema sobre ela, ele tem que fazer de tudo para não quebrar seu lindo pescoço.



Capítulo Um

Busca-se: A Corporação Noivas da Galáxia busca 46

mulheres férteis da Terra com corpos saudáveis, sem deficiências, perto da idade de procriar e com o estado de saúde A5+, para se casarem com homens saudáveis e fortes de Qurilixien em seu Festival anual de Reprodução, com possibilidades de pertencer à realeza. Devem ser companheiras sexuais desejosas e muito trabalhadoras. A virgindade é um extra. Enviar os documentos pessoais, documentos de viagem e o coeficiente intelectual que aparece na tela para: Noivas da Galáxia, Phantom Nivel 6, Quadrante X, Base 5792461.

A ideia era simples. Descobrir as práticas ilegais do comercio de virgens do Noivas da Galáxia. Durante anos ouviam-se rumores que o estabelecimento usava unidades médicas ilegais para regenerar a virgindade das mulheres. A virgindade significava mais comércio com o crescente número de bárbaros da população masculina de planetas humanóides, ansiosos pela carne fresca das jovens noivas terráqueas.

Se a notícia saísse seria imensa. Isso era exatamente o tipo de notícias que lançavam a carreira de uma jornalista ao estrelato. Era o que faltava para derrubar as más corporações de reprodução que vendiam mulheres para quem pagasse mais.

Morrigan Blake era apenas uma repórter ou era isso que ela acreditava. Porém, as unidades médicas onde tais procedimentos tinham lugar eram quase impossíveis de encontrar, já que se parecia com qualquer outra unidade médica. Requeria-se uma série de testes de diagnóstico para revelar a sequência do chip necessário para a restauração da virgindade. Apenas tinha que conseguir que as mulheres conversassem com ela, o que também não seria fácil. As noivas estavam sendo muito bem recompensadas por suas participações.

Certo, pensou Morrigan com ironia enquanto olhava distraidamente seus pés descalços na cadeira da pedicure. As corporações de Reprodução eram exatamente do mal e a restauração da virgindade não era precisamente ilegal em todos os quadrantes.

As pequenas mãos metálicas do robô trabalhavam freneticamente em seus pés, enquanto outro fazia um coque Qurilixien tradicional em seu cabelo escuro. Alguns cachos caíam em suas costas, espessos. O robô usou extensões de cabelo para conseguir que seu cabelo naturalmente curto, crescesse. Pesava muito para seu pescoço e era difícil se acostumar.

Ela estava no luxuoso salão de beleza da nave com o resto das candidatas à noiva, preparando-se para a união cósmica mais tarde esta noite. Olhando para suas pernas, Morrigan esboçou um quase sorriso. Pelo menos a viagem havia lhe dado muitos benefícios gratuitos: depilação permanente, um corpo em forma e tempo para escolher a cor perfeita para as unhas dos pés.

Galáxia Vermelha nº 1 ou Galáxia Vermelha nº 2? Bom, definitivamente estava entediada.

De acordo com seu editor, tinha que ser dócil e romântica para ser uma das quatro selecionadas para os Príncipes Qurilixien e seus homens que provavelmente estariam no festival. Haviam se passado sessenta anos desde que a realeza compareceu a um festival em busca de uma noiva, e as mulheres na Terra estavam sempre ansiosas por devorar qualquer detalhe dos romances e intrigas reais.

A última matéria que fez no casamento real de Lophibian impulsionou as vendas do jornal em quase quarenta por cento e Lophibian era uma espécie de limo coberto de escamas. Passou quatro meses nos pântanos coberto de uma coisa verde-azulada. Ainda que o efeito da tinta deixasse seu cabelo realmente bonito, Morrigan não queria reviver essa viagem por nada no mundo.

Este era, definitivamente, seu melhor trabalho. Se fosse capaz de descobrir um escândalo e pudesse entrevistar ao

menos um dos quatro príncipes, poderia conseguir duas histórias em uma única viagem. Para não falar de uma grande promoção e um aumento salarial. Além disso, o rumor de que os homens eram saudáveis, espécimes viris e que nas fotos se viam particularmente bem, ajudava. Os homens bonitos vendiam capas.

Não seria fácil. Não havia fotos conhecidas desses homens nos arquivos e eram conhecidos por não darem entrevistas, especialmente sobre suas festas privadas. Oh! Se pudesse conseguir alguma. Talvez então pudesse tirar merecidas férias em seu apartamento. Perguntou-se se recordaria o lugar exato onde estava seu apartamento.

—E você, Rigan? Terminou sua transferência de arquivos da etiqueta Qurilixien? — Perguntou uma mulher perto de sua cadeira no salão. Sua voz era suave e amável, combinando com seus suaves olhos azuis. Seu cabelo castanho claro girava em sua cabeça em um frenesi causado pelas seis mãos de um robô. Ela era muito cuidadosa para não se mover.

Morrigan se voltou ao ouvir seu nome e deu a Nadja um sorriso leve. Ninguém na nave sabia quem realmente ela era. Todos acreditavam que era outra noiva emocionada em busca de viris machos guerreiros Qurilixen, que diziam, que queriam se reproduzir. Ser escolhida era uma honra ou isso afirmavam as outras mulheres. Nos pensamentos de Morrigan, ao contrário, levavam-nas a um mercado de carne e elas eram o pedaço especial.

—Não sabia? — Gena começou a rir, próxima de Nadja. Seu cabelo vermelho estava acabado e seu robô de beleza estava colocando o pequeno e habitual aplique sobre os cabelos vermelhos, curtos e cacheados. —Rigan foi a primeira a terminar os arquivos Qurilixien. Parece que está mais ansiosa para satisfazer seu novo marido.

—Ou que ele a satisfaça. — Adicionou alguém do outro lado da sala circular.

Morrigan fechou seus olhos, ignorando as mulheres abrasivas. Honestamente, ela não as entendia. Claro, algumas delas eram muito amáveis e até pareciam inteligentes e de boa educação, como Nadja, de uma voz suave. Mas por que alguém na galáxia se submeteria a este comércio, estava além de seu entendimento.

Estar sozinha não era tão ruim. Não tinha ninguém a quem responder, exceto seu chefe, Gus. Ele nunca a incomodava a menos que atrasasse uma história. Tomava suas próprias decisões e fechava seus acordos. Nunca tinha que preocupar-se com um homem perguntando-lhe quando estaria de volta do seu trabalho, ou lidar com os ciúmes que inevitavelmente viriam com uma missão como esta.

Entretanto, Morrigan pensou, sempre tratava de ver todos os lados da história ainda que não sempre tivesse êxito ao fazê-lo, seria agradável ter alguém com quem conversar às altas horas da noite. Alguém que fizesse uma massagem em seus pés

quando estivessem doloridos. Alguém com quem... ela sorriu. Ei, apenas tenho que levar este robô para casa comigo.

—Gostaria de ser tão ambiciosa. Temo que não li nenhum desses tediosos arquivos.

Morrigan não podia dizer quem estava conversando desde que seus olhos estavam fechados. Esperava que as demais acreditassem que cochilava, assim não teria que participar das brincadeiras nervosas. Tinha medo de que sua excitação fosse visível. Estava, depois de tudo, próxima de um grande aumento salarial.

Morrigan passou a maior parte da primeira semana na nave dos computadores, baixando informações de Qurilixen em seu cérebro. A avalanche de informação lhe havia dado uma forte dor de cabeça, mas valeu a pena, já que havia se liberado do trabalho durante o resto da viagem. Já havia escrito e transmitido, o começo de sua suave matéria romântica.

Por semanas, sua cabeça lidou com muitos fatos do planeta. Estava na extremidade do quadrante Y, habitado por homens primitivos semelhantes aos clãs Vikings da Terra Medieval. Os Qurilixien adoravam muitos deuses, favoreciam as conveniências técnicas modernas, e realmente preferiam cozinhar sua própria comida sem a ajuda de um simulador. Eles eram classificados como uma classe de guerreiros, apesar de terem sido pacíficos por quase um século, além de pequenas escaramuças territoriais mesquinhas que eclodiram a cada

quinze anos mais ou menos entre algumas das casas rivais.

A informação que não havia arquivado e que a preocupava era sobre a cerimônia de casamento em si, e um pouco sobre a cultura e as leis. Duvidava que o casamento fosse diferente de outras cerimônias oficiais do planeta. Morrigan não pensava casar-se enquanto estivesse ali, mas esperava conseguir algumas fotos. Toda a coisa que pudesse conseguir ao longo do caminho que poderia arquivar dentro de seu cérebro na viagem para casa.

Morrigan sorriu ironicamente a si mesma. Definitivamente iria ser uma das desafortunadas noivas perdedoras, as que teriam uma viagem gratuita de regresso a casa. A Corporação não disse que nem todas as noivas seriam escolhidas?

—Já experimentei meu vestido esta tarde. — Disse Gena, interrompendo involuntariamente os pensamentos de Morrigan. Empurrou para cima seus generosos seios por baixo do manto. —Eles são magníficos, mas acho que vou aumentá-los novamente, um pouco maiores, e vou alargar meus mamilos. Os príncipes não serão capazes de resistir. Talvez me case com os quatro, só por diversão.

—Como saberá quem são os príncipes? — Perguntou uma loira do outro lado da sala. Morrigan abafou uma risada com as mãos, reconhecendo Pia. Agora, curiosamente, esta parecia ser uma mulher que compartilhava sua falta de interesse no casamento. —Ouvi que todos os homens usam disfarces. Você

poderia acabar com alguém da guarda real.

—Ou um jardineiro. — Disse uma morena com uma risada.

—Ouvi que praticamente não vestem nada. — Acrescentou uma mulher com cabelo vermelho inflamado e cintilantes olhos verdes da cor de esmeraldas. —Exceto uma máscara e um pouco de pele.

—Não pode deixar de notar a realeza. — Gena disse corajosamente com um sorriso travesso de excitação. —Você verá isso pelo modo como eles se movem.

Morrigan ficou de pé quando seu robô terminou. Abaixou a cabeça olhando seus próprios seios melhorados que assomavam por cima do decote da túnica branca. Era um número maior que o seu. Eram um adicional das melhorias de beleza, cortesia dos serviços da empresa de viagem. Eles eram reais, apenas geneticamente alterados para serem perfeitos. No início, ela não gostou deles. Mas quando se acostumou ao peso reconheceu que realmente a roupa se via muito melhor. Apenas esperava que nenhum dos homens no trabalho notasse também.

Sua nave estava equipada com as melhores acomodações e serviços que o sistema estelar tinha a oferecer. Cada passageiro tinha seu próprio robô, e as unidades de cozinha em cada quarto podiam fornecer praticamente qualquer tipo de comida, sem evadir a estrita dieta de minerais que a Corporação impôs. Inclusive o médico era mecânico.

As únicas companhias que as mulheres tinham permissão no último mês de viagem eram umas as outras. Estavam em quarentena, para assegurar que nada indecoroso acontecesse pelo que carinhosamente chamavam de "o harém". A única comunicação com a tripulação da nave era por transmissores de vídeo. As noivas eram mercadorias valiosas. A quarentena criou um ambiente de gatas ansiosas entre as mulheres que competiam. Morrigan franziu o cenho. Aparentemente precisavam de alguma companhia com testosterona.

Como os outros robôs terminaram, as futuras noivas começaram a dirigir-se lentamente de regresso a seus quartos pessoais para se vestirem. Uma excitação nervosa e contagiosa se elevava no ar enquanto faziam todo o possível para parecer indiferentes. Ignorando todas, Morrigan tirou seu cartão de identificação do bolso e deslizou pelo sensor da porta.

Uma vez sozinha, suspirou e abriu caminho através da grande variedade de máquinas e sensores que brilhavam e iluminavam diferentes partes do quarto enquanto reconheciam sua presença. Com uma breve e distraída ordem de Morrigan começou a soar uma música suave de fundo. Serviu-se de um copo de whisky do simulador, sua bebida habitual antes de aterrissar no novo planeta. Contribuía para manter os nervos calmos e ordenar seus pensamentos.

Lentamente, ela foi para a janela oval de estrelas cintilantes. Ao longe podia ver a superfície marrom avermelhada do pequeno planeta Qurilixen.

Erguendo o vidro para o orbe, ela murmurou: —Saúde.

Suspirou ante a queimação da bebida enquanto deslizava abaixo em sua garganta. Então, alcançando atrás da janela nas bordas de metal, Morrigan retirou um recipiente escondido. Empurrou o botão oval em cima, abrindo a tampa.

Olhando ao redor para ter certeza que seu robô não estava no quarto, deslizou um disco de gravação em forma de lente de contato em seu dedo, e colocou no olho. Piscou várias vezes para ajustá-lo no lugar antes de colocar um anel no dedo menor. A cintilante pedra esmeralda brilhava com a luz do fogo procedente da falsa lareira da nave.

A viagem estava quase acabando e ninguém disse qualquer coisa sobre a conspiração da virgindade. Ela odiava admitir isto, mas talvez não houvesse nada para uma matéria depois de tudo. Os rumores eram, no mínimo, imprecisos. Mas Morrigan sabia por estar vivendo com outras mulheres durante um mês, quais eram experientes. Apenas teria que esperar que os casamentos se realizassem antes de ver quais eram proclamadas puras. Então ela teria uma história e com sorte seria capaz de provar.



As portas da nave escondiam os homens de Qurilixien da vista, mas as mulheres podiam ouvir a música e as risadas pelas escotilhas. O entardecer era normalmente ensolarado, marcando o início da noite escura do festival. Normalmente, uma névoa verde suave cobria a superfície do planeta.

Qurilixen tinha três sóis -dois amarelos e um azul- e uma lua, que fazia com que o planeta fosse peculiarmente brilhante. As folhas verdes da folhagem do planeta eram de um tamanho excessivo devido ao calor intenso e a umidade recebida. As árvores se alçavam por cima da superfície do planeta, como sequóias canadenses enormes. Alguns de seus troncos eram tão grandes como os edifícios mais altos da Terra.

As noivas esperaram em fila no corredor de saída da nave até o porto. Seus corpos estavam cobertos com vestidos tradicionais de Qurilixien feitos de uma seda fina. O material fino ondulava contra a pele quando se moviam, apertando-se sobre os quadris e agarrando-se as pernas em finas tiras. Suaves sapatos de seda cobriam seus pés.

Morrigan olhou abaixo para seu corpo quase exposto e deu um sorriso torto. Como, se tratava de um planeta de homens, sem duvida alguma, os homens desenhavam estas roupas. Os vestidos eram baixos sobre os seios e mostravam um decote generoso. Algum tipo de cinto cruzava suas costas.

Mas em lugar de abotoar na parte da frente continuava até os lados, mantendo os pulsos com tiras de seda e a metade do

caminho do braço se entrelaçava por cima dos cotovelos. As mulheres não podiam levantar os braços por cima de suas cabeças.

As mulheres de Qurilixien eram raras devido à radiação azul que o planeta sofria. Ao longo das gerações isto alterou a genética dos homens para produzir apenas fortes herdeiros, guerreiros machos e grandes. Talvez um em cada mil nascidos fosse uma fêmea Qurilixien. Nos velhos tempos utilizavam os portais para arrebatam as noivas de suas casas, levando-as ao planeta. Inclusive havia rumores de que sua espécie se havia originado na Terra, mas não havia nenhuma prova. O fato de não terem mulheres, era a razão de que os Serviços de Corporações como o Noivas da Galáxia serem tão valiosos para eles.

Em troca, podiam extrair os metais que havia nas cavernas de Qurilixien e que se encontravam apenas em suas minas. O metal era uma grande fonte de energia ideal para as naves espaciais, mas quase inútil para os Qurilixien, que preferiam viver o mais simples possível. Eles não eram conhecidos como exploradores.

Sentindo que a fila estava para se mover, Morrigan esperou e apertou a esmeralda em seu dedo duas vezes para tirar uma foto rápida das mulheres que esperavam. O gravador em seu olho piscou preto, significando que estava trabalhando. Mais tarde, poderia carregar as imagens.

Fora da nave, podia ver o brilho suave da luz do fogo crepitante em uma fogueira gigante.

O cheiro da madeira em chamas se misturava com o perfume exótico da natureza. A lua de Qurilixien era grande e brilhante, a maior lua que já viu em sua vida na superfície de um planeta. As chamas moviam-se na fogueira em uma noite estrelada, enviando faíscas ao ar fresco. Ela não podia ver a distância, e apenas notou uma vaga impressão de uma montanha.

Morrigan avançou e os gritos dos homens pelo festival se apoderaram dela. Ela ruborizou, sentindo-se quase nua com sua roupa de "sacrifício".

O chão tinha grandes tendas em forma de pirâmides. Tochas acesas iluminavam caminhos na terra escura. Tiras e bandeiras flutuavam na brisa. Na parte de trás, os homens casados estavam sentados em tronos que pareciam cadeiras, com suas esposas firmemente em seus colos.

Morrigan estava feliz por descobrir que suas informações até agora pareciam corretas. Com seus cabelos longos e o estilo das túnicas eles apareciam vikings. Podiam-se ouvir as risadas das mulheres casadas enquanto assistiam ao espetáculo daqueles bárbaros, muito jovens para participar do festival deste ano, gritando e posando para as futuras noivas.

Morrigan nervosamente engoliu em seco. Algumas das mulheres na frente dela posavam como modelos ante a multidão

que as olhava. Ela teve um desejo súbito de caminhar ao redor deles em uma tentativa para evitar a etapa de exibição em que havia se convertido a plataforma que tinha a frente. Tratar de lidar com limos era uma coisa, mas humanoides? E não quaisquer humanoides, estes eram fortes, viris, saudáveis, deixavam a mulher desejosa de ter um destes machos humanoides. No último minuto lembrou-se de tirar fotos dos casais e do acampamento.

—Oh, meu Deus! — Gena exclamou em um murmúrio ofegante, se inclinado para frente para olhar por cima dos ombros de Morrigan. —Você os vê, Rigan? Com homens assim, quem se importa de casar-se com o jardineiro?

Morrigan seguiu os olhos da mulher, curiosamente olhando para a plataforma atracada no chão. Os solteiros que estavam de pé sob elas eram realmente bonitos. Embora os homens atrás rissem e alguns mostrassem os músculos, os verdadeiros solteiros estavam completamente imóveis. Seus corpos bronzeados pareciam estátuas, apenas as inalações e exalações de suas respirações demonstravam que estavam vivos.

Ela quis correr de volta para o lado de dentro. Seus pés se recusaram a se mover. Isso foi até que Gena lhe deu um ávido empurrão, ansiosa para descer a plataforma. Os machos Qurilixien tinham cada centímetro da classe de guerreiros orgulhosos que espalhavam que eram, alguns quase pareciam torres de sete metros de altura. Pedacos de pele cobriam seus quadris e deixavam descoberto peito e pernas. O fogo brilhava

sobre sua pele suave. Faixas douradas com desenhos entrelaçados cruzavam os bíceps musculosos. Em seus pescoços sólidos estavam pendurados sólidos cristais em correias de couro.

O coração de Morrigan começou a acelerar, em parte pelo medo e em parte por excitação. A tensão sexual na nave havia sido potente no último mês. Até aquele momento, ela pode resistir à luxuriosa atração. Mas havia algo no ambiente do acampamento... Algo erótico em seu cheiro de madeira rústica em chamas e cheia de cores. A música soava primitiva e selvagem, no fundo de forma hipnótica, atraindo, girando a seu ritmo.

Máscaras de couro pretas cobriam os rostos dos homens, ocultando desde a testa ao lábio superior.

Seus olhos brilhavam luxuriosos pelos buracos das máscaras, como metal líquido, ou era sua imaginação? Morrigan não sabia. Capturada por um feitiço, de repente percebeu que estava caminhando para baixo num corredor composto de carne quente em cada lado. Eles eram tão altos que a multidão atrás deles desaparecia da vista. Ela olhou para um lado e então o outro. Seu coração continuava acelerado. Sangue zumbia em suas orelhas, ensurdecendo-a.

De alguma maneira, seus pés conseguiram se mover, empurrando-a para frente. A multidão expectante ficou em total silêncio enquanto os solteiros observavam as mulheres,

concentrando-se nelas com olhos sérios e lábios apertados com dureza. Então seu coração e o tempo pararam, a respiração ficou presa na garganta ao encontrar um sólido azul olhar sob uma máscara. Os olhos estreitados do homem e um sorriso lento, vagaroso levou sua atenção para seus lábios. O cristal sobre seu pescoço começou a pulsar e arder com uma luz branca.

Morrigan sentiu a carícia da brisa da noite fresca em seus seios, tão reais quanto uma mão contra sua pele. Arrepios percorreram seu pescoço até o rosto. Seu pequeno véu azul tremulou seu escuro cabelo. Sua mão se ergueu sem que ela quisesse, como que para segurá-lo. Mas as fitas de seda de seu cinto a impediu.

Piscando lentamente, o homem movimentou a cabeça em modo de saudação. Ela girou sua cabeça ao passar por ele. Um sorriso brotou de suas feições, substituído por apaixonado propósito e promessas eletrizantes. Morrigan estremeceu quando seu coração começou novamente a correr.

À medida que avançava pela fila restante de homens olhou ao redor. Os outros eram bonitos, mas nenhum chamou sua atenção ou lhe devolveu o olhar. E nenhum era tão fascinante como o homem de olhos azuis radiantes. Perguntava-se por essa curiosa sensação em suas veias cada vez que pensava nele. Queria olhar para trás, mas seu pescoço se recusou a girar. Ele era como todos os demais e, no entanto, de alguma maneira, era diferente.

Caminhando até a plataforma elevada carregada com um banquete gigantesco, Morrigan esqueceu tudo sobre a esmeralda em seu dedo e sua tarefa para o jornal.



Capítulo Dois

Ualan de Draig sorriu enquanto a mulher da Terra passava a seu lado. Ela estava vestida em tradicionais roupas de seu povo. O material ao redor de seu corpo abraçava suas curvas de um modo que faria com que qualquer homem sentisse dor entre as pernas apenas olhando-a. Quem quer que tenha inventado esta tradição era um sádico. Ele já estava torturado e tenso pelo desejo.

Sua noiva tinha o cabelo da cor da meia-noite e olhos largos que ele alegremente passaria o resto de sua vida observando. Lentamente, ele sentiu o começo da mudança em seus membros enquanto o cristal ardia em seu pescoço com promessas não contadas. Ualan sorriu. Os Deuses tinham realmente sido generosos com ele.

Enquanto ela levantava sua mão para ele, ficou surpreso. As noivas raramente se moviam, exceto caminhar, enquanto se encontravam nas filas. Se o faziam era considerado, em última instância, como um bom presságio, entretanto alguns dos anciões acreditavam que isto significava um duro início. Ualan era otimista. Seu casamento seguramente seria abençoado. Seu corpo imediatamente sentiu a conexão ardente entre eles

quando ela olhou para ele.

Quando a última noiva passou os poderosos solteiros de Qurilixien giraram na direção contrária. Estavam anormalmente silenciosos, como era tradição. Aqueles que foram abençoados necessitavam ir ao templo e agradecer. Aqueles que não, precisavam se reagrupar. Além disso, era bom deixar as mulheres descansarem da viagem. Para aqueles que foram escolhidos pelo cristal, seria uma noite longa e prazerosa.



O banquete estava em grandes mesas, dispostas exatamente em frente às noivas, e distribuídas sobre a larga mesa de madeira como bufê. Os casais jantavam em suas próprias mesas, ao redor da fogueira, longe das futuras noivas. Morrigan viu que as esposas alimentavam seus maridos com a mão.

Estava hesitante para saborear a carne de porco e boi assados e pedaços de pão azul Qurilixien com queijo batido apresentados em pratos diante dela. Ainda que cheirasse maravilhoso, nunca comeu nada que não fosse purificado primeiro em um simulador de alimentos. Pensando em todos os parasitas alienígenas que podiam conter, afastou-se. Uma vez

escreveu uma matéria sobre esse assunto. O que os pequenos bichos faziam aos seres humanos não era bonito. Pensando no mau cheiro das pústulas abertas que foi obrigada a fotografar, conteve-se. Era melhor ter seu estômago roncando.

Com curiosidade, seus olhos recorreram o acampamento. Os solteiros haviam desaparecido. Estava muito aturdida para ver onde haviam se dirigido. A neblina de sonho a havia surpreendido ao princípio, até que decidiu que eram apenas os nervos. Estava acostumada a ver o foco de fora, não a ficar no meio dele.

Os empregados encheram jarras de um estranho vinho. Morrigan vagamente lembrou-se de seu nome, difícil de traduzir, o que significava algo como “O último suspiro da dama”. Pensando que a bebida alcoólica definitivamente mataria qualquer criatura perigosa que pudesse conter a bebida, ela provou. O doce sabor era embriagadoramente maravilhoso.

A maioria das mulheres jantou silenciosamente nervosa. Algumas paqueravam com os empregados bonitos que eram muito jovens para participar e que estavam mais vestidos do que os solteiros estavam. Era difícil para as noivas levantar os braços, assim os atrativos empregados levavam qualquer coisa que elas desejassem. Alguns, inclusive foram tão longe como para lhes oferecer comida com as próprias mãos.

A brilhante esmeralda em seu dedo chamou a atenção de Morrigan. Deixou seu copo de vinho. Percebeu que havia

passado a maior parte do tempo sem tirar nenhuma foto ou feito um vídeo. Como podia ter se esquecido de sua missão? Balançando a cabeça, colocou a mão debaixo da mesa e apertou a esmeralda uma vez para começar a gravação.

Olhando novamente para os homens, inclinou-se para Nadja em sua lateral e perguntou: —Onde você pensa que eles foram?

Nadja saltou, surpresa por ouvir Morrigan falar. Erguendo seu copo, a mulher começou a responder, mas foi cortada pelo empregado que se apressou a encher seu copo meio vazio. Nadja o olhou surpresa, mas deixou.

—Foram fazer um oferecimento para os Deuses. — Disse o homem jovem. Nadja abaixou seu copo para a mesa quando ele terminou. O empregado encheu o copo de Morrigan, persuadindo-a beber com uma onda de sua mão. Morrigan sorriu timidamente, vendo que ele tinha uma cicatriz fina através da ponta de seu nariz. —Eles foram pedir que fossem abençoados em sua busca por esposas.

—Oh. — Morrigan disse.

Ela sorriu para o empregado, pensando em suas adoráveis supertições. Ele não se afastou. Olhou sua bebida, persuadindo-a novamente em silêncio que bebesse. Morrigan o ergueu e tomou vários goles. O empregado sorriu e se afastou para atender a outras mulheres que pediam vinho.

—Você está nervosa?— Nadja perguntou em um sussurro quando ficaram sozinhas. Ela não esperou pela resposta e riu apreensiva. —Não consigo ficar quieta. Acho que esta bebida tem muito álcool ou algo mais.

A cabeça de Morrigan estava ficando tonta. Ela continuou bebendo de qualquer maneira, sabendo que precisaria de mais que um pouco de vinho para ficar ébria. Mas, quando sua cabeça girou levemente com uma névoa, reconsiderou suas hipóteses sobre a bebida e reuniu coragem para provar o pão azul. Esperava que o pão absorvesse o álcool e mantivesse sua cabeça limpa. Não seria capaz de escrever sua matéria se estivesse muito bêbada para recordar o que acontecia.

—Rigan. — Começou a Nadja em um murmúrio. Morrigan olhou o rosto pálido da mulher. Seus olhos azuis dançavam ao redor de sua pele de porcelana. Inclinação para frente, ela sussurrou. — Estou assustada. Acho que cometi um engano. Pensa que eles me deixariam voltar para a nave?

—O que está errado?— Morrigan perguntou. Ela falou com a mulher algumas vezes, mas na maioria das vezes Nadja não conversava muito.

—Eu... — Nadja parou e agitou sua cabeça. Seus olhos pareciam estar cheios de lágrimas. —Eles são muito grandes, não são?

—Quem, os homens? — Perguntou desnecessariamente. Ela pensou nos olhos azuis magnéticos do guerreiro, visualizando-o

como se estivesse de frente para ela. Oh, sim, eles eram muito grandes.

—Sim. — Nadja sussurrou. Seus olhos largos foram para baixo quando ela nervosamente engoliu. —Acha que eles... iriam nos machucar? Parecem maiores que a maioria dos homens da Terra.

Morrigan olhou para a mulher com surpresa.

—Nadja, você esteve com um homem antes?

Nadja balançou a cabeça, envergonhada.

—Nem mesmo um robô? — Morrigan insistiu.

Ela mesma não era exatamente uma virgem. Fez uma vez com um robô ainda, que bom, que não foi nada especial. Com um rápido varrer mental o computador de sua casa poderia repetir sensações similares em menos tempo e com menos energia.

Morrigan sabia que teria que livrar-se de sua virgindade com a finalidade de conseguir sua história. Entretanto, para sua decepção, nenhum dos técnicos disse qualquer coisa para ela sobre isso, exceto para esclarecer sua condição ao passar pelos registros. Porém, decidiu que era possível que eles suspeitassem quem era depois de explorar seu histórico.

—Não. — Nadja engoliu seco. Seu olhar foi para as tendas a distância. Temerosa admitiu. —Eu sempre tive muita vergonha

de ir aos clubes e provar um. Mas, vi fotos. Acha que estes tipos são... de alguma forma diferentes?

—Não pensei muito nisso. Acho que as leis da galáxia requerem que as espécies sejam fisicamente compatíveis antes de ficarem juntos. Do contrário, o casamento não serviria de nada. Além disso, odeio soar grosseira, mas o ponto de tudo isso é para preservar a espécie.

—Suponho. — Nadja disse, não parecia ter relaxado ante o exame frio de Morrigan de sua situação. Bebeu mais de seu vinho. Sem ter que chamar, um empregado apareceu para encher seu copo. Bebeu este também.

—Perguntou a alguma das outras? — Morrigan inquiriu, quando o empregado retrocedeu mesa abaixo. Tentado manter a nota esperançada em seu tom. —Alguma delas disse que não estiveram com nenhum homem antes? Ou haver estado com um homem?

—Nunca falamos sobre isto. — Nadja balançou a cabeça em negação.

Morrigan forçou um sorriso.

—Realmente não é um grande problema. Ouvi que várias mulheres tiveram sua virgindade substituída. Então não pode ser ruim, verdade? Machuca por um segundo, mas não mais do que a série de vacinas que tomamos antes de chegar aqui.

—Suponho que você esteja certa, entretanto eu não ouvi

isto. — Nadja pareceu acalmar-se enquanto assentia. Não durou muito. De repente, ela ficou tensa fazendo com que Morrigan girasse seus olhos para a plataforma. A voz de Nadja era entrecortada. —Oh!

Quando tudo ficou em silêncio, a música voltou a encher o ar. Seu ritmo baixo era tão doce quanto um sol morno e tão suave como a carícia do vento. Uma a uma, as possíveis noivas ficaram em silêncio. Os bonitos guerreiros se dirigiam caminhando até as mesas, até ficar sob os maravilhados olhares das noivas. Seus olhos as recorreram rapidamente e caíram nas mulheres de sua escolha. Morrigan ouviu o movimento nervoso de Nadja, mas não tinha nenhuma palavra para oferecer à mulher. Seus olhos encontraram aqueles inquietantes olhos azuis.

Havia menos homens que antes. Morrigan supôs que era porque haviam decidido não escolher uma companheira. Piscou devagar, notando novamente o brilhante cristal pendurado no pescoço do homem. Uma faísca a percorreu quando olhou. Era como um fogo elétrico em suas veias. Olhando ao redor percebeu que todos os homens tinham um cristal que brilhava. Teve pouco tempo para perceber isso, porque seu captor de olhos azuis começou a subir as escadas da plataforma para ficar de pé diante dela.

Sua cabeça foi para trás sobre seus ombros enquanto tentava respirar. Por que este estranho bonito a olhava como... como se estivesse a ponto de devorá-la? Por que de repente

estava desfrutando de seu olhar? Morrigan nervosamente tragou. Sua boca se abriu para acomodar sua respiração acelerada.

Esperou com ansiosa antecipação, com a mente adormecida sem se importar com tudo ao redor. O homem se aproximou. Seus olhos percorreram seu nu e brilhante peito, tão suave, tão forte, tão bronzeado. Deslizando descaradamente sobre os grossos braços rodeados por um bracelete de ouro... braços que podiam esmagar, braços que podiam tocar, acariciar e tomar sem pedir permissão.

Então ele falou, a voz tinha um sotaque suave e profundo. Era como veludo em sua pele, quando simplesmente pronunciou.

—Sou Ualan. Venha.

Morrigan congelou, lambendo seus lábios nervosamente. Sua cabeça dava voltas por causa do forte vinho. Ela nunca realmente pensou que um deles iria querer se casar com ela. Os homens nunca mostraram excepcional interesse nela antes, especialmente este tipo de homem.

Venha. A palavra continha um comando, uma finalidade. Ela esqueceu sua tarefa para o jornal, esqueceu seu editor, sua missão autodesignada para encontrar um escândalo.

A mão de Ualan se levantou, como se fosse tocá-la. Esperou ávida para sentir seu toque, ainda confusa pelo desejo.

Sua pele inclinava-se em sua direção, formigando de forma estranha que parecia fluir do corpo dele para o dela. O vinho fluía violentamente em suas veias como uma droga.

De repente, Morrigan perguntou-se se não deveria ter estado com um robô sexual maior. Talvez os resultados tivessem sido diferentes e não estaria tão incrivelmente magnetizada pelo homem ante ela.

Algumas das mulheres ao redor se levantaram e foram em várias direções. Seus movimentos eram lentos. Morrigan sentiu Nadja se levantar. Ela a olhou. Os olhos azuis da mulher estavam vítreos e aturdidos quando se dirigiu até a plataforma. De repente, Morrigan percebeu que ela era a única mulher que ficou sentada com um homem diante dela. As que não foram escolhidas a fulminavam com olhares de ciúmes e irritação. Seu coração entrou em pânico com a tentação de deixar que uma delas tomasse seu lugar.

Justo quando estava para sugerir que ele se movesse até outra, a cabeça de Ualan se inclinou, confuso ao ver que ela não respondeu imediatamente obedecendo-o. Colocando suas palmas sobre a mesa, se inclinou mais perto e olhou para o brilhante cristal antes de olhar, aturdido, nos olhos de Morrigan.

Morrigan se afastou. Ele realmente tentou cheirá-la?

—Venha. — Ele sussurrou novamente.

Ainda que o tom fosse suave, foi substituído com a dura

insistência de uma ordem. Os olhos dele ficaram líquidos, como se uma força a fosse puxar a qualquer momento. Foi então quando percebeu que estavam sendo observados. A música sumiu. Os casais deixaram de rir, estavam com os cenhos franzidos e sérios, seus excessivamente brilhantes olhos estavam concentrados nela com curiosidade expectativa e incredulidade.

Certo, ela pensou. Eu morderei a isca. Leve-me para o round dois.

Incapaz de resistir, e pouco disposta a ser o centro de toda aquela atenção, Morrigan movimentou a cabeça fracamente e ficou de pé para segui-lo. Os lábios do homem se curvaram de novo com uma promessa, no entanto seu sorriso era vacilante. Seus olhos se acalmaram aliviados e assentiu para ela antes de dar a volta.

Vagamente, ela ouviu o retorno das risadas das pessoas de Qurilixien. Foi levada escadas abaixo da plataforma. A música voltou também e casais começaram a dançar ao redor da fogueira.

Ualan não a tocou, mas Morrigan podia senti-lo se dirigindo a ela por uma linha invisível.

Havia magia no ar, ligando-a a ele, aparentemente controlando seu cérebro. Ainda, ela ouvia a música, sentia o cheiro da fumaça da madeira na fogueira no vento da noite. Seus membros podiam mover-se onde ela os comandava, se

esforçasse o suficiente. As estrelas brilhavam, parecendo nadar ao redor em seu cérebro, e a lua era tão grande que se sentia como se um refletor estivesse brilhando sobre eles.

Ualan não disse nada enquanto a conduzia adiante ao longo dos caminhos de terra desgastada. Tendas em forma de pirâmides passavam por seu campo de visão em uma variedade de cores. Seu olhar se desviou para o traseiro de Ualan, o vacilante pedaço de pele cinza ocultava suas nádegas da vista. Engoliu saliva. Suas mãos começaram a mover-se, mas foram impedidas pelos laços de seda. Quando tentou tocar novamente a pele, Ualan voltou-se para olhá-la, com um sorriso de cumplicidade nos lábios firmes e refletindo-se em seus olhos. Morrigan sobressaltou-se envergonhada, saindo do feitiço que estava sobre ela. Ruborizada, ela afastou o olhar.

—Onde nós estamos indo? — Perguntou, com maior posse sobre seus sentidos.

Ualan parou e deu a volta, surpreso por ouvi-la falar. Inclusive com a máscara de couro, ela podia dizer que ele era bonito. Ele novamente olhou para seu cristal, uma confusão momentânea passou através de seus fascinantes olhos azuis. Movendo-se próximo a uma tenda, ele balançou sua cabeça ao lado, e disse: —Venha.

Morrigan hesitou e balançou a cabeça, não disposta a seguir suas ordens como uma fêmea insípida. Uma sensação pouco conhecida puxou dentro dela, controlando seus membros.

Uma parte dela queria obedecer, mas sua mente lógica não a deixava avançar. Isto não era parte do plano. Não era parte de sua tarefa. Oh, ele era tão atraente com esse maldito pedaço de pele!

Ao redor do acampamento podia ver as outras mulheres entrando nas tendas com diversos protestos. Ouviu os gritos de alegria que chegavam pela brisa dos casais casados em sua própria celebração. O fogo continuava ardendo, a música continuava, animando os casais a dançarem. Morrigan ainda não tinha visto os músicos.

A maldição de uma mente inquisitiva se apoderou dela e teve a estranha necessidade de explorar. Quando iria ter esta oportunidade novamente? Começando a dar um passo atrás da tenda, Morrigan disse para Ualan com sua distração aumentando: —Vá em frente e comece sem mim. Estarei de volta em um minuto.

Ualan seguiu seus olhos para a mesa onde os pares casados sentados se divertiam em sua mutua companhia. Sua mandíbula ficou tensa. Sua noiva estava começando a afastar-se dele.

—Venha. — Ele ordenou, seu tom mais forte.

—Relaxe, amigo. — Morrigan disse sem a intenção de segui-lo.

Esta situação terminava da mesma maneira em todos os

planetas. Dê a moça um pouco de vinho e diz *"Eu sou Ualan, você é bonita, venha"* e sem que perceba, está no meio de algo como uma orgia particular e uma ressaca assassina.

Não obrigada, é mesmo um homem das cavernas, pensou Morrigan com uma risada divertida.

—Olhe, estou segura que é um rapaz estupendo e tudo... — Ela começou, seu tom condescendente negando-se a olhar para trás. Começou a afastar-se.

Morrigan, percebeu que usava seu anel e continuava gravando, estava a ponto de tocar a esmeralda quando sentiu uma mão na parte posterior do pescoço. Fechando os olhos a essa carícia, esteve a ponto de colapsar. Sua mão se cravou em seu longo cabelo por baixo do véu, puxando-a. Seus joelhos ficaram trêmulos e caiu nas palmas das mãos deles, deixou de interessar-se pelo acampamento quando seu rosto perto do seu.

Era uma loucura. Ele era um estranho. Estava no espaço exterior em um planeta primitivo para fazer uma reportagem. Se fosse inteligente, escaparia dele. Suas pernas não se moveram. Estava aturdida por ele, cativada. Muito bem, de repente não era muito inteligente.

Ualan a reteve contra sua bronzeada pele de guerreiro, mas podia sentir seu cálido convite. Podia sentir o cheiro exótico e perigoso dele... primitivo e cru. Ela umedeceu os lábios. Ao ver a resposta dela, Ualan sorriu, ainda que estivesse desconcertado por sua indecisão.

Ou era outra coisa que via em seus olhos? Medo? Não, esta criatura de Deus era um guerreiro muito grande para sentir medo. Morrigan podia estar segura disso. A confiança em si mesmo radiava fora de sua própria natureza.

—Venha. — Ele sussurrou suavemente para ela, rogando, persuadindo-a com aquela palavra simples. Inclinando-se para frente, ele acariciou seu rosto com ternura. A carícia sussurrada fez seu coração acelerar. Com mais autoridade em seu sotaque, insistiu novamente.

—Venha.

Morrigan levantou as mãos, desta vez capaz de tocar sua cintura. Queria ir com ele. Quem saberia? Poderia ser mais perfeito? Amanhã iria embora e ele ficaria. Não haveria complicações, sem corações partidos. Ele esperava que se casasse com ele? Não é como se já a amasse. Com certeza, não ficaria decepcionado quando descobrisse que foi embora. Ele sempre poderia encontrar alguém no próximo festival.

A pele de Ualan estava em chamas, ardendo com calor primitivo. Seu dedo acariciava o pulso na base de seu pescoço. Morrigan tremia com a quente carícia. Esperou seu beijo... morreria se não sentisse sua boca sobre a dela. Mas isso não aconteceu.

O alto guerreiro afastou-se, olhando profundamente em seus olhos. Logo, olhando ao redor em todo o acampamento, como se estivesse buscando se alguém tivesse se fixado neles,

puxou-a para frente, puxando suavemente em seu pescoço para fazê-la andar. Uma vez que suas pernas começaram a mover-se, seguindo-o ao interior, não pode mais pará-las.

— Meu senhor, as noivas entraram nas tendas.

O rei Llyr levantou os olhos até onde estava acariciando a garganta de sua esposa. O casal real compartilhou um sorriso. Seus olhos brilhavam de prazer. A noite era morna, o corpo suave da sua esposa e todos seus filhos foram abençoados nesta noite gloriosa com esposas. Eles não podiam estar mais felizes.

—Obrigada, Mirox. —A rainha Mede respondeu por seu marido. Quando ficaram a sós, ela sussurrou com preocupação maternal. —Será uma noite longa para nossos filhos, mas uma noite muito mais longa para nós.

—Eles são bons homens, fortes e honestos. — Disse o rei. Embora não fosse admitir, ele estava nervoso e excitado por seus filhos. Esta era uma grande noite para eles, talvez uma das mais importantes. —Tenho certeza que todos serão abençoados com boa sorte e nós, minha rainha seremos abençoados com netos.

—Espero que você seja certo, meu amor, eu espero que esteja certo. — Murmurou à rainha, contente por deixar seu marido puxá-la para seus braços. Não podia fazer nada mais a não ser esperar o dia seguinte.

Capítulo Três



Os dedos de Morrigan coçavam para puxar a máscara do rosto de Ualan, para poder observar melhor seu rosto. Com um corpo como o seu, podia ter feias cicatrizes e as garotas ainda iriam correndo para ele. Caminhou de costas levando-a com ele para evitar que se afastasse novamente.

Deixando-a de pé, sozinha, no meio da tenda, Ualan foi fechar a parte dianteira. Morrigan estremeceu. Não era tão boba para não saber o que ele queria dela, olhando-a com olhos insinuantes e tocando-a com sua suave mão. Nunca antes chegou tão longe em seus encontros e este tinha que ser o encontro mais curto da história.

A tenda era muito grande, com tapetes de pele colocados com o fim de amortizar o chão de terra. As tochas estavam próximas às paredes. Uma cama grande, coberta com cetim e seda, estava no meio. A seda estava pendurada na parte superior da tenda como a bruma de um sonho até rodear os cantos da cama.

Ao redor das extremidades da tenda em forma de pirâmide, nos três cantos estavam situadas umas estruturas muito diferentes umas das outras, mas todas descaradamente eróticas e difíceis de ignorar. No primeiro canto havia uma gigante

banheira cheia de água quente rodeada por cortinas de seda e uma grande variedade de garrafas. A banheira era grande suficiente para ambos. O segundo canto tinha uma cadeira em forma de trono, com tiras de couro, correntes de ferro, e um sortimento de chicotes. Morrigan estremeceu novamente. Teve que afastar-se depressa, muito envergonhada por ser pega demonstrando tanto interesse em todo o equipamento.

No último canto, havia uma mesa relativamente segura, cheia de comida e vinho.

—Escolha. — Ualan respirou próxima sua orelha. Um arrepio percorreu sua carne. Morrigan saltou, sem perceber o quanto ele estava perto dela. Piscou, girando a cabeça para observar seu rosto. A máscara o escondia da visão, mas não podia esconder a luxúria em seus olhos ou o comando em suas palavras enquanto ele esperava que ela atuasse. Ualan sentia a potente sexualidade.

—Ah, sim. — Começou Morrigan mordendo o lábio. Pensando que a última mesa era menos ameaçadora, começou a avançar para a comida. Uma bandeja de chocolates, com nozes em cima, estava delicadamente organizada em uma tentadora pirâmide. Havia frutas frescas, com o aspecto de morangos, porém mais escuros e maiores, com um creme de castanha.

Morrigan ignorou o doce, agarrando em seu lugar um copo de vinho. Ela bebeu em dois goles, sobressaltando-se com surpresa quando sentiu uma mão levemente sobre seu ombro

nu. Ualan lentamente levantou um chocolate e ofereceu para que provasse. Ela tentou pegá-lo com os dedos, mas graciosamente ignorou sua mão e colocou-o em sua boca. Ele a olhava perplexo enquanto ela se afastava dele arrastando os pés com nervosismo e rodeando a mesa até se colocar fora de seu alcance.

—Obrigada, eu posso me virar agora. — Ela murmurou. Mastigando o delicioso pedaço, engoliu e lambeu os lábios antes de limpá-lo com a mão.

Ualan estava perplexo.

—Escute. — Começou Morrigan. —Eu...

—Shh. — Ualan sussurrou, balançando a cabeça. Seus olhos se fecharam brevemente, e quando novamente a olhou tinha uma expressão de desconcerto. Morrigan pensou que para ser um homem de muitas ações, não era um homem de muitas palavras. Suavemente, ele disse: —Seu nome.

—Isto não é... — Morrigan começou, novamente frustrada quando ele a cortou.

—Nome. — Ele declarou mais alto e sério. Seus braços endurecidos em advertência.

—Rigan. — Morrigan respondeu ante o tom duro. —Quero dizer Morrigan Blake. Mas, você pode me chamar de Rigan, todo mundo o faz.

Contente por sua resposta, ele movimentou a cabeça em aprovação e começou a avançar novamente. Morrigan continuou afastando-se enquanto ele rodeava a mesa para chegar até ela. Ele a perseguia como uma besta, seus olhos fixos e concentrados em todos seus movimentos.

—Agora, se te parece bem, eu vou embora. — Morrigan disse, saindo pela tenda. Ela fez seu melhor para sorrir enquanto se despedia com a mão. O gesto era mais de proteção que de partida. Ualan parecia uma criatura perseguindo-a com o olhar e destreza física. —Obrigada por tudo e boa sorte para encontrar uma esposa. Espero que dê tudo certo para você.

—Não está certo. — Ele disse em tom duro. Deixou cair à mão e suspirou com frustração. Olhando abaixo em seu cristal que queimava brilhantemente, ele pareceu confuso por sua rejeição. Houve um longo silêncio, ele adotou uma postura ameaçadora desafiando-a a tentar escapar. Morrigan sabia que ele facilmente a alcançaria sem nenhum esforço se começasse a correr.

—Escute. — Morrigan disse. Tentando manter seu tom condescendente, mas foi difícil. —Sei que deve estar desapontado por ter seus planos arruinados. — Agitou a mão pela erótica tenda enquanto falava. —Mas não, significa não. Então, sorte da próxima vez. Há muitas mulheres lá fora que não foram escolhidas por seus guerreiros. Elas estariam mais dispostas a vir aqui com você, eu simplesmente não sou uma delas. Todas as outras meninas tem mais vontade de se casar...

Ualan deu um passo ameaçador para frente enquanto ela falava. Morrigan vacilou.

—Para trás homem das cavernas! — Ela advertiu rígida, lançando seu olhar mais ameaçador.

O olhar fulminante não teve o efeito desejado, porque ele sorriu com arrogância. Ainda assim, não era diversão o que ela viu naqueles olhos azuis profundos como fogo líquido. Estava furioso.

Ualan observava a mulher da Terra diante dele. Todo seu corpo ficou tenso com a provocação. Isto não era como os anciões disseram que seria sua noite de núpcias. Ele queria gritar com ela, mas a honra o proibia. Apenas poderia dizer algumas palavras enquanto conversava com ela. Era a tradição. Talvez não tivesse sido abençoado pelos deuses como pensou. Esta moça estava determinada a ser agravante de...

Urgh! Vamos terminar com isso de uma vez.

—Agora, vamos nos acalmar um pouco, certo, “pequena faísca”. — Morrigan disse, forçando seus ombros a relaxarem. Olhou para ele cautelosamente, perguntando-se se ele entendia bem seu inglês. Isso poderia explicar a confusão. Lentamente, ela começou pronunciando as palavras. —Eu não desejo me casar.

Ele franziu o cenho.

—Agora. — Ela disse apontado para ele com a mão antes

de caminhar com seu dedo no ar. —Saia ali fora e encontre outra mulher da nave. Agarre-a. — Ela agitou seu punho. —E leve-a para sua cama. — Quando terminou de ilustrar suas palavras, ela estava apontando para a cama. —Você entende?— Ela continuou devagar, talvez um pouco mais lenta pela ira.

Seu cenho se franziu mais.

—Genial. — Ela murmurou. — De todos os guerreiros lá fora, eu tinha que conseguir um jardineiro que não pode falar meu idioma. — Olhando para ele, ela enfureceu, dizendo mais forte. —Chama-se investigação, bárbaro. Sabe, estudar antes de começar uma nova tarefa para saber em que está se metendo.

Seu cenho franzido se transformou em uma careta.

—Eu não posso conversar com você, cavernícola. Vou embora.

Girando sobre seus calcanhares, quase chegou à abertura da tenda. Quase.

Ualan lançou-se para ela, bloqueando sua presa com a velocidade da luz. Pegando-a firmemente pelo ombro, ele bloqueou a saída. De seus olhos saiam chamas enquanto a olhava. Tentaria enfrentá-lo com valentia ou recuaria como uma covarde. Morrigan fez uma careta. Ela era definitivamente uma covarde.

Ualan viu a tímida criatura quase saltar de sua pele quando a tocou novamente. Forçou a si mesmo a acalmar-se. Talvez ela

estivesse apenas nervosa. Seu olhar continuava fixo em seu corpo quase que fascinada, e um pouco cautelosa. Ele sabia que ela o desejava. O cristal demonstrava. Além disso, inclusive sem o cristal, ele podia sentir o cheiro potente de seu sexo.

Sabia que as tendas podiam intimidar algumas mulheres da Terra que eram tímidas e sensíveis e que não estavam acostumadas com as atenções de um homem. Para ter uma ideia, ele abruptamente perguntou, mas em voz baixa.

—Você já esteve com um homem?

Morrigan ficou ruborizada com horror. Sua boca se moveu gaguejando.

—Eu... eu...

Ualan levantou o queixo, esperando.

—Isto não é da sua conta!

—Responda. — Ele pacientemente persuadiu, encorajado por seu desconforto.

Sendo uma raça dominada por homens, seu povo não era tão tímido na hora de discutir tais coisas. Mas ele foi informado que aquelas mulheres eram diferentes. Mas quando a instrísse em seu novo papel, ela não seria tão tímida, não que sua vaidade se importasse com o modo como ela ruborizava quando a pegava olhando-o como um gato morrendo de fome.

—Responda. — Ela zombou, com um grunhido. —Eu Ualan,

você mulher... uh, uh.

Ele inclinou a cabeça. Tinha a boca tensa em uma careta de humor.

Morrigan suspirou. Inesperadamente, uma ideia a atingiu. Com os olhos estreitados, respondeu: —Sim, já estive.

Ualan conseguiu deslizar para frente antes dela saber o que estava fazendo. Quando Morrigan piscou, ele estava justo de pé diante dela. Certo, talvez fosse à coisa errada para dizer. Não pareceu que ele desistiu de sua tarefa apesar da teoria de que os Qurilixien preferiam virgens.

Inclinando-se sobre ela, pegou seu braço com as grandes mãos calosas. Murmurando contra sua garganta, grunhiu: — Então você não tem nenhuma razão para me negar. Escolha.

Morrigan estremeceu com sua proximidade. Ao ver seus lábios tão próximos se deixou seduzir e renunciou à batalha. Por que lutava tanto? Não era como se houvesse muitos pretendentes que competiam por sua cama.

Então, ela viu seu sorriso arrogante quando ela hesitou em responder. Oh, a batalha tinha começado. Este bárbaro não iria tirar o melhor dela. Era uma questão de princípios agora. Ela não se importava com o que este homem das cavernas pensava. Ele podia ser o Rei das Sete Galáxias ao que a ela dizia respeito. Simplesmente não se tratava as mulheres como um pedaço de bife que cutuca e mastiga à vontade.

—Você não entende. — Morrigan sussurrou, piscando com os olhos muito abertos de um modo que parecia tão inocente e desarmada. As fosas nasais de Ualan se abriram. —Estive com vários homens. De fato, esse é meu trabalho na Terra. Eu sou uma prostituta.

Toma! Morrigan pensou, fazendo um grande esforço para não rir de suas palavras. Os bárbaros não gostariam de ter uma dessas como esposa, não é?

—Assim que, como pode ver não me deseja. — Morrigan estava se debilitando com a promessa de seus lábios quando se aproximou para observá-la. Temia-o, mas estava emocionada com a proximidade de seu corpo. Ele a cheirou como um cachorro no cio. Morrigan tentou se afastar.

Suas palavras não soavam tão bem agora que ela captou o viril aroma de seu exótico corpo, e murmurou fracamente: —Por que não espera outro ano por uma virgem se não gostar das outras mulheres aqui esta noite? Com certeza será o primeiro a escolher desde que não conseguiu este ano.

Morrigan sabia que precisava sair da tenda e trabalhar, mas seus olhos imploravam para ela ficar, pelo menos, um minuto mais para poder dar uma última olhada em cada detalhe do corpo de Ualan. A luz do seu contato, o trabalho não parecia tão importante no momento. Porém, dado que seu trabalho era sua vida, Morrigan estava perplexa com a revelação. Talvez fosse o vinho. Era isso, apenas estava um pouco bêbada.

—O cristal não mente. — Ele sussurrou com voz rouca e confiada. —Os Deuses falaram.

—O que? — Morrigan disse, olhando seu pescoço até o brilhante cristal.

Imediatamente, ela pode sentir seu poder sobre ela, tentado-a, convidando-a, exigindo-lhe, assim como seu dono. Seu sangue esquentou com os poderes do vinho de Qurilixien. Mas, em contraste com o vinho da Terra, a mistura de Qurilixien não fomentava exatamente o sono.

—Eu não acredito em seu Deus...

—Silêncio! — Sua mão começou a deslizar mais insistentemente sobre ela, empurrando abaixo as fitas sedosas tecidas ao redor seus braços. Seu rude sotaque a envolveu em ondas. —Você questiona demais. Deseja isso. Faça sua escolha.

Morrigan engoliu em seco. Ele parecia muito seguro de si mesmo e do que aconteceria.

Sua boca se abriu para protestar. Pareceria que iria precisar ser mais convincente. Ualan imediatamente apertou seus lábios nos seus em um beijo audaz. Sua língua separou seus lábios, chupando suavemente seu lábio inferior. Seu protesto se converteu em um gemido de surpresa. Ualan rosnou, puxando-a ferozmente para seu peito. Cada quente centímetro dele se moldava à sua pele. O desejo fluía através de seu nariz, forte e potente.

A seda e gaze de seu vestido não eram rivais contra seu fogo. Era uma loucura e Morrigan sabia disso. Tentou lutar contra seu toque, tentou se afastar-se, mas seu cérebro continuava insistindo, apenas um pouco mais, um pouco mais, apenas deixe que a toque um pouco mais...

Livrando-se de sua boca, Ualan olhou corajosamente seus seios. Sorriu saboreando a vitória. Com um dedo, intencionalmente puxou para cima o laço do seu vestido.

—Escolha. — Ordenou.

Morrigan procurou pela tenda, intrigada com a água quente, logo para a cama, vergonhosamente curiosa para o trono. Não podia articular as palavras. Não podia decidir. Não podia perguntar. Estava muito aturdida. Seu corpo cantava de forma que nunca acreditou ser possível.

Entre o vinho e o poder do cristal e o homem ela não conseguia pensar direito

—Vinho. — Ela respondeu fraca por sua respiração e os membros debilitados. Suas mãos tremiam onde estavam apoiadas, em seu peito, contra as batidas forte de seu coração. Tentou empurrá-lo. Foi um esforço em vão. Ele era muito forte, muito alto, muito grande. —Por favor, poderia me conseguir um vinho diferente?

Sua boca se abriu como se fosse protestar. Morrigan sentiu suas unhas arranhando suavemente suas costas.

Levou sua mão aos firmes lábios de Ualan para evitar que falasse. Seus olhos captaram o desespero dele. Mentindo, prometeu: —Vá, por favor. Então, quando voltar, nós terminaremos isto... Certo?

Ualan olhou para seu corpo com um grunhido brutal de paixão mal contida. Seu estômago ficou tenso. Lentamente, ele movimentou a cabeça e passou as mãos por sua pele.

A pele de Morrigan saltou em protesto imediato. Seu corpo doía. Suas coxas e estômago estremeceram de necessidade. Seus seios estavam inchados com a antecipação de seu toque. Morrigan o viu sair da tenda, confiando em sua palavra.

—Oh. — Ela respirou, muito atordoada pelo momento para se mover. —A corporação não disse nada sobre encontrar você.

Morrigan levou um tempo para recompor-se. Quando teve certeza de que Ualan estava longe da frente da barraca, colocou a cabeça para fora. Quando ele se foi, seu corpo estremeceu como se estivesse gelada até os ossos.

Ele era um homem estranho, disso tinha certeza, atuando com tradição e com instinto primitivo. Mas o que ela esperava? Ele era um Qurilixien, não um terráqueo. Cresceu ao redor de homens, provavelmente acostumado a dar ordens e esperando que fossem seguidas. Embora fossem quase iguais geneticamente, seus costumes eram completamente diferentes. Bom, Morrigan com um toque irônico em sua boca. Não completamente diferentes. Se fossemos na Idade Média na

Terra, nos entenderíamos muito bem.

Entretanto, Morrigan imaginou que um terráqueo medieval teria falado mais, especialmente enquanto tentava seduzir alguém. Porém, havia algo perigoso e sedutor sobre o silêncio de Ualan. Era quase animalesco, o modo como ele a olhava. Era quase como se sentisse vergonha de seus desejos e esperasse que ela se envergonhasse do seu. O que não disse com palavras, ela podia ler em seus olhos e sentir em sua pele, como se ele colocasse os pensamentos em sua carne com sua vontade.

Franziu o cenho e prometeu que tão logo chegasse em casa, iria comprar o maior robô sexual que pudesse. O homem robô poria este bárbaro em ridículo, ela se certificaria disso.

Ao ver que ninguém estava do lado de fora da tenda, saiu na noite. Atrás de uma tenda azul e vermelha, parou para orientar-se.

—Não resista Olena. — Ela ouviu de dentro a tenda vermelha. —Eu posso sentir que você me quer. Você me escolheu.

Um gemido gutural da mulher seguiu-se a esta declaração de confiança. Morrigan estremeceu, quase tentada a voltar para a tenda de Ualan e ver o que mais seu corpo firme tinha a oferecer. Não era que tivesse que continuar casada com ele nem nada disso apenas para ter sexo? Quem saberia? Não seu editor. Ninguém que importasse.

—Concentre-se mulher. — Ela sussurrou. —Ele é um grande idiota que pensa que arrastar uma mulher pelos cabelos no pôr do sol é romântico.

Morrigan ouviu a mulher Olena gemer novamente, esta vez mais forte. Seu corpo estremeceu. Não tinha certeza do que estava fazendo fora da tenda. Havia pensado realmente que existiria mais conversa antes de chegar a conhecerem-se intimamente. Se isto era um encontro, ela realmente esteve fora de cena por muito tempo.

Cruzou depressa até a tenda verde, Morrigan parou próxima à abertura. Vendo uma pequena entrada não pode deixar de olhar para o lado de dentro.

—Escolha. — Um homem disse.

Morrigan se inclinou mais, tentando ver quem estava com ele. O que era essa escolha?

O professor de inglês dos Qurilixien teria sérios problemas de vocabulário? De repente, sentiu-se como se tivessem sido sequestradas por alienígenas, bonitos e viris alienígenas, mas estranhos sem dúvida.

—Eu... eu não posso escolher, Olek. — Ela ouviu Nadja responder. —Não ainda.

Morrigan viu um flash de pele quando a mulher se moveu pela abertura. Logo, o homem saiu atrás dela, seu traseiro nu se movendo enquanto ele andava.

Uma sacudida perigosa passou por Morrigan. Sabia que deveria se afastar. Mas estes homens eram muito deliciosos para se afastar. Lambendo os lábios tentou olhar novamente. Não era como se ela fosse um voyer. Ela era uma repórter investigativa. Então, para seu horror, ouviu uma voz baixa atrás dela.

—Você não pode escapar. O cristal sempre achará você.



A mão de Ualan começou a tremer enquanto ele tentava se conter. Apertou-a em um punho. Sua boca estava apertada em uma linha dura. Por tudo o que era sagrado, o que tinha feito aos deuses para merecer isto?

Ualan sabia que ela lutava contra o que ele despertava. Ele era um guerreiro pronto para um bom desafio. Apesar disso, rosnou em frustração quando descobriu que sua noiva escapou de sua tenda.

Suspeitava que iria tentar, apesar de ainda estar decepcionado. Obrigou-se a relaxar. Ela era um mistério, um que ele teria que decifrar. Não tinha escolha.

Para dizer a verdade estava desconcertado com sua

admissão de ter estado com muitos homens. Apenas teria que tratá-la com mais cuidado. Não era bom que jogasse falsamente com ele. Era raro que acontecesse, mas aconteceu.

Ualan lembrou-se de como ela derreteu com seu beijo. Parecia existir uma maneira de acalmar seu espírito depois de tudo. Podia tentar lutar com ele, mas ela não era imune. Ao vê-la perto, agachada na tenda de seu irmão, ele sorriu. Não foi difícil encontrá-la.

Caladamente aproximou-se de suas costas. Forçando uma expressão séria, declarou: —Você não pode escapar. O cristal sempre achará você.

Capítulo Quatro



Morrigan estremeceu com as audaciosas palavras. Girando sobre os calcanhares, viu Ualan com um copo de vinho na mão. O cristal em seu pescoço vibrava. No mesmo momento sentiu uma propagação de calor entre suas coxas e seus mamilos endureceram. Seu rosto empalideceu, horrorizada por ter sido pega olhando outro casal.

—Você não entende. — Começou a Morrigan, levantando a mão devagar para deter seu progresso.

Ualan olhou para a abertura da tenda e sorriu estendendo o copo para que bebesse. As bochechas de Morrigan tingiram de vermelho brilhante, que mesmo na escuridão não podia esconder. Sabia que ele tinha percebido o que estava fazendo.

Morrigan resistiu. Recusando-se a pegar o copo que ele oferecia, porque significava aproximar-se do seu delicioso corpo, ela balançou a cabeça. Distraída, tentou ignorar os poderosos músculos de seu peito.

—Não é o que você pensa. Minha amiga está ali dentro e queria ter certeza que está bem. Não quero que estes bárbaros a machuquem.

Novamente, sua cabeça se moveu, mas ele não disse nada.

Quando Morrigan não pegou o copo, Ualan deixou que deslizasse de sua mão. Aterrissou com uma pancada suave no chão, derramando o vinho na terra.

—Venha. — Ualan disse estendendo seus dedos. Enchendo-a, queimando com seu olhar cheio de desejo no rosto. Se não estivesse equivocava, tinha um tom de ira em sua voz ou era exasperação?

O cristal pulsava com sua frustração. O sangue de Morrigan rugia em suas veias. Havia sons de gemidos provenientes de dentro das tendas. A energia sexual estava no ar. Toda a conversa na nave sobre sexo com homens de verdade, combinado com a forma de Ualan, encheu sua cabeça. Um canto foi de golpe ao seu cérebro, cantando docemente, que mal faria uma noite?

Cérebro traiçoeiro. Ugh, corpo traiçoeiro.

Sem chamar atenção empurrou a esmeralda em seu dedo para assegurar-se que a máquina estive desligada, Morrigan avançou. Colocando sua mão sobre o coração de Ualan, próximo ao cristal, ela o sentiu ficar tenso sob sua palma. Olhou-a cautelosamente, como se esperasse que ela tentasse algo enganoso. Os olhos dela desceram até a pedra brilhante. Não ousava tocá-la.

—Venha. — Ele ternamente falou, quando ela não se moveu.

Morrigan movimentou sua cabeça. Ele teceu um feitiço ao redor seus sentidos. Era uma maldição deliciosamente perversa da qual não podia se livrar.

Uma noite, ela se prometeu. Ninguém descobriria.

Ualan fechou os olhos brevemente e pareceu suspirar de alívio ao ver que ela finalmente cedeu. Alguma das tensões que carregou toda a noite diminuíram. Pegando-a pela mão para que não pudesse mudar de ideia, depressa a levou para sua tenda atravessando o labirinto de tendas em forma de pirâmide.

Uma vez do lado de dentro, não a deixou ir. Pegou-a pela mão e puxou-a até colocá-la diante dele. Seus olhos brilhavam através da máscara, sondando-a. Pressionando os dedos uma vez mais acima de seu coração, ele respirou.

—Escolha.

Morrigan estremeceu. Seu coração estava acelerado sob seus dedos com golpes fortes e duros.

Ao ver que não respondia, Ualan gemeu e pegou a mão livre com a sua. Tirando o pedaço de pele que estava ao redor de sua cintura, mostrou a ela o quanto a desejava, colocou seus dedos com valentia em sua dura ereção. Quase como um apelo, ele disse novamente.

—Escolha.

—Eu não sei. — Ela sussurrou, pensando o quão estranhos

estes homens guerreiros eram.

Ela não podia mover a mão do lugar onde estava deu desejo, nem deixar de sentir a batida excitada de seu coração. Seus dedos se dobraram, pressionando até sentir sua ereção, mas não com muita força como que para ser um descarado convite. Francamente, o enorme tamanho de seu membro a aterrorizava. Ela examinou sua máscara com o desejo súbito de tirá-la de seu rosto, mas parte da excitação estava em não ver.

Ualan grunhiu, girando seus quadris contra seus dedos hesitantes. Sua respiração era agitada. Fechando seus olhos, viu que precisava de mais persuasão. Ele movimentou a cabeça, antes de dizer com voz rouca.

—Dispa-se.

Ele não esperou por ela concordar. Seus dedos encontraram a carne de seus ombros e com um empurrão urgente tirou o material de seus braços. Com outro puxão rápido, seus seios ficaram livres.

Morrigan ofegou, afastando as mãos dele. Como um homem possesso, ele tocou seus seios, aprisionando os sensíveis globos com suas grandes mãos. Seus dedos quentes a tocavam por toda parte, fundindo-se em seu corpo como se fossem as coisas mais finas que ele já tocou. Ualan passou a língua pelos lábios. Seus olhos se mantiveram concentrados, quase de uma forma possessiva.

Morrigan tentou retroceder. Mas ele a perseguiu. Suas mãos tentaram afastá-lo. Ele as ignorou.

—Pare. — Ela gemeu.

Mas enquanto sua cabeça e sua boca tentavam conseguir um pouco de ar, seu corpo estava em outra direção. Ela engoliu. Ualan a conteve, não concedendo a seu corpo o que pedia. Finalmente, depois dessa primeira tortura, seus dedos se moviam sobre a suave pele de seus quadris. Liberando-a por completo de seu vestido Qurilixien, a afastou para olhá-la.

Morrigan ruborizou, mas não retrocedeu. Não retrocederia nem em sonhos. A névoa estava ao redor deles, envolvendo-os. Não queria acordar ainda. Incentivada pelo isolamento do planeta e sabendo que no outro dia nunca veria Ualan novamente, ela avançou.

Devorando seu peito com os olhos, passo um dedo vacilante pelo centro de sua garganta, passando por seus mamilos e descendo por seu tenso e plano peito. Suas unhas raspavam a pele ao redor da cintura, em uma lenta viagem através de seu estômago. Olhando sua máscara, viu que suas fossas nasais se expandiam. Seu peito subia de forma uniforme e seus olhos estavam fixos sobre o seus. Ele não a parou. De fato, parecia que a incentivava em silêncio. Girando a mão, começou a viagem de volta para cima.

Com um grunhido, Ualan expressou seu desgosto com a mudança de rota. Inflexivelmente, seus olhos a olharam

enquanto tirava o resto das roupas, desnudando-se instantaneamente como ela não o fez. Morrigan ofegou, tropeçando. Com os olhos muito abertos, olhava fixamente para seu membro. Não se parecia em nada com a pequena protuberância do robô que usou para perder sua virgindade. Sua boca se secou.

Percebendo que olhava fixamente, afastou-se. Rapidamente deu um passo atrás. Ualan olhou com confiança o corpo nu de Morrigan até satisfazer-se. Seu olhar pousou nas unhas de seus pés de cor vermelha brilhante, suas suaves pernas, os atléticos músculos, seu umbigo, os quadris fortes, seus seios adoráveis, e finos braços. O escuro e suave pelo de sua região inferior depilado em uma estreita linha que guardava sua abertura.

Ualan sorriu divertido, grato pela visão que sua vergonha lhe deu de sua parte traseira. Para uma mulher que disse ter tido muitos homens, ela não estava agindo como tal. Mais tarde, quando a cerimônia houvesse terminado e pudessem conversar livremente, teria que ensiná-la os perigos de mentir para seu marido. Mas no momento...

—Vire-se. — Ele ordenou, sua necessidade por ela quente. Não havia terminado se inspecionar sua nova noiva.

Morrigan esteve a ponto de alcançar sua roupa jogada quando a voz a golpeou como uma brisa. Seu sotaque era rouco, espesso, torturado. Como ela podia não obedecer? Seus olhos encontraram os dele, sem atrever-se a olhar para baixo.

Aproximou-se dela, glorioso e orgulhoso.

—Não se mova. — Ordenou. Ela não se atrevia a mover. Ela gemeu quando seu dedo tocou seu rosto. Levemente traçou suas características, entre os olhos, o nariz, por cima dos lábios. Sua boca entreaberta. Traçou os lábios com uma carícia de pluma.

Logo, o véu que cobria seus cabelos se alçava pesadamente entre os cachos. Seu cabelo caía em ondas de seda escura acima de seus ombros. Ualan a observava com evidente prazer quando ela fechou os olhos sonhadoramente.

Mantendo seu leve toque, dirigiu sua mão por sua garganta. Moveu-se em círculos sem rumo, tomando seu tempo com sua pele, com o propósito de atormentá-la, fazendo-a esperar em estado febril.

Morrigan estava no céu. Tdos os nervos dentro dela saltavam em choque. Sua mente seguia todos os movimentos. Suas costas se arquearam, tentando aproximar-se de sua mão quando descobriu o vale entre seus seios. Sua mente cedeu, a névoa aumentou.

Abriu os olhos assustada ao ver a expressão de Ualan. Estava concentrado em seus dedos, olhando e deslizando por sua pele como se fosse a coisa mais importante que fez em sua vida. Seus dedos dançavam, desenhando oitos ao redor de seus seios, aproximando-se mais do centro a cada carícia.

Morrigan gemeu, subjugada por sua paixão por ele. Nunca experimentou algo como isso. Nunca viu nada parecido com Ualan e isso que em sua carreira de repórter viajava muito e viu muitas coisas.

As mãos começaram a desobedecer a sua ordem. Suas mãos se levantaram para tocá-lo. Quando seus dedos tocaram a pele quente, as mãos de Ualan pararam e a olhou desafiante em seus olhos. Morrigan rapidamente abaixou as mãos para os lados. Os dedos dele começaram a mover-se outra vez.

O cristal brilhante pulsava entre eles, emitindo um calor que os envolveu, entrando em sua carne. Justo quando pensou que iria dirigir-se para seus seios erguidos como picos que esperavam por ele, sua mão mudou de rumo, agora se dirigia para seu estômago.

Morrigan tentou lutar contra as sensações que a envolviam, mas seu gemido não parou, já havia saído de sua garganta. O suave, feminino som de confusão e rendição era inclusive mais do que os mais fortes guerreiros Qurilixien podia resistir. Os dedos dela tremiam de nervosismo. Sua respiração estava agitada.

Para Ualan, o que havia começado como uma amostra de poder agora havia se convertido em uma lição de autoprivação. Tinha que se concentrar para não se consumir nela. Agarrando-a pelo cabelo empurrou sua cabeça para trás elevando seus seios para o deleito de seus lábios. Sua boca desceu até os seios e

começou a lambar suavemente a ponta de um mamilo. Ele pensou que isto era um indicio do que viria do casamento. Mas logo descobriu que nunca teria suficiente de seu sabor. Como um bêbedo em busca de álcool, a saboreou novamente. Abriu a boca chupando um mamilo nas profundidades da mesma, girando-o com a textura áspera de sua língua, mordendo deliciosamente com os dentes.

Morrigan resistiu. Sentia-se como se estivesse afogando-se em um mar de sensações turbulentas. Ele a arrastava para a maré de sua paixão, mas ela não podia escapar. Não queria. Era sua prisioneira e no momento nada mais importava.

Ualan manteve a distância entre seus corpos, mas ao mesmo tempo sua boca a enchia de beijos, agora sobre o vale de seus seios ao qual dava mais atenção que a outras partes. Quando ela teve um espasmo contra ele, sorriu contra o cremoso seio e a puxou para si. Morrigan tremia incerta do que esperar. Apenas sabia que não queria que ele parasse.

Ualan gemeu, um som animalesco baixo, contra sua carne aquecida. Suas mãos descobriram com prazer o firme traseiro de Morrigan. Ela sentia o calor de sua ereção pressionando perigosamente seu estômago tenro, queimando sua pele. Morrigan congelou, de repente com medo de suas demandas. O fogo era demais para que sua mente de inocente processasse. Necessitava dar um passo atrás e pensar. Precisava...oh!

Os fortes braços de Ualan a agarraram com mais força,

recusando-se a deixá-la escapar. Liberando seu seio, reclamou sua boca em um abraço apaixonado. Beijou-a com o mesmo fervor que mostrou com seus seios, provou seus lábios antes de chupar sua língua.

Tão abruptamente quanto o assalto a seu corpo começou, terminou. Afastando-se rapidamente pegou o pedaço de pele e colocou-o ao redor da cintura antes dela pensar em protestar. Morrigan piscou em confusão. Um arrepio varreu seu corpo enquanto o olhava. A respiração dele era tranquila e não parecia afetado no mínimo pelo que aconteceu.

—Vista-se. — Ele ordenou em voz baixa.

O corpo de Morrigan ardia por não ter sido satisfeito e queimava com uma dor que não entendia, porque nos olhos dele não havia paixão nem nada pelo estilo. Com um irritado grunhido pegou o vestido Qurilixien do chão. Deslizou-o sobre seu corpo e deixou os laços das fitas soltos em seus braços assim poderia se mover livremente.

Passando os dedos por seu cabelo, Morrigan procurou algo para prendê-lo. Ao não encontrar nada que servisse, enrolou-o na nuca para que seu cabelo ficasse fora do rosto. Recusou-se a olhar para ele até que terminou. Quando deu a volta, ele se foi.



Ualan saiu do acampamento, muito irritado para permanecer em sua tenda. Seus braços formigavam de desejo de encontrar uma espada e cortar a cabeça de sua frustrante noiva. Sua lição tinha terminado. Um pouco mais e não seria capaz de parar. O cheiro de sua paixão encheu sua cabeça. Mas a lei era estrita. Até que as mulheres escolhessem, os homens não podiam levá-las além do que já haviam feito. Com certeza uma vez que explicasse sua recusa para escolher, ele seria perdoado por isto.

De fato, se ela quisesse podia exigir justiça por suas ações e poderia deixá-lo em guarda durante um mês nos calabouços. Era uma tarefa perigosa, frequentemente usada como castigo para ofensores pequenos. Passar tempo na escuridão era difícil para aqueles acostumado a este planeta brilhante, não porque tivessem medo, não porque não podiam ver muito bem na escuridão, mas porque o sol azul os alimentava e dava vida.

—Este não é nenhum lugar para estar na noite de núpcias.
— Escutou uma risada divertida. —Como espera cortejá-la se não está perto dela?

Ualan parou. Seus olhos azuis se voltaram para observar

um par de olhos verde como os de uma fera. Agro estava vestido com uma túnica e calça tradicionais de guerra. Era um antigo estilo, um que o homem não tinha nenhuma razão para mudar. Funcionava bem em combate e na prática.

A mandíbula de Ualan se apertou em irritação, enquanto olhava seu bom amigo. O homem moveu os olhos sobre a pele lubrificada e o pedaço de pele de Ualan com diversão. Ualan avançou, e olhou em seus olhos, o homem se atreveu a rir.

—Suponho que ela não escolheu. — Disse o homem suavemente com uma careta de humor sobre seus lábios cobertos por barba.

O punho apertado de Ualan foi a resposta. Não tinha permissão para falar.

Agro já estava casado e parecia estar apreciando dos prazeres do banquete, como era evidente por seus olhos. Mas Ualan não se deixou enganar. Sabia muito bem que os sentidos de Agro eram afiados.

—Ela nunca escolherá com você aqui fora. — Disse o homem sabiamente enquanto se afastava. Então parou para falar. Ualan sabia que Agro não podia evitar. —Por tudo que é sagrado, você é um homem feio Ualan. Volte para a tenda antes de afugentar nossas mulheres também.

Ualan sorriu com malícia ante o insulto. Uma briga o ajudaria a restabelecer seu bom humor.

Talvez não pudesse falar, mas podia agir. Dobrando as mãos em um punho, ele recompensou Agro com um soco rápido em seu rosto.



Morrigan estava furiosa. Como ousava tocá-la assim e logo saía como se não fosse grande coisa? Mas, mais que furiosa, sentia-se humilhada por seu traíçoeiro corpo. Um olhar e cedeu às suas demandas, seguindo suas ordens como uma escrava de harém.

Vista-se, ela fumegou. Mostrarei a que você, seu grande homem arrogantes das cavernas!

Segura de que Ualan não iria buscá-la outra vez, Morrigan aproximou-se sorrateiramente da abertura. Ainda estava escuro fora, mas sabia que esta noite duraria mais que as noites na Terra. Por isso os Qurilixien a escolhiam para seu Festival de Reprodução. Ela lembrou-se disto vagamente em sua descarga de arquivos, algo sobre que a luz da lua os excitava ou uma tolice assim. A isso se devia a ida de Noivas da Galáxia nesta exata data, ela amargamente meditou. Ualan não ficou afetado por ela, pelo menos não como ela foi por ele. Envergonhava-se disto. Deveria escrever um artigo sobre a falsa informação sobre

Noivas da Galáxia e expor o cretino que as deu, era uma fraude e não sabia nada sobre os costumes ou cultura daquele planeta.

Para surpresa de Morrigan, ouviu gemidos de prazer procedentes das diversas tendas ao redor do acampamento. Pareceria que os homens Qurilixien eram certamente insaciáveis, quando queriam. Sentiu uma agitação não desejada e a urgência de dar a volta para provar um pouco mais a paixão de Ualan.

—O que se passa comigo? — Morrigan disse, confortada pelo som de sua própria voz. Um grito forte de êxtase penetrou o ar e ela fez uma careta. —Noivas da Galáxia, minha bunda. Mais como Putas da Galáxia. Certo, concentre-se Morrigan, você tem que conseguir informações.

Mas dizer era mais fácil que fazer. Diferentemente de suas outras tarefas, não havia nenhuma pessoa para entrevistar. Não tinha nenhuma ideia de quem era da realeza ou se inclusive estavam ali. Os Qurilixien não acreditavam em coroas ou túnicas púrpuras para marcar seus aristocratas, então não havia nenhum sinal dizendo 'Aqui, olhe aqui, este é um Príncipe'. Pelo que sabia, os Príncipes poderiam estar no meio das pessoas que não escolheram uma noiva e a levado para sua tenda. Podia todos estar em casa embriagando-se e vendo um ao outro envelhecer. Não que pudesse culpá-los. Nenhuma das mulheres na nave parecia material da realeza.

Movendo-se pelas pirâmides, Morrigan tentou fazer

caminho ao redor dos casais. Mas, quando as cadeiras em forma de trono apareceram em seu campo de visão, sentiu uma grande decepção. Não havia ninguém nos tronos. Suspirando de frustração, ela se aproximou.

—Ah! Ah!

Morrigan saltou em alarme ao ouvir o grito, seu coração palpitava na garganta, só para relaxar ao perceber que o som vinha de dentro de uma tenda. Com frustração, balançou a cabeça.

Concentre-se! Repreendeu-se.

Então, do lado da fogueira, Morrigan ouviu uma risada sensual de uma mulher seguida pelo grunhido de um homem. Ela se arrastou nas sombras, cuidando para ficar escondida.

Um espécime saudável de beleza feminina passou a frente, provocando seu amante nu com seus encantos. Rindo, ela lançou para trás a cabeça e fez seu caminho para uma das cadeiras como trono diante do fogo. O homem rosnou novamente, aproximando-se com rapidez de uma maneira muito pouco refinada, quase de forma animal.

Morrigan ofegou. Sua respiração acelerou enquanto observava o casal que começava a fazer amor em frente das chamas. Não podia afastar os olhos, mesmo sabendo que deveria. Era proibido, o que estava fazendo. Mas também era erótico, perigoso e emocionante. Seu sangue acelerou. Sua

carne começou a formigar e aquecer. Seus lábios ficaram secos, ávidos pelos beijos molhados de Ualan mais uma vez.

O homem acariciou a pele da mulher em golpes longos. Seus dedos provaram sua umidade. Seus lábios saborearam seus pequenos seios adorando-os. Logo, voltando-se, a mulher colocou a mão no trono para que seu amante pudesse penetrá-la por trás. O homem parou, mordendo a pele de seu traseiro.

—Oh. — Outro gemido de uma tenda.

—Argh. — Desta vez foi um homem através do acampamento.

—Mm. — Morrigan mordeu seus lábios.

Seu corpo ardia. Sua cabeça girada em círculos até que ela não pode se concentrar, não podia pensar em nada além de sua pele e seus próprios desejos apaixonados, sentiu-se atordoada. Era como se um feitiço tivesse sido lançado e ela fosse o recipiente. O que estava acontecendo com ela? Seu corpo estava ficando louco de paixão. A tensão sexual era tão espessa que pensou poder cheirá-la.

Certo, antes dessa noite, esteve trabalhando em alguns dos mais sombrios lugares com criaturas humanas pouco atraentes. Seu trabalho impedia relações com sua própria espécie fazendo-as impossíveis, exceto com outros jornalistas, que jurou nunca se envolver.

Quando ela estava na Terra, sempre foi atrás de uma

investigação ou descarregando informações em seu cérebro, de algum planeta quando se preparava para sua próxima tarefa. Mas, não queria dizer que era ingênua. Não significava que não sabia nada. Fora tudo o que havia presenciado, Ualan foi o primeiro homem que ela encontrou que foi capaz de mexer com seus sentidos, capaz de levá-la de um sonho a outro. E conseguiu com muito poucas palavras eróticas ditas com um tom baixo e sensual que fazia seu sangue rugir. Venha, Escolha.

Enquanto espiava, o homem estava atrás da mulher. Agarrou-a pelos quadris. Morrigan inconscientemente tocou seu peito. Seu coração batia com força sob seus dedos. De forma lenta o homem entrou em sua amante. Ela ofegava e lançou as ondas gloriosas de seu cabelo marrom avermelhado acima de seu ombro nele. O homem agarrou mais forte seus quadris para controlar sua paixão.

Inesperadamente, Morrigan sentiu uma mão acariciar seu braço. Estremeceu instintivamente sabendo que era Ualan buscando-a para levá-la de volta para a tenda. Não se moveu, ofuscada pelo que seus olhos estavam vendo, desviou o olhar até o empurre do traseiro do homem, seus ouvidos estavam com ciúmes dos gritos de paixão da mulher.

Ualan puxou seu braço, forçando-a a se levantar. Ela manteve-se de costas quando seus lábios encontraram o lóbulo da orelha. A máscara de couro roçou seu pescoço. A brisa suave percorreu sua pele aquecida. Os movimentos de paixão do homem ficaram mais fortes e mais longos atrás de sua amante

enquanto esta gritava de prazer.

Ualan não a arrastou até a tenda, permitindo-a assistir, não a julgando por isto. Seu povo não era inibido quando se tratava de tais coisas. Ele continuou beijando sua pele, o lóbulo da orelha, lambendo seu pulso rápido. Seus olhos se desviaram para o casal. Sua mão saiu do braço de Morrigan, deixando de apertá-la contra ele, exceto pelo movimento de seus lábios em sua pele.

—Como? — Começou Morrigan, ofegante. Ela não pode terminar quando seus quadris começaram a imitar as estocadas por própria vontade. Mas sentia-se frustrada porque suas estocadas eram no ar e não havia nada sólido como a ardente carne do homem. Como fazia isso? Como podia controlá-la?

Ualan confundindo a pergunta fraca, respondeu: —Meu cristal sempre achará você.

Morrigan apertou as nádegas novamente contra a ereção de Ualan. Ela sentiu a pele de sua roupa o cobrindo e odiou porque o impedia de chegar a ela. A noite estava cheia de paixão, impressa com magia. Pulsava em tudo ao redor do acampamento, durante a longa noite do festival.

Estava no ar. Estava em cada fibra do corpo de Morrigan, até que pensou que já não importava. Esta noite não importava. Tomaria qualquer coisa que Ualan oferecesse. Tomaria, viveria, e o manteria em segredo. Ninguém jamais saberia. Tome-o. Toma-me.

Quando o casal chegou ao clímax Morrigan fechou os olhos, esquecendo aquilo que jurou momentos antes. Queria que Ualan terminasse o que começou. Talvez então ela pudesse pensar claramente. Silenciando uma súplica desesperada, ela disse: — Leve-me para a tenda, Ualan. Por favor... leve-me de volta...

Ualan rosnou, virando-a com ternura e aproximando-se para levantá-la nos braços. Ele o fez facilmente, seus músculos a envolviam de forma protetora. O cristal ainda brilhava, mas ela o ignorou. Não importava que o único que sentia era seus efeitos mágicos. Esta noite, ela esqueceria sua abordagem científica e acreditaria em magia.

Ele não a beijou enquanto caminhava, ao invés a observou atentamente. Morrigan pode ler as emoções em seu rosto. Mas, o mais predominante era paixão. Mas, além de tudo isto, escondido atrás de seus olhos, havia uma busca, um desejo, e uma dor ela podia sentir em seu interior como se sua.

Capítulo Cinco



Uma vez de volta para a tenda, Ualan a deixou diante dele. Levantou sua mão para rosto de Morrigan, acariciando a pele suave. Seus olhos caíram em seus seios, que se levantavam com cada respiração. Um sorriso perverso apareceu em seus lábios e enviou calafrios por seu corpo. Instintivamente, ela sabia que estava contemplando castigá-la por tentar escapar novamente.

Lentamente, a prendia, obrigando-a a retroceder. Morrigan olhou para a cama, estava pronta para ser usada. Forçou-a a passar para o paraíso de seda que oferecia. Tocou-o, mas ele afastou seus dedos. Mantendo seu olhar fixo nela, continuou a mover suas costas até as pernas de Morrigan tocarem a extremidade do trono de escravidão.

O malvado sorriso de Ualan se ampliou. Seus dedos se moveram por seu rosto, descendo pelo pescoço onde o pulso palpitava com uma velocidade vertiginosa sob sua pele avermelhada. Com um puxão ele tirou seu vestido do corpo, expondo-a ao seu prazer. Os mamilos de Morrigan se levantaram excitados ao máximo. Ele não os tocou, recusando-se a responder aos sinais do corpo de Morrigan.

Com um empurrão firme, levou seu corpo nu ao trono.

Morrigan ofegou incapaz de ficar de pé uma vez que ele parou autoritariamente acima dela. Este era seu jogo e ele tinha o controle. Parte dela queira brigar com ele, resistir. Mas estava fraca. Era escrava de seus caprichos.

Ualan inclinou-se para seu rosto, sua respiração quente acariciando sua pele enquanto seus lábios se moviam fora do alcance de sua carne. A estranha sensação erótica da madeira lisa, esculpida para moldar suas nádegas, pegou-a de surpresa e ela ofegou enquanto a sensação se entendia por seu rosto provocativamente.

Ualan continuou soprando muito suavemente em seu queixo. Encontrou um lugar entre seus seios. Seus lábios sopraram o mamilo maduro, brincando com um suave beijo que enviou uma onda de paixão através de todo o corpo de Morrigan. Ela deslizou fora do trono, só para voltar a sentar-se outra vez com medo da raiva dele e que parasse o tormento excruciante em sua pele.

Sua respiração a percorreu. Seu peito se arqueava quando ele se aproximava, pronta e esperando a recompensa que as outras receberam. Ficou excitada. Morrigan gemeu, seus quadris pressionando o trono. Seus olhos buscaram os dele. Seus dedos se levantaram para agarrar seus cabelos e obrigá-lo a continuar.

Ualan conteve-se. Com a velocidade de uma serpente quando ataca, seus dedos se enrolaram em seus pulsos e empurrou contra os braços da cadeira. Todo o tempo soprou

com seu halito quente, como um leque de plumas.

Quando entendeu suficiente para parar de lutar, Ualan forçou o calor de sua respiração em suas costelas, através de seu estômago plano, ao redor seu umbigo. Suas pernas se abriram, querendo-o mais abaixo. Suas mãos seguravam seus pulsos no trono, deixando impossível lutar. Não que ela pudesse. Morrigan ficou tensa, suas pernas esperando conseguir que ele chegasse abaixo, o suficiente para envolvê-lo e obrigá-lo a tocá-la.

Para sua agonia, ele a tocou. Mas não como ela queria. Sua língua saiu de seus lábios firmes, tão lentamente, tão angustiante, que era doloroso olhar. Morrigan não podia olhar para o outro lado. Abriu a boca, querendo o tato de seus lábios nela.

Com uma delicada lambida que ela sentiu em cada nervo de seu corpo, deslizou sua língua no umbigo. Morrigan gritou, seu corpo ardia em chamar pela feroz excitação. Suas pernas trabalharam, tentando aproximá-lo por cima do ombro, só para ser bloqueada pelos braços de Ualan que a seguravam.

Ualan se moveu abaixo em um caminho reto em busca de sua feminilidade. Sua língua encontrou o arco superior somente para circular ao redor ao lado. Morrigan protestou, pensando que estava a ponto de morrer por causa do tormento. Sua língua afastou-se rapidamente para voltar recém-molhada. Esta vez para traçar a perna. Morrigan tentou apertar sua cabeça,

tentando tomar o controle.

Ualan rosnou, pondo-a de costas. Morrigan imediatamente lamentou suas ações e tentou se arrepender deixando as pernas cair de lado, justo onde ele as havia colocado. Os olhos de Morrigan se fecharam. As mãos de Ualan se afastaram. Ela não ousou se movimentar.

Ficando como ele queria, o olhou através dos cílios. Ualan estava parado orgulhosamente ante ela. A pele de sua roupa caiu ao chão. Seu membro se erguia nu em toda sua glória para que ela visse. Era um descarado, esperando pacientemente a que seu olhar passasse por seu corpo.

—Você está pronta para escolher?— Ele questionou quando ela finalmente encontrou seus olhos.

Morrigan observou sua forma atlética com a expressão de uma leoa de caça. Ela não respondeu com palavras, com a esperança de que aceitasse sua quietude como uma resposta.

Seu corpo estava formado pelo duro trabalho e exercício, não por máquinas. Havia vitalidade nele, poder e controle sobre outros homens. Ele um guerreiro orgulhoso, um conquistador. E pelo olhar em seus olhos, ele logo seria seu conquistador.

Havia ternura em sua expressão e uma dor que ela não entendia. Suavemente, se inclinou e beijou sua boca, roçando seus lábios sobre os dela suavemente. Morrigan não pode evitar. Ela gemeu rapidamente contra ele. Seu corpo cantou com o fogo

de seu toque tão doce.

Ualan se afastou e continuou observando-a um longo momento, seus olhos a percorrendo a cada respiração. Havia tantas coisas em seu olhar, que Morrigan teve que afastar o olhar. Ela não podia entender as perguntas ou as emoções atormentadas que encontrou ali. Seu corpo era muito fraco para tentar.

Se inclinado Ualan recolheu seu vestido do chão, acariciando-o várias vezes de um modo que a fez desejar que fosse seu corpo. Logo desfez em tiras, deixando-o no chão. Morrigan estremeceu. Sem suas roupas, não poderia deixá-lo novamente. Ela era sua prisioneira.

Ainda acariciando o material em suas mãos grandes, ele avançou. Seus olhos ficaram fixos em sua cativa enquanto ele deixava o material em seu colo. Morrigan ofegou com o roce do material do vestido em sua pele aquecida. Logo, pegando uma fina tira, Ualan levou a seu pulso.

Com alguns movimentos hábeis, ele amarrou seu braço na cadeira.

Quando amarrou seu outro pulso da mesma maneira, ficou de pé. Seu sorriso travesso de prazer a fez arrepiar. Morrigan tentou erguer suas mãos para pará-lo, mas os nós eram muito apertados. Quando ficou onde ele queria, assentiu com a cabeça em sinal de aprovação de seu trabalho.

Morrigan observava, em silêncio, enquanto Ualan começou a andar em círculos a seu redor. Sua cabeça ficou tensa enquanto seguiu-o com os olhos, mas ele desapareceu atrás da cadeira.

—Onde você está indo?— Ela perguntou, ofegante. —O que está fazendo?

De repente, uma venda foi colocada em sua cabeça por trás. A escuridão a cercou quando ele amarrou em seus olhos. Ela escutou-o, tentando saber onde estava, tentando sentir se ele estava olhando para ela. Então, um suave som de chicote ressoou atrás de sua cabeça. Morrigan saltou, emocionada, assustada. O coração batia irregular. Sua mente nadou em emoções cruas. O chicote ressoou novamente de lado, golpeando ruidosamente contra a madeira como uma mão na pele.

Morrigan ficou tensa com a espera da sensação em pele indefesa. Seus olhos se fecharam sob a venda. O chicote estalou novamente. Todo tempo ela saltava, certa que se aproximava mais de sua carne.

Crack!

O estalo alto estava perto de seu braço, mas não a tocou. Ela saltou, puxando seus braços contra suas fitas.

Splash!

Ressoou através do ar atrás de sua cabeça. Ela sacudiu.

Com cada golpe, seu corpo ficava mais tenso. A madeira pressionada em suas costas dura e implacável. Seu corpo se arqueou, morrendo de antecipação e medo. Logo, gradualmente sentiu roçar sua pele. Não eram os golpes que havia esperado. Tinha a boca aberta de surpresa. Ela não podia ver Ualan, mas podia sentir a cócega de seu chicote quando ele passou por cima de sua carne.

Dolorosamente lento, foi arrastado mais perto de seu mamilo. Morrigan gemia, ofegava, sussurrava. Ela lutou até que esteve completamente sob seu feitiço. Não importava nada mais que não fosse a vontade dele por ela. Estava cansada de ter o controle, queria ser livre e não tomar decisões, assim deixou que ele decidisse por ela. Quem queria pensar com a névoa em sua cabeça? Além de seu tato, acreditou que o ouvir ir –um som escuro, dominante e exigente.

O chicote tocou e acariciou sua pele. Passou por suas coxas, beijou seus pés. Então, retirou-se e outro golpe soou. Uma brisa soprou ao redor de suas coxas quando o chicote estalou entre ela na madeira. Morrigan gemeu, gostando das vibrações que causou entre suas pernas. Ela endureceu, muito assustada para se mover por temor de colocar-se no caminho do chicote, mas ávida para que fizesse isto novamente.

Muito contente com sua resposta, Ualan bateu novamente. Morrigan gemeu mais alto. Viu seu corpo tenso e seus olhos ficaram como uma sombra sutil de ouro. Ao ver que ela não protestava com suas ações, Ualan ficou mais audaz em seu jogo.

Com um golpe suave, o chicote bateu em sua panturrilha. Sua carne ardeu, mas não machucou. Vagaroso, golpeou sua outra perna, movendo-se para acertar suas coxas. O toque duro do chicote deixou sua pele vermelha, fazendo arder e queimar com excitação. Logo o chicote estalou em seu estômago. Morrigan arqueou os seios querendo que fossem os próximos. Não ficou desapontada. O chicote estalou em seus mamilos, ambos ao mesmo tempo. Sua ponta fibrosa era como o golpe de incontáveis dedos.

—Sim. — Morrigan gemeu, persuadindo-o a que continuasse uma vez passada a vergonha.

O chicote estalou em seus seios novamente, desta vez mais firme.

—Ah, sim. — Ela ofegou sem importar com que a ouvisse. Que os demais a ouvissem gritar por uma vez.

O chicote atingiu seu estômago, seguido por uma sucessão rápida de golpes em suas coxas abertas. As pontas se envolveram de lado ao redor de seus quadris. Seus quadris balançavam com cada golpe.

—Ualan. — Ofegou.

Ao ouvir seu nome nos lábios dela pedindo mais, Ualan parou. Era quase mais do que poderia aguentar. Incapaz de resistir, ele atingiu seu centro aquecido para seu próprio prazer. O sangue agrupou em seu botão inchado de desejo. Seus

quadris estremeceram com os espasmos, soltou um grito com o intenso orgasmo que se aproximava. Seu corpo tremia. Golpeou de novo continuando o caminho rochoso de seu clímax. Mas ele não a atingiu. Negou a liberação. Ela esperou tensa. Seu corpo estava pronto. Sua boca estava aberta esperando gritar em êxtase. O suor molhava sua pele esperando.

Ualan se sentou observando-a. Todos os Qurilixien sabiam que seria uma noite dura, talvez uma das mais difíceis de sua vida. A abnegação não era algo fácil de conquistar. Ele não terminou a disciplina ainda. Antes que a liberasse, sua pequena noiva saberia quem a controlava.

O suor molhava o corpo de Morrigan. Imagens de cores brilhantes nadavam em seu cérebro, levando pensamentos de paixão proibida, de homens se empurrando em suas mulheres, de mulheres montando duro sobre seus homens, de unhas arranhando a pele, dos dedos de Ualan em sua pele.

A umidade se acumulava dentro dela, úmida e quente enquanto seu corpo implorou por seu toque.

Ualan lançou o chicote de lado. Ajoelhando-se na frente de Morrigan, levantou seu pé debilitado em sua mão. Seu corpo trabalhava distraidamente, tentando se mover, mas não podia. As mãos de Ualan encontraram pele de sua perna, acariciando com movimentos longos. Ela estremeceu. Sua boca abaixou para seus pés, beijando seus dedos antes de chupá-los em sua boca.

Suas mãos não pararam. Tinha a boca insistentemente

suave, acalmando a dor causada pelo chicote em sua pele. Morrigan se torceu, ofegou, suspirou. Ela estava além de qualquer coisa exceto os sentimentos que ele provocava.

Os lábios de Ualan se perdiam na pele das pernas, seus quadris, estômago, e seios, evitando seu doce centro. Suas mãos continuaram acariciando. Seus dentes morderam suavemente seus mamilos, só para acalmá-los com a língua. Morrigan puxou as fitas. Sua cabeça caiu para trás, sua boca que ofegava por respirar. Morrigan ficou muda.

—Escolha. — Ele sussurrou enquanto acariciava seu pescoço. Fez uma pausa em sua tarefa, sua respiração dura e pesada, como um castigo. —Escolha.

Morrigan lutou para respirar. Tudo que conseguiu foi gemer. As mãos de Ualan traçaram um caminho sem rumo por seus braços e então desapareceu completamente. Ela esperou, ofegando por ar. Ele não retornou. Ouvindo um movimento, Morrigan descobriu que ele a soltou. Suas mãos foram para seu cabelo, puxando a venda de seu rosto. Seus famintos olhos procuraram por ele.

Ele não estava como ela suspeitava. Estava sentando em seus calcanhares, novamente vestido, observando-a com os olhos azuis pela sua máscara.

—Ualan. — Começou em um sussurro. Vulnerável ela fechou seus olhos, lembrando-se que ele era um estranho. Ela nem conhecia seu rosto. As palavras morreram em seus lábios,

não podia falar.

Ualan a deixou ali, esperando que seu corpo se acalmasse em sua decepção. Foi cruel levá-la até este ponto e não dar-lhe a liberação que buscava. Ele estava disposto há arriscar mil anos na escuridão do calabouço pelas lembranças de sua pele carregada de paixão, mas ele não arriscaria desonrar seu sobrenome reclamando-a como ele queria sem a permissão dela e a benção do conselho de anciões.

Ualan chegou a reter uma lágrima, curiosamente brilhando em seus olhos confusos. Sem falar, ele ficou de pé e fez um sinal para ela fazer o mesmo. Agarrando um lençol grande do lado da banheira, ele a envolveu. Logo a levou à cama.

Morrigan estava muito fraca para pensar. Seu corpo não podia resistir a mais de seus castigos. Ela estava cansada. Deitando junto a ele, abraçou o lençol em seu corpo. Ela se ergueu em cima em seu braço para ver seu rosto escondido. Ualan ficou tenso diante seu olhar. Levemente acariciou a máscara, perguntando-se o que mistérios escondia dela, quase com medo de descobrir.

Mas, ela era um jornalista e curiosidade era sua maldição. Desejava que ele se revelasse, perguntando-se por que negou a ambos aquilo que queriam. De repente, ela amaldiçoou, desejando ter terminado sua investigação como uma boa repórter. Honestamente pensou que teria tempo para preencher os espaços em branco em sua viagem de volta. Ela não esperava

que Ualan aparecesse. Ficou rígida em resposta ao som do suave sussurro de ira, mas parou a suave mão quando ela passou os dedos do lado de sua cabeça. Seu olhar tinha líquido em seu interior. Ela estremeceu e vacilou.

Olhando para seu rosto, ela articulou.

—Você entende que eu não possa ficar aqui com você. Nem todas as torturas do mundo não me farão mudar de ideia.

Ualan suspirou cansado. Ele não se moveu na cama. Seu peito subia com cada respiração. Nenhum deles notou que o cristal ainda brilhava, ainda que não tão brilhantemente.

Ele observou seu rosto, antes de inclinar a mandíbula para ela. Sussurrando, ele insistiu: —Escolha.

—Eu tenho uma vida longe daqui. — Ela continuou, não sabendo se ele a entendia. —Por favor, não me toque mais esta noite. Eu não posso suportar seus castigos. Preciso que me deixe sozinha.

Ualan não se moveu. Seus olhos ficaram triste, sua respiração rasa. Morrigan engoliu. Sua vida poderia não ser perfeita, mas era sua. Apaixonar-se por um homem como Ualan era loucura, mas era uma loucura que sentia vontade cometer. Era difícil de explicar e de entender, mas sentia-se como se eles se entendessem em um nível básico. Ele sabia o que ela precisava e quase deu isto a ela. Quando teve que renunciar o controle para sentir as profundidades de seu prazer, ele a

controlou.

Era melhor ser preso longe deste planeta, que junto a ele como uma lembrança desta noite e estes sentimentos, pensou Morrigan. Talvez ainda estive bêbada por causa do vinho. Talvez por isso estivesse muito ruim para pensar. Ela não tinha dormido bem nas últimas noites e era muito tarde. Em voz alta, ela disse: —Você entende, verdade? Diga que me entende.

Ualan não disse nada. Os dedos de Morrigan tremiam. Ela puxou a máscara lentamente de seu rosto. Ela não se desapontou. Ele era bonito. Seu rosto combinava com seu corpo. Seu nariz era direto e forte. As maçãs do rosto altas como seu povo. Morrigan afastou uma mecha de cabelo de seus olhos enigmáticos, satisfeita de que ele não a parou.

Tocando seu rosto com a palma, ela sussurrou: —Você entende?

Lentamente, um sorriso chegou a seus lábios. Era um sorriso agradável, não zombeteiro ou exigente, não apaixonado ou severo. Tocou a parte posterior do rosto de Morrigan com os nós dos dedos, retornando sua carícia gentil.

—Sim, Morrigan. — Ele sussurrou, sua voz suave. Pode detectar a inclinação leve do sotaque Qurilixien. Suas palavras de antes não eram fingidas, mas agora fluíam com mais facilidade por seus lábios suaves. Seus olhos se concentraram em seu rosto, devorando-o e memorizando-o como fez com seu corpo. Ele fechou os olhos, se obrigando a descansar a seu lado.

Uma tristeza inexplicável se apoderou dela, quando o ouviu sussurrar: —Você escolheu.

Quando o corpo dela começou a relaxar e seu coração a diminuir a velocidade, ela abriu seus olhos. Olhando para o estranho a seu lado, ela viu seus olhos fechados. Ele respeitou seus desejos e não a tocou. Alegrou-se por isso. Seu corpo não podia suportar essas emoções novamente ainda que quisesse e, agora mesmo, seus membros doloridos definitivamente não queriam.

O peito de Ualan se elevava com cada respiração. Seu corpo sob os lençóis que se moldavam a cada centímetro de seu corpo nu. As luzes das tochas se apagavam lentamente até que apenas ficou uma pequena chama, mas ainda tinha luz o suficiente para ver. Ualan era um homem bonito, impressionantemente bonito.

Levemente, moveu sua mão sobre seu rosto sem máscara. Seus dedos desceram para tocar, mas hesitou e se afastou. Não podia arriscar-se a despertá-lo. Já tinha ficado claro que não tinha forças para combatê-lo e sem que ela olhasse em seus olhos penetrantes podia ver-se tentada a ficar para mais. Imediatamente, ela olhou o trono de madeira e estremeceu.

Ualan era glorioso em sua nudez. Era firmemente esculpido de todas as formas corretas, desde a íntima curva de suas pernas e nádegas até os fortes braços e peito. Morrigan respirou fundo e segurou. Tudo ao redor era tão surrealista, como um

sonho. Esperava acordar a qualquer momento em seu próprio apartamento na Terra, ou em qualquer dos vários espaços que a Companhia usava em suas viagens. A cápsula espacial era mais uma casa para ela que seu próprio apartamento era.

Olhando ao redor, perguntou-se como seria viver em tal lugar, com tal homem. Duvidava que pudesse durar em um planeta, sabendo de sua paixão pelas viagens, que era sua obsessão quando criança, eventualmente a levaria a outro lugar. E o que ela faria? Esperar que Ualan aparecesse para ter sexo com ela ou quase sexo?

Ainda que a curto prazo a ideia pudesse funcionar, a longo prazo a deixaria louca. Era uma escritora, uma jornalista. Sua mente ansiava o conhecimento e a excitação. Seu intelecto queria fatos, sem importar como mundanos pudessem parecer aos demais. Sua própria natureza ansiava por mais, sempre mais. Não, Ualan e esta simples tenda para dormir não era vida para ela. Teria que manter as sensações que ele causou dentro dela como uma lembrança para as noites sozinha, quando as estrelas e a distância eram suas únicas companhias.

O sonho era muito tentador para seus pensamentos problemáticos. Bocejando, Morrigan fechou os olhos e de boa vontade se deixou levar pelo cansaço.



Morrigan despertou sozinha com o suave zumbindo de um pássaro. Era um som estranho, suave e longo, e muito fora de lugar em seus sonhos. Antes de abrir os olhos, bocejou, estirando seus membros cansados acima de sua cabeça. Sentia-se morta, como se houvesse dormido durante uma eternidade. Ainda que seus músculos estivessem tensos, puxaram furiosamente quando se moveu, estava mais descansada que já se lembrava de estar. Havia uma névoa em seus sonhos, uma neblina...

—Ualan. — Morrigan sussurrou com surpresa. Bocejando, abriu seus olhos, vendo que não foi um sonho. Ele se foi, mas a deixou em sua tenda. Os fios rasgados de seu vestido estavam no chão como prova da noite que recordava. As lembranças eram confusas, como uma nuvem em seu cérebro. Era como se houvesse estado bêbada, sem os efeitos colaterais de uma ressaca matutina.

Esfregou a testa. O gravador em seu olho a irritava. Tentou tirá-lo, piscando varias vezes até que saiu. Morrigan bocejou novamente.

—Ualan? — Ela perguntou mais forte com voz rouca. Supôs

que tivesse isso embora. Morrigan suspirou. Alegrava-se por ele entender que não ficaria. Esteve preocupada por ter mais de sua noite juntos do que deveria.

Tocando seu pescoço, notou uma pilha de roupas limpas no fim da cama. Escondiam mais que seu traje na noite anterior. Era um vestido de duas capas, mas que parecia mais cômodo que o vestido de harém. A túnica era mais apertada de cor cinza claro. Era a roupa interior mais suave então ficaria sem ela.

As mangas da túnica eram longas, com contas ao redor dos cotovelos. Era de um material cinza azul escuro e era magnífica, ajustada na cintura como um vestido medieval. Com bordados prata nas bordas com desenhos Qurilixien e corpete no centro do peito com o emblema de um dragão.

Morrigan podia entender como haviam começado os rumores que a raça Qurilixien havia se originado na Terra. Parecia haver muita influência medieval em suas vidas desde seus vestidos até a sua fixação por cabelos compridos. Ela vagamente lembrou de que alguns dos homens casados tinham barbas e tranças como vikings.

Sorrindo deslizou o vestido pela cabeça. Era um detalhe de Ualan deixar isto para ela. Fez uma nota mental para agradecê-lo mais tarde. Se tivesse sorte a deixaria levar para casa. Gostaria de ter uma lembrança. Desviando os olhos, tocou sua esmeralda, e perguntou-se se tirou uma foto dele. Se não, deveria fazê-lo... mais tarde.

Capítulo Seis



Os três sóis brilhavam na terra vermelha de Qurilixien e o conselho havia se reunido nas primeiras horas da manhã, observavam alguns dos novos homens casados. Agora, completamente vestidos com suas roupas habituais, os novos maridos se erguiam orgulhosamente. Era um bom dia para eles.

As noivas estavam ainda na cama. Esperava-se que estivessem ausentes esta manhã se os homens cumpriram bem seu dever. O vinho as ajudaria a dormir relaxadamente uma vez que dormir fosse o que escolheu.

O rei e a Rainha franziram cenho ao apenas um de seus filhos chegarem para a exibição preliminar. Mas não era incomum. Alguns dos outros homens haviam desaparecido também. Ainda que a cerimônia fosse parte da tradição, os anciões deixavam passar as ausências.

Agro fez uma careta com seus olhos escurecidos. Ualan sorriu. Teria que se lembrar de agradecer ao homem mais tarde pela briga, ainda que duvidasse que seu companheiro com o olho negro o entendesse como um favor. Além disso, como ele podia não sorrir? Passou toda a noite com uma mulher que compartilhava suas paixões e sua canção dos deuses. Desde sua infância lhes ensinavam que precisavam de uma mulher firme e

bonita. Nem todos os homens achariam tal coisa. Ele foi verdadeiramente abençoado, a luz de seu orgulho, poderia perdôá-la por sua vacilação em escolher.

—Lorde Ualan? — Chamou o conselho, esperando por sua confirmação verbal. Ualan avançou sem sua máscara. Seu pai era um homem grande de igual tamanho e cor, era uma das principais figuras na mesa do conselho. O homem assentiu com a cabeça para ele para que falasse. Apesar de não ter sorrido, Ualan viu o orgulho em seus olhos. Ele estava muito contente.

—Está feito. — Ele declarou em voz alta. Um sorriso apareceu inesperadamente no rosto de seu pai. O vento chicoteou o cabelo de Ualan sob o olhar do conselho. Levantando sua mão para o conselho, mostrou o cristal brilhante e arrogantemente curvou sua cabeça. Girando, mostrou o cristal para todos. Eles reconheceram em muda aprovação e esperaram que o próximo homem avançasse.



—Rigan, está na hora. — Chamou Ualan levantando a ponta da tenda. Colocando a cabeça na abertura, entrou. Esperava ver Morrigan ainda na cama. Ela não estava.

Procurando, ele percebeu que ela desapareceu novamente.

O sorriso que reinou em seu rosto toda manhã, se fundiu com sua fúria.

—Pelos ossos de deus! — Ele trovejou, saindo de sua tenda. Seu rosto adquiriu um aspecto de fera, seus olhos azuis se transformaram em ouro. Seus dentes cresceram levemente em sua boca, afiados e pontiagudos. Sua cabeça endureceu, seus sentidos se afinaram perigosamente com sua raiva. Com um som, que era mais um rosnado, que palavras reais, ele jurou: —Ensinarei a você, esposa querida, de uma vez por todas que seu lugar é a meu lado.



A nave partiu sem ela. Morrigan amaldiçoou, olhando fixamente as luzes gêmeas das naves das Noivas da Galáxia que sumiam. Olhou a seu redor para o terreno onde a nave esteve, franziu o cenho ao ver as impressões da aterrissagem. Ela não podia acreditar nisto. Decolou realmente sem ela.

—Uma verdadeira dama não usa tais palavras.

Ualan ficou observando-a em silêncio. O alívio o atravessou quando descobriu que ela não havia fugido como pensou. Ela escolheu, mas tentaria mudar de ideia?

Foi fácil para ele localizá-la em sua forma Draig. Não era de conhecimento público que os homens de Qurilixien tinham o poder de mudar. Havia se transformado de volta, já que não queria assustá-la. Haviam aprendido muito tempo atrás que as noivas precisavam de tempo para se acostumar antes de contarem este pequeno fato. Geralmente, não tinha nenhum problema com as artes mágicas ou o misticismo que eles praticavam. Mas mostrar para suas amadas que se convertiam em feras com presas, vai saber!

Quando Morrigan deu a volta com o rosto tenso de preocupação, protegeu os olhos para olhá-lo. Estava vestido com uma túnica que combinava com a sua cinza azul nos mesmos padrões em prata bordado nas extremidades, apenas a frente do peito era maior como uma camisa larga que chegava a até os joelhos. Morrigan engoliu saliva. Ele era bonito, mas havia que dizer sobre vestir apenas os pedaços de pele.

—Boa coisa que não seja uma dama. — Morrigan brincou, novamente olhando para o céu, negando com a cabeça, amaldiçoando outra vez apenas para o benefício de seu ouvinte.

Ao redor deles os três sóis brilhavam. Morrigan acreditava ter visto o começo de uma ladeia na base da montanha. Era difícil ver algo de disso nas profundidades do bosque de grandes folhas. Quando ia de caminho à nave as pessoas que a viam passar movimentavam a cabeça educadamente para ela, parecendo estudar o emblema de dragão em seu vestido a medida que se movia.

Ualan franziu o cenho, mas deixou o comentário passar. Ao invés, disse: —Não tem que se preocupar. Seus pertences foram movidos para nosso quarto.

—Nosso quarto?— Ela bufou. —Escute, amigo, eu não sei o que você pensa que você está fazendo. Eu já disse a noite, não vou ficar com você. Irei na primeira nave espacial que sair daqui.

As sobrancelhas de Ualan se levantaram ante o desafio. Certo, então ela estava ainda um pouco magoada por causa de sua disciplina. Talvez tivesse ido um pouco longe demais. Ao pensar nisso não lhe provocou nenhum arrependimento, sim um pequeno sorriso que não se atreveu a mostrar. Seu corpo mostrava claramente seu mau humor. Ele não podia culpá-la, e sendo este o primeiro dia de sua vida de casados, decidiu generosamente perdoá-la. Além disso, se ela o houvesse empurrado até este ponto, ele teria ficado louco. Pensando no rosto de Agro, sorriu.

—Porque está sorrindo, bárbaro?

Seu sorriso se ampliou. Sua esposa era magnífica em sua ira, com as bochechas vermelhas e olhos brilhantes. Ela honraria o nome de sua família, o povo de Qurilixien apreciaria seu caráter forte, apenas teria que ensiná-la como canalizar corretamente sua força. O que não a ajudaria em nada era ficar franzindo o cenho constantemente para ele.

—Venha. — Ele disse.

Isso soou como uma ordem para Morrigan. Ela quase se recusou, mas de repente, o cristal em seu pescoço começou a brilhar. Ela esqueceu o que estava para dizer. Seus olhos ficaram grudados na pedra.

—Eles estão esperando. — Ele murmurou, vendo a névoa em seus olhos. Ele olhou para baixo. Seu cristal estava ficando impaciente. Teriam que terminar isto antes de escravizá-los e que fizessem papel de bobos.

Avançando, ela tomou seu braço oferecido. Ele começou a levá-la até onde a fogueira principal queimava tão baixo que parecia quase extinta. Uma multidão estava ali esperando.

—Onde nós estamos indo? — Ela perguntou, recuperando se, olhando para ele e para o cristal e depois para o acampamento.

—Apresentá-la ao conselho. — Ele respondeu.

—Eu não posso. Preciso achar alguém com um transporte antes daquela nave se afastar muito e não possa alcançá-la. Quem sabe quando poderei reservar outro voo para a Terra. — Morrigan se apressou.

Apesar de se tratar de um protesto, o cristal lhe impedia responder com grosseria.

—Você passou a noite em minha tenda. — Ualan disse, como se isso explicasse tudo. Quando Morrigan franziu o cenho, indicando que não entendia o que isso tinha a ver como tudo o

que ela estava dizendo, explicou. —Se não for até lá esta manhã, você nos desonrará. Todos sabem onde estive ontem à noite, Morrigan. E eles a ouviram.

Morrigan parou, lutando contra o rubor que subia por seu rosto ante o descarado comentário. Ela quase bateu nele.

—O conselho pode me levar até a nave? — Ela insistiu, olhando para trás. Já havia desaparecido completamente, substituída pelo céu verde, sem nuvens do planeta.

—Se pudesse ser feito, seriam os primeiros a fazê-lo. — Ele respondeu. Já que era a única maneira que fosse com ele.

Já haviam chegado tarde e seu povo começava a olhá-los hesitante. Isso fez com que Morrigan se acalmasse um pouco e se deixasse levar adiante.

—E se apenas perguntar a eles?

—Não. — Ele respondeu. —Este não é o lugar para isso. Devo apresentá-la primeiro.

Morrigan ergueu os olhos para a plataforma. No centro dos conselheiros, parados, estava uma mulher esbelta vestida de púrpura junto a um homem com a mesma cor. Para assombro de Morrigan, ela notou que os dois usavam coroas.

—A realeza. — Ela sussurrou. Ualan a olhou. —Pensei que a realeza não usasse coroas aqui.

—Apenas cerimônias especiais.

—Oh. — Morrigan suspirou ante o sorriso de Ualan.

Foi levada ante eles. Oh, este programador de dados seria um homem morto!

—Rainha Mede, Rei Llyr, lhes apresento Morrigan Blake da Terra. — Ualan apresentou-a fazendo uma reverência.

Observando rapidamente Morrigan fez uma reverência também. O casal real a olhava atentamente, com olhos intensamente brilhantes. Morrigan se perguntou se era a atmosfera o que fazia com que os olhos de todos ficassem líquidos.

—Você está atrasado. — Disse o Rei, observando Ualan. Um cenho de preocupação surgiu entre seus olhos. —Tudo está bem?

—Foi minha culpa, majestade. — Interrompeu Morrigan. Ela fez outra reverência para garantir.

Ualan olhou para ela, sua sobrancelha subindo. Isto era uma formalidade pública. Ela não foi abordada. O Rei parecia confuso. Olhando para sua esposa, ele questionou: —Do que ela me chamou?

Morrigan notou que todos a olhavam fixamente em confusão. Fraca, ela explicou: —“Majestade” é como chamamos a realeza da Terra.

—Ah. — A Rainha disse. Começou a falar na língua

Qurilixien com seu marido. Era uma suave e lisa linguagem. Quando ela terminou, o Rei sorriu em compreensão. De repente, Morrigan percebeu aquela Rainha Mede era uma mulher rara em Qurilixien. Tinha que conseguir uma foto dela. Empurrou a esmeralda em seu dedo. Quando terminou seu discurso com o Rei, a mulher voltou-se e disse: —Prossiga.

Ualan curvou-se novamente, tirando o cristal de seu pescoço. Ele entregou para Morrigan, que pegou confusa. Quando ela ficou apenas olhando para ele, segurando a pedra dura em seus dedos, ele instruiu.

—Quebre-o.

—Então o que é tudo isso? — Ela perguntou murmurando, pensando que era uma maneira perfeitamente simbólica para terminar sua relação. Seus olhos marrons olhavam com receio. —Terminaremos com isto?

Ualan sorriu nela, um sorriso verdadeiramente impressionante e assentiu.

—Sim, quebre-o e tudo terá terminado.

—Muito bem então. — Disse observando seu sorriso bonito, Morrigan quase lamentava que tudo acabasse entre eles.

Erguendo o cristal, ela encolheu os ombros e soltou-o na terra vermelha. Caiu, mas não quebrou. Então, Morrigan pisou nele. Rompeu-se com facilidade, como se fosse um fino copo de vidro, mais fácil do que deveria ser. Os reunidos aplaudiram.

Morrigan sobressaltou-se de surpresa com o som. Sua cabeça e seus olhos começaram a ficar mais limpos enquanto a névoa deixava sua mente. Olhando para Ualan, era como ver um homem sair de seu sonho. Seu corpo ficou dolorido, pulsando por toda parte como ela tivesse corrido uma milha. Sua cabeça zumbia como se tivesse uma ressaca e agora começava a sentir os efeitos. Ela piscou fortemente e olhou a seu redor, como se o visse pela primeira vez.

Antes que pudesse perguntar para Ualan o que estava acontecendo, a Rainha disse: —Bem-vinda a família Draig, Lady Morrigan. Espero que aprecie seu novo lar.

—Oh, não! Não vou ficar. — Morrigan disse piscando, inclusive sua voz soava mais real a seus ouvidos. Piscou várias vezes mais tentando orientar-se. —Tenho um voo para pegar.

Ualan ficou vermelho. Podia ver a névoa do cristal deixando seus olhos. Agora o trabalho real do casamento iria começar. A multidão começou a rir com suas palavras. Os olhos estreitados dos conselheiros. A rainha e o rei trocaram um olhar perplexo.

Levantando-se, o rei aproximou-se de Ualan. Olhando para baixo para a mulher, fez um gesto, dizendo em sua língua nativa: —O que significa isso de partir?

—Não é nada. — Ualan disse no mesmo idioma. Seus punhos endureceram com vergonha. —Consertarei isso.

—Veja o que fará filho. — Disse o Rei, colocando sua mão

no braço do seu filho mais velho. —Não quero que o nome de nossa família seja manchado com um casamento infeliz. Há aqueles que desejam ver nossa linha terminada e não concederei a satisfação de ver minha casa dividida, inclusive pelo casamento do meu filho com uma mulher da Terra.

Morrigan entendeu a palavra “terra” e nada mais. O que deu esperança a ela, mas vendo o rosto irritado de Ualan a esperança se foi.

Pegando a mão de sua esposa, Ualan a agarrou em seus braços, deu-lhe um beijo que deixou claro para a multidão que realmente encontrou sua noiva.

Morrigan ficou atônica ante aquele ataque público, suas mãos o golpearam debilmente. Seu coração acelerou ao sentir seus lábios se movendo de forma selvagem desgarrando seus sensíveis lábios. Não era o beijo dos sonhos da noite anterior, esses beijos foram um sublime paraíso. Este beijo era a conquista desde seus dedos do pé até a atordoada cabeça. Quando a soltou, olhou aturdida para a multidão, seus gritos soaram em seu cérebro.

Ualan curvou-se para o rei, antes de arrastar sua esposa aturdida como se fosse uma criança insolente. Morrigan tropeçou atrás dele, seus lábios formigando com a sensação de seus beijos. Sem a névoa do cristal, estava confusa. Sua lógica dizia que gritasse, seu corpo dizia que pedisse que ele fizesse novamente. Afortunadamente Morrigan se respeitava e a lógica

ganhou.

Morrigan foi conduzida ao abrigo do bosque, contente por estar longe da multidão. Conduzida era uma palavra muito leve, praticamente Ualan a arrastava a tropeções atrás dele. Estranhas samambaias amarelas passavam a seus pés, várias criaturas do bosque se escondiam a seu passo, estranhas criaturas que Morrigan ignorava em sua pressa, como um pássaro púrpuro que passou voando sobre sua cabeça.

Ualan entendeu mal seus movimentos espasmódicos, pensando que queria escapar, agarrou mais forte sua mão.

—Aí. — Ela gritou com ele. Ele apenas caminhou mais rápido.

Chegaram a uma clareira do bosque junto a um lago cristalino, finalmente Ualan soltou sua mão. Girando sobre seus calcanhares, fulminou-a com seu olhar.

—O que você pensa que esta fazendo?

—Eu?— Morrigan ofegou. Colocando a mão ferida na cintura. A beleza do céu se perdeu nela. Ela apenas via vermelho.

—Se alguma vez tentar me humilhar em público novamente, esposa, eu quebrarei o seu pescoço, você entendeu? — Ualan rosnou, a fúria ardia em seus olhos, ameaçando seu corpo com mudar de forma. Ele resistiu ao desejo de mudar, afastando-se dela em seu esforço para se

controlar.

—Eu não sou sua esposa! Você me drogou, seu jardineiro maldito! Com aquele vinho e o cristal! Admita!

Ele girou sobre seus calcanhares para olhá-la. Oh, ele estava furioso.

Bem, ela também.

—Não ouse negar isto! — Morrigan silvou. Com as bochechas vermelhas foi sobre ele com uma onda de fúria. Golpeando-o com seu dedo no peito, gritou: —Eu senti quando o cristal se rompeu; que tipo de gente doente são vocês? Colocando drogas na bebida de uma mulher. — Abaixando seu tom engrossou e imitando uma idiota, disse: —Oh, tome esta bebida, você gostará. — Antes de terminar seu furioso ataque. —Apenas acordará daqui a nove meses, grávida e casada com um empregado. Mas bem, ele precisava de uma esposa.

Ualan não se moveu.

Com calor crescente, ela golpeou o dragão em seu tórax.

—Não obrigada, homem das cavernas. Não esta moça. Vou embora no primeiro voo de regresso à Terra e você não pode me impedir, enganou-me e...

—Você escolheu. — Ele furiosamente rosnou, agarrando-a pelo braço e balançando-a. Seus olhos eram como lava. —Sua escolha foi espontânea. Não enganei você. O cristal mostrou-me

e você escolheu ser minha esposa.

—Eu escolhi ir embora. Eu disse a você. Você disse que entendeu! — Morrigan gritou, tentando se afastar dele e falhando. Seus olhos estavam a ponto de derramar lágrimas de fúria. Não queria ficar presa neste planeta, forçada a viver em uma maldita tenda.

—Você escolheu ser minha esposa. — Ualan declarou. Um medo apoderou-se dele, mas não deixou que ela visse. Sua espécie tinha pouca oportunidade de se casar. Se ela desistisse... Ele negou com a cabeça. Isso não iria acontecer. — Não pode desistir.

—Esposa?— Morrigan cuspiu.

Apesar de sua raiva, ele era endemoniadamente bonito. Seu coração saltou quando ele olhou para ela. O planeta inteiro devia estar louco, ninguém se casava depois de uma noite e com menos de cem palavras.

—Sim, esposa. — Ele disse. —Nós fomos escolhidos...

—Se eu ouvir mais uma vez que eu escolhi... — As palavras de Morrigan o cortaram como uma faca no peito. Ela agitou seu punho contra ele em advertência, respirando fundo, ela disse: — Nós não estamos casados. Pare de dizer que estamos! Nós não vamos viver juntos. Não vou ter seus filhos e não vou cozinhar para você ou esfregar seus pés, nem fazem qualquer outra da tarefa de dona de casa, você dominante...

—O que foi ontem à noite, então, se não estamos casados?
— Ele quietamente perguntou, muito ciente dela gritando.

Suas palavras eram suaves, mas com uma dureza que era inconfundível. Com um movimento brusco a levou até as árvores, afastando-se do lago, quando estiveram confinados no bosque, se inclinou sobre ela e a beijou.

Era ardente, abrasador, o beijo a percorreu até os dedos dos pés. Morrigan lutou, sem deixá-lo acabar a briga dessa forma. Não novamente. Esta Morrigan não estava bêbada ou drogada. Tão abruptamente como a tomou deixou-a ir.

—Ontem à noite foi... — Morrigan hesitou, finalmente conseguindo livrar-se de suas mãos. Seu gosto nos lábios formigava. —Foi agradável... mas não queria dizer que estava de acordo em ser a Sra. das cavernas. Tenho um trabalho. Tenho uma vida. É uma boa vida e não inclui você. Eu sinto muito, Ualan, mas seu cristal estava errado. Vá buscar um novo cristal e no próximo ano terá uma sorte melhor.

—Agradável? — Ualan perguntou incrédulo.

Dirigindo os olhos para os ramos das árvores, falando palavras que ela não podia entender. Por seu tom, Morrigan achou que era melhor não entender.

Ela observava seus movimentos, distraída. De repente ele girou para ela, lançando-se para frente para prendê-la contra uma árvore que chocou contra suas costas, mas era mais

indulgente que o homem duro a sua frente que oprimia seus seios.

—Diga-me que você não sentiu e te advirto, Morrigan, saberei se mente. — A mão de Ualan ficou audaz na frente de seu vestido, roçando-a com golpes indecentes. —Diga-me que não implorava com meu nome nos lábios.

—Estava drogada...

—Diga-me que não me quer dentro de você, inclusive agora. Posso sentir seu calor ardendo em minha mão. — E para provar seu ponto, acariciou-a entre as pernas e ela estremeceu. —Diga-me que não quer que a tome aqui mesmo e acabe com o tormento ao qual te levei ontem à noite. Eu vi sua paixão, Rigan. Eu vi como você gosta de olhar. Como ansiava que te tomasse do mesmo modo. Eu senti seu cheiro quando estive a ponto de ter um orgasmo com meu chicote.

—Isto não está acontecendo. — Morrigan lamentou com exasperação. Tentando parecer razoável em uma situação irracional, ela colocou a mão em seu braço e o empurrou. Romper com alguém nunca foi difícil como agora. Ualan a deixou ir. Respirando com dificuldade, ela disse com voz rouca: —Não quero brigar com você sobre isto, encontrará alguém, Ualan. Alguém perfeito que pode ficar aqui com você e ter filhos e que cozinhe, limpe e tudo o que o pequeno coração selvagem queira, alguém que saiba como ser uma mulher para você. Eu não sou essa mulher.

—Você me escolheu. Os Deuses escolheram você para mim.

—Não, você veio a mim. — Ela disse com lógica. Como poderia lutar contra uma superstição cultural? Era frustrante. — Todo o resto é superstição.

—Era o desejo dos Deuses. O cristal achou você para mim. Você pertence aqui. Não escutarei mais sobre isso. Venha, nós vamos para casa.

—Não Ualan, eu não serei forçada.

—Quando você tirou minha máscara e permitiu que eu livremente falasse, você me escolheu. — Ele disse. —Você escolheu ser minha esposa e escolheu ir para minha tenda. Você não foi forçada a ir comigo. Insulte-me novamente, e eu não serei indulgente com você, esposa.

Apenas estava chamando-a dessa forma para incomodá-la. Morrigan suspirou profundamente, sua paciência quase havia desaparecido por completo. Estava a obrigando a sentir muitas coisas, raiva, desejo e frustração.

—Sua máscara? — Ela repetiu, sua voz soava cansada.

Ele movimentou a cabeça assentindo.

Suas palavras da noite ecoaram em seu cérebro. Tranquilamente ela disse em compreensão súbita.

—Escolha. Significava escolher você, não escolher seu...

Ela ficou vermelha e não pode terminar. Enquanto golpeava com o punho distraidamente sua coxa, sua máquina fotográfica no olho começou a trabalhar e viu a imagem dele nu de pé diante dela. Ela golpeou a esmeralda em sua mão várias vezes para conseguir a imagem. Já era muito tarde. Estava renovando sua mente. Ruborizando sem a ajuda do licor para inibir suas emoções. Afastou-se dele.

Ualan captou seu aroma, sentindo seu desejo por ele. Ele sorriu, com cumplicidade. Talvez pudesse brigar contra ele, mas não era indiferente.

—Foi um engano. — Morrigan sussurrou, incapaz de olhar para ele sem imaginá-lo nu. Suas bochechas incendiaram. Esperava que ele pensasse que era devido à fúria. —Eu não sabia o que estava escolhendo. Com certeza é um motivo para o divórcio se não sabia o que estava escolhendo ou talvez uma anulação? Não fizemos nada juntos. Não realmente. — A garganta de Morrigan deixou escapar um som atormentado.

—Se não obedecerá a sua nova lei, então obedeça à velha. Você assinou um contrato. Foi por isso que seu povo a deixou aqui. Agora não fale nada mais sobre isto, eu não iniciarei um incidente intergaláctico por causa de um engano. Nós estamos casados, resigne-se. — Ualan levantou o queixo orgulhosamente. Por que os Deuses o amaldiçoavam tanto? O que ele fez?

—Eu não vou receber ordens suas. — Ela cuspiu. Por que

ele estava sendo tão teimoso?

—Eu sou seu amo. — Ele rosnou. Parou para cheirar o ar, não estavam sozinhos no bosque. —Você irá me obedecer.

—Eu nunca terei você como meu amo. Se fosse meu amo, eu seria uma empregada e esta mulher não limpa. Ache você mesmo uma nova empregada...

Ualan inclinou-se, sem escutar enquanto agarrava uma folha verde com o centro amarelo do chão. Ele esteve com ela em segundos. Morrigan ficou sem fôlego, ele a pegou nos braços com suas mãos grandes e a sacudiu. Quando a cabeça chocou contra ele, um grito de medo e indignação saiu de seus lábios. Ele esfregou seus dedos debaixo de seu nariz, espremendo a pequena planta. No mesmo instante ela desmaiou.

Capítulo Sete



Ela era a nova empregada.

Morrigan estremeceu, sem ousar perguntar em que havia convertido a túnica cinza claro e avental branco que usava. Sentia-se como se houvesse estado fora apenas por um segundo. Mas, quando abriu os olhos com um suspiro de raiva e disposta a brigar, estava deitada em um sofá no meio de uma enorme suíte aberta... sem Ualan.

Pelo menos ele não era uma tenda.

A casa era bonita com muito espaço. Morrigan franziu o cenho, desejando que o homem vivesse em uma choça, assim pelo menos poderia ridicularizá-lo. Talvez não fosse sua casa. Tinha sentido. Ualan o homem das cavernas não parecia o tipo culto, refinado.

As paredes eram de pedra vermelha, cobertas com tapetes de cor azul e prata. Tremendo virou a cabeça para olhar para a espantosa batalha representada no tapete. Reconheceu os Qurilixien por seus inchados músculos de um lado da batalha, mas não quis nos animais escamosos do outro lado, correndo deles.

—Espero que estas coisas sejam um mito. — Ela murmurou. Tinham que ser. Os homens de Qurilixien não usavam uma armadura com esta descrição.

—Minha senhora? —Perguntou um empregado, seguindo-a com o olhar. Ele tentou dissimular seu gesto de decepção, mas ela viu.

Morrigan congelou, quase se esqueceu de Mirox. Ela o reconheceu do banquete à noite, era o empregado com a cicatriz no nariz. Parecia mais jovem que o resto dos homens, mas era respeitável com seu tamanho.

Timidamente, ela disse: —Nada.

Era um quarto grande com teto como de uma catedral. Na parte superior havia uma janela de cristal curvado, com um interruptor que recorria às persianas para bloquear a luz dos três sóis. Era a única janela e a fonte principal de luz. Havia tochas nas paredes que se prendiam apenas com um pulsar do botão se fosse necessário mais luz; eram como luminárias. Mirox explicou que eles não tinham necessidade de luz; todos os dias do ano, exceto um, estavam cheios de luz solar.

No primeiro andar, onde dormiu, havia dois sofás circulares ao redor de uma enorme lareira. Os sofás estavam separados em cada canto para que pudessem passar. Almofadas azuis estavam perfeitamente bordadas com a insígnia de dragão. Grelhas negras no centro rodeavam uma lareira acesa. Morrigan olhou, mas não pode ver nenhuma madeira na parte inferior da mesma.

No canto estava a escada curva mais longa que já viu. Subindo os degraus de mármore, chegou ao topo, apenas para

descobrir uma enorme cama. Era de um desenho retangular sobre um grande tapete de pele. Um espelho gigantesco estava na cabeceira. Morrigan ofegou, ficando um pouco vermelha. O nível superior era muito maior que o andar de baixo. Tinha também um teto arredondado para deixar passar a luz, mas era pequeno. Olhando ao redor, de repente percebeu o quão grande Ualan era em realidade.

Um dragão negro estava de novo bordado na colcha cinza, o corredor conduzia através de um armário, a metade estava cheia de coisas do Lorde Ualan. A maioria eram túnicas, alguns pares de botas de couro, e algumas armas. O outro lado estava vazio, exceto por suas coisas. Ela deslizou o anel de seu dedo e aproveitou a oportunidade para tirar a câmera de seu olho, que havia começado a incomodar, antes de seguir.

No fim do corredor havia uma plataforma de observação. Quando ela apertou um botão, as cortinas se abriram, para revelar os bosques montanhosos de Qurilixen. A plataforma era muito alta, por cima de um precipício íngreme. Se ela se inclinasse de lado, poderia ver a plataforma onde foi apresentada à realeza. Era curioso não ter visto o balcão. Ao lado da plataforma, as filas de tendas estavam sendo desmontadas, ela depressa girou, não querendo se lembrar da noite que passou no acampamento.

O andar principal tinha três portas. Um levava a um banheiro, cujo chuveiro parecia mais uma cascata que um chuveiro. Situado junto à cascata havia uma banheira natural de

águas termais, que disseram que borbulhava constantemente com água quente e se limpava automaticamente, enchendo-a também de água. Tinha algo a ver com os minerais da montanha onde a casa foi construída. Mirox estava feliz de informar-lhe que os mananciais estavam ao redor de todo o planeta.

O banheiro, ela não queria nem sequer pensar nisso, não era um hangar espacial, mas tinha a água necessária para tirar os “resíduos não desejados” com a tigela de mármore.

Morrigan estremeceu. Era tão típico da Terra de século vinte: —Que nojo!

Compreendia que desejam viver uma vida simples, mas definitivamente tinha que ser feito algo com seus costumes. A segunda porta conduzia a uma grande cozinha. Lançou um olhar para o resto da casa e viu que não tinha nenhum simulador de comida. A cozinha tinha uma pia de mármore com água corrente, e um balcão de mármore combinando, ambos com cores claras com a insígnia de dragão na parte superior. Havia um fogão, um forno, e uma variedade de eletrodomésticos que não sabiam como se abriam, muito menos como se usava.

Novamente Mirox estava logo atrás dela, feliz de informá-la que quase todos faziam as refeições na sala comum. Bem, ao menos não teria que cozinhar. Pensar em comida fez seu estômago roncar em agonia, mas a única coisa que seu novo “amo” tinha na sua geladeira era comida saudável.

—O que aconteceu com os chocolates? — Ela murmurou vagamente se lembrando do modo como o chocolate derretia em sua boca. Escolhendo algumas laranjas pequenas do tamanho de um amendoim, ela olhou para Mirox. —Alguma vez tiveram problemas com parasitas do espaço?

Mirox pareceu confuso.

—Não importa. — Morigan estava com muita fome para discutir. Levou um tempo para descascar as poucas frutas, mas elas não eram tão ruins. Deixou as cascas sobre a mesa e seguiu seu caminho.

A última porta guiava para fora da casa. Estava fechada com chave, ainda assim tentou abrir as gigantes portas de ferro. Uma vez mais Mirox estava dizendo que as portas apenas se abriam com ativação de voz e a sua ainda não foi programada.

—Isto não é justo. — Pronunciou sombriamente.

—É por segurança, minha senhora. — Mirox respondeu. — De forma que ninguém pode entrar sem ser convidado.

—Então se este lugar pegar fogo eu morreria antes deles me deixar sair?

—Sim, minha senhora, se não houver ninguém para abrir a porta para você.

—Pare de me chamar assim. — Ela murmurou sombriamente, olhando as paredes de sua nova prisão com

aborrecimento crescente. —Eu sou a nova empregada.

Mirox começou a rir.

—Não sei o que significa na Terra, minha senhora, mas aqui o empregado realmente limpa.

Ele lançou um significativo olhar para a bagunça que ela sistematicamente fez nos quartos da sua senhoria enquanto os explorava. As roupas de Lorde Ualan estavam por todo o chão da plataforma elevada, amassada em uma pilha e caía sobre as escadas. Lançando toda a terra de um vaso com uma planta dentro no chão de mármore agradável, limpo, fez Morrigan sorrir com satisfação.

—Então acho que sua senhoria pode me despedir. — Ela retornou, lançando mais terra com um olhar de prazer malicioso.

—Por que você desejaria ser despedida, minha senhora? — Perguntou o empregado surpreso, sem levantar um dedo para impedi-la.

—Pare de me chamar assim! Eu não sou uma senhora. Eu sou uma escrava.

Mirox congelou, seu rosto ficando pálido. Curvando-se cortesmente, afastou-se dela com a maior dignidade que pode reunir. Seus movimentos eram rígidos e Morrigan perguntou-se o que disse para que fosse embora tão depressa. Ele gritou um comando para as portas da frente e saiu correndo.

—Ei! — Gritou Morrigan, correndo atrás dele. Tentou passar pelas portas de ferro pesadas, mas se fecharam antes que pudesse ver algo mais que a parede vermelha do corredor.

Franzindo o cenho ante as portas, disse sarcasticamente: — Bom, suponho que agora posso deduzir que vivo em um apartamento e não em uma casa, porque há um corredor lá fora.

Virando-se sobre seus calcanhares, olhou para a casa. Não tinha como sair dela a menos que Ualan deixasse. Com certeza não podia escalar o precipício de seu quarto.

Sorrindo, inspecionou o desastre que provocou, se não a quisesse deixar ir agora, asseguraria que a deixasse no dia seguinte. Sorrindo mais, poderia apostar que faria de sua vida um inferno esta mesma noite. Rindo como uma raposa, os olhos de Morrigan brilharam intrigantes.

—Bem-vindo a casa, meu senhor e... bem-vindo ao seu novo inferno.



Ualan sentia-se como se tivesse sido lançado nos intestinos de uma fera Torin. Os rebanhos grandes dos animais estúpidos

eram bons para reprodução de carne e fertilizantes, mas não podiam ser utilizados como algo mais porque cheiravam mal.

Hoje deveria ter sido um dia feliz de relaxamento e celebração e, mais importante, de liberação de certa tensão sexual. Ao invés, estava tentando acalmar seus nervos o suficiente para enfrentar sua pequena e irritante esposa. Justo quando pensava que não podia piorar.

Ualan suspirou, murmurando à porta para que se abrisse. Ao entrar em sua casa, congelou. Tinha sido destruído. Sim, indiscutivelmente foi enviado para as entranhas de um Torin.

Lentamente puxou sua espada, seus olhos foram diretos para o sofá procurando por sua esposa. Ela não estava lá e não conseguia sentir seu sangue no quarto. Deliberadamente, relaxou e cuidadosamente colocou a espada em uma mesa baixa na porta. A porta de metal se fechou atrás dele, silenciosa e suave.

Sua casa parecia ter sido saqueada. As almofadas do sofá foram lançadas pelo chão coberto de terra, sua roupa estava pisoteada e amassada e, se não estivesse enganado, essa era a colcha de sua cama amontoada em um canto longe. Fechando os olhos e respirando fundo, em silêncio murmurou todas as maldições que conhecia.

Não ajudou em nada.

Seus lábios se curvaram em uma careta, enquanto se

lançava até a maçaneta que Morrigan arrancou.

Amaldiçoando, ele a pegou e colocou no lugar. Não estava muito ruim, mas teria que pegar as folhas dobradas, levaria pelo menos um ano para crescer.

Nesse momento escutou a sua querida esposa, no banheiro. Inclusive com raiva por seu descarado desprezo por sua casa e seus bens, seu nariz se abriu em antecipação. O barulho que saiu de sua garganta enquanto caminhava de um lado para outro soou mais como um rugido de leão que como a voz de um homem.

Entrando no banheiro, Ualan parou, desapontado. Ela não estava na água quente como esperava, mas estava sentada na extremidade da pedra com os pés na água borbulhante.

Parecia como se houvesse estado ali durante algum tempo pela forma como as mechas de seu cabelo estavam grudados em sua testa e pescoço como pequenas trilhas. Suas bochechas estavam vermelhas, levemente.

Ainda vestia a roupa de empregada, que para seu prazer masculino vestiu nela quando estava desmaiada.

Agitando os pés na água, inclinando a cabeça como se nada no mundo fosse importante. Ualan colocou as mãos nos quadris, suas sobrancelhas se levantaram com desgosto. Limpando a garganta, ele a surpreendeu de propósito.

Morrigan saltou, virando-se para olhar para ele. Ela sorriu

timidamente, seus olhos pousaram em sua expressão dura. Teria que ser uma idiota para não ver a ira que tinha em seus olhos. Tremia e quase lamentava ter destruído sua casa. Quase.

—Tem uma casa muito ostentosa homem das cavernas. — Ela docemente sorriu.

Os olhos de Ualan se estreitaram em advertência.

—Era. — Ele rosnou significativamente.

Morrigan tomou seu tempo para sair da banheira. Queira acreditar que atuava como se ele não a afetasse, mas na realidade suas pernas não podiam ir mais rápido, seu coração acelerou em sua garganta. Deus era um belo espécime bárbaro.

—Então você é rico ou o que, homem das cavernas? — Ela perguntou, piscando com seus olhos inocentes.

—O que importa isso?— Ualan murmurou.

Ela o olhou assim uma vez antes de. Ele não engoliria suas mentiras novamente.

—Quero saber o que estarei deixando atrás de quando eu me for. — Morrigan ronronou, parando sobre uma toalha deixou no chão de mármore frio para secar seus pés. Cuidadosamente, calçou seus chinelos. Eles eram grandes e eram de pele na parte superior. Afastou uma mecha de seu pegajoso cabelo e agitou os dedos ante seu rosto. —Ei, isto é melhor que um tratamento no spa em Quazer.

—Você não está irá a qualquer lugar, esposa. Vai ficar aqui, onde pertence.

—Certo homem das cavernas acalme-se. — Ela o tranquilizou. A raiva relampejou em seus olhos, mas ela conteve-se. —Mas você não sabe em que está se metendo.

—Você aceita minha autoridade?

—Não. — Morrigan bufou, as mãos nos quadris. —Então, quanto dinheiro você tem? Tenho que fazer compras, começando por um simulador de comida.

—Eu fornecerei um para você, isso é o que precisa saber. — Ele disse com desgosto sobre sua grosseria. O dinheiro não era preocupação para uma mulher.

—Hmm, assim que não será pelo dinheiro então. Muito ruim. Eu preciso de um empréstimo para regressar para a Terra, se não tem acesso a uma conta bancária. Além disso, não é tão bom partido se não tem dote ou tem homem das cavernas? — Ela disse sorrindo. Não podia resistir a chamá-lo assim. Parecia irritá-lo tanto. —Então, o que faz para viver de qualquer maneira, oh pobre poderoso?

—Quieta. — Ualan ordenou com um movimento de sua mão. Ele estava distraído. Parecia que o vapor também umedeceu a frente de seu uniforme de empregada, grudando em seu corpo e seus mamilos estavam começando a ficar duros. Se ele somente levantasse a mão e...

—O que? Você não tem um trabalho? — Ela perguntou zombando. Os olhos de Ualan se moveram de seus seios para seu rosto, para olhá-la em advertência. —Não me diga que vive com seus pais, *ugh*. Não estranho que não queira me deixar partir. Não é um bom partido em absoluto.

—Suficiente. — Ualan ordenou com um grunhido. Deixou que ela pensasse o que quisesse. —Você faz com que minha cabeça dê voltas, mulher.

Ela encolheu os ombros seus olhos largos parecendo dizer, desculpe.

Ele não estava enganado.

—Você disse a Mirox que era uma escrava — Ele perguntou com o cenho franzido.

Ela tentou passar, com os chinelos, mas ele bloqueava o caminho. Pensando melhor, deu um passo para trás para não chocar com ele.

—Sim. E daí? Não sou? Você está me mantendo aqui, forçando-me a vestir este uniforme.

Ualan solta uma série longa de maldições em Qurilixien, até que ele viu que ela o observava com avidez, tentando memorizar para si mesma. Ele vacilou e respirou fundo. Ela o olhava como se quisesse tocá-lo, mas não ousava levantar as mãos.

—Muito bem, então. Se este é seu desejo, assim seja.

Morrigan imediatamente ficou fria. Ela esperava uma briga, não um acordo. Seus olhos estavam quase dolorosos quando olhou para ela, mas logo sua mandíbula se endureceu e ele se virou.

—Eu informarei a Rainha de sua decisão. — Ele disse ruidosamente acima de seu ombro. —Pegue suas coisas, se pode encontrá-las no meio dessa bagunça.

—Espere. — Pediu Morrigan verdadeiramente preocupada. Começou a correr atrás dele. Agarrando seu grande braço, ela o parou. Ele endureceu, olhando sua mão antes de olhar em seus olhos. Fracamente ela perguntou: —O que eu acabei de fazer?

—Você se declarou como escrava. — Ele disse, soltando um suspiro prolongado apenas para torturá-la. Morrigan fixou o olhar em seus lábios. —Então eu vou entregá-la para a Rainha. Ela ficará contente, precisa de alguém para cozinhar e limpar o castelo, mas devo insistir que não faça o mesmo que fez na minha casa, os escravos que se comportam mal são expulsos e entregues aos soldados. Fazem pelo esporte e mantêm o espírito dos homens em alta. Ainda que fossem encantados de recebê-la, te usariam para atender a certas necessidades. A outra mulher que tem está ficando muito... como diria... usada?

Morrigan ficou pálida. Ela procurou seu rosto. Ele parecia muito sério.

—Isto é verdade? Você está mentindo?

Ualan inclinou a cabeça.

—O Noivas da Galáxia não explicou as regras? Como os outros vão encontrar uma mulher, se não compartilharmos as solteiras?

—Eu não cheguei conhecer todas. — Ela respondeu, pensando em como odiava limpar e cozinhar; era terrível nisso, tanto assim que tinha unidades de limpeza. Estremeceu, seria entregue aos soldados, não tinha nenhuma dúvida, e seria estuprada repetidas vezes. Não, esse não era um bom acordo.

—Chama-se investigação, escrava. Sabe, estudar antes de começar uma nova tarefa, assim você sabe em que está se metendo. — Ele zombou, lançando suas palavras da noite anterior em seu rosto. O sarcasmo não passou despercebido. Ela parou. —Agora, solte meu braço. Vou fazer o que deseja. A rainha irá querê-la para começar imediatamente.

—Espere! Eu não quis a sério. Eu não quero ser uma escrava. Você tem que dizer à Rainha sobre isto? Eu volto atrás.

Ualan estava de costas para ela e sorriu sarcasticamente, mas escondeu o sorriso antes de se virar com grande curiosidade.

Olhando-a sem paixão, ele disse: —Você parece voltar atrás com muita facilidade, escrava. Isso não vai agradar à rainha.

—Eu quis dizer isto como uma expressão, como usamos na Terra. Eu não quis dizer isto como uma declaração.

—Desculpe, eu não posso ajudar você. — Ele disse, solenemente balançando a cabeça. —Você declarou isto para Mirox e ele tinha que informar a família real. Tenho certeza que já sabem.

—Ualan. — Ela começou puxando desesperadamente a sua manga. Com os olhos suplicava clemência.

Ele esperou ela falar.

—Você não pode me ajudar? Não há nada que possa fazer?

—Por que deveria? — Ele encolheu os ombros grandes de guerreiro. —Você não me deu nada além de enxaquecas. Olhe o que fez com minha casa. Seria sortudo se me livrasse de você.

Morrigan olhou ao redor, indignada com suas ações, isso foi impulsivo. Ualan começou a girar.

—E se eu arrumar tudo? — Ela perguntou esperançosa quando Ualan parou para olhá-la, com os braços cruzados no peito, cobrindo o dragão que ela achou ali. —Não há nada que possa fazer para não ser uma escrava real?

—Você poderia fazer um pedido ao tribunal real, mas isso poderia levar meses. — Ele pensativamente meditou. —Com sua ignorância de nossos costumes, um perdão poderia ser concedido.

Meses cozinhando e limpando o castelo inteiro! Morrigan recuou, perdendo a diversão nos olhos azuis.

—Serei enviada para os soldados em uma hora! Eu não sei cozinhar. E se eu envenenar a família real? Oh, não. Eu serei enforcada com certeza.

Ualan observava o rosto de Morrigan ficar cada vez mais pálido a cada momento. Seu ego maltratado ficou satisfeito ao ver sua angústia.

—Ualan. — Ela insistiu com o rosto desfigurado pela angustia, ele sabia que o que ela iria dizer lhe causava uma grande dor.

Ele ampliou sua postura levantando o queixo, não iria retroceder.

—Quando eu disse que não limpava nem cozinava, não estava inventando. Realmente não sei limpar nem cozinhar.

A sobrelancelha de Ualan se levantou, duvidando.

—Não, é verdade. — Ela insistiu.

O olhar dele observava com tanta intensidade, que ela sentia-se como se queimasse. Não soube quando começou, mas o intoxicante cheiro do homem começou a chegar a ela, tentou dar um passo para trás, tentando colocar uma distância entre eles assim poderia pensar melhor.

—Eu tenho três unidades de limpeza e uma sobrando para

o caso de que outra estrague. Cada comida se materializa em um simulador de comida.

Ualan sorriu, não pode evitar.

—Nem sequer sei como é a carne crua, a menos que você conte uma vaca que pasta no campo. Nunca cozinhei nada em minha vida.

—Uma mulher deveria saber estas coisas, Morrigan. — Ele seriamente disse. Seu olhar no pescoço dela.

—Eu sei. — Ela respirou, vendo sua chance e pegando-a. — É isso que eu tenho tentado dizer a você, Ualan. Uma mulher que fique com você deve saber essas coisas. Eu não. Eu não tenho a menor ideia. Você não me quer aqui, não pode. Não pode fazer o necessário para se divorciar de mim e deixar que vá embora?

—Você parece esperta, escrava. — Ele murmurou, movimentando a cabeça com o pensamento.

Erguendo a mão, afastou uma mecha de cabelo de sua bochecha. Ela saltou de surpresa com o contato, seu corpo lembrou mais do que sua cabeça de suas carícias. Sua pele ardia, ela recuou.

—Obrigada. — Ela respondeu ao elogio.

—Mulheres espertas podem aprender estas coisas.

Morrigan ofegou, seu temperamento chamejando.

—Seu podre...

—Tsk, tsk, tsk. — Ele a repreendeu. —Eu tenho ainda que dar a você sua última opção, escrava. Fique quieta ou entregarei você e sua língua rabugenta para a rainha imediatamente, que ela fique com você e seu mau humor.

Morrigan franziu o cenho, mas mordeu a língua. Murmurando, ela perguntou: —O que é isto?

—Você pode ser minha escrava até a família real a escutar. — Ele murmurou. Seus olhos azuis brilhando. —Você teria permissão para ficar aqui... comigo.

Morrigan começou a negar, entretanto pensou melhor. Teria que escutá-lo terminar.

—O que eu teria que fazer?— Ela perguntou. Sua pergunta e suas implicações eram muito claras. Espontaneamente, seus olhos se viraram para o quarto. Ela estremeceu.

—Não, pequena rebelde. Você não poderá ficar ali. A cama é para uma esposa. Você está pronta para ser uma esposa?

Morrigan balançou a cabeça furiosamente. Este homem não aceitava um não como resposta.

—Muito bem. — Ualan não se aborreceu em esconder sua decepção.

—Então você me teria onde?— Morrigan engoliu saliva enquanto olhava para a mesa e logo o sofá, sua mente

estremeceu pensando em todas as coisas que um homem grande e forte como Ualan poderia fazer com ela, em todas as formas que pudesse dobrá-la e levantá-la.

—Escravos são muito baixos para levar para a cama. Eu não me rebaixaria. A honra proíbe isto. A menos que você concorde em ser minha esposa e amar a seu marido, então não há nada que eu possa fazer... por você.

Seu significado estava claro no calor de seu olhar.

O uniforme de empregada parecia muito apertado e as bochechas de Morrigan ficaram vermelhas.

—Então se eu concordar...? — Ela perguntou.

—Somente terá que limpar minha casa e cozinhar para mim, a menos que você escolha me servir de outros modos. O que foi que sugeriu, Rigan? Fazer massagens em meus pés?

Era certamente uma oferta melhor que limpar todo o castelo. Ainda assim.

—Eu disse a você. — Ela começou cuidadosamente. —Eu não sei como fazê-lo. O que acontece se eu cometer um engano? O que acontece se eu... o que você fará comigo?

—Eu castigarei você.

—Oh. — Talvez um engano não fosse tão ruim. Era melhor este guerreiro Draig que a guarda toda.

—Certo, eu aceito.

—O que? — Ele picou, torturando-a com um olhar satisfeito.

—Eu ficarei aqui e limparei tudo. O quão duro este quarto poderia ser?

—Há apenas um problema. — Ualan respondeu, avançando.

A boca de Morrigan se abriu, com uma respiração profunda. Levantando a cabeça para olhá-lo. Ele era tão alto que se elevava sobre ela. Um calor se apoderou dela e queria cair em seu amplo peito e que a envolvesse em seus braços. Quando falou, suas palavras eram baixas e sensuais, como se soubesse exatamente o que estava fazendo com seus sentidos.

—Você não me perguntou se eu queria uma escrava. — Ele murmurou, provocando-lhe arrepios e formigamentos nas costas. —Sua lista de habilidades é muito pobre. Poderia ser mais problemática do que vale.

—Você...? — Morrigan respirou, olhando para sua boca firme.

Ela começou a subir em seus dedos do pé, mas pensando melhor conteve-se.

—Por que eu consideraria isto? — A respiração de Ualan caiu em seu pescoço e ela estremeceu em resposta. —O que seria para mim?

—O que você quer? — Morrigan fechou seus olhos, esperando por seus beijos.

Suas mãos tremiam com o esforço de conter-se. Sem a névoa do cristal, ela não tinha nenhuma desculpa para se sentir de tal modo.

—Não. — Ele murmurou. Afastando-se, mesmo que não a segurasse ela sentiu-se cair. —Eu não sei se você tem qualquer coisa que eu queira.

Morrigan sentiu como se ele a tivesse batido.

—Eu darei a você uma prova, escrava, porque não desejo envergonhar meu nome com seus enganos ante a rainha. — Afastando-se dela, pegou a espada e pôs na cintura. —Tenha minha casa limpa para quando regresse à noite. Então conversaremos sobre isso.

Capítulo Oito



—Bem? — O Rei perguntou a seu filho. Eles tinham esperado ansiosamente seu retorno à sala. Mirox continuava sentado pálido e preocupado, nas cadeiras mais baixas, onde esteve desde que ele cporreu ara informar à família real sobre a esposa de Ualan. —Ela confirmou?

O salão principal tinha tetos íngremes, curvados para deixar a luz entrar. Era maior que o de seu quarto. As bandeiras com as insígnias de sua família se enfileiravam nas paredes, uma para cada cor das linhas familiares. Azul para Ualan, púrpura para seus pais e verdes, negro e vermelho para cada de seus irmãos. Cada um tinha o símbolo de dragão de prata. As mesas estavam dispostas para o jantar. O chão de pedra vermelha foi varrido e a sala estava quase vazia.

—Ela o fez. — Ualan disse. Indignou-se no momento que descobriu. Para alguém que afirmava desconhecer os costumes de casamento, ela parecia saber muito sobre evitar seus deveres como esposa. Porém, isso foi até que viu sua confusão. Seu coração relaxou e ele foi capaz de respirar novamente.

—Por tudo que é sagrado. — Sussurrou sua mãe. Mede afastou seu triste olhar de seu filho. Dirigiu suas palavras para Mirox, ordenou: —Não mencione isto para ninguém, empregado

leal, e vá.

Mirox curvou-se e depressa correu para o corredor.

A rainha voltou-se para seu filho mais velho. Ela mostrou-se satisfeita, porque o empregado não diria nada. Não esperou que seu filho se aproximasse, se levantou e abaixou até ele. Tocando seu rosto, havia grande tristeza em seus olhos.

—Eu sinto muito, meu filho. Não existe nada que eu possa fazer por você.

—Mãe. — Ele inclinou-se e a beijou no rosto. —Isto não terminou ainda, você criou um guerreiro. Guerreiros não fogem da batalha.

O Rei não mostrou tanto afeto, assentiu orgulhoso, a cabeça para seu filho.

—Ela concordou em ser minha escrava. — Ualan disse. —E eu sou muito exigente.

—O que? — A rainha perguntada. —Por que ela iria se negar apenas para se tornar sua escrava? Esta louca?

Ualan sorriu, como fez o rei, que parecia entender o pensamento de seu filho melhor que sua esposa.

—Não acho que soubesse que estava me negando. — Ualan disse.

—Então, por todos os céus, traga-a aqui e deixe que seja

perdoada se ela não irá protestar. — Disse Mede, sua cor retornando. Sentia-se aliviada por seu filho não ser amaldiçoado a uma vida de não poder ter outra esposa.

—Não. — Ele disse.

—O que, você deseja ficar sozinho?— Perguntado seu pai.

—Não, deixe que seja minha escrava, pai. — Ualan disse. — Não a perdoe ainda. Esta noiva tem muito espírito, gostaria de ver seu espírito um pouco quebrado antes de seu perdão; ela aprenderá a obedecer a seu marido.

—Bem pensado. — Seu pai esteve de acordo. —Não servirá de nada que a família seja envergonhada pelo desafio dessa mulher. Entre você e seus irmãos, esta manhã foi demais. Se você não tivesse a reivindicado como o fez, as outras casas assediariam nossos portões e nossa gente poderia deixá-los entrar, porque se o futuro rei não pode controlar sua esposa...

Mede franziu o cenho e afastou as palavras de seu marido com um gesto.

—É bem sabido que no círculo familiar às aparências enganam. A rainha governará tanto como ele. — Ela advertiu seu filho. —Ualan, é algo perigoso o que está jogando.

—As melhores coisas sempre são. — Ele respondeu, beijando seu rosto.

Ela rolou seus olhos ao ver sorriso confiante.

—Apenas seja cuidadoso, filho. Esteja certo de não partir seu coração nesta indagação. — Disse Mede. —Uma vez partido, este órgão não baterá novamente.

Ualan movimentou a cabeça rígida, não gostava da verdade que tinha essas palavras.

—Eu vou treinar. — Ualan disse, tinha a intenção de se exercitar com seu irmão Zoran. Qualquer coisa seria melhor que observar Morrigan enquanto se inclinava sobre o chão para limpá-lo. A imagem trouxe um sem fim de ideias sórdidas.

Quando ficaram sozinhos Llyr apenas olhou para sua esposa. Balançando a cabeça, ele disse: —Eu temo por este reino.

—Nosso filho é um bom homem. — A rainha respondeu, movendo-se para segurar sua mão.

Ela o olhou com amor, uma expressão que sempre guardava para os momentos de intimidade.

—Não é o futuro do reino que me preocupa. — Ele respondeu, beijando-a profundamente.

Depois de quase cem anos de casamento, ainda estavam loucamente apaixonados.

—Oh, eu não me preocuparia com Morrigan Blake. — A rainha sorriu, secretamente. —Nossas novas Princesas são fortes, mas eu não acho que são fortes o suficiente para resistir

a um Draig.

—Nenhuma mulher que já viveu foi forte o suficiente para resistir a um Draig. — O rei sorriu, seus olhos verdes brilharam audazes e se inclinou para provar seu ponto.



A limpeza de Morrigan era quase tão ruim quanto sua bagunça, colocar as almofadas e pendurar as roupas foi muito fácil, mas arrastar-se pelo chão recorrendo às migalhas de sujeira, estava matando suas costas. De repente, desejou ter passado mais tempo observando as unidades de limpeza, em vez de apenas ligá-los e sair pela porta. Ela realmente não tinha nenhuma ideia do que aquelas pequenas coisas faziam. Apenas chegava em casa e já estava tudo limpo. Se isso não a matasse, não faria outra bagunça como esta novamente e iria comprar todas as unidades de limpeza.

—Urgh. — Ela gemeu, rastejando em suas mãos e joelhos através do chão.

Estava tentando usar seu vestido para varrer a sujeira. O mármore duro estava contundindo seus joelhos e palmas, mas ela pensava que era única forma de fazer isso, o pescoço doía e palpitava sua cabeça. Isto era definitivamente o inferno. De pés

esticou as costas, o chão se via com muita sujeira.

—Água. — Murmurou, sabendo que isso serviria.

Foi para a cozinha, notando que o balcão da cozinha ainda estava molhado, pensou que se secaria sozinho, pegando um balde encheu com água e viu o sabão, abriu a tampa e sentiu o cheiro. Era agradável e cheirava a limão.

Encolheu os ombros e despejou toda a garrafa causando espuma imediatamente. Que mal poderia fazer? Cheirava a limpo.

Quando o balde encheu, olhou para o chão. Talvez não fosse suficiente. Por via das dúvidas encheu outro e levou para a sala. Ao ver que o mais sujo estava aos pés da escada, esvaziou o conteúdo do balde no chão. O líquido foi para todas as partes. Logo virou o outro balde na outra direção.

—Já está. — Ela suspirou, orgulhosa. O pó saiu do chão e desapareceu na água. Além disso, como benefício o lugar cheirava a sabão. —Deixarei que seque e estará como novo. — Recolhendo os baldes, com um sentimento de missão cumprida, não se incomodou em guardá-los. Ela já havia terminado.



—Pelos ossos dos deuses!

Ualan encontrou o chão de mármore encharcado e deslizou através da superfície saponácea, quase perto de colidir com o sofá, tentando manter-se em pé. A água ensopou suas botas cheias de barro e amaldiçoou.

—Rigan!

Morrigan saiu correndo da cozinha. Ao ver o caminho de pegadas de lodo ao lado do piso ela gritou: —Oh, eu acabei de limpar! Olhe o que você fez! — A cara de espanto que fez, não tinha preço.

Ualan cuidadosamente caminhou através da água até um lugar seco. Estava salpicado de lodo dos pés à cabeça. Ele e os soldados haviam praticado esgrima com seu irmão nos pântanos. Foi uma grande diversão.

—Pare! — Morrigan gritou. —Você está sujando tudo!

Ualan procurou na poça a seu redor. Ironicamente, ele disse: —Não está nada limpo.

—Você, imbecil! Eu passei o dia todo naquele chão!

—O dia todo? — Ele perguntou duvidoso.

Parecia que não tinha feito nada para limpá-lo, exceto enchê-lo de água.

—Ah! — Morrigan estendeu as mãos. —Olhe as minhas

mãos. Estive me arrastando nelas o dia todo, tentando varrer aquela sujeira com meu avental. Eu juro alguém deveria inventar uma ferramenta para tornar isso mais fácil.

Ualan tentou não rir. Seu avental estava imundo, comprovando suas palavras.

Pensando que ele não acreditou nela ergueu sua saia até os joelhos contundidos e acrescentou: —Vejam meus joelhos estão me matando.

Desta vez ele riu, ainda que tenha aproveitado a visão.

—Eu não posso ver. — Ualan disse com uma profunda voz sensual. —Levante mais alto.

Morrigan empalideceu, deixando cair às saias. Ela não estava impressionada com ele.

—Olhe o que você fez. — Ela ordenou. —Tire suas botas.

Ualan a olhou, com faíscas nos olhos. Sua raiva havia sumido por completo. Ela estava muito séria. Ele começou a rir.

—Oh. — Ela lamentou. Seu corpo doía por toda parte e ela estava enjoada pela falta de comida. Um punhado de laranjas era tudo o que havia comido nestes dois dias. Virando-se para ele, ela disse: —Provavelmente me culpará por toda essa bagunça, não é, homem das cavernas? E olhe para você. Está imundo.

—Fala como uma verdadeira esposa. — Ele murmurou com

um sorriso discreto.

Com o rosto solto ela disse: —Eu não sou sua esposa. Eu sou sua escrava, homem das cavernas. Há uma grande diferença.

Ele ficou quieto.

—Bem pelo menos para mim existe. — Ela continuou. — Aposto que aqui tratam as esposas como escravas.

—Só quando elas merecerem. — Ele murmurou. Seu corpo estava tenso por um dia duro de trabalho e treinamento. —E normalmente nada mais são escravas na cama. Se você estiver interessada, declare que é minha esposa e então podemos revezar para ser o amo. Eu tenho uma corda...

—Homem das cavernas. — Ela murmurou, contente por apenas uma única palavra impedir de terminar o pensamento.

Ela começou a afastar-se dele, totalmente afetada por suas palavras e se odiando por isto, balançando as mãos ao andar.

—Eu não me importo com o que você faz, vou tomar banho e não vou recolher nada depois e não me importa se tenho que dormir com cem soldados!

Ualan sorriu, era demais. De momento não lhe importava que sua casa estivesse destroçada ou que a água ensopasse suas caríssimas almofadas de pele. Podia dar-se ao luxo de comprar cem mais. Ele a seguiu.

Ualan colocou a mão na porta do banheiro quando ela estava fechando-a. Fulminou-o esperando que gastasse suas energias. Sua mão foi suficiente para deter seu progresso.

—Isso não foi um convite, homem das cavernas. — Ela murmurou, desistindo de tentar fechá-lo de fora.

—Uma escrava nunca toma banho antes que seu senhor. — Ualan disse, passando por ela e sentando-se na extremidade da banheira águas termais. Balançando cabelo sujo por cima do ombro em desafio. —Mas, ela toma banho com seu senhor.

Levou um momento para entender os significados de suas palavras. Morrigan negou com a cabeça e tentou sair.

—Oh, não...

Ualan a pegou por seu cabelo longo e ela ofegou em surpresa. Seu cabelo estava ainda amarrado em um laço.

Franzindo o cenho, colocou-a de costas para ele com suavidade. Morrigan murmurou algo sobre bárbaros e os homens das cavernas e de golpeá-los com paus na cabeça. Ualan a moveu para que ficasse de pé entre suas pernas volumosas. Apertando-a com suas coxas, suavemente penteou seus cabelos com os dedos soltando-o. Morrigan tinha medo de se mover. Podia sentir como a acariciava. Quando terminou estava sem fôlego.

—Vire-se. — Ualan ordenou, sua voz baixa.

Amaldiçoando todo o tempo, ela obedeceu, virando-se entre suas pernas. Seus olhos estavam na altura de seu peito. Alcançando a porta, ele fechou prendendo-a. Seu cabelo se derramado em ondas abaixo de seus ombros como seda escura, evidenciando seus olhos grandes e pálido rosto. Seus lábios entreabertos, rogando-lhe, sem perceber, para que a beijasse e com frequência. Mas ela havia começado este jogo e ele terminaria como o vencedor.

—Dispa-me, escrava. — Ele suavemente disse.

Morrigan estava muito escravizada para pensar. Suas mãos estavam ansiosas para explorar o corpo de Ualan desde o momento que o viu meio nu na fila dos solteiros.

Mordendo os lábios, conduziu suas mãos trêmulas até os ombros de Ualan e seus dedos estremeceram.

Ualan podia sentir seus tremores enquanto passava os dedos por sua túnica. Seu corpo queimava onde tocava. O peito dela se agitou com respirações profundas, arrastada por seu olhar vaporoso.

—Você terá que levantar-se. — Morrigan respondeu com voz rouca.

Ualan ficou de pé. Morrigan quase se arrependeu, por suas sugestões. Ele dominava o banheiro e tudo o que havia nele, incluindo-a.

Lambendo os lábios um pouco, começou a levantar a

túnica. Puxou-a sobre sua cabeça com muito esforço. Ele se recusava a ajudar, inclusive colocava resistência. Vendo seu peito nu, ela hesitou. Quando ele desceu as mãos, de propósito roçou seus seios.

—Ah. — Ela disse em resposta.

—A calça escrava ou eu terei que mandar você para a rainha. — Ualan disse, se divertindo completamente.

Ela perdeu a voz, seus dedos deslizaram sob sua pele, a carne molhada de suor por suas excursões. Chegando aos laços saltou a calça da cintura, puxou, mas não empurrou para baixo.

—Suas botas. — Morrigan sussurrou, fazendo seu melhor não olhar e miseravelmente falhando.

Ualan chutou as botas fora de seus pés, seguidas por suas meias. Ruborizada, ela afastou os olhos e depressa puxou o material preto de sua calça até os tornozelos. Recusando-se a olhar, ela afastou-se.

—Já está. Agora eu vou embora.

—Você me dará um banho, escrava. — Ualan avançou, passando a mão pelo painel na parede. Imediatamente, da cascata começou a cair água formando uma piscina na parte inferior. Entrou na água, orgulhoso e sem vergonha de sua tensa nudez. Ualan fechou seus olhos, o doce perfume do desejo de Morrigan já inundava sua cabeça. Esta seria a classe de tortura a que inclusive um guerreiro mais duro não sobreviveria.

Abrindo os olhos para ver porque ela não obedecia, olhou-a. Ela estava tremendo.

—Venha e enxágua-me, a água está quente. — Ele disse enquanto se virava para colocar as mãos onde caia a água em baixo das pedras. Apoiou-se contra a parede, inclinando seu pescoço para frente para deixar as correntes de água quente deslizar sobre sua cabeça. Ele ouviu um salpico atrás, mas não se moveu. Morrigan olhou cautelosamente suas costas, recusando-se a tirar seu uniforme à medida que entrava. Toda polegada de seu corpo era como pedra lavrada. Olhou seu corpo de gladiador. A faixa de ouro em seu braço brilhava na luz de cima da cascata. Sua pele bronzeada resplandecia. Ao chegar a seu braço, puxou gentilmente a pulseira de seu bíceps e deixou-a no chão. Ele ergueu seu braço atrás para a parede, rolando sua cabeça em seus ombros, e deixando a água cair em sua boca.

—Sabão?— Ela perguntou, ofegando.

Ualan sorriu. Sua voz era áspera pelo esforço dela em falar. Com um movimento de cabeça, apontou a seu lado. Morrigan ruborizou ao ver a garrafa simples à vista; pegou-a e levantou suas mãos ensaboadas. Com cautela começou a esfregar sua pele, dirigindo seus dedos por suas costas e ombros tensos. Ualan gemeu quando ela esfregou seu pescoço, aliviando a tensão dele com seus dedos. Ele sentiu o movimento da saia molhada na parte posterior de suas penas enquanto trabalhava.

As mãos de Morrigan continuaram movendo-se tentadoramente sobre ele, tocando, apertando e inconscientemente provando sua firmeza. Estava deixando-o louco e estava apenas massageando suas costas, quando suas mãos molhadas alcançaram seus quadris Ualan quase gemeu dolorosamente. Com os olhos apertados e o corpo rígido, deixou-a massagear suas nádegas e suas pernas.

Morrigan estava encantada com ele, a textura de sua pele a fascinava, olhá-lo ascendia seu sangue. Seus lábios se abriram, esperando prová-lo. Ele não fez nada para encorajá-la, pelo que se conteve. Tinha que se lembrar que isto era uma tarefa e não um prazer.

Mas, oh, era tão prazeroso!

No momento que começou a lavá-lo de volta para cima, seus dedos já não massageavam, mas acariciavam. Deslizaram sobre ele com movimentos longos, chegando mais além de duas pernas e nádegas, até os lados e ao longo de seus braços. Ela não pode alcançar suas mãos assim foi completamente para frente dele molhando ainda mais seu vestido.

Sem pensar, seguiu com seus dedos inquietos seu peito, bloqueando a água com suas costas, que ensopava sua roupa e o cabelo. Os olhos de Ualan a perfuravam enquanto trabalhava sobre seus braços e pescoço. O material molhado se agarrava sedutoramente à sua pele.

Timidamente, ela devolveu o olhar, capturando-o. Sua

respiração aumentou. Ela se esqueceu quem ele era, onde ela estava. Tudo o que importava era o modo como a olhava e o calor dolorido que aumentava em seu interior.

Mantendo seu constante e audaz olhar, lentamente começou a fazer movimentos circulares mais abaixo em seu estômago.

Os músculos se tensaram, mas ele não se moveu. Ela afastou um pouco seus quadris, suplicando em silêncio, para que a seguisse, para que a prendesse entre as ásperas pedras e seu maravilhoso corpo. Seus seios se arquearam, a água quente corria tentadoramente sobre eles, o áspero tecido do vestido se aferrava aos inchados seios.

Depois de ter acariciado suas pernas, havia apenas um lugar faltando. Ela não olhou, mas podia sentir o calor que irradiava próximo de suas mãos. Os olhos dele se estreitaram até formar pequenos lagos, desafiando-a a seguir em frente. Ela lentamente se moveu adiante. Ofegando, seus dedos deslizaram por sua longa ereção. O tamanho a assustou e se afastou. Tinha esse tamanho à noite anterior em sua tenda? Por que ela não se lembrava disto?

—Terminei. — Morrigan respirou. O som fraco apenas sussurrado acima do barulho da água.

—Você está suja. — Ualan rosnou. Seus olhos vorazes não se afastaram dela, devorando-a. —Tire o vestido e lave-se.

—Você disse que nós... as escravas... — Seu rosto ficou vermelho.

—Lave-se para mim. — Ualan ordenou. O baixo grunhido em sua garganta soou como uma fera. Aproximou-se um pouco mais e sussurrou em um tom ao mesmo tempo mortal e estimulante. —Tire a roupa.

Morrigan começou a se mover para o lado para obedecer. Ele abaixou suas mãos nas pedras, para prendê-la.

—Aqui. — Suavemente ordenou, num tom cheio de promessas. — Tire a roupa para mim aqui.

Morrigan tremeu, mas não podia negar-se diante de seus olhos. Alcançando seu avental, ela soltou-o de sua estreita cintura. Aproximando-se dele para jogá-lo por suas costas no chão. Aterrissou com barulho.

Os olhos de Ualan caíram no vestido, esperando.

Levantou o vestido para revelar o corpo nu e jogou-o de lado. Seus olhos se encheram de timidez, antes de olhar para Ualan para ver sua reação ante ela. Não ficou desapontada. Ele fundiu seu olhar apreciando cada linha dela. A água corria por sua pele aquecida e não esfriava.

Quando a olhou até se encher, inclinou-se lentamente para ela. Com voz rouca ordenou: —Lave-se.

Morrigan cegamente agarrou o sabão na borda, colocou um

pouco na palma, ensaboou seus dedos. Gradualmente foi subindo por seus braços e ombros. Continuando lavou o rosto, inclinando-se para trás para enxaguar. Quando pode abrir os olhos, Ualan movimentou a cabeça até ela assentindo para que fosse para seus seios. Seus lábios se abriram e viu sua língua persistente entre os lábios.

Ela novamente obedeceu, olhando para baixo à medida que trabalhava. Foi um engano. A prova masculina estava levantando-se para ela. Para decepção de Ualan, ela terminou logo com o resto do corpo e enxaguou, dando-lhe as costas. Olhando em seu traseiro firme, ele quase gemeu ante o tormento de ver os rastros do sabão que se moviam entre seu traseiro. Sua mão se contraiu, tentando-o a agarrá-la.

Sem parar para pensar no perigo que seria tocá-la, ele segurou seu firme e molhado corpo entre seus braços. Morrigan ofegou ao senti-lo.

As mãos grandes de Ualan se apoderaram de sua carne, mantendo seus dedos explorando. Levou-a até a fonte de vapor antes de colocá-la sobre a água borbulhante. A água quente se enroscava ao redor de seus pés esquentando suas pernas. Ualan pegou o sabão e colocou o branco e cremoso líquido em suas mãos, esfregando para ensaboar.

—Você está ainda está suja. — Ualan insistiu, levando a espuma para o corpo dela, como se não tivesse feito um bom trabalho e ele mesmo tivesse que fazê-lo. A água e o vapor

estavam ao redor deles.

Morrigan seguiu seu exemplo com avidez, colocando o sabão nas palmas e começando a lavá-lo novamente. O sabão deslizava por seus corpos, ajudando suas penetrantes carícias. Ualan ensaboou seu cabelo. O corpo de Morrigan cantava de desejo. Os dedos de Morrigan deslizavam audazes sobre os músculos tão duros como pedras. Ensaboou seu cabelo explorando-o. Separaram-se, enxaguaram e voltaram a explorar, pegando mais sabão.

Os dedos dela redescobriram vales e picos com urgência. Morrigan aproximou seu corpo a medida que Ualan explorava suas costas, gostando da forma como o sabão fazia seus mamilos endurecer contra o peito dele.

A agonia de seu desejo estava ainda aprisionada em sua pele, a espera da libertação, desde o momento que o viu. Sua boca beijou seu pescoço. Ela soltou um gemido suave e feminino.

Ualan quase morreu, afastando-a. As leis escravo/senhor eram antigas e claras. Ele não podia dar-lhe prazer. Porque o escravo estava abaixo de um príncipe. Mas, ela poderia com gosto dar a ele.

Ele ergueu sua mão coberta de sabão para seus lábios, passando um dedo através da divisão inchada.

Então, inclinando-se, beijou-a profundamente, mostrando-

lhe que o sabão era seguro. O gosto adocicava seu beijo. Ela gemeu contra ele.

As mãos de Morrigan se tornaram mais insistentes, deslizavam por seu corpo, sobre seus quadris. Queria que sentisse tanto desejo como ela. Queria que ele se contorcesse em desespero, queria acabar.

Com suas corajosas mãos, Ualan a persuadia a continuar. A boca de Morrigan o provou, movendo-se sobre seus mamilos que estavam doces com o sabão, pressionando suavemente com seus dedos, para que continuasse até seu estômago. Morrigan se deixou cair sobre os joelhos na banheira grande, à espuma de seu corpo caiu na água. Suas mãos deslizaram por seu traseiro, agarrando e apertando com deleite.

Parando, ela olhou para ele. Seus olhos estavam fechados. Com um grunhido, ele lançou uma apaixonada súplica e sentou-se na beirada da banheira, pegando seu braço, obrigou-a que se ajoelhasse diante dele e levou sua mão ao calor de seu desejo. Ela corajosamente envolveu a longitude com seus dedos ensaboados. O sabão era como uma droga em sua boca explodindo suas papilas gustativas, incentivando a que beijasse outra vez seu estômago.

Ualan abriu as pernas, permitindo que se aproximasse mais e com uma mão firme em seu ombro levou sua boca para sua ereção aquecida. Em um excesso de confiança e sem vergonha, ele colocou a ponta de seu membro sobre seus lábios e

esfregou. Ualan deixou uma mão no ombro de Morrigan, a outra encontrou seu cabelo, respirando profundamente, fechou os dedos sobre a cabeça dela, aproximando sua boca dele.

Morrigan ofegou, insegura sobre o que fazer. Mas quando a doce tentação açucarada do sabão entrou em sua boca, ela chupou a doçura para saboreá-lo. Ualan gemeu fortemente com aprovação. Firmemente, ele usou seu cabelo para controlá-la, forçando que sua boca viajasse por todo seu membro.

Morrigan sorriu contra ele, deleitando-se com seu tamanho e gosto, tornando-se viciada no controle que exercia sobre ele. Seus dedos se enterraram em suas coxas. Ela chupou mais forte, aprendendo de Ualan como satisfazê-lo. Morrigan estava cercada de sensações, calor, as gentis carícias da água, a doçura em sua boca, a firme insistência da mão sobre seu cabelo. A paixão de Ualan era cada vez mais forte enquanto gemia e gritava sem inibições.

As mãos de Morrigan deslizavam e agarravam com tensão seus quadris e começou a controlar as estocadas. Ela estava perdida em Ualan e sabia. Não havia emoção comparada com a que ele proporcionava. Ele tomou seus desejos, ensinado-a como satisfazê-los. Nada importava. Ela não podia pensar, não podia agir além da vontade de seu corpo e amava isto. Com ele não existia nenhuma vergonha, nenhuma parada.

De repente, ele ficou tenso, com um movimento brusco a afastou. Com um gemido se libertou e se derramou na água. Um

grunhido de satisfação escapou de seus lábios e sentou-se na água para se lavar. As mãos de Morrigan o agarraram. Sem pausa, ele a pegou firmemente pelos quadris e girou-a para que ficasse de joelhos ante ele na água.

Inclinando-se acima de seu ombro, ele suavemente correu seus dedos abaixo por suas costas. Ela gemeu, esperando. Seu corpo fervia, estava pronto.

Para seu horror, ele disse: —Obrigado, escrava, pelo presente. Você pode ficar em minha casa.

Quando Morrigan olhou por cima do ombro, foi para ver seu corpo arrogante, nu andando a passos largos para fora do banheiro. Ela sufocou um soluço miserável. Ele fez isto novamente.

Capítulo Nove



Os próximos dias não passaram em harmonia. Morrigan se negava a falar com Ualan, escondendo-se no outro lado da casa sempre que ele estava perto. Ele não ousava perguntar o que ela fazia o dia todo sozinha e sua raiva silenciosa não lhe permitia conversar. Sabia que ela passava todo o tempo sozinha, aos escravos não era permitido companhia, exceto os senhores e outros escravos. Não havia outros escravos na fortaleza Draig.

Depois de descobrir que sua esposa era definitivamente pior limpando que sujando, ele enviou um grupo de empregados à sua casa. Instruiu-os que apenas falassem em sua antiga língua, para que Morrigan ficasse calada o tempo todo por não entendê-los.

A verdade era que ele deixava a casa para evitar seus olhares acusadores. Assegurou-se de enviar-lhe comida pelo silencioso Mirox. O empregado disse a ele que em várias ocasiões Morrigan tentou conversar com ele. Ualan odiava não poder dizer ao homem que contestasse com amabilidade. Várias vezes teve a sensação de ver lágrimas nos olhos dela, mas ela virava a cabeça muito rápido e não podia vê-las. Sua dor era um eco de descontentamento em seu peito. O cristal havia unido seus sentimentos, para que seu casamento fosse abençoado

com a compreensão. Ele aceitou isso ao casar-se. Ela não.

Sua esposa nunca entenderia o quão difícil foi para ele deixá-la naquela situação tão necessitada. Até que ela o aceitasse livremente, nunca experimentaria seus sentimentos como ele o fazia com ela. Forçando-se a afastar-se, da doçura de sua libertação foi fraca em comparação com o desejo não satisfeito de Morrigan. Sabia que sua irritação era apenas uma forma de defesa, escondendo a profunda rejeição que sentia por sua traição. Ualan amaldiçoou-se por ter aceitado o “presente” da escrava. Deveria ter imaginado. Mas quando ela o beijou, com vontade de dar-lhe prazer, isso o deixou fraco e foi embora seu bom senso. Agora não podia fazer nada para ganhá-la outra vez e, por muito que ela estivesse sofrendo, ele sofria mais pela culpa, era uma carga muito pesada para um guerreiro, mais do que podia suportar.

—Você perdeu o treinamento novamente, irmão. — Disse Olek, olhando para baixo onde Ualan se sentava contra uma árvore gigante.

Olek era muito parecido a Ualan, com a mesma constituição e o mesmo cabelo castanho. Ainda que o usasse com duas tranças. Os suaves olhos verdes de Olek estavam tensos e cansados, mas tentou lidar com isso como um sorriso irônico.

Ualan levantou a mão em sinal de saudação, sem importar-se em parar ou explicar. Os suaves murmúrios do ritmo das águas do Lago Cristal o rodeavam. O céu verde era leve e

soprava agitando a distância as nuvens. O canto de uma ave azul aninhada na árvore se ouvia acima deles. Sentando-se a seu lado, Olek levantou uma grama do chão, cuidadosamente a colocou na boca.

—Vejo que nós dois fomos amaldiçoados. — Olek Murmurou. —Para que não possamos evitar seu dever e o meu.

Ualan não tentou negar.

—Minha esposa se proclamou uma escrava, dado que confirmou, não posso liberá-la.

—Sim, não posso te ajudar com isso. A lei declara claramente que só ela pode buscar o perdão real.

—Ela não irá. — Ualan contestou a pergunta não feita por seu irmão. —E eu não tenho nenhuma ideia de como persuadi-la.

—Ela sabe quem você é? Ela sabe que é você quem pode absolvê-la? — Disse com olhos curiosos o príncipe embaixador.

—Não, não quero que ela saiba antes de admitir que é minha esposa. Não quero que considere meu nascimento real. Frustraria o propósito das máscaras. O jardineiro e o rei eram iguais ante o cristal.

—Acho que nosso rei está considerando não voltar a fazer negócios com Noivas da Galáxia novamente. — Olek riu, ainda que Ualan percebesse que ele estava deprimido. —Irá enviar ao

invés seus filhos.

—Sim.

—É verdade que ela anunciou que estava te deixando logo depois de quebrar seu cristal? — Olek perguntou.

—Sim! Morrigan deveria achar um hangar espacial. — Queixou-se Ualan, dizendo a modo de resposta com um gesto cansado.

—Ai, talvez tenha encontrado o hangar espacial de nosso inimigo. — Olek disse. Quando Ualan o olhou com surpresa, Olek continuou. —Há rumores de que nossas noivas não foram vistas dentro do castelo.

—E quem ousar espalhar tal rumor?

—Partidários de Var, seria minha suposição. Nosso pai decretou um festival em honra a suas novas filhas para coroá-las. Nós temos uma semana para convencê-las.

—Eu não aprecio a ideia de nossas noivas se encontrando. Não gostaria de vê-las unidas. Ualan grunhiu com seus olhos azuis sombrios. —Não posso esconder o fato que ela seja uma escrava. Não posso levá-la.

—Ah! Nossa mãe começou o rumor entre suas empregadas que ela faz isto por vergonha, por ter-se comportado assim depois de romper o cristal. Logo será notícia pública. Ela será respeitada por pagar sua honra.

Ualan teve que reconhecer em silêncio o bom tato de sua mãe. Seus modos diplomáticos eram um grande complemento para um guerreiro corajoso, seu pai.

—Os temores do rei são que os Vars têm espiões dentro de nossas paredes. — Olek respondeu.

—E você? — Ualan perguntou. Uma semana pensando em Morrigan? Não era provável.

—Eu estava na sombra dos pântanos, antes do festival começar, foram extraordinariamente audazes. Eles planejam algo.

—Hmm.

—Eu sei que de algo que alegrará você, irmão. — Olek riu. —A noiva de Yusef apontou sua espada para sua virilidade. Está moralmente obrigado a castigá-la.

Ambos os irmãos compartilhados uma risada cordial e impressionantemente sorrisos bonitos. Sua alegria fez eco no bosque que os rodeava.

—Ela fez...? — Ualan disse.

—Não, só um arranhão.

—Eu ouvi que a noiva de Zoran grita como um cano enferrujado quando ele tenta tocá-la. — Ualan admitiu. —Estou contente por viver do outro lado do palácio.

—Mamãe está bastante chateada com isto. — Olek respondeu, tirando a grama de sua boca e lançando-a na água. Ele observou-a flutuador longe. —Parece que Zoran se sentiu compelido a desfigurar sua esposa e cortar todo o cabelo dela. O castelo está fervendo com o rumor e ninguém a viu ainda.

—Isso não faz nenhum sentido. Zoran não envergonharia sua esposa.

—Nosso pai diz que viu. — Olek respondeu com um encolher dos ombros. —Ele está chateado por causa da celebração. Minha esposa tem estes aparelhos, verei se tem algo para crescer o cabelo da pobre mulher.

—Sim, se o que você diz é verdade, nós não podemos deixar que mais vergonha venha para a família. Teremos muita sorte de sermos assassinados esta noite por nossas esposas.

Olek riu cansado.

—E você, irmão? — Ualan perguntou. —O que aflige sua noiva para que não te aceite?

Olek franziu o cenho, ficando de pé. Estendeu sua mão para Ualan juntar-se ele.

—Verdadeiramente não sei. Mas acho que sou o mais maldito de nós todos. Minha pequena flor não quer ter nada comigo. Ao menos sua mulher luta com você. A minha nem fala comigo, apenas grita. Como se pode lutar uma batalha que não vencerá?



Três dias de silêncio era mais que suficiente decidiu Ualan, ainda que ele não estivesse obrigado a fazer as coisas pelo decreto de seu pai antes do dia do festival. Além disso, um guerreiro não evitava as batalhas e o tempo de planejamento estratégico havia terminado. Sua esposa iria a ele, se encarregaria disso.

De pé com as mãos nos quadris, Ualan podia ver que sua “escrava” não sentia o mesmo. Parecia muito satisfeita deitada no sofá, olhando fixamente o fogo na lareira como se ele não estivesse ali. Continuava vestida como empregada, seu cabelo preso em um coque. Ele fez uma careta, odiando como as presilhas impediam seu cabelo de cair entre seus dedos.

Sabia que continuava usando o uniforme como um protesto mudo, já que ele não decretou que não deveria continuar usando e que suas roupas estavam no armário.

O uniforme estava limpo e passado, mas desejou por um momento vesti-la com os mais finos vestidos de uma dama. Na aldeia, o alfaiate e sua esposa, a costureira, tinham muitos panos que se ajustariam a sua cor. Com um sorriso malicioso, reconheceu que também se encaixaria a seus desejos

masculinos vê-la melhor vestida ou não vestida em absoluto. Ualan soube que o sentiu se aproximar. Ela respirou profundamente, mas depois inspirou e segurou o fôlego e as batidas do coração começaram a aumentar. Relutante teve que admirar sua determinação. Ela era uma mulher teimosa. Pelo que sabia, a maioria das esposas teriam reclamado do abandono, por terem sido obrigadas a suportar a solidão e o silêncio.

Morrigan ficou tensa, momentaneamente surpresa quando Ualan se manteve junto a ela e não passou longe como havia feito nos últimos dias. Sabia que ele estava dando-lhe tempo para esfriar seu temperamento e possivelmente castigá-la com a lei do gelo. O que ele parecia não entender era que navegou nas estrelas por meses, sozinha, apenas com um computador para conversar. Três dias não eram nada. Ela podia resistir por um ano.

Ela fez isto antes.

—Suficiente. — Ele murmurou em desgosto, ainda de pé. — Eu não terei mais de seu silêncio, escrava.

—Você prefere que eu grite, homem das cavernas? — Ela rosnou. Seus olhos imediatamente relampejar com calor e Ualan pensou que talvez o silêncio fosse melhor que falar. —Ou apenas corte sua garganta enquanto você dorme?

Ualan, cujos lábios estavam tentados a formar um sorriso, depressa franziu o cenho. Com uma velocidade sobrenatural

chegou onde ela estava sentada no sofá, pegou seu pescoço com as mãos e apertou. Morrigan ofegou com surpresa com o ataque inesperado, mas manteve-se imóvel, negando-se a mostrar medo. Ualan não tiraria sua vida enforcando-a. Mas, podia sentir seu poder em apenas uma mão.

—Você ousa ameaçar seu marido? — Ele rosnou, incrédulo. Seus olhos relampejavam um ouro perigoso. Morrigan estreitou os olhos ao perceber isso.

Apertando os dentes furiosa ela devolveu.

—Quantas vezes tenho que dizer homem das...!

Ualan apertou seus dedos cortando suas palavras e parte do ar. Seu cabelo se soltou e caiu pelas mãos dele, enquanto ela lutava. Incapaz de resistir, cravou as unhas em seu braço tentando tirar sangue, mas apenas o arranhou. Ualan a sacudiu. Quando ficou rígida, estremecendo de medo, afrouxou um pouco.

—Chame-me outra vez assim, esposa, e terei sua cabeça, aguentei muito de sua insolência, mas não mais. Você entendeu? Eu terei obediência e ordem em minha casa.

Os lábios de Morrigan tremeram, tolamente, ela bateu em seu rosto gritando: —Eu não sou sua esp... ugh!

A mão apertou. Ele até não vacilou com o ardor de sua mão em seu rosto.

—Você entendeu?

Quando ele a deixou ir, Morrigan depressa movimentou a cabeça, ainda que seus olhos fossem como punhais. A mão suavizou, libertando-a.

Morrigan afastou-se, ofegando e tocando a garganta em busca de lesões. Estava bem. Sentir o poder dele, o controle constante, fez com que algo mudasse nela. Seu interior se derretia e ela quase desmaiou de desejo.

Os olhos de Ualan se estreitaram.

Tomando várias respirações, ela pronunciou: —Eu não sou sua esposa, homem das... — Ela parou a tempo.

Suas palavras careciam do fogo da convicção, enquanto o olhava com seus grandes olhos. Viu um desejo profundo nele, ou tinha se equivocado? Não, a expressão de Ualan estava em branco, seus olhos resplandeciam. Fechando os olhos sentiu a onda de desejo outra vez e não saía dela. Inconscientemente, ela o puxou para ela. Não com as mãos, mas com seu desejo por ele, com o desejo que sentia fundindo-se nela, fazendo sinais.

Foi muito duro para ela nestes últimos vários dias. Depois que a deixou na banheira, ficou ali quase uma hora, ofegante, furiosa, gritando, tramando sua morte de várias maneiras. Todo seu corpo o ansiava, mais que a paixão por viagens, mais que a aventura de viajar para galáxias distantes. Se apenas ele

pudesse ceder suas obstinadas maneiras...

Ualan pode ver a marca de sua mão no pescoço de Morrigan e sentiu pena. Fechando os olhos, deu leves beijos onde sua mão esteve e os lábios tentaram acalmar a dor.

Morrigan ofegou, mas estava fortemente concentrada em descobrir o misterioso poder que flutuava ao redor de seus sentidos que a fez deixar beijá-lo neste momento. O corpo de Ualan se inclinou sobre ela, prendendo-a sem tocá-la. Suas mãos apoiadas do lado de sua cintura. Não se moveu, congelada, enquanto ele gentilmente reconfortava sua dor. Seus dedos trêmulos seguraram seu rosto onde ela o bateu.

Percorreu-a com beijos em seu queixo, leves e longos. Morrigan suspirou, sempre a atormentava com o que fazia bem. Sabia que ele iria parar antes dela encontrar prazer, porque o fazia sempre? Mas a leve esperança em seu interior lhe disse que esperasse, que talvez, apenas talvez, ele acabaria esta vez.

—Eu sinto muito por ter te machucado. — Ele murmurou no canto de seus lábios entreabertos. —Mas não pode ameaçar a vida de... seu senhor.

Esteve a ponto de dizer “Príncipe”, mas pensou melhor. Estava muito tranquila agora para arriscar a enfurecê-la.

Morrigan continuava com os olhos fechados, sabendo que ele estava arrependido. Não sabia como, mas ela quase podia sentir as batidas do coração dele no peito. Uma névoa cobriu

seu cérebro como a do cristal quando brilhava intensamente, os conectava, permitindo-lhes sentir um ao outro.

—Eu não quis bater em você. — Ela honestamente admitiu, antes de poder parar para pensar. —Tinha medo.

—Sou a única pessoa que não deve temer. — Ele sussurrou, roçando seus lábios contra os dela.

Sua voz era um sussurro, como se estivesse hipnotizado. Ela inspirou seu hálito, sentindo a conexão mais profunda. Era como se pudesse sentir seu desejo.

A verdade saiu sem travas.

—Você é a pessoa que me mantém prisioneira.

Ualan suspirou. Suas palavras o machucavam porque sabia que era verdade. Ela o temia. Como podia culpá-la? Toda vez que ela gritava, ele gritava de volta, ou muito pior, ele zombava dela, levando-a a uma horrível e insatisfeita paixão e a deixava assim.

Ualan franziu o cenho, percebendo o que ela estava fazendo. Ela estava tentando fazê-lo sentir o que ela sentia. Estava tentando construir a conexão que unia suas emoções como apenas podiam fazê-lo uma esposa e seu marido. Isso lhe permitiria ler seus pensamentos e com os anos de suficiente prática poderia ler partes de sua mente. Não estava pronto para se conectar dessa maneira, não com a distância que havia entre eles. Ela não podia sentir sua vulnerabilidade ante ela. Se o

fizesse, ele estaria perdido. Ela saberia como manipulá-lo e o controlar. Ualan não tinha nenhuma dúvida de que sua mulher o faria impiedosamente. Se ela conseguisse, ele seria condenado a passar o resto de sua vida sozinho.

—Você mantém você mesma prisioneira. — Ele disse. — Diga que é minha esposa e conseguirá sua liberdade. Minha casa será sua casa. — Ele não podia afastar seu beijo contra sua boca. —Meu mundo, seu mundo. — Outro beijo. —Minha cama... — Desta vez ele a beijou profundamente, chamuscando-a, sondando-a, deixando-o incapaz de terminar as palavras.

Morrigan ofegou.

Com seu toque se produziu uma corrente eletrizante de emoções que ela não podia processar.

—Que...? — Morrigan começou a questionar, afastando-se, tanto física quanto mentalmente. Ela piscou várias vezes. A conexão se rompeu e a névoa sumiu.

Ualan sabia que não podia apressá-la ao que lhe havia dado. Era muito cedo.

—Eu não posso ser uma esposa, Ualan. — Ela disse, com olhos honestos e tristes. —Ainda que eu quisesse ficar aqui, eu não posso. Eu tenha uma casa, amigos, um trabalho que faço bem. O que quer que eu faça? Fique e seja uma dona de casa? Eu não posso fazer isto, Ualan. Minha vida seria um inferno e a sua também. Além disso, você é tão jovem e... — Ela quase

disse bonito, mas hesitou. Suas sobrancelhas se ergueram, sabendo qual a palavra que não disse.

—Estas obrigações se podem aprender. De fato, você começará a treinar imediatamente com Mirox.

—O que?! — Ela silvou, todos os rastros de sentimentos que havia entre eles sumiram. —Alguma vez escuta o que eu falo?

—Eu escuto, Morrigan. — Ele disse suavemente e com um sorriso que era todo diabólico. —Mas suas palavras não fazem nenhum sentido. Você será uma esposa para mim, não duvide disso. Sua honra é de extrema importância para mim, porque reflete a minha, ainda que não leve a sério seus votos, eu o faço.

Morrigan ofegou. Ualan grunhiu com insolência e saiu pelas escadas até o quarto.

—Homem das cavernas. — Ela disse sob sua respiração, com a certeza de que a palavra estivesse muito baixa para ele ouvir.



—Eu entendo agora, minha senhora, por que escravizou a

si mesma. — Mirox disse com um firme movimento de sua cabeça enquanto a ensinava a varrer o chão com uma vassoura. Ela era qualquer coisa exceto uma aluna entusiástica e ele viu como rodava os olhos e se distraía com frequência. Ele educadamente escolheu ignorar seu mau humor. —É algo muito nobre o que esta fazendo. Deixará orgulhoso o nome de seu marido.

Morrigan franziu o cenho para o homem. Ele não falou com ela por dias, ainda que precisasse desesperadamente de um amigo com quem conversar... Alguém que não um bárbaro de quase dois metros de altura com os olhos azuis mais sensuais, e os mai firme... Argh! Ela estava fazendo isto novamente.

—Deve ser duro não poder ter ninguém para conversar com você. — Mirox continuou, dando-lhe a vassoura.

—Você está conversando comigo. — Ela murmurou.

Morrigan fez um trabalho rápido no chão, olhando o tempo todo o mármore brilhante, odiando-o por estar sujo.

Mirox arranhou a cicatriz em seu nariz, ignorando seu mau humor. Sentando-se nos degraus da escada, estendeu as pernas, cruzando nos tornozelos e observando-a trabalhar.

—Foi concedida permissão para falar com você para instruí-la. — Ele respondeu felizmente. —Foi uma grande honra que me deram.

—Sim. — Ela murmurou sarcasticamente sob sua

respiração. Ensinando-a limpar a cada do lorde homem das cavernas, era uma grande honra. De repente o olhou e perguntou em voz alta. —Por isso estava me ignorando? Porque tinha que fazê-lo?

—Sim, minha senhora.

—Morrigan está bem. — Ela despediu distraidamente, antes de passar vassoura para ele. —Certo, acabei. E agora?

Mirox escondeu sua diversão. A perfeição não era um dos pontos bons da senhora.

—Esfregão. — Ele ordenou. Apontou para o balde da água. Morrigan olhou como se quisesse esvaziá-lo na cabeça de Mirox, mas foi e agarrou-o sem comentários. Ele sorriu. Ela era teimosa, nunca reclamava, grunhia, mas não reclamava. —Devo dirigir-me à senhora de acordo com sua posição, minha senhora.

—Minha posição? — Morrigan perguntou, girando ao redor.

Ele movimentou a cabeça.

Morrigan estreitou seus olhos e sondou. —Então tenho uma posição? Qual? Eu sou da nobreza? Tenho um título?

Mirox ardilosamente evitou responde, mergulhando em uma longa explicação. Morrigan logo se distraiu trabalhando, deslizando o esfregão por onde varreu.

—Isto realmente é um inferno. — Ela murmurou. —Se alguma vez colocar as mãos nos Deuses de Ualan...

—Minha senhora?— Chamou Mirox, não a ouvindo.

—Acho que já terminei. — Ela respondeu com ironia.



Se antes não sabia como limpar definitivamente agora sabia e odiava com grande paixão. Não tinha nenhuma ideia de que o pó podia acumular-se em tantas coisas. Estava quase agradecida por não poder deixar a casa, porque Mirox chamou várias empregadas para atender à lavanderia e limpar as almofadas de pele. Justo agora iria fazer algo que não queria.

—Renuncio neste momento. — Morrigan firmemente disse, olhando o vaso do banheiro. —Eu não passei seis meses atravessando os pântanos de Luxes para limpar isto. Nunca ouviu falar em porto espacial? Limpam os solos, já sabe. É por isso que chamamos de avanço social.

Ualan riu, entre dentes, escondendo-se no canto do banheiro para escutar sua esposa e Mirox trabalhando. Foi uma grata surpresa encontrar sua casa em bom estado. Esperava encontrar Mirox pendurado na lareira e o mobiliário destruído.

—Minha senhora. — Mirox começou.

—Não. — Ela disse. —Fiz tudo que me pediu. Estou

cansada. Você pode dizer para seu senhor que...

Ualan sorriu quando deu a volta e a olhou. Seu rosto ficou vermelho de vergonha, mas logo se recompôs. Inclusive despenteada era bonita.

Mirox imediatamente se curvou.

—Meu senhor.

—Mirox. — Ualan contestou. —Por que não deixamos a escrava descansar? Ela se vê um pouco desgastada.

—Sim, meu senhor. — Mirox curvou-se, movendo-se para partir. —Eu voltarei de manhã, minha senhora.

Quando ouviram a porta se fechar atrás do homem, Morrigan franziu o cenho.

—Não me faça quaisquer favores, amo.

Para surpresa de Ualan, ela agarrou a escova de banheiro e começou a esfregar o vaso com fúria renovada. Escondendo sua risada, encolheu os ombros seu ombro e a deixou com seu trabalho.

Sua esposa tinha coragem, havia que conceder-lhe isso.



Quando ela saiu do banheiro quase uma hora mais tarde, Ualan estava sentando no sofá com um livro. Para sua surpresa, ele viu que o olhava com fome. Quando Morrigan percebeu que Ualan estava observando-a, ela piscou e virou o rosto.

—Gostaria de ver isto? — Ele suavemente perguntou, virando a cabeça, com a esperança de uma trégua. Não ia ser.

—Não posso ler em seu maldito idioma, amo. — Ela grunhiu. —E não tenho nenhum desejo de aprender.

Ualan suspirou, ao parecer “amo” que substituíra o “homem das cavernas”. Sua mentira era óbvia, sentia-se muito curiosa. Podia ver em seus olhos, sentir nela.

—Eu sei que você está interessada, Rigan. — Ele afetuosamente disse, fez um sinal para que se sentasse a seu lado. —Pegue o livro, vou ensinar você a ler.

Ele podia imaginar que estava lhe oferecendo a peste azul.

—Eu não quero ler seu horrível livro. — Ela respondeu, com a cabeça baixa. —Não quero nada de você, amo.

Então sorriu. Morrigan ofegou ao ver o amplo e sedutor

olhar que lhe lançou Ualan, sabendo que suas palavras eram uma mentira óbvia. Ela queria muitas coisas com ele.

—Oh. — Ela disse, virando-se para caminhar de volta para o banheiro. —Você é o mais incorrigível...

O resto de seu insulto se perdeu em grunhidos. Ualan estava secretamente contente por não saber o que eram essas palavras.



Morrigan deveria ter trancado a porta do banheiro. Sabia que deveria tê-lo feito, mas a água era um convite e quando se lembrou era tarde demais. Ualan estava parado de frente para ela, seus olhos estavam estreitados demonstrando claro interesse.

—Nem pense. — Disse Morrigan entre dentes. Seus olhos brilhavam em advertência enquanto afundava mais, tentando se esconder.

—O que? — Ele disse sorrindo, seus olhos tentando ver na água borbulhante.

—Você vai tomar banho sozinho esta noite, amo.

—Nenhum presente então? — Ualan quase se encolheu ante seu olhar furioso.

Ele esperava, mas podia evitar. Ela era muito bonita quando ficava brava. Além disso, com suficiente autoridade poderia manejá-la. Funcionava com os guerreiros que ele e seus irmãos governavam. Ualan encolheu os ombros, afastando-se dela. O alívio de Morrigan durou muito pouco, porque Ualan começou a se despir.

—Você não vai entrar aqui, amo. Tem que esperar que eu termine!

—É minha casa, escrava. — Ele respondeu. Mas não entrou na banheira. Ao invés ele foi para o chuveiro, tomando um rápido banho.

Os olhos de Morrigan não se afastaram dele enquanto tomava banho. Seu corpo cantou com fogo líquido, recordando o que era ter essas mãos em seu corpo. Ualan não se virou para ela. Quando ele terminou, ela ainda não tinha se movido.

Ualan balançou uma mão, fechou a água e pegou uma toalha, colocando-a na frente dele, mas não se envolveu nela. Deu a volta e piscou para ela. Morrigan ruborizou, mortificada. Secou o rosto.

—Vejo que está ardendo escrava. — Ele disse de forma tranquila, caminhando nu e molhado pelo lugar.

—Deixe de molhar o chão. — Morrigan gritou a única coisa

que lhe veio à cabeça.

—Fala como uma verdadeira esposa!

Morrigan ofegou, jurando que se alguma vez tivesse uma faca na mão lhe cortaria a língua da sua bárbara boca.

Capítulo Dez



A limpeza era ruim. Mas isto, isto era intolerável.

—Eu não vou vestir isto. — Morrigan disse com as sobancelhas levantadas, as mãos nos quadris. —E você não pode me obrigar.

Morrigan olhou para o traje que a professora de dança levantava para ela experimentar. Se os trajes do Festival de Reprodução foram ruins, estes artigos de vestuário de harém eram simplesmente horríveis. Pelo que podia ver, a coisa apenas cobriria suas partes mais privadas e nada mais. Supunha-se que aquela corrente subia por seu...? De nenhum modo.

Cordele, a instrutora de dança foi enviada para ensinar Morrigan a dançar o tradicional baile de prazer da esposa, olhava confusa para Mirox.

Mirox suspirou. Voltando a observar a mulher cuidadosamente, ele disse: — Meu senhor instruiu que se não desejasse aprender nossas danças tradicionais hoje, deveria fazê-la limpar a casa inteira. Começando do banheiro.

Morrigan negou-se. Dançar soava melhor que limpar novamente. Ela faria quase qualquer coisa para evitar aquela tarefa. Seus músculos apenas estavam um pouco duros esta

manhã, graças à fonte de água quente.

—Eu não disse que eu não iria dançar. Apenas disse que não vestiria isto. — Morrigan apontou para o pequeno traje que Cordele segurava. —Eu vestirei o que estou usando.

A mulher abaixou seu braço com um encolher os ombros que dizia: Faça o que quiser.

Cordele sacudiu sua mão sobre uma unidade em seu pulso. Imediatamente a música Qurilixien soou no corredor dianteiro. Ergueu a mão e começou a movê-las, junto com seus quadris, movimentando a cabeça para Morrigan fazer o mesmo. A mulher não tinha permissão para falar, exceto emitir instruções como um sargento, o que assegurava um longo dia de lições.

—Eu não sei por que ele quer que eu aprenda isto. — Morrigan disse a um ponto olhando para Mirox. Inclinou-se para frente copiando Cordele. Ela tirou seu avental e ergueu as mangas. Pode ver porque o pequeno traje teria sido mais cômodo sobre sua pele, mas era muito teimosa para vesti-lo.

—É agradável para um marido que sua esposa dance para ele. — Mirox disse como se tal coisa fosse de conhecimento público. —Você está fazendo muito bem.

—E se eu disser a você, Mirox, que eu realmente não me importo em agradar Ualan? — Morrigan riu quando Mirox realmente caiu do sofá em seu assombro.

—Minha senhora. — Ele se levantou, movendo a cabeça,

como se ela fosse uma criança insolente, disse: —Você não deveria dizer tais coisas, até em gracejo.

O sorriso de Morrigan aumentou quando ela sacudiu um pulso e então outro. Cordele movimentou a cabeça em aprovação. Inclinando a cabeça Morrigan perguntou: —No outro dia, por que disse que ser um escravo era uma coisa nobre da minha parte. Quero dizer, eu sou uma escrava.

—Você restaurou sua reputação, minha senhora. — Mirox respondeu. Então, parecendo entender sua confusão, ele disse: —O escravo é o nível mais baixo. Nós a respeitamos muito por tê-lo escolhido. Mostra que você tem autodisciplina e deixará seu marido muito orgulhoso.

Morrigan não pensou que corrigir Mirox resolveria alguns de seus assuntos, então ela deixou a referência a seu “marido” passar.

—É um tempo de purificação, um tempo generoso. — Mirox continuou, distraidamente arranhando a cicatriz em seu nariz.

—O que quer dizer? — Morrigan perguntou, inclinando-se à direita e arqueando suas costas como sua mão para cima. Então dobrou seus braços sobre seu peito e meneou seus quadris.

Sua curiosidade jornalística despertou.

—Bem, você se nega os prazeres corporais. Um escravo não pode participar das refeições comuns, não pode conversar, não pode copular ou receber prazer.

—Quer dizer que não há nada de sexo? — Morrigan perguntou pensando na banheira.

Mirox se perguntava se o motivo do sorriso enquanto se afastava e logo começava novamente. Cordele parou a música, balançou a cabeça, e fez Morrigan tentar o movimento novamente.

Quando elas estavam novamente dançando, Mirox disse: — Fazê-lo seria um insulto à posição do escravo e por isso a razão de sua rejeição. É nossa lei. É considerada uma grande falta de honra uma pessoa dar a eles prazer.

—E o que acontece se romper esta lei? — Morrigan perguntou, um plano de chantagem se formando em seu cérebro.

—A pessoa será despojada de seu título e se tornará um escravo até que se arrependa e seja perdoado. O amo se torna o escravo.

—E se o escravo der prazer ao amo? O escravo se torna o amo? — Morrigan perguntou, completamente escravizada com o costume que encontrou inesperadamente. Se ela pudesse controlar Ualan e fazer dele um escravo... Ela sorriu. Havia um montão de coisas que gostaria que seu pequeno escravo fizesse por ela. Oh, sim, e faria com que terminasse com ela também. Empurrando aqueles pensamentos de lado, ela se forçou a ouvir a resposta.

Mirox limpou a garganta, levemente envergonhado pela pergunta em questão e o olhar no rosto de sua senhora. Mas ela tinha perguntado, assim não podia se negar a responder.

—Está permitida. — Mirox disse. —É uma grande honra para o amo receber tal presente.

—Então eles não podem exigir isto?

—Não, eles não podem. — Ele concordou. Então, sorrindo, disse: —Se o amo for particularmente persuasivo, ele pode convencer o escravo. Mas ele nunca pode forçar.

—Se o que você diz é verdade, então sua lei não se aplica à realeza?

Mirox enrugado suas sobrancelhas, não entendendo.

—Eu quero dizer, se a rainha ficar descontente com sua escrava, pode fazer com que ela trabalhe como prostituta para os soldados... o que?

Mirox engasgou com própria saliva, tossindo apenas com a ideia. As mulheres escolhidas não podiam ser obrigadas a trabalhar como prostitutas. Nenhuma mulher poderia ser obrigada a trabalhar como prostituta.

Morrigan franziu o cenho ao ver o olhar dele.

Cordele bateu palmas para chamar sua atenção, salvando secretamente Mirox quando o despediu com um gesto para que se afastasse de sua aluna. Morrigan encolheu os ombros,

seguindo o giro. Mirox deu-lhe muito em que pensar. Se ela apenas pudesse achar um modo de escravizar Ualan, então ela podia fazer com que ele a deixasse sair de casa.

Cordele sorriu para sua aluna. Morrigan estava fazendo muito bem, para uma novata. Seu marido ficaria muito satisfeito com os esforços deste dia. Com um pouco prática, ela poderia dançar para ele no corredor comum para todos verem. Seria uma grande honra para os dois se ela o fizesse bem.

Provavelmente era algo bom que Cordele não pudesse compartilhar seus pensamentos com suas alunas. Era claro que para Morrigan dançar podia ser um grande exercício, mas Ualan nunca veria seu talento de primeira mão.



Ela não podia estar mais errada.

De pé apenas vestida com o repugnante e revelador traje de dança, Morrigan franziu o cenho com desgosto. Ao parecer Mirox se esqueceu de dizer a ela que no fim da lição, ela deveria dançar um pouco para seu marido para aprovar os progressos.

—Eu deveria ter escolhido limpeza. — Ela amargamente rosnou.

O traje não era mais que um top rosado repleto de joias combinando com uma erótica calça que se ajustava em uma espécie de tanga a seu traseiro. Um longo véu colocado em seu cabelo para esconder o traseiro, isso até que girasse os quadris de lado.

—Eu não vou sair assim. — Morrigan disse para Cordele que estava sorrindo como uma boba. Cordele não respondeu enquanto colocava uma pulseira de contas no pulso de Morrigan.

Morrigan franziu o cenho. Ela iria sair. Sabia que sim. O decreto de Ualan foi claro e havia suficiente ameaça em seu olhar, desafiando-a a desobedecer.

“Converta-se ao amo”, pensava Morrigan em silêncio. “Converta-o em seu escravo”. Então chegariam a um acordo para sua liberdade.

Hum, talvez dançar seria uma boa coisa. Sabia que esta ideia seria mais fácil dizer que fazer. Ela apenas teria que manter seus cinco sentidos funcionando.



O corpo de Ualan já estava tenso. Sabia que esta seria uma das noites mais longas de sua vida. Ele apenas havia visto uma

parte da cintura de Morrigan movendo-se quando havia chegado em casa. Isso teria sido suficiente para lamentar o que estava obrigado a fazer.

Ela tem que aprender que seu lugar é a meu lado como minha esposa, se quisermos ter alguma possibilidade de um casamento "feliz", ele pensou.

Estava sentado no sofá, de frente ao fogo central. Quando Morrigan desapareceu no banheiro para trocar de roupa quase meia hora antes, havia abaixado às luzes e criado o ambiente. Vestiu uma calça de algodão solta, com um cordão na parte da frente. A cor de carvão escuro era um contraste bonito contra a camiseta clara que usava. Seus pés descalços flexionados de frente a ele e seus braços descansando na parte de trás do sofá. Se pudesse fazer algo, ela se arrependeria esta noite de sua escravidão.

Por tudo que era sagrado, ele a queria. Ela assombrava seus sonhos com a lembrança de seus lábios exuberantes. Ela atormentava seus dias com a persistência de seu fogo teimoso. Ualan não demorou em descobrir que não era um homem paciente. Ele a queria e tinha a intenção de tê-la.

Ualan quase saltou de antecipação quando ouviu passos. Olhando sobre o ombro, viu Cordele e movimentou a cabeça. A mulher respondeu com um sorriso cúmplice.

—Sairá em um momento. — A mulher sussurrou na língua Qurilixien. Suas palavras foram pronunciadas corretamente, mas

ainda conservava o sotaque de nascimento.

Ualan movimentou a cabeça. Sua garganta estava muito seca para agradecer a mulher. Obrigou-se a permanecer imóvel enquanto saía.

—Nós devíamos continuar com isso?

Ualan congelou, obrigando-se a si mesmo a não girar para vê-la. Erguendo a mão, indicou que caminhasse para frente com uma inclinação dos dedos.

Morrigan fez uma careta por trás de suas costas, mostrando a língua e grosseiramente zombando dele com silenciosos insultos. Respirando fundo, ela foi adiante. Desejou poder ter mais confiança em si mesma, mas interiormente estremeceu. O que a irritou, mas seus olhos buscaram desesperadamente sua aprovação. De pé ante ele no meio da sala, mas não muito certa, esperou. Seus olhos ficaram olhando o fogo como se fosse obrigada a fazer uma tarefa desagradável. Seu desinteresse a irritou e fez ficar até sarcástica.

“Converta-o em amo”, se lembrou em silêncio. “Converta-o em um escravo”. Então chegariam a um acordo por sua liberdade.

—Pronto, amo? — Ela murmurou com falsa doçura.

O pescoço de Ualan quase estalou como ele girou olhar para ela. Sua voz soou rouca, excitada.

Ualan engoliu em seco. Os redondos olhos de Morrigan o olhavam expectante. Seus lábios se separaram de forma exuberante com cada respiração, tentando-o. Ualan se conteve. Tinha que fazê-lo.

—Prossiga. — Ele respondeu, mantendo seu tom duro.

Enquanto ela se movia para colocar-se entre ele e chama central, Ualan perdeu a voz. Não podia falar mesmo se quisesse.

A luz do fogo desenhava a silhueta de seu corpo, envolvendo-o como um halo de erotismo ao redor de seus quadris quase nus e fazendo com que os cristais do top e calcinha brilhassem como as estrelas. Seus pés estavam descalços, como mandava a tradição. O barulho das contas do top o hipnotizava e ficou olhando seus seios e sua cintura com uma intensa fome masculina que crescia entre suas pernas que parecia estar em um constante estado de excitação e começou a agitar-se à medida que se endurecia de luxuria para atormentá-lo.

Morrigan viu como seus olhos brilharam como ouro líquido antes que ele virasse. Ele não se moveu. Seu tom duro foi apenas uma atuação. Morrigan sentiu como crescia seu poder. Logo ele estaria comendo na palma da sua mão.

Os pés de Ualan ainda estavam descansando à frente, cruzados na altura dos tornozelos. Suas roupas eram confortáveis, descuidadamente abraçando seu corpo forte. Ela, em toda sua vida nunca viu um homem que fazia com que suas

roupas se vissem tão... tão... deliciosa.

Morrigan tinha o estranho desejo de se ajoelhar ante ele e passar as mãos sobre as pernas fortes. Fazer dele seu escravo teria seus privilégios, ela decidiu, sempre e quando ele terminasse com o que se agitava com tanta facilidade em seu corpo. Talvez então não estivesse tão atormentada por pensamentos luxuriosos sobre ele. Ele sairia de seu sistema.

—Dance. — Ele sussurrou, cientes das faíscas entre eles. Seus braços permaneceram descansando de lado no sofá. Ele apertou as mãos para mantê-los ali.

Morrigan sorriu, não pode evitar. Passando o dedo por seu pulso, a música suavemente soou. Era arcaica em seus ritmos primitivos e sentia-se como se estivesse com um sultão.

A princípio estava um pouco nervosa e seus movimentos eram rígidos. Mas, lembrando o que Cordele disse, fechou seus olhos e imaginou que dançava sozinha. Quando seu corpo se soltou e pode sentir a música sedutora dentro dela provocando uma paixão primitiva, ela olhou corajosamente para Ualan.

Ele estava congelado, seu peito subia e descia ofegando quase com um animal. Enquanto se afastava dele para balançar os quadris com movimentos ondulantes, sua boca se abriu e seus olhos se abriram mais com assombro. Seu traseiro quase nu aparecia de lado dos véus. Os dedos de Ualan se apertaram fortemente em um punho. Rapidamente fechou a boca e relaxou as mãos antes que ela pudesse ver sua atônita expressão.

A música continuou. Quando Morrigan viu que tinha toda a atenção de Ualan, lentamente se aproximou. Uma batalha iluminada seus olhos estreitos, combinado com o olhar que ela lhe lançou. Um meio sorriso tocou seus lábios enquanto ela dançava a seu redor. Girando suas pernas sobre ele ao mesmo tempo em que se afastava até ficar fora de seu alcance.

Morrigan escondeu sua expressão travessa. Estava o momento de acrescentar uns quantos movimentos à dança. De repente estava agradecida por ter ficado amiga da bailarina exótica com a que morou um tempo enquanto estava no complexo Zigar. Esteve investigado um secreto romance entre o presidente de Zigar e a esposa de seu irmão. Que bagunça a situação foi!

Morrigan de repente se inclinou, erguendo o véu sobre seu ombro para expor suas costas enquanto se deixava abaixar. Com os joelhos de lado, inclinou-se para dançar sobre os pés de Ualan. Seu traseiro passou ante a cabeça de Ualan, fazendo círculos lentos à medida que subia.

As mãos de Ualan dispararam para frente com surpresa. Quase levantou-se completamente do sofá. Nunca antes viu algo assim. Abriu a boca, esperando dar uma mordida de amor no muito delicioso traseiro de sua esposa. Suas pernas longas estavam nuas, cobertas apenas com a luz do fogo.

Quando Morrigan deslizou para trás, deu a volta e balançou as pernas para montá-lo e enfrentou Ualan. As mãos dele

estavam cruzadas sobre seu peito. Seus olhos estavam fixos nela, ansiosos para ver o que iria fazer na continuação. O cheiro dela envolveu seus cativos sentidos.

Morrigan sabia que a canção estava chegando ao fim. Moveu seus quadris em círculos agonizantes, movendo seus pés e mãos em ondas, enquanto se aproximava mais. Ualan inclinou a cabeça para trás para poder observá-la. Com um balanço, seus quadris desceram, quase o suficiente baixo como para tocá-lo. Ualan se incorporou, levantando as pernas à medida que ela movia seus braços perto de sua cabeça. Seus olhos escuros brilhavam com o poder do feitiço.

A música acabou. O peito de Morrigan subia e descia enquanto tentava recuperar o fôlego. Ao ver os olhos de seu amo cheios de paixão, ela foi seduzida por sua atuação assim como ele. Pouco a pouco, foi descendo suas mãos que estavam próximas de sua cabeça e puxou até ficar de frente para ele.

Piscando disse: —Meu amo está contente?

A resposta de Ualan foi um grunhido, ao mesmo tempo em que a agarrava e a puxava para colocá-la em seu colo. No instante, começou a beijar seu pescoço. Seus dedos viajaram por sua coluna, apertando-a contra ele.

Morrigan agarrou seus ombros, assustada com a apaixonada pressão de seu corpo sobre ela.

Ualan não sentiu sua luta, pensando que ela sabia o que

estava fazendo. Sua dança dizia que ela sabia o que estava pedindo. E ele a ajudaria, seu corpo queria dizer a ela.

Ualan lançou beijos ardentes no pescoço de Morrigan. Agarrando seus quadris, a deslizou para frente, pressionando-a contra sua vibrante e quente longitude. Uma calcinha de algodão e uma camisa não eram rivais para o fogo que a consumia. Disparando uma potente chispa ao longo do corpo de Morrigan, deixando-a úmida e quente.

Morrigan ofegou ante a paixão dele.

—Você sente o quão satisfeito estou, Rigan? — Ele gemeu, esfregando-se nela.

Ela ofegou novamente. Talvez seu plano funcionou muito bem.

Ao ver que Morrigan não respondeu, ele insistiu.

—Você sente o que você faz comigo escrava?

Morrigan engoliu, movimentando a cabeça.

Seus olhos relampejavam com fogo dourado, cheirando seu desejo como um animal no cio.

—Onde você aprendeu a dançar assim? Cordele não ensina tal coisa.

—Complexo de Zigar. — Ela articulou fraco, muito longe para mentir.

Antes de Morrigan perceber o que ele estava fazendo, seu top soltou-se e caiu adiante para mostrar seus seios. Ualan soltou-a e inclinou-se sobre seus seios. Suas mãos puxaram o material deixando-a nua. Morrigan não moveu as mãos dos ombros de Ualan. Os dedos dele seguraram seus quadris. Massageando suavemente, mas implacável, ele insistiu.

—Dance para mim novamente.

Morrigan tentou ficar de pé. Ualan balançou a cabeça em negação. Seus dedos se moveram para seu braço para começar a música novamente.

—Aqui, dance para mim aqui.

As mãos em seus quadris a puxaram para frente, o que fez com que ficasse muito perto da fogosa ereção de Ualan.

Seus olhos a penetraram, esperando.

Lentamente, Morrigan começou a mover seus braços. Ualan movimentou a cabeça, contente. Seus olhos a devoravam, começando por seus seios. Seus quadris se moviam em círculos perto da cintura dele fazendo uma imitação mais lenta do que fez antes. Seu corpo roçava sua ereção.

—Oh. — Ele gemeu, fechando seus olhos em êxtase. Para surpresa e prazer dela, ele rosnou: —Você será minha morte, mulher.

Sua mão começou a se mover antes de abrir os olhos

novamente. Seu corpo se balançava levemente em um ritmo privado.

—Você faz-me queimar, Rigan. — Ele suspirou. Seu cabelo caiu em seus ombros.

Ele se moveu como se fosse pegar um de seus seios na boca, mas logo parou e lhe deu um mordisco nos lábios, negando o prazer a ambos.

Incapaz de parar as palavras, e seu corpo muito quente pela paixão para pensar com clareza, implorou timidamente: —Faça amor comigo, Ualan.

Ela parou de dançar, seus braços caindo de seus ombros.

Com um gesto rápido ele rasgou sua calcinha, abrindo suas pernas. Puxando-a entre suas coxas, a viu tremer com a carícia. Seria tão fácil descer sua calça de algodão e deslizar dentro dela.

Pegando seu quadril agora nu, sentiu seu traseiro, apertando-o enquanto se aproximava.

—É isto o que você quer? — Ordenou com um movimento suave, sua voz não deixando nenhuma dúvida de quem estava no comando.

—Sim. — Ela ofegou. Seu coração martelando em suas veias. Ela segurou seus ombros, controlando os movimentos.

—Você me quer dentro de você, não é, Rigan? — Ele

sussurrou para ela ardentemente. —Você quer me montar?

—Oh, Deus, sim. — Ela implorou, sem saber com o que concordava.

—Então diga, Morrigan, diga as palavras.

—Eu quero você dentro de mim. — Ela ofegou freneticamente. —Eu quero montar você.

Ualan sorriu, satisfeito. Inclinando-se, ele mordeu seus seios pontudos e suados. Rosnando contra sua pele, ele exigiu: —Quem eu sou para você, Rigan?

—Meu amo.

—Quem eu sou? — Ele insistiu novamente, mordendo a sólida protuberância levemente como castigo quando ela não respondeu corretamente. Ele lambeu a parte dolorida depois de pressionar a língua calmante.

—Meu senhor! — Ela disse mais alto.

Lentamente, ele a afastou de sua ereção. Morrigan piscou em confusão. Seus quadris tensos contra suas mãos fortes. Seus corpos se levantaram enquanto ele negava a ambos o prazer.

—Eu sou seu marido. — Ualan declarou sombriamente. — Diga isto.

Seus lábios tremiam, tentando dizer, mas ela balançou a cabeça em negação.

—Diga! Diga e termine com isto, Rigan. Diga que eu sou seu marido. Diga que você é minha esposa e acabe com isso.

— ocê. — Morrigan engoliu saliva para respirar. Seu corpo a odiava antes inclusive de dizer as palavras: —Você é meu amo e eu sou sua escrava.

—Oh, mas você é uma mulher teimosa!

Ualan rosnou, tirando-a de seu colo e jogando-a sobre o sofá. Ele estava tão bravo, seu corpo tremia e seus olhos estavam vendo vermelhos. Como ousava ela fazer isso com ele sem a intenção de ficar com ele? Ele não a entendia.

—Eu? — Morrigan gritou. Seu rosto vermelho quando cansou de se cobrir. Suas mãos não eram um bloqueio muito efetivo. A paixão negada fez com que sua raiva aumentasse. — Você é a pessoa que não pode aceitar um não como resposta. Você não é meu marido! Nós não estamos casados! Por que não pode você entender isto, Ualan? Eu sei que seu ego está ferido, mas não deveria estar. Eu não quero ser casada com ninguém. Não tem nada a ver com você.

—Tem tudo a ver comigo. Eu sou seu marido! — Ele gritou, quase com raiva demais para ver sua pele nua.

—Não, você não é! Você é um lunático que parece não entender quando está sobre o efeito de um feitiço. Eu quero romper isso Ualan. Eu quero ir para casa!

—Está é sua casa, Rigan. Resigne-se a isso!

—Mas eu não amo você.

Seus olhos amarelos se estreitaram. Seu nariz se abriu.

—O que é isto? — Ualan perguntou com uma suavidade enganosa enquanto apontava para o sofá. —Diga que não sentiu nada. Tente negar isto.

—Isto é apenas luxúria, Ualan. Luxúria pura. Isto é tudo. Não confunda isto com algo que não é.

Ualan ofegou. Era como um bofetão da água fria em seu corpo aquecido. Ele engoliu, sabendo que se escutava outra mais de suas palavras, ele a estrangularia. Jogando tudo ao redor, ele entrou no banheiro e trancou a porta.

Morrigan se deixou cair cansadamente sobre seus joelhos. Percebendo que seu uniforme de empregada estava trancado no banheiro com Ualan e que ela estava de pé no corredor da frente, nua e tremendo, depressa subiu os degraus para seu quarto. Foi para o armário e começou a procurar sua bolsa quando viu as grandes camisas de algodão de Ualan e calças cuidadosamente dobradas em uma estante. Sabendo que a cobriria melhor que qualquer camisola que possuía, ela pego deslizou pelo corpo. Cheirava a ele e ela gemeu.

Quando correu de volta para o andar de baixo, amarrando o cordão em sua cintura, Ualan estava de pé ante ela. Ele grunhiu passando junto a ela para ir para a escada.

—Ualan? — Ela começou, sem saber por que o chamava.

Talvez fosse pelo cheiro dele nas roupas. Ou talvez fosse o sentimento que se negava a morrer em seu estômago e peito.

—Você deseja permanecer uma escrava. — Ele disse voltando sua fúria para ela.

Morrigan tragou. Ualan viu o medo em seus olhos, mas não podia voltar atrás.

Morrigan ignorou a declaração, e sussurrou: —Não tem por que ser assim.

Você faz desta maneira, minha esposa. Ele pensou.

—Você cozinhará para mim amanhã, escrava. — Ele disse severamente. Morrigan ofegou, sabendo que este era outro castigo. —Mirox dirá a você o que fazer.

Com isto afastou-se dela. Seu corpo ardia e ele sabia que iria se passar muito tempo antes de poder dormir. Ao olhar para baixo para seu membro traiçoeiro, ele rosnou.

Se sua esposa irritante não iria aliviá-lo, simplesmente teria que se ocupar ele mesmo, outra vez.

Capítulo Onze



Na manhã seguinte quando Morrigan despertou de seus sonhos problemáticos, Ualan já tinha saído. Ela estava contente com isto. Mas, como ele prometeu, Mirox chegou para vê-la muito cedo para ensiná-la a preparar um tradicional prato Qurilixen.

Bem, dizer que ele estava ensinando a ela teria sido muito generoso. O homem estava sentando em uma cadeira observando-a fazer a demonstração enquanto a instruía como um maldito sargento culinário.

—Ah, você poderia querer adicionar mais mel. — Mirox disse de sua cadeira. Ele não podia ajudar, mas a nota de mau humor enchia o ar.

Morrigan enrugou seu nariz, fazendo um rosto que ele não podia ver. Enquanto colocava o mel no pão, ela sentia que havia amassado pelo menos uma hora. A massa azul escura grudava em seus dedos e ela fez careta. Este era um trabalho de escravos. Mirox viu como ela amassava uma parte do pão levantando-a e depois golpeando repetidamente com o punho fechado.

—Isto é demais. — Ela murmurou. Suas mãos levantaram a tigela de massa para soltar aglomerações azuis no chão limpo.

Mirox franziu o cenho. Inclinando-se, pegou uma toalha do balcão e limpou seu mais recente desastre.

Morrigan estava dolorida. Seu corpo doía, sua mente estava exausta e sentia-se como se estivesse ardendo o tempo todo. Um pensamento sobre o obstinado “amo” e ela podia ruborizar e suas pernas fraquejavam como uma mulher de sorriso tonto. Morrigan Blake não era uma mulher de sorriso tonto.

Estava muito mais que um pouco chateada por ele não ter terminado o que começou... Novamente. Toda vez ela implorava por isto, ela esmurrou a massa com vigor renovado. Realmente implorou a ele!

Faça amor comigo. Sua cabeça zombava. O quão patética era ela?

Se torne o mestre, Morrigan silenciosamente se ridicularizou mais, movendo a boca inconscientemente enquanto pronunciava as palavras para o balcão. Afortunadamente, Mirox se afastou dela.

Faça dele um escravo. Então poderá fazer um acordo por sua liberdade. Não era muito provável!

—Um pouco mais, minha senhora. — Mirox sugeriu, vendo a massa não completamente misturada.

—Eles deviam inventar uma máquina para fazer isto. — Ela murmurou. Mirox tentou não rir. Do lado direito próximo a ela em um balcão havia uma máquina, mas Lorde Ualan deixou

muito claro que ela teria que fazer tudo do zero, incluindo amassar durante uma hora.

Morrigan suspirou enquanto começava a amassar novamente, fazendo uma careta enquanto distraidamente golpeava a massa. Esta vez tocou o açúcar na tigela com seu cotovelo. E Mirox franziu o cenho enquanto rapidamente a levantava. Depois de uma breve consideração, ela jogou o açúcar na massa também. Mirox fez uma careta.

Morrigan decidiu que ela iria tentar novamente mexer nas coisas de Ualan. Ela iria seduzi-lo. Então o deixaria ser seu escravo! Ver como ele se inclinaria constantemente a seus pés. Ver como ele teria que preparar suas refeições.

—Talvez nós devêssemos começar novamente. — Mirox sugeriu, ainda olhando para a massa.

—Não, isto está perfeitamente bem. Não vou fazer isso por mais uma hora. Além disso, eu não sei de quais temperos estava falando enquanto eu golpeava a massa ...Wil... Wilddeor?

—Sim, minha senhora, Wilddeor. — Mirox disse, parecendo cansado.

—Parece cheirar bem. — Ela respondeu, encolhendo os ombros.

Mirox engoliu. Tinha que ter prestado mais atenção, estar diretamente em cima dela pendente de todos seus movimentos.

—Acho que já misturou o suficiente. Dê-me a panela. — Ela ordenou.

Mirox entregou a ela, não dizendo uma palavra. Sua senhoria deveria tê-lo informado que sua esposa não sabia nada sobre cozinhar antes de mandá-lo para ajudar. Ao invés, o Príncipe só disse que ele a instrísse como preparar um banquete tradicional.

Morrigan lavou suas mãos na água corrente, sorrindo com agradecimento enquanto Mirox colocava sabão sobre suas mãos. Mirox a observou pegar a massa, sem importar-se em arrumá-la. Ela colocou-a no forno sem olhar a carne. Suspirando, ele foi abrir a porta de forno. A carne dourava muito bem, então ele fechou novamente.

—Acho que você deveria preparar a salada agora. — Ele instruiu. Suas entranhas se contraíram enquanto tentava não pensar no desastre que sua arte culinária poderia fazer com ele. Esperava que Ualan dirigisse sua raiva aonde pertencia.

Morrigan olhou para a geladeira e suspirou, não sentia humor para isto. Mirox começou a retirar os ingredientes da salada.

Ele tentou sorrir, passando-lhe o repolho e alface purpúrea antes de pegar uma faca e lhe indicar que cortasse. Ela apunhalou o repolho com uma faca e levou a ponta para trás com a verdura presa na ponta com um espeto. Cuidadosamente ela tirou o repolho e outra vez o apunhalou. Mirox pegou a

lâmina e nervosamente começou cortar com dedos hábeis.

Morrigan sorriu ironicamente em suas costas. Sua tática funcionou. O homem assumiu o controle da salada. Lentamente, ela voltou para a cadeira para olhá-lo.

—Este entra no forno, também? — Ela docemente perguntou.

Mirox quase cortou um dedo. Olhou suspeito ao redor, mas não disse nada.

Foi só depois que esvaziou a alface e repolho na tigela que se lembrou de que ela deveria estar fazendo o trabalho.

—Venha cortar. — Mirox disse. —Exatamente como eu fiz.

Morrigan levantou a faca e, abandonando o pretexto de fingir que não sabia usar, começou a cortar um tomate maduro.

—Ah, muito bem, minha senhora! Você é uma aluna muito rápida! Devia estar orgulhosa!

Morrigan sorriu ironicamente, indiferente lançou o tomate na tigela. Estava imaginando o rosto de Ualan enquanto fatiava.

Curvando os lábios ela rosnou: —Oh, você não tem nenhuma ideia, Mirox, nenhuma ideia mesmo.



Ualan rosnou enquanto lançava cinco facas em um já arruinado poste. As lâminas batiam no centro morto de um círculo perfeito com o último deles incrustando-se no centro do anel. O perfeito acoplamento das facas o fez grunhir novamente enquanto agarrava as facas. Tirando-as do poste com violentas sacudidas, deu a volta e continuou lançando. Os guerreiros jovens, que estavam negligenciando sua própria prática para ver o Príncipe, lançaram um grunhido de temor ante suas habilidades. Nenhum era tão corajoso para aproximar-se com este estado de animo sombrio.

—Ach. — Agro murmurou, aparecendo para juntar-se aos espectadores. —Mas ele pode fazer isto com os olhos fechados?

Ualan virou para ele com um olhar furioso.

—Você pode com olhos fechados?

Os olhos de Agro ainda estavam contundidos do ataque de Ualan, entretanto começava a ter um tom amarelo. O corpulento gigante fez uma careta afetuosa. Não mostrava nenhum rancor.

—Eu deveria agradecê-lo. — Disse Agro, seu sotaque Qurilixien acentuava com um suave zumbido. —Minha esposa

insistiu em administre sua medicina especial. Diga-me a sua faz o mesmo?

Ualan fez uma careta e soltou uma maldição sobre o homem, lançando as facas com paixão muito maior. Cravou-as até a empunhadura. Era provável que Morrigan tivesse sua cabeça primeira. Se ele fechasse seus olhos ainda podia ouvi-la implorar a ele para dar fim a seu tormento.

Ela pediu que a tomasse. Mas o que podia ele fazer? Tinha que negar a ambos até que ela cedesse em sua teimosia. Ele não podia deixá-la viver com a ilusão de abandoná-lo. Nunca a deixaria ir.

Agro não se preocupou com a maldição enquanto recuperava as lâminas. Observando o lugar onde Ualan estava parado, colocou uma distância muito maior entre ele mesmo e o poste. Lançando as lâminas estas se cravaram em uma linha serpenteante.

—Com os olhos fechados. — Ele anunciou com grande soberba.

Os guerreiros espectadores aplaudiram. O lançamento de facas era um dos maiores entretenimentos. Quando Ualan foi para as lâminas, Agro juntou-se a ele.

Falando baixo para que ninguém ouvisse, Agro disse: — Conte-me, Ualan, trata sua esposa com a mesma delicadeza que tratou estas lâminas?

Ualan olhou para ele, confuso.

Agro pegou a última lâmina antes que Ualan pudesse tirá-la.

Saltando-a em sua mão, o guerreiro gigante disse: —Se você não percebeu, ela é mais suave que estes bobos aqui fora.

Ele apontou a lâmina significativamente para a multidão. Ualan franziu o cenho.

—Deixe-me dar um conselho, de um guerreiro rude para outro. — Disse Agro, entregando o cabo da faca para Ualan. Eles começaram a caminhar. —O que é mais suave do lado de fora é normalmente até mais suave do lado de dentro.

Ualan suspirou, odiando admitir que as palavras do homem faziam sentido. Ele foi embora. Vendo que Zoran chegava e dispersava os homens e mandava de volta para a prática, ele movimentou a cabeça para seu irmão. Zoran movimentou a cabeça de volta.

—Eh! — Agro gritou alegre para a multidão, antes de desafiá-lo. —Que tal com os olhos fechados?

Ualan parou. Fechando seus olhos antes dele se virar, ele cegamente lançou as lâminas antes de rodar completamente. Quatro aterrissaram em formato de cruz no poste a última aterrissou entre os pés de Agro. Agro saltou rapidamente atrás e soltou uma risada cordial. Ualan lentamente abriu seus olhos, sabendo que as lâminas alcançaram seu objetivo antes até de

olhar. Com um aceno da cabeça ele agradeceu Agro seu conselho.

Agro sorriu rapidamente para Ualan antes de voltar-se com um amplo e travesso sorriso. Antes que Zoran pudesse falar, Agro ordenou bruscamente aos soldados: —Ei! Moleques, voltem ao trabalho agora!



Quando Ualan saiu do banheiro, seu cabelo molhado e seu corpo envolto em uma toalha, escutou o som de risada de sua esposa. Por um momento, seu corpo ficou tenso com o barulho. Foi tão rápido, tão feminino e suave. O deixou com vontade de abraçá-la. Deixou um buraco no seu coração.

Olhando para cima, ele viu que as cortinas de cúpula foram fechadas, deixando sua casa escura. Isto era porque se aproximava a noite, ainda que fora o mundo estivesse radiando luz, apesar da luz do dia ser mais embaçada que a da tarde. Passando a mão sobre as tochas à medida que caminhava, ele distraidamente ascendeu cada uma, até que emitiram um resplendor suave e romântico no corredor. Depressa se movendo para seu quarto para se vestir, descobriu que estava excitado para ver Morrigan. O conselho de Agro ecoou em sua

cabeça. Não havia pensado em exercer um controle mais suave em vez de força. Era um conceito simples. Certo que um homem já casado deveria pensar nisso.

Morrigan não o saudou quando ele entrou pela porta e ele nem sequer sabia se ela percebeu que estava em casa. Com um movimento fluido, arrancou a toalha de seu corpo nu. Bocejando, arranhou seu estômago quando foi procurar uma roupa. Escolhendo um cômodo traje azul escuro de algodão, passou a camisa pela cabeça e deslizou a calça soltas acima de seus quadris. Amarrou o cordão em sua cintura, não se aborrecendo com o costume da Terra de roupa íntima. Suas roupas de casa eram muito mais casuais que as túnicas que usava.

Com seus pés descalços subiu as escadas em dois degraus de cada vez. Enquanto se aproximava da sala de jantar, seu estômago roncou. Sua comida já estava servida para ele na mesa. Mirox foi o primeiro a deixar a cozinha. Ualan sorriu para o homem. Se o cheiro era qualquer indicação, ele fez bem seu trabalho. Seu sorriso morreu quando ele viu a expressão do homem. Estava pálido e tenso.

Curvando-se ante ele, o empregado sussurrou: —Eu me desculpo, meu senhor.

Ualan assistiu, interrogativo, quando o empregado depressa deixou sua casa.

Incapaz de resistir, ele andou até a entrada de sua cozinha.

Para seu prazer infinito, Morrigan estava curvada maravilhosamente sobre o chão. Seu traseiro delicioso estava virado para ele, contra a suave tela cinza de seu uniforme. Seus sonhos apaixonados se renovaram com toda força. Deve ter gemido porque ela saltou de surpresa e girou ao redor. Ao ser pego olhando fixamente, ele encolheu os ombros, como um colegial.

Morrigan tragou ao vê-lo. Seus olhos se iluminaram com fogo enquanto ele a devorava com seus sentidos. Por muito tempo ela permaneceu de pé, ofegante, incapaz de se mexer. Ualan estava confortavelmente vestido, parecendo tão cálido e acolhedor nesse suave material que se ajustava em cada relevo quando se movia. Tinha o cabelo molhado, penteado para trás longe de seu rosto e totalmente solto.

Ualan foi o primeiro a afastar o olhar. Olhando ao redor, perguntou-se com o que Mirox estava tão preocupado. Sua cozinha estava tão imaculada quanto antes que ela começasse a cozinhar.

—Eu coloquei a comida ali. — Ela desnecessariamente disse. Seus olhos oscilaram, nervosamente enquanto se afastava e colocava a toalha na pia. Enxugando suas mãos em seu avental, ela disse com um encolher os ombros. —Está feito.

Quando Morrigan olhou para Ualan, todos os planos em sua cabeça fracassaram. Ela não podia fingir, nem sequer podia recordar seu nome, ou que supunha deveria estar rompendo

com ele. Maldição, se não fosse tão atraente. Apenas o fato dela ter passado as últimas quatro horas cozinhando a impedia saltar para frente e implorar para que ficasse com ela. Não passaria o resto de seus dias alimentando-o por uma noite de insensatez ou um mundo perdido de paixões ou por uma galáxia de destrutivo prazer.

Não, isto não a tentava em absoluto. Mentirosa! Seu cérebro a recriminou.

—Junte-se mim. — O pedido surgiu como um comando em sua garganta rouca. Ele podia ver como sua mente trabalhava em seu transparente rosto. Se continuasse olhando-o como se fosse o prato principal, ele apenas teria que lançá-la sobre a mesa e desfrutar dela.

Ele tirou uma cadeira da mesa, esperando por ela se sentar. Morrigan olhou para ele cautelosamente como se esperasse que ele a puxasse de debaixo dela. Ele não o fez e ela relaxou. Mirox insistiu em colocar dois pratos na mesa, mas ela não estava com fome. Descobriu que ver os alimentos crus e ficar cheirando-os por horas era mais que suficiente para tirar seu apetite.

—Você não pensou em um licor? Algo que não exige que eu perca completamente minha lucidez? — Ela perguntou quando ele se afastou. Levou um momento, mas Ualan percebeu que ela estava fazendo uma piada. Ele sorriu. —Eu poderia realmente tomar uma bebida. — Ela disse, incapaz de evitar um sorriso.

Havia algo na forma como ele a olhava. Era quase... gentil. Ela tinha que ser cuidadosa. O que ele estava planejando agora?

Ualan movimentou a cabeça. Indo para a parede da cozinha passou a mão sobre uma pedra. A parede se separou e abriu, revelando um bar. Morrigan ofegou.

Esperançosa ela perguntou: —Tem algum simulador de comida escondido em algum lugar aqui?

Seu sorriso se ampliou. A respiração do Morrigan foi capturada pelo olhar e ela teve que se virar. Se não fosse cuidadosa, poderia tê-la no chão da cozinha implorando tolamente para por sua atenção como um filhote de cachorro. Não obrigada.

Um pouco irritada disse: —Você deveria considerar isto. Sua próxima esposa poderia querer uma.

O sorriso de Ualan enfraqueceu, mas ele não respondeu ao desafio. Decidiu que ele a mataria com sua generosidade, ainda que o destruísse. Não queria voltar a ver o medo em seu rosto novamente, não dirigido a ele. Olhou para seu pescoço, lembrando-se de como ele quase a estrangulou.

Antes de Agro assinalar seu tratamento com as lâminas, ele não deu ao incidente muita importância. Porém, agora, ele tentou ver desde seu ponto de vista. Teve se afastar.

—O que você gostaria? — Ele perguntou.

—Whisky. — Foi à resposta imediata. —Copo alto, nenhum gelo.

Ualan sorriu, sem que ela visse.

Olhando para seu traseiro firme, como ele avançou, ela insistiu: —Um copo grande, bem grande.

Agarrando uma garrafa de vinho Qurilixien, ele voltou, sorrindo satisfeito ao ver seus olhos nele.

—Que tal este?

Morrigan encolheu os ombros, rolando seus olhos enquanto movimentava a cabeça.

—Está bem, sempre e quando não caía em seus braços... — Ela parou, ardendo com o embaraço.

Realmente precisava de whisky, uma garrafa cheia que pudesse nocauteá-la, deixá-la inconsciente, assim ficaria livre dele.

Ualan pegou dois copos do armário e com um gesto fechou-o. Os copos estavam gravados de forma simples em prata. Morrigan riu por dentro entre dentes ao ver as gravuras de um dragão. Ualan estava obviamente obcecado com isso. Ah, não confie em um homem para escolher a decoração, não que a nave espacial de sua companhia fosse muito melhor.

—Mirox mencionou que eu poderia ter um título. — Morrigan disse, tentando apagar suas últimas palavras. —O que

sou eu então? Além de uma escrava?

Ualan tragou, hesitando. Ele não olhou para ela quando encheu os copos e colocou um diante dela. Respirando profundamente, disse: —Uma princesa.

Morrigan sorriu e negou com a cabeça. Ela não acreditou.

—Certo, eu mereci isto.

Ualan ficou cauteloso. Por que estava sendo tão agradável de repente? Tinha que ter cuidado.

Depois que seus pratos estavam cheios, Ualan olhou para a fatia espessa de wilddeor. Sua cor estava um pouco clara, mas poderia ser por causa da iluminação baixa. Quando ele hesitou e olhou para Morrigan, seu rosto era tão expressivo que não podia negar-se a provar.

Morrigan observava seu rosto cuidadosamente esperando uma reação. Seu cabelo estava secando em ondas suaves, marcando seus traços masculinos à luz tênue. Ela segurou sua respiração. Ualan cortou um pedaço de carne e colocou na boca. A primeira explosão de sabor foi à última. O pedaço saiu voando, através da mesa, e acima de seu ombro. Morrigan saltou em alarme, imediatamente irritada.

Ualan não se importou enquanto agarrava o copo de vinho e começou a tragar. Não apenas não estava completamente cozido, mas também ela pôs uma garrafa inteira de pimenta líquida Qurilixien dentro da carne. Ninguém jamais usou mais de

uma gota. Terminando seu copo, ele agarrou a garrafa de vinho e começou a beber diretamente dela. Vermelhas linhas desciam por seu pescoço, manchando o algodão de sua camisa.

Morrigan teria rido se ela não estivesse tão humilhada. Olhando fixamente para ele, ela disse: —Pare com isto! Você está sendo dramático!

Uma série de maldições saiu em sua língua nativa quando ele olhou fixamente para ela. Sua boca se sentia como se estivesse em chamas.

Ofegando, seu sotaque era espesso, quando ele acusou: — Você está tentando me envenenar!

Imediatamente, se arrependeu da acusação. A dor que inundou o rosto de Morrigan com as palavras era palpável. As lágrimas saíram em seus olhos.

—Deveria envenenar você, grande bebê! Bem obrigada por trabalhar meu traseiro todo o dia para cozinhar para você! Eu fiz tudo que Mirox disse para fazer, tudo!

—Oh, sim?— Levantando um pedaço, ele perguntou. — Então, tenta comer.

Morrigan olhou o rosto vermelho dele, e então seguiu o rastro de vinho tinto sobre seu pescoço. Lentamente, se inclinou para trás e moveu a cabeça em negação.

Através de seus lábios rígidos, murmurou: —Não.

Respirando fundo, ele se sentou de volta abaixo. Olhando cautelosamente o prato principal arruinado que momentos antes lhe havia parecido prometededor, se voltou para o pão. Estava um pouco granuloso, mas não pareceu tão ruim. Talvez isso poderia tirar o ardor de sua garganta. Pegando uma fatia, suspirou.

Morrigan se sentou e o observou, quase vacilando de horror enquanto ele mordia. Fechando seus olhos enquanto a combinação mais notoriamente horrorosa de doce e amargo rolava por sua língua, ele parou de mastigar e congelou.

—Bom?

Ualan suspirou. Pegou um guardanapo, cuspiu o mais educadamente possível que a última vez e a estudou.

—Tão ruim? — Morrigan perguntou, cada mais vez abatida. Ela olhou para sua comida intacta e a jogou no lixo com desespero. Fracamente, ela disse: —Eu não fiz toda a salada.

Ualan não estava disposto a correr o risco. Quando ele viu seu rosto, soube que ela não fez de propósito. Em seu rosto aparecia uma combinação de horror e consternação. Levantando-se, jogou o guardanapo na mesa e estendeu a mão para ela.

Morrigan o olhou com desespero.

—Você vai me entregar para os soldados? — Ela perguntou, enquanto segurava sua mão.

Ualan riu. Balançando a cabeça, ele disse: —Não. Vamos. Vamos ver o que nós podemos encontrar na cozinha.

Capítulo Doze



—O que você quer que eu faça agora? — Morrigan perguntou abatida, enquanto caminhava atrás dele até a cozinha. Ela pensou sobre sua tentativa de arte culinária que falhou com mortificação. Bem, para ser justa, havia avisado.

Ualan girou ao ouvir a pergunta para olhar para ela. Sua expressão declarava o óbvio, não em sua vida!

—Você pode me fazer companhia. — Ele respondeu diplomaticamente.

Sem tocá-la mais, continuou caminhando até ela, obrigando-a a apoiar-se no balcão. Quando esteve presa, Ualan a agarrou pelos quadris e a ergueu em cima do balcão. Ele a segurou assim por um instante, durante o qual sua descarga elétrica atravessou sua coluna. Suas mãos massagearam sua pele antes de soltá-la e voltar-se para a geladeira.

Morrigan balançou a cabeça para vê-lo se inclinar. Ela era como um parasita, morrendo para agarrar-se a ele. Ualan girou e piscou para ela, sabendo que ela o olhava.

Morrigan se sentou direito.

Quando ele retornou ao balcão, começou a fatiar uma fruta com assombrosa habilidade, como um profissional de facas.

Morrigan suspeitosamente o observou trabalhar a seu lado por um momento longo, antes de dizer: —Então você é um chefe de cozinha?

—Eu deixarei você decidir. — Foi à única coisa que respondeu.

Quando terminou, depressa misturou uma massa dura batendo até formar um pão plano. Ligando o fogão, ele colocou no forno. Morrigan observou, pasma com sua facilidade.

—Quem ensinou você a fazer isso? — Ela perguntou assombrada de ver um homem tão grande tão hábil na cozinha.

—Este é um planeta de homens. — Ualan disse, como se ele não fosse nada do outro mundo. —Nós temos que aprender por nossa conta.

Morrigan movimentou a cabeça, entretanto suspeitou que houvesse algo mais que habilidade nisto. Ele realmente parecia gostar de cozinhar. Ela tomou seu tempo o estudando. Suas mãos fortes eram tão precisas e seguras em seus movimentos. Seu brilhante cabelo marrom tinha reflexos loiros, como se queimados pelo sol. Caía para frente sobre seus ombros enquanto ele trabalhava. Sua pele bronzeada se tensionava e estirava naturalmente com cada movimento de seu pescoço. Não era a primeira vez que ela pensava que havia sido esculpido com exercício físico, não criado por caras máquinas que realçava o corpo. Havia uma diferença definida no modo como ele se comportava... Tão primitivo e seguro. O tipo de corpo que

seguiria cada e todas de suas ordens a perfeição.

Ualan piscou um olho enquanto terminava de tostar o pão e foi pegar uma lata de creme na geladeira. Quando voltou, começou a empilhar frutas e creme sobre o topo do pão.

Morrigan estava perdida. Ele a espantava. Isto era algo que nunca teria imaginado dele. Ela esperou que ele gritasse por desordenar sua cozinha, não que voltasse e cozinhasse para ela.

Sem pensar, ergueu seus dedos e tirou uma mecha de cabelo de seu rosto para poder vê-lo.

—Ualan?

Seu nome nos lábios dela foi música para seus ouvidos. Era uma busca e um oferecimento ao mesmo tempo. O rosto dela estava vulnerável ante ele. Ela não podia falar. Não tinha que fazê-lo.

—Aqui. — Ele murmurou, erguendo um pedaço de fruta coberta com creme. —Prove.

Morrigan ruborizou. Ignorou sua mão estendida, alimentou-a ele mesmo. Pegando a fruta, ele esfregou o creme em seus lábios.

Ela ficou imóvel, olhando seus olhos enquanto a fruta deslizava entre seus lábios. Seus dedos seguiram brevemente, passando-os além da extremidade de seus dentes para retirar-se devagar. Morrigan mastigou. Estava delicioso.

—E?

—Mm. — Ela respondeu, suas palavras amortizadas pela mordida. Ela molhou o dedo no creme para saboreá-lo novamente. —Realmente bom. Deveria provar.

Era o convite que Ualan precisava. Apenas levou umas quantas piscadas de Morrigan para notar o implicava. De modo que quando a boca dele foi para sua, ela ficou encantada. Seu dedo coberto de creme caiu a de lado sem tocá-lo. Suavemente, ele lambeu o creme de seus lábios, arrastou a língua com dolorosa lentidão, olhando-a sempre nos olhos para ver sua reação.

Seus olhos se fecharam e ela ofegou buscando ar. Depois de lambe o interior de seus lábios do mesmo modo, saqueou sua boca buscando um sabor mais profundo. O prazer exótico da fruta se interpôs entre eles enquanto ele roubava seu fôlego. Quando ele a soltou, seus olhos brilharam travessos.

—Delicioso.

—Aah. — Foi o único som que saiu incoerentemente de seus doloridos e suavemente maltratados lábios.

Ualan viu que sua mão congelou no ar e estava começando a gotejar e então seu dedo recebeu a mesma cuidadosa exploração que seus lábios. Seu polegar se moveu para notar seu pulso enquanto lambia sua pele. Imediatamente disparou sob a pele de Morrigan. Ela não podia se mover. Sua respiração

ficou presa em sua garganta. Quando seus beijos ficaram tão ternos? Quando começou seus olhos a olhá-la com adoração em vez de domínio?

Algo aconteceu com Ualan no momento que ele viu sua vulnerabilidade à mesa. Agro tinha razão. Sua exuberante esposa não era tão dura como aparentava ser. Ela não era imune a ele. De fato, vendo-a agora com seu inseguro olhar cheio de sentimentos, podia jurar que estava aterrorizada pelas ações dele no passado, ainda que ocultasse seu medo assombrosamente bem. Sendo uma mulher que afirmava ter tido muitos homens, isto o surpreendia. Ele tinha a ideia de que com sua experiência poderia lidar com seus árduos ataques. Não era como se ela não soubesse o que estava fazendo quando o olhava com seus grandes e redondos olhos.

Eram os homens da Terra tão ineptos como dizia o rumor?

Poderia ser que ela não entendesse o jogo que eles jogavam como ele pensou no início?

—Ualan? — Ela perguntou quando ele parou de beijar sua mão.

Ele esperou, vendo o que ela faria se ele não a provocasse. Para sua decepção e assombro, liberou seu úmido dedo de seu aperto.

Observando sobre seu ombro, ela murmurou: —Por favor.

—Por favor? — Ualan sussurrou certo de ela iria pedir para

ele continuar. Sabia que ela queria isso.

—Por favor, pare, eu imploro. Não faça isso. Se você fizer isto comigo novamente, me matará.

—Você tem o poder para terminar isto. — Ele sussurrou.

Nenhum dos dois se moveu. As mãos dela pressionaram a lareira, evitando tocar no seu cabelo sedoso que caía tentadoramente em ondas sobre seus ombros.

Ela entendeu mal o que ele quis dizer. Não podia perguntá-lo. Dizer novamente as palavras em voz alta a envergonhava. A forçaria a aceitar que ela o queria. Ficaria exposta a sua continua rejeição. Era uma chance que ela não podia perder, ainda com providencial trégua entre eles.

Levantando-a, ele a colocou suavemente no chão, deixando-a sentir sua força enquanto a descia. Arrastando-a em seus firmes braços fixos, ele a levou para o sofá ante o fogo escuro.

—Por favor. — Morrigan implorou, muito fraca para saltar e brigar. Não sabia o que ela estava pedindo. *Por favor, me beije. Por favor, pare. Por favor, apenas deixe-me ir para casa. Por favor, me mantenha prisioneira para sempre.*

—Eu não posso dar a você isto, escrava. — Ualan disse, vendo sua dor e sentindo-se multiplicado por dez. Desceu ela até as almofadas que eram sua cama desde sua chegada àquela casa, sentando-se ao lado dela mantendo a distância. —Não até

que você seja perdoada. É impossível.

—Você quer dizer que não quer ser meu escravo, não é? — Ela sussurrou, enrolando seus pés debaixo de suas coxas.

—Sim, eu não poderia me submeter a você. — Ele respondeu. Suas palavras foram ditas suavemente, sem sua malícia habitual. —Eu desonraria a ambos, e não permitirei.

—Você tem sempre que ser o amo. — Ela meditou, soltando um sorriso irônico. Seus olhos eram tristes.

—Isto é tão ruim? — Ualan perguntou, seu sotaque Qurilixien a envolvendo em um suave zumbido quando a olhou. —Não deseja um marido que pode fazê-la sentir-se orgulhosa? Os homens que são governados muito facilmente por mulheres não são homens de verdade. Como também é um homem que não a protege, não provê e que não te dê filhos fortes.

Este último ressoou com assombrosa seriedade. Todo seu ser estremeceu. Ele não cedeu. Seus olhos começaram a brilhar como ouro sob a luz.

Morrigan sentiu como se as profundidades líquidas fossem algo mais que um simples reflexo do fogo.

—Diga-me Rigan, você ficaria orgulhosa em ter um homem fraco como marido? Um homem que se esconderia atrás de suas saias quando um perigo o atingisse? Um homem cujo tremor no braço de espada apareceria no primeiro sinal da batalha? Iria tal homem trazer honra a você? Ele faria você orgulhoso?

Morrigan balançou a cabeça em negação. Nenhuma palavra saiu de sua boca aberta.

—Então por que você resiste a seu destino? Por que você resiste a nós dois? Acha que poderia desonrar você de algum modo? Precisa que prove a você meu valor?

Para Morrigan, era uma pergunta estúpida.

—Ualan, sei que não falta a você honra e com a mulher certa sei que poderia fazer uma obediente. — Ele estreitou os olhos. —Não, deixe-me dizer isto. Sei que seria um marido maravilhoso. Mas não acho que este seja meu destino. Estes últimos dias provaram que não estamos destinados a... — Ela parou. —Eu tenho uma vida...

Como ela poderia explicar?

—Você menciona esta vida e ainda não a viveu. Por que concordou em ser uma noiva?

Morrigan não estava certa de como o fez, mas ele se moveu aproximando. Podia sentir seu calor, seu cheiro. Era como se estivesse em sua cabeça, fazendo com que respondesse sinceramente.

—Não foi assim... eu não fiz... — Morrigan tentou se afastar. —Não é assim.

—Qual é este trabalho ao qual você se segura tanto? — Ele perguntou, torcendo-se levemente enquanto ela se retorcia.

Facilmente, ele se aproximou.

—É... é liberdade. Como você esperar que se submeta a ser sua escrava...?

—Esposa. — Ele firmemente apontou.

—É o mesmo, Ualan, quer que me sobmeta a seus desejos; cozinhando, limpando. Conduzirá-me à loucura ser uma dona de casa. Eu preciso de mais que isto. Eu preciso...

—Casamento é compromisso, Rigan. Se você prometer tentar, eu prometo honrar você como você é. Uma esposa pode escravizar seu marido de outros modos. Você não precisa ser chamada de amo.

Ele sorriu, diabólico e bonito. A ideia tinha muito mérito para Ualan, que imediatamente teve visões de ser amarrado em sua cama e estar a sua mercê.

Morrigan estava confusa. Mas seu sorriso tinha suficiente significado oculto para fazê-la tremer. Escravização? Isso era o que casamento significava para ele?

—Não. — Ele respondeu, não precisava que ela dissesse as palavras.

Ele estava concentrado nela. Era algo novo para ele, poder sentir alguém tão perto e tão claramente como se ambos respirassem ao mesmo tempo.

Morrigan piscou. As paredes dentro de seu coração podiam

ter rompido, mas os tijolos ainda estavam inteiros.

—Eu não disse nada.

—Não tem que fazê-lo, Rigan. — Ualan se inclinou.

—Você me deixará ir? Se eu verdadeiramente quisesse isto, você me deixará ir?

—Não. — Ele não precisou de tempo para considerar. — Nunca. Nós fomos escolhidos um para o outro.

Morrigan olhou fixamente para ele, perguntando-se quão escolhidos eles estariam em alguns anos quando ele estivesse cansado de sua forma independente. Como se sentiria ele depois de que ela passasse cada segunda da semana perdida em leitura e escrevendo, esquecendo-se de comer e dormir? E dentro de quarenta anos quando seus olhares estivessem se apagando e ele não mais a desejasse? Ou quando estivesse gorda por seus filhos, dolorida e inchada e emitindo cheiros estranhos como ela ouviu que as mulheres grávidas frequentemente o faziam? Onde estaria sua atenção então? Como ficaria?

Seu rosto ficou rígido e ele pode sentir sua dor como se fosse sua.

—Então não tenho nada a dizer?— Ela perguntou.

—Nisto não. Sabendo ou não, você se amarrou a mim. Não pode ser desfeito. — Ele admitiu.

Se ela partisse, ele ficaria sozinho. Nem mesmo se

desejasse não podia voltar atrás. Ele não estava pronto para deixá-la e se arriscar.

—Por que você me torturou aquela noite na tenda?— Ela perguntou, de repente querendo saber. Se estivesse de acordo com suas normas, teria que ter uma resposta. Ela já sabia que na banheira não podia devolver o prazer. Mas, na tenda? Se ela iria permitir que se aproximasse outra vez, tinha que saber que não a iria ferir.

—Torturei? — Ele perguntou, perplexa por sua escolha de palavras.

—Eu entendo a outra noite no banho. — Ela disse. Imediatamente um rubor iluminou seu rosto, mas ela engoliu em seco. —Mas por que na tenda? Por que eu estava sendo castigada?

—Eu pensei que você quisesse. — Ualan ergueu suas sobancelhas pensando. —Entre meu povo, quando uma mulher é escolhida, o homem tem que ser capaz de provar seu valor. Nós não temos permissão para usar palavras até que a máscara seja erguida e somos julgados merecedores de falar, por que...

—Ações falam mais alto que palavras. — Ela terminou com ironia. —E falar não custa nada.

—Sim, justamente. — Ele movimentou a cabeça, contente por entender. —E quando você não removeu minha máscara e aceitou, estava obrigado a continuar. Se tivesse tirado a

máscara imediatamente, teríamos conversado toda a noite, comido, tomado um banho, o que quisesse fazer. A reprodução não está permitida no festival. É um sinal de má sorte se o fizer. Irrita os deuses e é ruim para o casamento. Ainda que pudéssemos nos unir eventualmente, em essência ainda éramos um estranho até que o cristal se rompeu.

—Mas eu ouvi os outros em suas tendas. — Ela engoliu saliva.

Desta vez escondeu seu rosto. Estava lembrando-se do casal em frente ao trono, para sua eterna mortificação.

—Certas descobertas são permitidas. — Ele sorriu. Lendo seus pensamentos, disse: —Os casais que são casados não estão sujeitos à lei.

—Oh. — Ela murmurou, enrugando seu nariz.

—Não precisa se envergonhar. — Ele disse. Suas mãos afastaram o cabelo escuro de seu rosto. A maior parte estava presa atrás em um coque e ele franziu o cenho, tomando nota mentalmente para conseguir-lhe algo bonito com que pudesse prendê-lo. —Pode me dizer qualquer coisa, Rigan. Pode me perguntar qualquer coisa. Sempre serei honesto com você. — Quando ela emitiu um som que deixava claro que duvidava de suas palavras, acrescentou: —Aquela noite foi uma tortura para mim, também.

Era uma boa explicação e tinha sentido. Pelo que sabia de

sua cultura, isso se ajustava.

Engolindo saliva disse com a voz amortizada pelo sofá: — Bem.

Ualan inclinou a cabeça, aproximando-se para ouvir o resto.

Morrigan se virou para olhar para ele. Soltando uma respiração profunda, ela disse: —Bem. Serei sua esposa.

Um sorriso se estendeu pelo rosto dele. A expressão de Morrigan era mais cautelosa. Quando chegasse o momento de ir seria difícil. Mas ele não lhe deixou nenhuma escolha, a não ser enganá-lo. Ele nunca a deixaria ir, havia admitido, apesar de haver lhe dado oportunidade atrás de oportunidade de comprovar o equivocado que estavam suas palavras a respeito deles.

A única forma de conseguir sua liberdade de volta era aceitar o que Ualan dizia, tinha que arcar com as consequências.

—Mas eu não estou prometendo... — Suas palavras foram cortadas quando ele a puxou para frente. Ele a beijou com uma onda de paixão que a deixou fraca e ofegante. Quando ela tentou afastar-se do seu abraço para tocar seu rosto, ele se retirou.

—Nós não podemos. — Ualan negou. Seu corpo odiava isso, mas foi reconfortado pelo fato que logo ele iria possuí-la completamente e ela o desejava! Se houvesse notado antes que a forma de entrar em seu coração era acalmá-la com palavras

suaves e amabilidade o teria feito.

Ela era de exuberância enervante, seu desafio.

—Você precisa ser perdoada.

—Como...? — Ela começou insegura de conseguir que seu corpo esperasse um mês. Moveu-se inquieta no sofá.

—A celebração real. — Ualan sorriu. E foi um enorme sorriso. Morrigan olhou fixamente para o fogo, fazendo seu melhor para bloquear toda emoção dele. Não podia fazê-lo, descobriria seu plano. Sabia que nunca poderia ficar, mas a ideia de deixá-lo a matava também. —Será em poucos dias. Eu ficaria honrado se fosse comigo.

Morrigan pensou em sua missão. Seria o momento perfeito para tirar fotos do casal real e descobrir suas histórias. Seu editor ficaria contentíssimo... Quatro príncipes pelo preço de um casamento de inconveniência. Ela engoliu saliva, respirando nervosa. Mas realmente tinha escolha?

Seus olhos estavam vazios. Sua cabeça se negava a desistir enquanto a culpa tentava sufocar sua respiração constringindo pulmões.

Quietamente, ela respondeu: —Sim, marido, eu adoraria ir à celebração com você.



Ainda na névoa de seu sonho, Ualan esticou o braço no colchão para sentir Morrigan. Em seus sonhos, ela estava ali, perto. Estavam unidos em um só, sem muros nem barreiras entre eles. Grunhindo, acordou por completo, seu corpo tenso e preparado para a paixão. Percebendo que ela não estava ao seu lado, seu gemido mostrou-se torturado. Logo, ele pensou, nunca imaginou que pudesse ser tão feliz. Logo.



Morrigan murmurou em seu sonho enquanto sentia algo empurrar suas costelas. Golpeando com força, acertou as costas do que fosse que estivesse a incomodando, tentando agarrar-se a seu sonho. As imagens que a envolviam eram reais. Podia sentir os lábios de Ualan nos seus. Seus olhos eram gentis enquanto a olhava, adorando-a e exigindo ao mesmo tempo. Seus braços protegendo-a da noite. Era o paraíso. Não queria deixá-lo.

Ouvindo uma risada e sentindo outro golpe, Morrigan grunhiu. Erguendo seu braço sobre os olhos, ela o olhou. Ualan estava em cima dela. Estava elegantemente vestido com uma túnica longa de lã preta, e a insígnia azul do dragão no centro de seu peito. O sol da cúpula caia em cima de sua cabeça o deixando parecer um anjo.

Um condenado anjo guerreiro, pensou Morrigan, tremendo sob a influência de seu sonho.

Olhando para baixo, ela viu que era sua mão que a golpeava.

Com um escuro gemido ela murmurou: —Eu já concordei. Vá embora antes que eu te esmurre. Esta escrava está em greve.

Ualan sorriu satisfeito. Seus dedos ficaram suaves, arrastando seu cabelo solto por suas costas.

Deslizando os dedos por sua clavícula, ele se inclinou e sussurrou: —Quando sua escravidão terminar, eu terei que trabalhar em despertar você de um modo mais aprazível para nós dois.

—Homem das cavernas. — Ela murmurou sem pensar. Ficou tensa, mas logo relaxou quando o ouviu rir entre dentes com o insulto.

Levantando-a, mordeu o lóbulo da sua orelha e sussurrou: —Se é isso que você deseja... mmm.

Desta vez Morrigan o golpeou. Seu alcance era fraco desde sua posição no sofá, assim acabou golpeando-o no ombro. Mas ele havia ganhado. Ela estava acordada.

Ele levantou as mãos em uma derrota falsa e retrocedeu. Morrigan o fulminou com o olhar um cansado bocejo. Ualan soltou outra risada, seu sorriso era luminoso e despreocupado. Ela agitou as mãos em sua direção tentando borrar sua visão. Porque estava Ualan com tão bom humor esta manhã? Ela estava certa de que o preferia mal educado. Ao menos dessa maneira a deixava em paz.

—Eu odeio este planeta maldito. — Ela murmurou, ainda que com voz pouco convencida. —Eu não posso dizer que horas são pela luz. — Colocando as mãos em seu cabelo, ela esfregou a testa. —Você precisa de um simulador de comida, bárbaro. Eu preciso materializar algum café.

—Está ao redor de meio-dia. — Ele calculou, olhando a cúpula. —O que é café?

Morrigan o observou com incredulidade. Balançando a cabeça, disse: —Pobre, pobre gente atrasada.

Ualan sabia que ela estava zombando. Sorriu como um tonto. Não podia evitar. Era tão feliz.

—É uma bebida com muita cafeína e eu não gosto de acordar sem ela. — Ela murmurou.

Seu sorriso golpeou seu peito e ela escondeu sua reação

esfregando os olhos. Este homem era realmente muito bonito para seu próprio bem.

—Ah. — Ele sorriu. —Sloken. Um momento.

—Sloken? — Morrigan murmurou, enquanto ele andava até a cozinha. —O que é isso?

Com os ruídos que ouvia de lá não pode resistir e levantou-se. Seu uniforme de empregada estava amassado, mas sabia que encontraria outro no banheiro. Ela tropeçou apoiando-se na porta.

Ualan estava tirando alguns ingredientes da geladeira e colocando-os distraidamente no balcão. Morrigan sentiu o mais selvagem impulso de ir até ele e passar a mão por suas costas.

—Você ainda é uma escrava. — Ele advertiu incapaz de esconder seu sorriso.

Ualan sentiu o cheiro do seu desejo antes dela despertar. Qualquer coisa que tivesse sonhado, devia ter lhe dado muito prazer. Era muito ruim não poder entrar em sua mente com ela. Daria seu braço direito para saber com o que ela fantasiou.

—Então. — Morrigan murmurou, não percebendo que ele podia sentir seu desejo. —Você ainda é um homem das cavernas.

—Então nós fazemos um par perfeito, não? — Ualan meditou, piscando enquanto se aproximava da porta.

Em poucos segundos improvisou uma bebida e passou para ela.

Olhando com cautela o líquido verde escuro, perguntou: — Sloken?

—Beba. — Ele ordenou enquanto a roçava ao passar. Morrigan piscou ante seus movimentos rápidos. Seus dedos acariciaram seu pescoço quando ele a deixou, dizendo: —A costureira estará aqui logo.

—Espere, costureira? — Ela perguntou. Cheirando a mistura verde, ela enrugou seu nariz deixando-a no balcão antes de prová-la. —Eu não quero uma costureira. Eu quero um alfaiate.



Ela conseguiu uma costureira. A mulher era amável, com mãos espertas e precisas que mediam e cosiam mais rápido do que Morrigan podia pensar. Chegaram vários vestidos feitos à mão, rolos de tecidos e muitos obedientes assistentes... A maioria homens. Não falou diretamente com Morrigan, e Morrigan não tinha certeza se era porque não conhecia o idioma ou porque ela não podia falar com uma escrava.

Ualan estava de pé, olhando e falando com costureira na

língua Qurilixien observando Morrigan com divertidos olhares de concentração. Uma vez, moveu as mãos como se indicando as curvas dos quadris de Morrigan. Ela ruborizou. Ele piscou para ela desavergonhadamente quando a mulher se virou.

—Eu quero aprender em um download a língua de Qurilixien. — Ela murmurou diretamente para Ualan. —E este vestido é melhor que seja decente.

A costureira riu, obrigando Morrigan a erguer seu braço mais alto.

—Nós não fazemos download. — Ualan disse bruscamente.

Fez uma sugestão para a mulher ocupada e ela movimentou a cabeça em acordo, empurrando os seios de Morrigan para cima.

—Eh, cuidado. — Morrigan avisou. Ualan sorriu amplamente. A costureira a ignorou. Quando a mulher se virou novamente para Ualan e falou, Morrigan perguntou: —Por que ela te chama de Draea Anwealda?

—Senhor de dragões. Ualan agitou a mão. —É apenas um tratamento.

—Como um título?

Ualan deu uma última ordem para a costureira antes avançar para sua esposa-escrava. Beijando seu rosto em um ato público de afeto que a pegou de surpresa.

—Eu disse a você, Rigan, você é minha princesa.

Capítulo Treze



Os dias antes da celebração real passaram-se entre provas de vestido e lições de etiqueta. Mirox levou duas mulheres para a tarefa, Lyna e Mary. Ambas as mulheres eram de um quadrante da Terra e muito agradáveis quando chegaram para explicar-lhe os costumes de Qurilixien.

Morrigan descobriu que quanto mais aprendia da rica cultura de seu marido, mais fascinada sentia-se. Pareceria que eram criaturas antigas tradições e hábitos concretos. Havia várias formas de insultar sua honra, muitas das quais Morrigan pensava que poderia facilmente evitar. Não queria pensar em beijar a bota de alguém em público a qualquer hora.

Quando a costureira terminou seu vestido, era o dia da celebração. Morrigan estava muito excitada, apesar dela mesma. Esteve confinada por duas semanas na casa dele pensava que ficaria louca se ficasse um minuto mais em um lugar fechado. Sua curiosidade a estava matando.

Seu vestido de baile cinza azulado era um ajustado modelo medieval feito de um material parecido com seda. Tinha um amplo decore que mostrava seus ombros nus, mangas largas e soltas que quase tocavam o chão, uma cintura alta que se ajustava sob seus seios e que se moldavam sedutoramente a

seu traseiro ao andar. O símbolo do dragão de Ualan estava colocado no vale entre seus seios mantendo-os unidos.

O tecido era tão leve que se sentia como se estivesse nua. Morrigan esteve a ponto de desmaiar quando descobriu que as mulheres Qurilixien nunca usavam roupa íntima, exceto um corpinho que sujeitava os seios, estava nua sob o vestido.

Um cabeleireiro foi enviado para penteá-la. Ele penteou as partes mais altas e deixou cachos caindo sobre seus ombros. Um aro prateado com um pequeno pingente em forma de dragão foi colocado na frente, delicadas presilhas seguravam seu cabelo.

Quando ficou pronta, Morrigan quase não se reconheceu.

Toda a semana Ualan manteve-se a uma distância respeitável. Ela assumiu que era porque a casa estava sempre cheia de gente que a instruía. Qualquer que fosse o motivo, ela estava contente com isto. Seus olhares ardentes, uns poucos toques cheios de promessa, fizeram com que parecesse um longo tempo e uma dolorosa espera para ambos. Quando ele falou, suas palavras eram audazes, com insinuações de paixão e convite. Assegurou-se que Morrigan soubesse isto, depois da celebração esta noite, iria reivindicar sua esposa... completamente.

Era esse "completamente" que a deixou tremendo em suas delicadas sapatilhas. Com essas palavras entregou-lhe um presente. Era uma camisola de seda e tiras de renda. Era uma lingerie como ela nunca viu antes, com apenas suficiente

material para cobrir seu mais privadas partes. Ela estava muito envergonhada e não podia olhar Ualan nos olhos durante uma boa parte do dia.

—Você está bonita.

Morrigan virou-se de onde estava sentada no sofá, rapidamente ficou de pé. As palavras de Ualan enviaram uma onda de prazer por seu corpo assim como o olhar de desejo que inundou seu rosto quando seus olhos vagaram livremente sobre sua forma.

—Você não está ruim também. — Morrigan disse com voz rouca, olhando sua jaqueta.

Estava amarrada com um cordão que combinava com o de seu cabelo. Podia ver uma camisa mais leve por baixo, era fina e abraçava cada um de seus musculosos contornos como o ar. Seu cabelo estava penteado para trás, afastando-se de seu rosto, emoldurando seus traços fortes com um brilho dourado. A calça que usava era apertada e grudava as suas pernas com harmoniosa precisão.

Morrigan engoliu agradecendo que a jaqueta e a camisa fossem compridas o suficiente para esconder suas partes mais significantes dos olhos.

—Se você continuar olhando para mim assim, escrava. — Ele suavemente disse, avançando. —Nós não conseguiremos seu perdão.

—Eu... — Morrigan ruborizou, notando que estava olhando fixamente para sua virilha e ofegou. —Eu tenho que fazer algo, um momento.

Ualan viu como Morrigan subia as escadas correndo com tanta delicadeza como lhe permitia o justo vestido.

Quando voltou, segundos mais tarde, estava deslizando uma esmeralda em seu dedo. Ualan levantou sua sobrancelha como se estivesse perguntando.

—É para sorte. Sempre uso quando saio.

À medida que a conduzia pela casa, os olhos de Morrigan devoravam tudo. Tapeçarias, pinturas, e estatuas decoravam os corredores. O amplo corredor de passagem de pedra vermelha continuava em várias direções. Ualan explicou que conduziam a diferentes suítes e zonas de depósito.

Apontando para um símbolo na parede que parecia um grupo de linhas e pontos, ele disse: —É a forma de dizer onde estamos indo. Ensinarei você lê-los para assim não se perder. Mas, no momento, não vá a qualquer lugar sozinha.

Morrigan parou e olhou para o sinal. Apontando para uma linha com uma curva, ela disse: —Isto deve ser um dragão... e estes pontos significam...

—Mais tarde. — Ele a persuadiu, assombrado por ela ter chegado tão longe com o código hieroglífico. —É esperada nas festividades para receber seu perdão. Você lembra-se do que

você deve fazer?

Ela movimentou a cabeça devagar. Seus dedos começaram a trabalhar em seu braço, tentando agarrar-se a ele.

—Bom.

De repente, ele parou em um conjunto de portas altas. Morrigan podia ouvir o murmúrio de risadas ao outro lado da grossa barreira. Ela estudou o sombreado talhado em madeira antes de olhar para Ualan. Seus olhos eram como poços líquidos.

—Você deve entrar sozinha para isto. — Ele sussurrou, acariciando um de seus cachos com os dedos enquanto ela se agarrava a ele. Se inclinado, não pode evitar dar-lhe um suave beijo no rosto. —Você fará bem.

Morrigan engoliu e movimentou a cabeça. Então ele deu um passo atrás e ela corajosamente entrou. A pesada porta foi aberta por dois empregados curvados silenciosamente à medida que entrava. Estava muito nervosa para analisar a grande sala, assim que desceu os três degraus de pedra até o centro. A multidão ficou em silêncio com a sua chegada. Morrigan encontrou a mesa presidencial exatamente onde lhe disseram que estaria. Aproximando-se, inclinou-se ante ao rei e a rainha, a quem apenas reconheceu por causa do cristal.

—Rainha Mede. Rei Llyr. — Ela disse fazendo uma reverência. Sua voz oscilou e ela engoliu.

O casal real fez um sinal de reconhecimento com as mãos.

Morrigan foi informada que eles também estavam obrigados pela honra, a não falar até que suplicasse o perdão. Mantendo os olhos baixos, como foi instruída, ela pronunciou as palavras que Ualan a ensinou.

—Eu venho a vocês como uma humilde escrava, suplicando o perdão real. Eu restabeleci minha honra e desejo sua benção.

A Rainha e Rei compartilharam um olhar.

—Príncipe Olek?— A Rainha perguntou.

—Sim. — Disse um homem ao lado da rainha.

—Príncipe Yusef?

—Sim.

—Príncipe Zoran?

—Sim, minha rainha.

Morrigan ficou tensa, seus dedos tinham vontade tirar uma foto com a mesa real. Mas ela não podia fotografá-los com os olhos baixos. Necessitava conseguir uma foto dos príncipes e suas noivas. Perguntava-se qual das mulheres da nave estariam com eles, se é que alguma estivesse. Esperava que fosse alguma com quem se deu bem, assim teria uma desculpa para interrogá-las longamente.

—Meu marido? — Continuou a rainha.

—Sim. — O rei respondeu. Sua voz intensiva estava cheia de autoridade.

—E eu digo “sim”. — Declarou a rainha Mede. —Ela falou bem.

Morrigan começou a fazer uma reverencia como saudação, quando as palavras da rainha a parou.

—Nós concordamos. Depende de você, meu filho. Se esta escrava receberá seu perdão, príncipe Ualan?

A forte respiração de Morrigan ressoou por toda a sala. Seus olhos dispararam para olhar a figura na mesa real. Ali, de pé junto com sua mãe, uma coroa de metal prateada sobre sua cabeça, estava seu marido. Ela sentiu o sangue sumir de seu rosto.

Ualan desceu a plataforma para atendê-la. Como se atrevia a sorrir? Não podia limitar-se a sorrir depois de lançar uma bomba como essa em público! Morrigan estava mortificada. Assim que seus sentidos se recuperassem, ficaria furiosa e lhe faria passar um inferno para pagar.

—Diga-me que você é o jardineiro real e isto é uma piada.
— Ela pronunciou com a garganta apertada.

—Não, minha princesa. — Ele respondeu baixo que apenas ela pode escutar.

Morrigan se assustou. Poderia ser muito mais difícil

abandonar um príncipe. Ualan teria os recursos para enviar muitas nações para encontrá-la. Se quisesse, poderia ter todo o exército e a polícia da galáxia armada com sua foto. Isso seria desastroso para sua carreira como uma repórter encoberta.

—Você ainda deseja ser perdoada?

Ela movimentou a cabeça. Como não poderia?

—Sim. — Ualan anunciou. —Perdoarei minha esposa. Provou ser digna de seu título e da honra de minha família. — Gritos e aplausos se ouviram ante duas palavras.

Ualan a levou até a mesa real. Os olhos de Morrigan voaram para o casal real. Um príncipe que se parecia muito com seu marido sentava-se perto de Nadja. Ela ficou ruborizada, reconhecendo-o da tenda. Outro irmão com coroa sentava-se perto de Pia. Não conhecia de verdade a mulher, mas movimentou a cabeça quando Pia a reconheceu com um tenso sorriso. O quarto príncipe, uma tremenda e sombria espécime masculina, estava sentado sozinho.

—Estou contente por que todos os meus filhos terem encontrado suas noivas. Nós somos uma casa abençoada. — Anunciou o Rei quando Ualan e Morrigan se acomodaram. — Sacerdote, coroe a princesa.

Os braços de Morrigan tremiam com a indignação que sentia. Sentiu-se aturdida quando a coroa foi colocada em sua cabeça enquanto tentava evitar olhar para Ualan. Se o fizesse,

simplesmente mataria sua Alteza Real e marido diante de uma sala cheia de testemunhas.



Um grande banquete foi servido na sala. Morrigan não podia comer. Procurando ao redor, ela viu que Ualan não era o único filho com o símbolo de dragão. Era o selo real. Maldição, pensou nos arquivos que disseram que o selo real era um tigre. Definitivamente iria escrever uma história sobre as práticas de negócios da Corporação Noiva da Galáxia.

Apertando a esmeralda vários vezes com raiva, assegurou-se de conseguir muitas fotos do emblema do dragão. Músicos tocavam melodias alegres. A multidão ria, cantando espontaneamente nos momentos mais raros.

De repente, uma mão encontrou o caminho para seu joelho. Morrigan ficou tensa, seus olhos lançavam faíscas contra o príncipe Ualan.

—Relaxe. — Ele pediu, massageando seus músculos sob o vestido. —Coma algo.

—Isso é uma ordem real, príncipe Ualan? — Ela disse com os lábios quase fechados. Ela estava ciente de como expostos

estavam.

—Você está chateada. — Ele seriamente respondeu.

Ela lançou-lhe um olhar que dizia, não é uma brincadeira, homem das cavernas. Ele tirou a mão. Não era hora de discutir isto.

—O que os Var estão fazendo aqui? — Ualan se virou para perguntar para Olek.

—Eles são nossos convidados. — Olek respondeu.

Continuaram falando em inglês e os ouvidos de Morrigan escutavam atentamente cada palavra. Ualan soava preocupado. Ela se virou para observar os homens loiros em uma mesa afastada. Pareciam ser os únicos que não desfrutavam da celebração alegre.

—Veremos o que estão observando. — Ualan disse. —Não consentiremos seus enganos na Casa do Dragão. Haverá um alto preço a pagar se devemos castigá-los.

—Yusef está se encarregando disso. — Olek respondeu. Ele olhou para onde Morrigan estava olhando fixamente. Passando de propósito a sua língua natal ele disse: —Querem ver o casamento real por eles mesmos.

Morrigan franziu o cenho quando Ualan respondeu no mesmo tom. Por despeito, ela tirou uma foto do príncipe Olek e sua noiva. Nadja, tentou sorrir para ela. Morrigan apenas fez um

rígido movimento com a cabeça em resposta.

Sou apenas eu? Morrigan pensou. *Ou todas as noivas reais parecerem irritadas?*

—Eu quero partir. — Morrigan disse quando Ualan terminou sua conversa longa, séria com seu irmão. —Encontrarei o modo de voltar.

—Você não pode ir. É sua coroação.

—A esposa de seu irmão sombrio não está aqui. — Ela assinalou com um duro movimento de sua cabeça para Yusef. O alto e serio Yusef viu seu olhar e franziu o cenho.

—Isto é porque ela está de castigo. Não tem permissão para estar aqui. — Ualan disse. Ele ergueu sua bebida, permitindo que um empregado retirasse seu prato.

Morrigan ergueu seu prato cheio e entregou diretamente para o homem. O homem pareceu surpreso ao vê-la recolher sua própria comida, mas quando o príncipe Ualan movimentou a cabeça o pegou e partiu.

—Bem, eu quero ficar de castigo, também. O que eu tenho que fazer?

Ualan olhou para baixo, pensando que ele não se importava em ter uma faca cravada em sua masculinidade.

Então respondeu: —Você esquece, esposa, que já te castiguei. Mas se insistir, poderei lhe dar mais. Afinal, eu sou um

homem de honra obrigado a comprovar se tudo está em ordem.

Morrigan viu o fogo em seu olhar enquanto sua mão deslizava sob a mesa para tocá-la intimamente. Ele lentamente levantou seu vestido em sua palma, levantando o sedoso tecido até que seus dedos foram recompensados com a carne quente. Ela tentou afastá-lo, enquanto conservava sua dignidade. Ele apertou mais forte, até que se rendeu. Pouco a pouco, sua mão deslizou para cima, encontrando o lugar onde sua coxa se conectava com seu centro. Ela ardia por ele. Ele sorriu, satisfeito com a resposta.

—Pare, irmão...

Ualan piscou, soltando sua mão quando notou o sorriso cúmplice de seu irmão Olek.

—Antes que o salão todo sinta seu desejo. — Olek disse, sem que as noivas pudessem entender. Nadja olhou com curiosidade, mas se virou logo antes que ele notasse que o estava olhando.

—Não se converteria em uma dessas celebrações. Eu não tenho nenhum desejo de compartilhar.

Ualan sorriu e encolheu os ombros, sem envergonhar-se, mas bem controlado.

Uma gargalhada soou na sala o que chamou a atenção de Morrigan. Inclinou-se para ver um garoto pequeno no chão. Vários guerreiros grandes o olhavam da mesa, rindo fortemente

quando mancou sobre seus pés. Com um pé retorcido levemente ele começou a se arrastar.

De repente, Pia saltou da mesa e apressada foi para o lado do garoto. Ele pareceu surpreso ao vê-la de pé e tentou fazer sua melhor reverência para a princesa. Foi um desajeitado movimento de seu pé.

—Deixem-no em paz! — Pia ordenou aos guerreiros. Eles a olharam com uma silenciosa pergunta.

Pia olhou de volta para seu marido que pareceu surpreso com sua explosão. Morrigan observou a interação silenciosamente, registrando com seu anel toda a cena.

—O que você quer fazer com Hienrich, minha senhora?— Perguntou um homem forte com uma barba. —Ele ofende você? Terei que mandá-lo embora.

Pia ficou vermelha, seu cabelo loiro voando enquanto ela girada para olhá-lo.

—Ele não fez nada!

Houve uma comoção e Morrigan não podia ouvir o que estavam dizendo. Ela inconscientemente se aproximou de Ualan. Ele olhou para ela com surpresa antes de pôr seu braço ao redor de sua cintura.

Então, ela ouviu Pia gritar: —Bem, eu sou uma princesa e ele será meu guerreiro pessoal.

—Se minha senhora deseja um guerreiro, vamos batalhar pela posição. Não nos insulte nomeando um menino. — O homem forte disse.

O marido de Pia desceu para a plataforma, seguindo sua esposa. Os guerreiros juntaram-se ao redor do grande homem mostrando seu acordo com a ideia e gritando dispostos para o torneio.

—Você ousa questionar uma princesa?— Começou Zoran, marido de Pia.

—Ele é meu guerreiro também. — Nadja disse ficando de pé. Olek olhou para ela com assombro, engasgando com seu vinho.

—E meu também. — Disse Morrigan, levantando-se. Seu vestido caiu sobre suas pernas e se alegrou com isso.

Ualan simplesmente sorriu para ela, sem preocupar-se. Deixando seu irmão Zoran lidar com este problema.

—Aí tem. — Zoran disse. Morrigan viu que ele estava tentando não rir. —Você não pode negar o desejo de três Princesas. Heinrich está agora sob proteção real e será tratado de acordo com sua nova posição.

As três princesas olharam uma para outra, uma compreensão silenciosa formando-se entre elas. Pia movimentou a cabeça agradecendo por seu apoio. A atônica sala voltou para a celebração mais uma vez.

Morrigan sentiu a mão de Ualan aproveitando-se de sua posição de pé, deslizando as pontas dos dedos próximos à sensível curva de seu joelho. Ela depressa se sentou. Ualan relampejou um sorriso inocente.

O banquete estava terminando e depois da refeição, a bebida entrava em abundância. Os músicos continuavam tocando. O silencioso Yusef tocou algumas músicas com algo parecido a um violão, demonstrando estar à altura. Alguém cantou no idioma de Qurilixien. Era uma bonita canção.

Morrigan notou que a raça de seu marido era muito mais livre com seus afetos que muitas culturas humanas. Beijavam-se abertamente e acariciavam seus amantes como se não se preocupassem. Para seu alívio, nada chegou muito longe.

Ualan passou a maior parte da noite tentando tocar sua esposa debaixo da mesa. Suas mãos queimavam de desejo, disparando descargas elétricas por todo seu ser. Ele sabia que apenas umas poucas horas o separavam da sua libertação. Morrigan tremia apesar de si mesma e apertou forte as pernas, irritada quando a incursão de Ualan ficou mais audaz.

Sussurrando em sua orelha, ele disse: —Se quiser que eu apague estas chamas entre suas pernas, posso desaparecer sob a mesa. Ficaria satisfeito de lambe o fogo em seu úmido interior.

Morrigan lançou um olhar horrorizado para ele que riu. Quando sua risada diminuiu, ele aproximou-se de sua orelha,

respirando ardentemente sobre sua pele. Ela tentou afastar sua mão pela milésima vez. Ele pegou suas mãos entre as dele. Com a velocidade de uma serpente, levou seus dedos até sua ereção e deslizou sua mão por toda sua extensão. Ele sorriu para a sala como se nada estivesse acontecendo. Morrigan ficou pálida, não tão dissimulada como seu caprichoso e quente marido.

Inclinando-se mais, obrigou seus dedos a envolver sua ereção. Segurou sua mão e começou uma lenta e longa carícia. O corpo de Morrigan agitou-se por própria iniciativa, sentindo o tamanho e a força dele. Sua respiração masculina parou e ficou ofegante enquanto silenciosamente lhe deixava ouvir o que ela estava fazendo.

Ardentemente, suas palavras soaram como um gemido e um grunhido de prazer e aprovação.

—Ou talvez pudesse persuadir você para que se ocupasse de mim sob a mesa.

Morrigan ofegou, muito fraca para soltar-se no momento, enquanto estava acariciando-o por cima do tecido de sua calça. Incentivado pelo cheiro de sua resposta, Ualan soltou o cordão de sua calça e moveu sua mão para que o tocasse diretamente em sua ardente excitação. O perigo a excitava de um modo que ela não pensou possível e não resistiu tanto como ela deveria tê-lo feito.

—Eu adoraria sentir a suave sucção desses lábios doces mais uma vez. — Ele implorou. Sua respiração roçava o lóbulo

da orelha e era como se ela mordiscasse sem sequer tocá-la.

Morrigan ardia de vergonha e retirou seus dedos violentamente da ereção de Ualan.

—Ah. — Ele suspirou decepcionado. Realmente, ele estava jogando com ela. Porém, se ela quisesse fugir para terminar isso sinceramente ele concordava, apesar da desfavorável circunstância e a multidão desavisada. Com decepção notável em suas palavras, ele encolheu os ombros. —Hoje à noite então.

Morrigan viu um novo copo situado perto dela na mesa vazia, cheio de um líquido amarelado. Pegando-o sem pensar, engoliu seu conteúdo doce. Imediatamente fez sua cabeça zumbir e ficou feliz com isto.

Observando Zoran escoltar sua esposa até a pista de dança, Ualan se inclinou para pedir a Morrigan: —Gostaria...?

—Tente isto e eu terei sua cabeça. — Ela rosnou em retorno.

Ualan piscou com assombro, mas riu quando percebeu que ela pensou que ele quis dizer que proporia ter sexo ali mesmo na mesa. Ele deixou o silêncio cair entre eles mais uma vez.

—Rei Llyr.

Morrigan girou para ver um dos loiros Vars de pé na mesa. Enquanto fazia uma reverência pode distinguir o desenho de um tigre em seu peito. Fez uma careta, tentando conseguir uma foto

dele.

Morrigan não podia entender suas palavras, mas Ualan podia e ele atentamente escutou.

—Muitas benções em suas uniões. — Disse o estranho. — Que seu reinado seja longo.

—Como o seu, Rei Attor. — Respondeu o regente Draig, levantando-se para mostrar um respeito, que sinceramente, não se refletia em seus olhos.

Morrigan estremeceu. O loiro Var lhe lançou um olhar aquecido, lateral. Ele curvou-se mais uma vez e partiu, se sua tropa atrás dele.

—O que foi tudo isso? — Ela se inclinou para frente, sua curiosidade momentaneamente conseguindo o melhor de sua raiva.

—Política. — Ualan respondeu sério, girando para manter seus olhos nos Vars. Um pouco de seu humor se apagou enquanto olhava com suspeita para o homem. O príncipe Yusef passou seu instrumento para seu dono e seguiu os homens silenciosamente.



Morrigan sentia-se terrível enquanto caminhava para casa com Mirox. Seu estômago estava revoltado e suando profusamente. Ualan teve que supervisionar algum assunto real urgente da corte com seu pai e enviou seu homem adiante para escoltá-la. Mirox não disse nada, respeitando o silêncio de Lady Morrigan. Não precisava ser um gênio para perceber o que está noite significava para o casal. Todos viram os ardentes olhares que o príncipe e a princesa trocaram a noite toda.

Uma vez sozinha Morrigan tropeçou para o banheiro. Estava nervosa sobre sua noite com Ualan. Seu coração estava acelerado. Ele era muito atrevido. O que esperaria dela? Nem sequer podia repetir alguma das coisas que Ualan lhe disse com seus lábios e sua língua audaz.

Tremendo, perguntou-se se todas as noivas sentiam náuseas quando enfrentavam a perspectiva de dormir com um guerreiro Qurilixien. Os calafrios não pararam, mas aumentaram.

—Não é isto. — Ela murmurou. — É porque ele é da realeza. Como eu posso ousar fugir da realeza? Estou verdadeiramente presa.

Morrigan tirou a coroa de sua cabeça e deixou-a no chão à medida que ela caía. Rastejando nas mãos e joelhos através do chão de mármore do banheiro, ela apenas conseguiu chegar ao vaso para vomitar.

Capítulo Quatorze



Ualan franziu o cenho, sua excitação diminuiu severamente com os eventos da noite. Yusef foi atacado enquanto vigiava o rei Attor fora das terras Draig. Seu irmão foi levado para a sala médica onde toda a tecnologia mais recente foi empregada para salvar sua vida. Ele estava em uma condição ruim, inconsciente. Os médicos disseram que ele estava ainda em perigo, mas eles tinham esperança de uma recuperação completa.

Os guardas já estavam sendo enviados para se juntar à esposa de Yusef e levar em segurança para o castelo. Estava claro que Yusef foi atacado pelas costas, pois não deu tempo de mudar para sua forma guerreira. Se houvesse feito, as facadas não haviam penetrado profundamente sua pele.

Entrando em sua casa, Ualan olhou ao redor. Morrigan não estava no sofá. Com um sorriso suave, ele olhou para a escada. Seu corpo ficou tenso automaticamente, buscando satisfação. Sua mente ansiava sua proximidade para afugentar os demônios de seus pensamentos. Não havia nada que ela pudesse fazer, mas a ideia de suas mãos gentis segurando-o era reconfortante em si mesma.

—Rigan? — Ele perguntou, subindo os degraus de dois em dois.

Para sua surpresa, ela não estava lá. Franzindo o cenho, buscou nos armários e balcões antes de se apressar a revisar o andar de baixo. Colocando a cabeça na cozinha, ele parou, ouvindo um som no banheiro. Sorridente, ele a imaginou na banheira, úmida e nua. Mas enquanto se aproximava da porta fechada, seus sentidos começaram a advertir-lhe. Algo estava errado. A porta estava trancada.

Batendo na porta, ele chamou: —Rigan?

Ela respondeu com uma tosse, antes de gemer: —Vá embora.

—Rigan, o que está acontecendo? — Ualan perguntou. Seguramente ela não estava chateada sobre ser uma princesa. Quando ele sentiu uma onda de dor golpeá-lo, irradiando de seu corpo, ele endureceu. —Abra a porta.

Apenas houve silêncio. Amaldiçoando, se inclinou para trás, golpeando a madeira com seu ombro. Lascou em vários pedaços permitindo-o entrar.

—Rigan...? — A pergunta morreu em seus lábios enquanto tropeçava com a coroa no chão do banheiro.

Ela estava deitada no chão, várias manchas amarelas haviam se formado sobre sua pele pálida. Podia ver um rastro por onde havia vomitado antes de cair indefesa no chão.

Seu sangue congelou.

—Rigan. — Ele disse, pegando-a em seus braços. Ele esmagou sua coroa, fazendo pedaços com sua bota enquanto saía apressado do banheiro. —Rigan, acorde.

Ela se mexeu. Piscando cansada murmurou.: —Homem das ca... — E desmaiou.

Ualan saiu correndo de sua casa, apertando-a contra seu peito enquanto ia para o centro médico. Chamando

Desesperadamente pedindo ajuda inclusive antes de chegar à porta, ele viu o corpo de seu irmão em uma das camas. Logo, Morrigan foi tirada de seus braços, seu corpo quase sem vida parecia gelatina enquanto o médico a levava para a parte de trás.

Girando, Ualan rosnou para a esposa aturdida do doutor e gritou: —Traga a minha família!

Ela saiu correndo para fazer o que havia pedido.

Ualan continuava parado sem poder fazer nada, olhando fixamente para a porta onde levaram Morrigan quando a família real, com princesas incluídas, entrou na sala. Apenas faltava a noiva de Yusef.

As assustadas princesas, Pia e Nadja foram escoltadas para uma sala separada para fazerem um teste de envenenamento, enquanto os homens ficaram sozinhos com a rainha.

—Se qualquer em nossa família morrer. — Jurou Ualan para

seu pai, sua voz se converteu em um grunhido como seu rosto começou a endurecer. Seus olhos brilhavam com um amarelo mortal enquanto as presas se expandiam em sua boca. Parecendo uma fera, ele rugiu. —Haverá sangue.



Morrigan estava muito mal e não parava de vomitar, até em seu sonho. Ela foi envenenada. Seu corpo lutava com uma valentia que fez seu marido sentir-se orgulhoso e por fim ganhou a batalha por sua vida. O médico lhe disse que se não houvesse a encontrado a tempo, ela estaria morta.

Yusef e Morrigan ainda não despertaram. A família mantinha-se ao seu lado, planejando a vingança durante toda a noite, enquanto esperavam algum sinal de vida. Com alarme descobriram que haviam levado a noiva de Yusef. Ainda que os melhores rastreadores já estivessem atrás dos sequestradores. Assim que o localizassem, Olek, Zoran, Ualan, e o rei estavam dispostos a ir por eles.

Ualan sentia-se inútil enquanto esperava ao lado de Morrigan. Era um homem de ação e isso o destroçava em pedaços. Estava secretamente contente com a missão de encontrar a esposa de Yusef, impaciente por acabar com seu

medo e impotência. A vingança e a fúria eram as duas melhores formas de aplacar o desespero que um guerreiro conhecia.

Haviam se ocupado do empregado responsável por servir a bebida. Logo descobriu que não era culpa dele. Um dos homens do rei Attor o distraiu enquanto ele preparava a bebida real. A bebida estava destinada ao rei e rainha, mas quando o rei Attor se levantou para falar, o empregado colocou o copo na frente de Morrigan para que não atrapalhasse o caminho. Ele nunca imaginou que a princesa Morrigan não reconheceria o selo real e o tomaria.

Ualan franziu o cenho, descendo a testa até os dedos de Morrigan. Se ele não a houvesse envergonhado, ela nunca teria tomado a bebida. Mas também sabia que, se a houvesse tomado seus pais, eles teriam morrido imediatamente. O veneno atuava mais lentamente nos humanos.

—Mm. — Soou um gemido leve. Ualan sentiu uma mão deslizar debaixo dele, golpeando a parte de trás de seu cabelo. —Eh.

A voz de Morrigan soava rouca. A cabeça de Ualan levantou-se para olhá-la. Seus olhos estavam profundamente fundos em seu rosto. Ele não comeu e quase não deixou seu lado. Ele foi uma vez para encontrar-se com sua família e uma vez para tomar banho e levar uma troca de roupa para sua esposa de modo que não tivesse que dormir com um vestido vomitado.

Quando ele olhou em seus olhos, viu que as fortes drogas que o médico havia lhe dado ainda a influenciava, sua mente estava confusa. Não se preocupava com isso desde que ela estivesse a salvo.

Pela primeira vez desde que a encontrou quase morta no chão do banheiro, sentiu que podia respirar.

—Ei. — Ela murmurou novamente. Sua mão estava muito fraca para mantê-la erguida e caiu sobre o cobertor. —O que aconteceu? Eu não sinto nada.

— É pelos medicamentos. — Ele suavemente sussurrou. —É para evitar a dor.

Morrigan movimentou a cabeça, piscando forte. Ela quase desmaiou antes de poder ficar lúcida. Seus olhos grandes brilhavam resplandecentes enquanto o olhava.

—Sonhei com um dragão. — Ela pronunciou.

A medicação diminuía qualquer conexão que pudesse haver entre seu cérebro e boca. Ualan riu. Não lhe importava, assim a deixou divagar.

Ele sorriu com ternura, zombando dela em um sussurro.

—Qualquer dragão ou um dragão em particular?

Ela levantou a sobrancelha, mas não pode manter a pose.

—O que você fez comigo, homem das cavernas? Golpear

minha cabeça e me arrastou para casa? — Murmurou.

O alívio de Ualan se intensificou. Seu coração palpitou ante sua rápida irritação. Ele estava tão preocupado por ela o odiar por não tê-la protegido melhor, ele se odiava por isso.

—Você foi envenenada. — Respondeu. —Mas não se preocupe. O médico disse que ficará melhor depois de descansar.

—Eu não tenho borboletas em meu estômago. — Ela protestou, sua mente viajava enquanto murmurava. —Não estou tão nervosa por dormir com você.

Ele teria sorrido como um louco se a pele dela não estivesse tão amarela.

—Fico feliz por ouvir isto, esposa.

—Quem? — Ela de repente perguntou, tentando se levantar. —Veneno?

—Logo. — Ele articulou, obrigando-a a se deitar. —Eles serão pegos.

—Oh. — Ela murmurou, com assombrosa demonstração de confiança. —Certo.

Ualan olhou para a mesa perto de sua cama, alcançando uma bebida. Ela a tomou agradecida, antes de fechar seus olhos. Olhando a pequena lente que o médico encontrou em seu olho junto com a esmeralda, não pode evitar perguntar.

—Por que você tem uma máquina fotográfica, Rigan?

Morrigan suspirou. Antes de adormecer, ela murmurou. —É meu trabalho. Eu vou expor você depois que deixá-lo.



Ualan grunhiu como uma estrondosa fera. Segurando o chifre de sua montaria, saltou nu no lombo da fera. As costas largas da montaria mudaram sob o peso do cavaleiro guerreiro, acostumada à rude manipulação. Sua boca cheia de dentes afiados se abriu rapidamente com o silvo de sua longa língua. Tinha os olhos de um réptil, rosto e as mãos de uma fera e o corpo de um pequeno elefante. Era perversamente rápido para um animal de seu tamanho e igualmente mortal.

Ajustando a lâmina de sua espada de lado, Ualan grunhiu.

—Haverá suficiente sangue para todos nós. — Zoran rosnou, vendo a crescente fúria de seu irmão, entretanto não a desaprovando... Ele também estava em sua forma animal.

—Sua esposa se recuperará. — Disse Olek, juntando-se a eles. —Sua mente está bem.

—Não se eu a estrangular na sua cama. — Ualan rugiu ferozmente. Seu rosto mudou em pouco tempo por causa de sua

ira.

Olek e Zoran trocaram um olhar enquanto o rei se aproximava deles à galope.

—Não há suficiente sangue em toda a terra para matar a ira de um marido quando provou a amargura das mentiras de sua esposa. — Ualan bate em seu corcel, raios assassinos relampejaram em seus olhos amarelos enquanto sua montaria corria.

O rei olhou para seus filhos. Eles simplesmente encolheram os ombros em resposta. Golpeando sua montaria, os três homens saíram atrás de Ualan.



—Aonde foi? — Morrigan olhava cansada a rainha das profundidades de sofá de Ualan. Ela não o viu desde sua visita breve no centro médico esta manhã. Quase não se lembrava, as drogas que os médicos havia lhe dado para fazer sair o veneno eram fortes. Ele não voltou desde então. Muito para um marido atencioso! Encolheu os ombros.

—Buscar justiça. — Mede calmamente respondeu.

Ela estava vestida simplesmente com calça comprida de

algodão e uma camiseta, não parecia da realeza com essas roupas. Eram seus olhos inteligentes que delatavam sua posição.

Mede estava visitando sua nora doente, tal como prometeu a seu filho que faria. Perguntava-se o que Morrigan disse para Ualan que o deixou tão bravo. Embora pudesse ler a fúria em Ualan ao pronunciar o nome de sua mulher, poderia dizer que ele cuidaria dela e nunca a machucaria. Ualan ficou destruído desde que a encontrou envenenada e nenhuma quantidade de consolo serviria para aliviar sua dor e culpa. Assim fizeram o que era melhor, o deixaram sozinho.

—Quem? Onde...? — A jovem se movia confusa. Seus olhos brilhavam de inquietude. Mede a acalmou cuidadosamente. —É perigoso?

—Provavelmente.

Morrigan olhou fixamente para a mulher como se ela tivesse outra cabeça. Ela disse isto como se fosse uma coisa boa.

—Onde está ele? Eu preciso vê-lo. — Ela disse, tentando ficar de pé.

Mede se afastou, recusando-se a interferir com o desejo da mulher de levantar-se. Ainda que soubesse que era melhor ficar sentada.

Estava certa. Morrigan tremeu e caiu no sofá com um

suspiro.

—Você não está em posição de montar. Fique tranquila. Nenhuma das outras princesas vai para a batalha. Não podem sair.

—Ir para a batalha?— Morrigan gritou, olhando fixamente com horror para sua sogra. Estavam às mulheres Qurilixien desejosas de irem para a batalha com seus homens? Ela girou seus olhos para ver os dragões na tapeçaria azul. Ela sabia que muitas raças acreditavam nessas coisas. Eram os Qurilixien uma delas? —Eu não sei lutar.

Mede sorriu.

— Você não conhece sua própria força, filha. Apenas uma lutadora espiritual poderia ter suportado o veneno da borboleta. E eu estou convencida de que apenas de que apenas uma lutadora espiritual poderia ter resistido escravidão de seu marido.

Morrigan pensou sobre isto. Havia aprovação nas palavras da rainha. Quando ela a chamou de “filha” Morrigan quase se despedaçou. Ela esteve sozinha por muito tempo. Não tinha nenhuma família. De repente, isso a golpeou. Aqui tinha uma família, uma forte, próxima e protetora família. E todos a queriam.

Pensando em Ualan, Morrigan soube que a Rainha estava certa. Era muito mais difícil resistir que render-se e morrer.

Como fez isto? Por que ela queria tentar? O resto do mundo não tinha importância. Não se tivessem uma oportunidade de fazê-lo funcionar e ser feliz. Seria tão ruim ser a esposa de um príncipe bárbaro?

Mede esperou pacientemente enquanto a moça ordenava seus pensamentos. Via como o descobrimento de Morrigan cruzava seu rosto pálido. Isso era uma das coisas que os guerreiros de sua raça nunca entenderiam. Precisava muito mais que cristais e o destino para conseguir o coração de uma mulher. Necessitava paciência e tempo. E, às vezes, precisava quase morrer.

—Todos os homens deste planeta são tão teimosos quanto seu filho? — Morrigan perguntou em voz baixa.

A rainha sorriu.

—Apenas se tiver sorte, querida. Apenas tiver sorte.



Morrigan olhou para cima da mesa com surpresa. As notícias de que os homens haviam liberado a princesa Olena de seus capturadores e que regressaram à torre a mais de uma hora. Morrigan estava muito cansada, mas enviou bênçãos com

a rainha.

Vendo Ualan, ela levantou-se como uma flecha. Tremia levemente, todavia fraca pela experiência. O prazer transformou-se em horror quando ela viu sangue em seu rosto. Suas roupas estavam vermelhas, seu cabelo emaranhado, sujo e suado. Trêmula, ela tropeçou adiante.

—Você está ferido?— Ela apressou.

Era uma pergunta insultante e Ualan não respondeu.

—Ualan? — Morrigan suspirou. Ela deixou seus dedos vagarem acima dele, buscando feridas, olhando o sangue que cobria sua espada na cintura. Ele estremeceu uma vez quando seus dedos tocaram seu peito. Satisfeita por ter apenas uma ferida, ela exigiu. —Por que você não estava vestindo uma armadura? Está louco?

—Pare de fingir. — Ele amargamente respondeu. —O que importa se eu morrer?

—Ualan? — Ela ofegou com surpresa ante o ataque pessoal. Vendo seus olhos cansados, ela o perdoou. Ela esteve doente de preocupação e agora estava muito feliz de vê-lo bem e junto a ela para dar-lhe importância. —Vamos, tem que se limpar.

Ualan afastou-se de seu aperto.

—Eu não preciso de sua ajuda, mulher.

—Mas... — Morrigan começou, com seus olhos abertos.

—Deixe de me olhar. — Ele rosnou, retirando seu braço de suas mãos dolorosamente ternas. Seu corpo formigava pelo desejo traiçoeiro. Ele não queria sentir nada por ela

Bruscamente a empurrou passando a seu lado, girando seu corpo debilitado em seus calcanhares enquanto entrava no banheiro. Poderia ter batido a porta com força, mas ela estava quebrada.

Morrigan esperou. Depois de um minuto, ouviu a água quente. Colocando as mãos em seus quadris, ela balançou a cabeça.

—Oh, não ele não fará isso!

Com o poder da determinação, Morrigan entrou no banheiro atrás dele. Colocou as mãos nos quadris e o olhou fixamente. Ualan levantou os olhos com surpresa ao ouvi-la. Seu nariz se abriu, estava limpando sua ferida como um animal ferido.

—Primeiro você quer uma esposa. — Ela furiosamente gritou. —E fica louco quando eu não quero ter nada a ver com você. Agora está gritando comigo porque eu estava preocupada com você? Acho que não, homem das cavernas.

—Rigan. — Ualan disse. O tom de sua voz indicava que tivesse cuidado.

—Quieto. — Morrigan advertiu, seus olhos relampejando destemida. —Você quis uma esposa. Bem, adivinha o que? Conseguiu uma.

—Conseguí? — Ele suavemente perguntou, olhando em seus olhos furiosos.

Ualan conhecia o engano e ainda sentia-se atraído. Queria acreditar nela. Queria mais do que isso.

—Oh, sim, então vai me deixar ajudar, vai deixar que veja sua ferida, que te ajude com o banho, e então vou fazer o jantar, se não nos matarmos. — Morrigan o desafiou a que discordasse, antes de adicionar: —E com minha arte culinária, é provável.

Ualan necessitou toda sua força para não rir. Este fato não o deixava feliz. Embora estivesse rígido e indiferente, exceto pelos instintos mais masculinos. Morrigan estava lavando sua pele e cabelo. Ualan quase enlouqueceu quando sua mão tocou seu estômago duro para limpá-lo. Seus dedos hesitaram com timidez enquanto se aproximava de sua ereção. Seus olhos ardiam como fogo líquido quando ela finalmente deslizou sua mão ensaboada sobre seu comprimento. Ela engoliu saliva, esperando por um sinal de aprovação.

Ficando abruptamente de pé, Ualan disse: —Acho que já está bom.

Morrigan recuou, mortificada.

Ele saiu do banho enrolou uma toalha ao redor de sua cintura, protegendo a evidência de seu desejo dos olhos dela. Morrigan não era tão fácil de convencer uma vez que sua mente

estava decidida.

—Onde estão seus primeiros socorros? — Ela perguntou.

Ualan, que estava concentrado em cheirar unicamente seu aroma, a olhou confuso.

—Bandagens. — Ela disse, apontando para seu estômago ferido. Agora que já estava limpo, não parecia tão ruim. Ela empurrou suas roupas ensanguentadas em um monte no chão dando-lhe chutes.

Ualan a olhou enfurecido, mas não disse nada.

Rapidamente ela perguntou: —Então você vai dizer a mim o que aconteceu?

—Não. — Ele respondeu secamente. Não podia falar, não podia se concentrar com ela tão perto.

Quando ela estava deitada agonizando, ele ficou muito assustado. Nunca orou por nada como por sua segurança. Então ela despertou e disse aquelas palavras que se repetiam em seu cérebro mil vezes. Ela planejava abandoná-lo. Mentiu. Não tinha a intenção de ficar e ser sua esposa. Era uma traição cruel.

Assim que a bandagem esteve em seu lugar, ele anunciou.

—Vou para a cama.

Morrigan olhou para sua toalha, onde a dura protuberância ainda pedia atenção feminina.

—Você gostaria que fosse contigo? — Ela perguntou, subindo a mão para tocar seu braço. O corpo dela estava fraco, mas não se preocupava. Temeu por ele quando se foi e se conformaria com segurá-lo. Lentamente, seus dedos se arrastaram até tocar a bandagem em sua cintura.

Ualan segurou suas mãos. Podia ver o que ela estava oferecendo. A tentação brilhava em seus escuros e grandes olhos. Durante um momento, ela esteve segura que ele a beijaria. Para sua surpresa, ele afastou-se e a deixou ir. Sem uma palavra, encaminhou-se sozinho para seu quarto, deixando-a dormir sozinha outra noite.

Capítulo Quinze



Essa primeira noite de rejeição podia ser pela fadiga da batalha. No dia seguinte? Certo, Morrigan podia dizer que era pela fadiga da batalha. Mas e no dia seguinte? Morrigan negou com a cabeça. Não. O terceiro dia era definitivamente uma rejeição.

Agora que ela era uma mulher livre, Morrigan se permitiu explorar sua nova casa. O palácio era deslumbrante. Havia cinco alas construídas acima, e ao redor da montanha mais alta no planeta. Foi informada que cada príncipe projetou sua própria seção.

Para seu assombro, e a julgar pelas casas, ela descobriu que os irmãos eram qualquer coisa exceto cópias idênticas um do outro.

Enquanto sua casa e de Ualan era todo fogo, mármore, e peles, a ala de Zoran e Pia estava construída com um acabamento de madeira dando ao lugar um verdadeiro sentimento oriental. A ala de Olek e Nadja havia uma gigante fonte de água no corredor dianteiro, rodeado de altas e cômodas cadeiras, as paredes tinham um aquário com peixes exóticos. Não viu a ala de Yusef e Olena, mas supôs que fosse igualmente maravilhosa. Yusef continuava no centro médico. Estava se

recuperando ainda, mas não ouviu muito sobre o assunto.

Para um palácio projetado e decorado por uma raça de homens antiquados e guerreiros, Morrigan pensou que era fantástico.

Quando ela viu o pátio, descobriu que o palácio era uma impecável fortaleza. Do chão, devido ao ângulo, não podia ver as janelas ou sacadas da família real. Foi desenhado desta forma, inclusive desde a distância, parecia ser apenas uma montanha. Era impenetrável.

Nos arredores do vale circundante, perto da sede do festival de reprodução, havia uma aldeia pequena sob a proteção dos Draig. As estradas eram de terra rochosa, e inclusive lisa. A aldeia era mantida imaculadamente limpa, construída com quase uma perfeição militar de ângulos.

As casas eram de pedra e madeira, de forma que até as mais pobres de famílias pareciam prósperas. Todo mundo vestia túnicas leves durante o dia como as da família real, mas sem o bordado do dragão e acabamento mais fino.

Com os três sóis brilhando no alto, esperava-se que estivesse mais quente do que realmente estava. Pela aldeia brilhante, corria uma brisa fresca. As horas da tarde, quando o céu ficava mais azul, usavam calças de algodão e camisas confortáveis, os quais os protegiam do frio da noite, que para Morrigan não era muito.

Ela adotou o estilo mais confortável imediatamente, tendo que, ante a insistência da rainha, pedir novos vestidos adequados a sua nova posição. Para sua decepção, Ualan simplesmente grunhiu quando os viu e se virou para buscar sua própria cama.

Ela fazia suas refeições na sala comum com o resto da família. Um alerta foi estabelecido na cozinha e para os empregados, assim era um pouco mais estressante do que habitual quando estavam reunidos. Os homens não se uniam a elas com frequência, eles comiam onde praticavam ou planejavam suas estratégias.

Morrigan sentia falta de Ualan cada vez mais a cada hora que passava. Ela perguntava-se como, em algumas semanas, converteu-se em uma parte tão importante de sua vida. Ela suspirava por suas perversas palavras que a faziam ruborizar. Sem ele, ela não se sentia bem em seu interior. Era como se um pedaço de sua alma houvesse desaparecido. Era uma sensação de vazio, de enfermidade.

Toda noite Ualan voltava tarde para a casa, depois de treinar com seus irmãos, ou de onde estivesse enquanto a evitava. Olhava para ela como se ficasse surpresor vê-la ainda ali. Então, ele ia para a mesa de jantar e observava minuciosamente os mapas e quadros até a madrugada. Morrigan os viu uma vez, mas não pode ler ou entender a sequência de seu significado. Ualan não se ofereceu nem uma única vez para explicá-los.

Quando ela falava com ele, suas respostas eram curtas e suas ações uniformes. Ele se recusava a contar seus planos. Ualan nunca conversava voluntariamente, exceto uma vez para perguntar sobre sua saúde quando ela sentiu uma momentânea vertigem para ter certeza de que ela estava vendo o médico diariamente para seus exames.

Morrigan descobriu, quando regressava de compras com a rainha que estava sozinha em casa novamente. Pia a convidou para passar a tarde aprendendo a se defender e Morrigan prontamente concordou. Qualquer coisa era melhor que ficar sozinha.

A rainha estava muito feliz com o plano e disse para Morrigan pegar um punhal do armário de seu marido. Olhando para variedade de armas, não estava certa de qual faca era o punhal. Então, ao invés, ela escolheu um pela beleza do cabo em lugar da lâmina. Sorridente, amarrou na cintura da calça de algodão.

Em todo o caso, Morrigan pensou, posso aprender a vencer meu marido em submissão. Ela sorriu. A ideia tinha seu mérito. Perguntou-se se poderia fazê-lo.

A ponto de partir, Morrigan parou. Alcançando a parte de trás de uma das prateleiras, retirou um velho comunicador intergaláctico. Tocando a faca em sua cintura, colocou-o de lado antes de se sentar no chão. Próximo a ela, escondido na saia de um de seus vestidos pendurados, estava a bolsa que levava na

nave do Noivas da Galáxia.

Puxando a bolsa e abrindo-a, percebeu que não olhou em sua mala desde que chegou. Era surrealista ver suas roupas novamente. Puxou uma camisa de moletom com capuz, algumas meias e sua roupa íntima. Sentindo-se nostálgica, tirou as botas e deslizou seus pés nas meias. Antes de perceber, trocou de roupas completamente. O sutiã sentia-se diferente com as camisas de Qurilixien e sua calcinha estranhamente estavam constringindo seus quadris.

Morrigan suspirou, sentindo arrepios e muita solidão. Ela não se permitiu pensar nisso antes. Mas agora, sozinha no armário, não podia segurar sua insegurança por mais tempo. Será que Ualan havia se cansado dela? Ele não a desejava mais? Com lágrimas em seus olhos, ela fungou. Agora que já não era um desafio, a excitação se foi?

Ao ver seu computador portátil, verificou a energia. A tela se iluminou sem nenhum problema. Seu artigo brilhou aberto ante ela. Com um clique, a tela flutuava com suas palavras, as que escreveu na nave; rogando por um final.

Engoliu saliva e pegou o comunicador, conectou ao seu adaptador. A luz da unidade ascendeu mostrando que funcionava. Com apenas uma pequena vacilação, pressionou as teclas de seu editor.

Clique. Clique.

Morrigan suspirou, ficando tensa quando o sinal piscou. Por um momento, considerou puxar a tomada. Mas, quando se moveu para desconectar e por fim ao sinal, já era muito tarde.

—Rigan? Rigan? — Escutou a áspera voz do seu editor. Ele parecia preocupado. —Rigan, você está aí? Maldição menina! Responda Rigan!

Respirando fundo, ela pronunciou em um tom irônico que não podia sentir tão facilmente.

—Calma, Gus, não arrebente uma artéria plástica.



—Meu senhor, sua presença é solicitada na sala de comunicações.

Ualan levantou os olhos de sua faca que apontava para a garganta do jovem soldado. Suspirando, ele bateu no pescoço do soldado indicando morte. De pé, movimentou a cabeça para Zoran antes de lançar a lâmina para ele. Zoran pegou a mão, apenas piscando enquanto voltava para a luta.

—O que é? — Ualan perguntou enquanto cruzava o pátio de treinamento até um dos tuneis secretos do palácio. Caminharam vários metros na montanha, através do corredor deserto do

castelo. O jovem soldado apertou um botão e eles começaram a subir a velocidade da luz.

—Nossos sensores captaram um sinal de comunicação, meu senhor.

—Quem nos saúda? — Ualan perguntou, olhando o dispositivo da porta de metal se abrir. Estava na parte superior da montanha, em uma pirâmide de vidro. Da parte inferior da montanha e do espaço, o cume era camuflado para parecer uma pedra vermelha. Porém, do lado de dentro, era tão transparente quanto vidro.

—Não, meu senhor, é um dos nossos comunicadores. — O soldado disse. —O sinal está tentando conectar com galáxia exterior.

—Foi feita alguma solicitação para uma chamada fora? — Ualan perguntou. Sabia ele que não tinha aprovado nenhuma.

—Não, meu senhor. — Disse o soldado. Ele olhou com cansaço para o alto príncipe quando ele ficou de lado para agarrar um receptor de telefone.

—De quem é o sinal?— Ualan perguntou.

O homem engoliu, quase encolhendo.

—É seu, meu senhor.

—Sinal conectado, meu senhor. — Disse outro homem na frente de uma tela flutuante. Ele a tocou fazendo-a piscar e

mudar.

O coração de Ualan batia rapidamente. A última vez ele viu seu comunicador estava em seu armário.

—Circuito fechado. — Ele ordenou, enganchando o receptor do telefone na sua orelha. Colocou as mãos atrás de suas costas, e olhou para o céu. Através do painel de proteção solar podia ver uma extensão de estrelas. Ele ignorou e escutou.

—Sim, meu senhor. — O homem disse. —Interceptando agora.

—Rigan, você está aí? Maldição, menina! Responda Rigan!

Ualan endureceu. Sua mandíbula estava apertada. Ele se recusou a mover ou mostrar suas emoções na frente de seus homens. Dentro dele, seu estômago girava. Seu coração se encolheu até quase parar. Por um momento, pensou que ela não iria responder. Ele esperava que ela não o fizesse. Decepcionou-se.

Tão claro como o dia, ouviu sua voz sensual responder: — Calma, Gus, não arrebente uma artéria plástica.



Morrigan respirou fundo. Não teve que esperar muito tempo.

—Que diabos esta acontecendo, Rigan? — O tom do homem que respondeu era de preocupação e aborrecimento. — Eu te enviei para fazer uma reportagem exclusiva sobre uma família real, não que se casasse. Contatei Noivas da Galáxia e lhes disse que era seu tio. Disseram que minha sobrinha foi sortuda o suficiente para encontrar para vida toda, o que seja que isso signifique.

Gus se casou treze vezes. Ele não acreditava em companheiros para vida toda.

—Gus. — Começou Morrigan, mas Gus ainda não tinha terminado de expressar sua frustração. Ela sabia que ele apenas estava desabafando. O homem estava preocupado com ela, ainda que fosse resistente em admitir.

—Que diabos aconteceu? Você fez um realce de peito, não é? Eu disse para não fazer isto! — Gus ofegada como se sentisse dor. —O que fizeram? Levaram você para um pôr do sol maldito como em um conto de fadas?

—Gus, isto não é nenhum conto de fadas. — Ela respondeu, pensando em seu corpo insatisfeito, que parecia doer o tempo todo, sem importar o que estivesse fazendo. Simplesmente estar sentada no armário, rodeada pela roupa de Ualan, fez seu corpo estremecer e acelerar seu pulso por causa de seus pensamentos.

—Em todo caso. — Ele disse, como se não a ouvisse. — Deve fazer com que te devolvam os peitos antes de voltar.

—Calma. Tome uma pílula, Gus, está a ponto de desmaiar.

—Vou me acalmar quando me disser diabos está acontecendo! — As palavras foram seguidas por uma tosse.

Suspirando, Morrigan mentiu.

—Estou presa. Não é nada, Gus, apenas uma inconveniência.

Era mais fácil que explicar que estava casada e o homem não queria nada a ver com ela. Por não falar, mais diplomaticamente, de seu ego ferido.

—Você tem algo, verdade? — Gus exclamou. —Eu praticamente posso cheirar a história em sua voz. O que é? A peça que estava faltando no caso do comércio de virgens no que estava trabalhando? Eles ofereceram devolver sua virgindade?

—Não, eles não o fizeram! Deixe de ser lascivo ou vou desligar.

—Tranquila, menina. — Ele tossiu. —O que tem sua cabra?

—Minha cabra, Gus? Você tem jogado “Assassinos no quadrante dez” outra vez, verdade? Disse que eram leitores de mente.

Houve uma pausa longa, silenciosa. A comunicação emitida

um cheiro forte de culpa.

—Não importa. — Ela disse. —Não quero ouvir como você perdeu outra esposa para eles no pôquer.

—Ela quis ir. — O homem protestou.

—Escute. — Morrigan disse antes que pudesse se defender. Os velhos comunicadores era muitas vezes instáveis e podiam se desconectar a qualquer momento. —Preciso de um favor. Eu quero que você olhe o contrato que assinei com Noivas da Galáxia. Ver se o alteraram de alguma maneira. — Fez uma pausa. —E se nossos advogados galácticos podem achar quaisquer furos nele.

—Furos? — Disse Gus, com compreensão em sua voz. — Você se casou, não é? Eu estava brincando sobre isso. Nunca pensei que veria o dia que você me deixaria Rigan. Faz com que um homem quase chore. — Grunhiu Gus. Ele tossiu, recusando-se a ficar muito sentimental. —Eu posso romper o contrato se é isso que está me perguntando. Não há necessidade de advogados. Apenas me diga que é infeliz e farei qualquer coisa. — Outra vez limpou a garganta. —Isto depois de você me enviar a historia dos príncipes bárbaros.

—Maldição, Gus! Deixe seu maldito copo e me escute. Os arquivos do Noiva de Galáxia são inexatos. São enganosos... Não estão bem. É como se alguém preenchesse os espaços em branco com suposições.

—O que você quer dizer?

—Eu me casei por acidente. O Noivas da Galáxia tem arquivos ruins, quase todos com informações inexatas.

—Eles sabem? — Gus meditou. —Agora isso poderia ser interessante. De qual ângulo lidará com isso? “Pobre repórter estrela” foi presa? Ou a cobiga por trás dos casamentos intergalácticos, o que as corporações fazem para conseguirem alguns dólares?

—Desacelere suas rodas. — Ela disse. Era bom ouvir sua voz, ainda que ele estivesse frustrado.

—Então você não está casada?

—Apenas por suas leis. É por isso que preciso que veja meu contrato. Use Harcy. Ele é rápido em recuperação. Diga-lhe que vou limpar a sua dívida de pôquer Quazer se ele fizer isto para mim.

—Então, você não está deixando seu posto no trabalho?

—Não. — Murmurou Morrigan. —Não estou deixando o jornal.

—Eu sabia. — Gus exclamou. —Sabia que minha melhor menina nunca se acomodaria. Isto é o que te faz melhor, Rigan. Eu a beijaria se estivesse aqui! Agora, sobre aqueles príncipes...

—Eu conseguirei a história, Gus. Você apenas faça seu trabalho e me tire deste maldito planeta de bárbaros.

—Vou fazer, menina, sim!

—Obrigada. — Morrigan começou a erguer seu dedo para terminar a transmissão. Sua voz a parou.

—Ele é tão ruim? — Fez uma pausa e riu. Morrigan rolou seus olhos. Uma vez que ela voltasse para o escritório nunca ouviria o final disso: —Seu marido, quero dizer.

—Ele não é meu marido, Gus. Ele é só um inconveniente na história. — Seu tom estava morto e a mentira deixou um vazio. Seria melhor não pensar sobre isto.

—Maldição você tem um coração cruel. Sempre achei, e agora eu sei. Mas, no momento, por que não envia suas fotos? Vou expô-las e prepará-las para a reportagem.

Morrigan congelou. Fechando seus olhos, ela mentiu: —A máquina fotográfica quebrou. Estou tentando consertá-la, mas pode que não consiga.

—O que?! Eu deveria deixá-la aí por causa disso. Sabe quanto eu paguei...?

—Poupe o discurso, me deve pelo menos isto. Além disso, a máquina fotográfica tinha dez anos e eu mesma a comprei. Agora me tire daqui, teimoso...

—Estou nisto. — Ele respondeu secamente. —Chame de volta em dois dias. Você pode ter a história até lá?

—Claro. — Ela murmurou. —Ah Gus?

—Certo, menina, o que é? — Suas palavras eram suaves.

—Nunca aceitarei outra tarefa como esta novamente.

Morrigan bateu no botão, terminando a comunicação. Seu coração estava acelerado e ela começou a soluçar.



Ualan entregou o receptor do telefone ao soldado que estava olhando. Ele escutou em silêncio a voz da sua esposa. Ele era uma inconveniência para ela, um caminho para conseguir sua história. Os deuses realmente o amaldiçoaram. Rigidamente, ele movimentou a cabeça para os soldados.

—Ela chamou seu tio. — Ele mentiu. —Falarei com ela. Não fará mais comunicações sem autorização novamente.

—Sim, meu senhor. — Os homens responderam em uníssono, aceitando a palavra do príncipe.



Morrigan estava bêbada. Não, isso não era verdade. Ela estava além de bêbada já há uma hora. Tropeçou novamente no móvel do bar, observou a linha de garrafas restantes. Os recipientes abertos estavam estendidos no chão e na mesa perto dela. Os copos estavam alinhados com uma mistura estranha.

Pegou uma garrafa particularmente atraente purpúrea, a colocou debaixo do braço e pegou outra feia de cor vermelha. Tropeçando novamente entre os copos que usou para ficar bêbada, deixando-os cair no chão. Pegando um último copo limpo, abriu a garrafa e serviu. Então observou a vermelha, piscando fortemente. Torcendo a tampa misturou as duas. Ficou parecendo lodo, mas ela estava muito bêbada para se preocupar.

—Isto deve ser bom. — Refletiu bêbada, balançando a mistura e tomando. Não era. Morrigan cuspiu no copo com uma careta. Estava surpresa por ter um sabor depois de ficar tão bêbada.

—O que demo...? Rigan?

Ualan olhou para sua esposa. A casa cheirava a bebida alcoólica. Olhando as garrafas ao redor, ele viu que ela quase acabou com tudo. As cortiças em laços estavam espalhadas pelo chão.

Algumas das garrafas não eram, inclusive para beber. Muitos copos estavam espalhados pela mesa e cadeiras. Ualan notou que as misturas mais “fortes” apenas foram tocadas.

Inclusive, viu algumas garrafas na porta do banheiro. Mais preocupado com ela que com sua coleção de bebidas, franziu o cenho.

Morrigan levantou o olhar e franziu o cenho bêbada. Ualan ficou ante seus olhos de natação, dançando e parou na frente de seus olhos divagantes, entrando e saindo de seu instável campo de visão. *Oh, mas ele estava ainda mais bonito.* Tinha uma magnífica cintura, um magnífico peito. Morrigan soluçou.

Ele parecia irritado. Tinha as mãos em seus quadris, enquanto a olhava com incredulidade. O que era novo? Ela bufou, levantando a última mistura e tentando tomá-la novamente. Ao ver que o sabor não mudou, cuspiu e amaldiçoou.

—O vermelho é rum Qurilixien e a púrpura é uma mistura para culinária. — Ele disse. —Não combinam.

Morrigan franziu o cenho, erguendo a garrafa púrpura e tentando ler. Não teve nenhuma sorte. Não era seu idioma e não podia se concentrar.

—O que você pensa que está fazendo? — Ele exigiu, olhando para a bagunça que ela fez no seu chão de mármore.

Ela vacilou e cambaleou em seus pés. Afastando-se disse: —Não se preocupe, sua graça, eu, Morrigan, sua humilde e mais obediente serva...

Caiu quando tentou fazer uma reverência, soluçando de

novo. Sua cabeça dava voltas, estava muito bêbada para notar. Ualan começou a avançar, mas parou quando percebe uma adaga cerimonial em suas mãos.

—Dê-me isso antes que você se machuque. — Ele exigiu, preocupando-se com a forma como balançava. Se caísse, poderia se machucar. Seu coração saltou em sua garganta quando ela tropeçou novamente e a faca deslizou para baixo, perto de cortar sua coxa.

—Não. — Ela respondeu. Esteve usando a ponta da faca para abrir as garrafas e agora apontava para ele.

—O que você pensa que vai fazer com isto? — Ele disse em alerta. Seus olhos brilhavam e seu nariz se abriu.

—Vou matar você! — Ela gritou.

A mente de Morrigan girava. O licor apenas aumentava sua dor. Pensou que se ficasse bêbada seria capaz de ignorá-lo. Mas nenhuma das garrafas teve efeito. Ele estava ali e era muito bonito. Ela apenas queria que ele a olhasse como fez na noite da coroação. Ela apenas queria que a desejasse de novo. As lágrimas nublaram seus olhos escuros, e queimaram seu nariz. Ela queria que ele devolvesse sua alma.

—Rigan. — Ele advertiu, começando a avançar.

Pensou melhor quando tropeçou novamente. A agonia o subjugou, intensificado pelo conhecimento de suas palavras com o homem no comunicador. Seu estômago estava duro como

uma rocha cheia de dor desde então e agora vê-la disposta a matá-lo, era um golpe mortal.

—Se você vai me apunhalar, então o faça. Mas é melhor que faça bem, esposa. Apenas terá essa oportunidade.

Morrigan parecia aturdida e piscou. Não podia sentir os dentes em suas gengivas e ela os rangeu violentamente. A faca se apoderou de suas mãos. Tudo o que sabia é que sua alma tinha um buraco, que estava começando a comer seu coração. Tinha que parar isto. Tinha que parar a dor.

—Eu irei. — Ela respondeu com outro soluço.

Ualan sentiu o que ela iria fazer, antes mesmo dela apontar a faca para seu peito. Instintivamente, ele se transformou, sua pele endureceu, convertendo-se a uma cor marrom escura sob sua roupa. Uma linha surgiu em sua testa empurrando para frente criando uma placa dura e impermeável sobre o nariz e a testa. Seus olhos amarelos capazes de ver o menor movimento dela. De suas unhas cresceram garras e de sua boca, dentes afiados e mortais.

Com velocidade sobrenatural, ele golpeou para frente lançando seu pulso antes que Morrigan pudesse atingir seu coração com a faca. Como estava bêbada, seu impulso era fraco e a faca roçou a pele blindada, apenas arranhando.

Ele arrancou a faca de seus dedos. Aproveitando que Morrigan estava debilitada ao ponto de deixá-lo pegá-la. Jogou a

faca atrás dele, ignorando o ruído na parede.

Seu nariz de dragão se abriu mais enquanto a observava.

O coração de Morrigan batia fortemente pela emoção e medo. Desde algum tempo havia suspeitado de algo como isso. Todos os homens Qurilixien brilhavam os olhos de forma estranha às vezes e uma vez ela viu a pele de Zoran mudar levemente de cor. Não era que alguém que mudasse de forma fosse estranho nas galáxias. Ela conheceu varias espécies que de certa forma, tinham essa capacidade.

Seus olhos piscaram tentando se concentrar em seu rosto em uma tentativa desesperada para focar. Ualan forçou a si mesmo a permanecer tranquilo, preparando-se para o grito que, sem duvida, viria. Não pode estar mais equivocado.

Morrigan respirou fundo. Não lhe importava que suas características houvesse se transformado ou mudado. Não lhe importava que sua pele tivesse endurecido, inclusive com mais firmeza em seus músculos que de costume. Ele era bonito. E estava segurando-a. Isso era a única coisa que importava.

Seus olhos, ainda que de cor diferente, eram os mesmos olhos pelos quais ela se apaixonou. Seu peito se agitava enquanto a segurava em seus braços, braços tão fortes e seguros, braços nos quais ela queria passar toda sua vida. Ela o ansiava e era doloroso, mais doloroso que o desejo de viajar que normalmente a consumia.

Bêbada ela agarrou seu rosto em suas mãos e o beijou. Ualan endureceu. Estava surpreso por ela aceitar sua mudança tão facilmente. Sentindo sua suave boca pressionando a dele, mudou novamente à forma humana para saborear melhor sua oferta. Ela tinha gosto de licor, mas ele não se importava. Era doce e seu corpo era tão suave.

Morrigan gemeu. Ela sentiu a mudança e avançou a língua para aprofundar o beijo. A pele de Ualan ficou mais flexível sob seus dedos. Ela se levantou de um salto e passou as pernas ao redor de sua robusta cintura, empurrando de forma natural sua crescente ereção. Seus braços a envolviam firmemente apertando seu traseiro para mantê-la ali. Morrigan se movia contra ele, apertando com paixão sua ereção tentando colocar fim a seu tormento.

Ualan grunhiu ao sentir o úmido calor entre as pernas de Morrigan. Nada importava, nem os enganos, nem as mentiras. Ela era uma parte dele, e ele uma parte sua. Amanhã seria outra luta. Esta noite seria...

—Para cima. — Ela rosnou em seus lábios que ainda se tocavam.

Ualan não precisava que dissesse duas vezes.

Com toda frustração acumulada pela raiva que sentia desde que a conheceu, se lançou para as escadas, levando-a facilmente nos braços.

Morrigan tirava suas roupas antes mesmo deles alcançarem o topo. Ele a queimava, aturdindo-a com sua paixão por ela. Ela soltou as pernas e Ualan a deixou no chão. Enquanto ela arrancava sua calça; fazendo-o arrepiar de excitação, ele a empurrou para a cama.

De repente, a mão dela congelou, a meio caminho de sua ereção quente, a quase chegando à rígida ponta. Ualan afastou-se surpreso justo a tempo de ver seus olhos ficarem fora de foco perigosamente. Se não houvesse a segurado teria caído no chão, completamente desmaiada.

Ualan engoliu saliva, ofegando de forma selvagem para tomar fôlego, tentando se adaptar a outra decepção. Tremendo tirou a mão de sua ereção e a levantou para colocá-la ternamente na cama.

Ainda estava tremendo quando saiu para seu escritório. Esta noite poderia ter sido para sempre...

Capítulo Dezesseis



A manhã foi cruel e tarde não foi muito melhor. Morrigan acordou sozinha na cama de Ualan ao invés do sofá. Sua cabeça doía em agonia e teve sorte por ter remédio no andar de baixo. Talvez não fosse veneno de borboleta, mas de acordo com sua cabeça, era um veneno que a afligia.

Ualan não estava, mas ela viu o travesseiro amassado no sofá significando que ela novamente dormiu sozinha. Vagamente lembrou-se de seu estado de embriaguez, surpreendeu-se ao encontrar a casa em ordem e o móvel do bar completamente fechado. Olhando em silêncio a fechadura a laser, riu e logo fez uma careta ante a dor causada pela ação. Não que fosse voltar a tentar um experimento falido como a noite anterior em um curto espaço de tempo.

Para seu assombro, quando voltou ao andar de cima, viu que as armas de Ualan haviam desaparecido do armário. Ela franziu o cenho recordando de pronto à faca que pegou. Sem dúvida a cena na sala não foi um sonho. Mas, os beijos foram muitos reais. O outro foi real também? Ela realmente não havia tentado apunhalar a si mesma no coração? Ou sim? Morrigan negou com a cabeça. Não, era impossível. Ela não faria nada tão estúpido.

Recusando-se a afastar muito da cama, Morrigan caiu nela e logo dormiu novamente.



—Nenhum dos homens quer lutar conosco. — Disse Zoran para seus irmãos. Ele olhou para Ualan e logo para Olek e depois atrás novamente. —Eles dizem que nosso humor é muito negro. Tem medo de que os matemos.

Ualan olhou para os homens que, cuidadosamente, haviam se afastado mais no campo de exercício para ficarem longe dos irritados príncipes. Não podia culpá-los. Mas isso não queria dizer que o deixava satisfeito. Seus lábios se curvaram em uma careta. Morrigan empurrou seu corpo ao limite e ele precisava se liberar... Qualquer tipo de liberação.

Dizendo o que todos estavam pensando, Olek rosnou: — Que diabos nós deveríamos fazer agora?



A casa de Olek e Nadja estava cheia de uma exuberante vegetação que crescia fora no terraço de cristal, enroscando-se na porta e parte do teto. Um gigante aquário ocupava uma das paredes, com um gigante peixe de cor rosa com ventosas que se aderiam ao vidro, o segundo aquário com escuras águas, através das quais não se podia ver com exceção dos indícios de vida que se movia mais além do vidro. No centro da sala, havia uma fonte natural de água, relaxante e tranquila em sua resplandecente beleza. Também havia plantas que cresciam nas gretas das pedras.

Estirando seus braços acima da cabeça, Morrigan bocejou. Ela se sentia melhor, entretanto seu corpo doía quando se movia e sua cabeça não estava de tudo bem. Nadja e as outras duas princesas foram boas o suficiente para não mencionar sua palidez e seus olhos vermelhos. Em um ponto de seus casamentos como os príncipes Qurilixien, todas se sentiam como se houvesse feito o mesmo.

—Hienrich está agora treinando como um soldado. Eu o liberei de sua obrigação conosco. — Disse Pia em resposta para uma pergunta sobre o menino.

Olena não entendeu, mas as demais movimentaram a cabeça de acordo.

—Então, alguns de seus maridos mentiram para vocês sobre quem eles eram? — Olena perguntou.

Seu cabelo vermelho estava preso em um coque e seus

olhos verdes brilhavam com diversão, inclusive quando não estava tramando algo. Ela não parecia estar mal depois de sua terrível experiência com os sequestradores, mas tampouco falava sobre isso.

—Eu pensei que o meu era um guarda da prisão. — Pia riu.

—Eu chamo o meu de jardineiro. — Morrigan refletiu, colocando a mão sob a cabeça pelo respaldo do sofá. —E homem das cavernas.

As mulheres riram. Nadja apenas ruborizou com timidez e admitiu.

—Eu chamo ao meu de dragão.

—Eles são todos dragões, se você perguntar a mim. — Morrigan piscou para Nadja.

Nadja riu enquanto se levantava para responder a alguém na porta. Piscando com surpresa ao ver a rainha, deixando-a passar.

Mede entrou no círculo íntimo de mulheres e movimentou a cabeça.

—Eu ouvi que vocês todas estavam aqui.

—Como está Yusef? — Olena perguntou, de repente um rubor cobrindo seu rosto ante a explosão de preocupação. Negando-se a olhar para suas companheiras.

—Ainda acordado. — Respondeu a rainha. —E ainda com seus irmãos. Eles falam de guerra e guerra sempre faz felizes os guerreiros, porque é algo que sabem fazer.

Olena movimentou a cabeça, encostando-se em sua cadeira e tentando fingir que ela não se importava de qualquer maneira.

Não enganou ninguém.

Mede olhou para Morrigan e levantou sua sobrancelha delicadamente. Morrigan teve que se virar para o outro lado. Havia muito conhecimento nesse olhar. Mas, para sua surpresa, a rainha não disse nada.

Nadja de repente perguntou se alguém queria algo para beber. Morrigan recusou imediatamente, empalidecendo ainda mais. Elas todas riram.

—Não, querida, estamos bem. — Respondeu a rainha. Ficaram um minuto em silêncio.

Mede sentiu-se decepcionada por que as mulheres não continuaram falando livremente em sua presença. Ouviu suas risadas e estava ansiosa para ser parte disso. Mas também sabia que as mulheres tinham seus próprios problemas. Não podia culpá-las. Seus filhos eram grandes homens, mas às vezes muito teimosos para seu próprio bem.

Ao falar, disse: —Filhas. — As princesas olharam esperançosamente. Mede sentou-se próxima a elas. —Chega disso. Este planeta está desesperado por mais mulheres e tenho

a intenção de ver cada uma de você explorar o poder que possuem. Seus maridos são guerreiros. Espero que cada uma tenha uma clara ideia do que isso significa. Apenas porque eles fizeram as regras, não significa que não podem utilizá-las. Vocês tem mais poder do que pensam. Assim que, digam-me seus problemas com meus filhos e eu darei a vocês a solução Qurilixien. Acho que é hora de que uma mulher da realeza tenha vantagem alguma vez.

Lentamente, uma por uma, as mulheres sorriram, crescendo cada vez mais confiante com as palavras da rainha. A rainha assentiu feliz. Assim era como supunha que deveria se relacionar com suas filhas. Esperou muitos anos para deixar que seus filhos arruinassem seus planos de uma família gigante.

—Pia. — Começou a rainha, olhando fixamente para a mulher mais próxima a ela. —Por que você não fala primeiro?



Morrigan não podia acreditar nisto, mas de fato, sentia-se trezentos por cento melhor depois da conversa a tarde. A rainha era uma grande fonte de informações e esteve contente por informar suas filhas de como tomar a mão. A conversa fez também com que as mulheres se aproximassem mais, como

uma família. Morrigan sorriu. Uma mulher realmente podia usar sua família. Agora tudo o que tinha que fazer era conseguir colocar seu marido na linha. Mas, o primeiro era o primeiro, tinha que tomar um momento para aliviar sua tensão matrimonial.

—Rigan? — Chamou Ualan, entrando às pressas pela porta. Fechou atrás dele.

As luzes estavam apagadas, mas ele não percebeu que sua esposa, que normalmente, preferia da cúpula superior acesa.

Agarrou a mensagem que recebeu. Dizia que havia uma emergência em sua casa. O guarda não pode dizer nada mais, embora o príncipe quase o agitasse de preocupação. Quando saiu essa manhã, sua esposa respirava e parecia estar bem. Olhando ao redor, ele franziu o cenho.

—Rigan?

—Aqui.

Ele ouviu sua voz chamar de cima. Subindo as escadas de dois em dois degraus, disse: —Recebi uma mensagem dizendo que havia uma emergência.

—Há uma emergência.

—Você está doente?

Os pés de Ualan frearam ao chegar à parte superior da escada. Seu ritmo cardíaco parou por completo. Descansando

em sua cama havia um corpo envolvido em seda, indecentemente vestido com a camisola que ele havia comprado, esta era sua esposa. Sua boca ficou seca e seu cérebro se entorpecou por um momento.

As alças de renda brancas se entendiam desordenadamente sobre o peito, em cima de apenas seus mamilos. A seda abaixo mantinha a renda no lugar, ainda que não cobrisse o vale entre os seios. Mais abaixo, uma tira de renda marcava o caminho entre suas pernas, as que estavam levemente abertas em um convite natural.

—Rigan? — Ualan perguntou inclinando automaticamente a cabeça para ver a totalidade de sua perna sob a seda.

Arrastando-se como um gato, Morrigan disse: —Sim, estou doente e eu estou cansada, Ualan. E também você.

Ualan ofegou. O espelho na cabeceira da cama lhe deu uma exuberante vista de seu traseiro. Por tudo que era sagrado, sua esposa era linda. Seus olhos percorreram a parte posterior das coxas, apenas para olhar seus formosos seios que agora tinham a cor de ouro pela luz do fogo.

Morrigan lentamente rastejou até o final da grande cama, deixando que ele olhasse para ela, gostando da maneira como sua respiração ficava ofegante e seu estômago se apertava. O cabelo escuro de Morrigan estava sobre seus ombros, caindo para frente até tocar os lados de seus seios e marcando os olhos escuros.

Inclinando-se para trás sobre seus calcanhares quando chegou à beirada, abriu as pernas e moveu o dedo fazendo sinal para que ele se aproximasse. Ualan engoliu saliva ao ver a expressão travessa em seu rosto, revelando seus planos para ele.

Seu corpo não poderia suportar outra interrupção. Precisou de toda sua força deixá-la desmaiada na cama. Não é que ele teria feito algo com ela inconsciente em sua cama.

—Rigan, não. — Ele disse surpreendendo a ambos.

Estava louco? Tudo o que seu corpo duro desejava estava de frente para ele, envolto como um presente deliciosamente malvado. Ualan engoliu saliva, seus olhos olhavam, como se por vontade própria, o lugar onde seus seios se levantavam a cada respiração. O sangue correu de sua cabeça para baixo, para encher suas entranhas com fogo líquido.

Balançando a cabeça para parar o efeito que sua pele pálida, estava tenso em seu corpo, e acrescentou com voz rouca: —Não está funcionando para nós. Talvez devêssemos parar de forçar.

Morrigan não era muito fácil de dissuadir. Ela viu a paixão em seus olhos. Lambendo os lábios em reconhecimento de seu prazer carnal, ela negou com a cabeça.

—Não, não está funcionando. Mas isso vai mudar agora mesmo.

Quando ele ia protestar, ela franziu o cenho e exigiu em uma voz alta: —Eu invoco o direito de Murr makti.

Ualan estava chocado. Ela estava exigindo seus direitos matrimoniais sobre ele?

—Apenas os homens... — Ele começou colocando as mãos nos quadris. Apesar de um suave sorriso começar a se formar em seus lábios em posição dominante.

—Não. Alguma vez te contei que sou repórter, Ualan? E como uma boa repórter, eu fiz um pouco de pesquisa. — Ela disse, puxando uma alça de seu ombro enquanto falava. A tira deslizou tranquilamente sobre a pele até descansar na parte superior do seio. Se ela se movesse, cairia por completo. Ficou quieta.

Ualan não podia respirar. Ele já sabia o que ela estava fazendo, mas esta era a primeira vez que ela admitia diante dele. Significava que ela mudou de ideia? Pensando em “Gus”, ele duvidava. Ainda assim, observava cada um de seus movimentos, muito excitado para fazer algo mais.

—Não tem que ser do sexo masculino para invocar o direito. — Ela conscientemente ronronou. —Uma esposa tem todo direito à cama de seu marido e se ele se nega a cumprir com esses direitos, ela pode exigi-los. Se ele ainda se nega a cumprir sem uma boa desculpa, será lançado nos calabouços por trinta dias para repensar sua decisão.

O olhar de Ualan a queimava. Ele conhecia essa lei, a conhecia muito bem. Engoliu de novo, quase não podia escutar suas palavras.

—Do meu ponto de vista, não tem uma boa desculpa. — Morrigan disse, com um significativo olhar para sua excitação.

O corpo de Ualan ficou tenso.

—O que diz você príncipe dragão? Devo chamar a guarda real? — Morrigan se levantou, deslizando seus pés no chão para ficar de frente para ele.

Para sua descarada decepção, ela empurrou a alça de volta para o ombro, mas fez um biquinho mais sexy com seus exuberantes lábios que ele jamais viu.

No fundo de sua mente, Ualan pensou que talvez ela estivesse tentando seduzi-lo para seus próprios fins. Mas ao ver sua pele cremosa que refletia como ouro à luz do fogo, ele ignorou o pensamento. Haveria tempo para escutar aborrecidas vozes mais tarde.

—Você deseja ser encarcerado? — Ela sussurrou.

Ualan negou com a cabeça, olhando com olhos famintos enquanto a devorava.

—Então tire a roupa.

Morrigan o olhava descaradamente enquanto ele obedecia. Com um rápido movimento, a túnica saiu de seus ombros.

Chutando suas botas as afastou antes de tirar completamente a calça. Com valentia, ele a olhou, seus olhos brilhavam com seu fogo interno.

Ele não conhecia a vergonha, estava orgulhosamente de pé diante dela.

Morrigan ficou sem palavras. Ele era tão bonito.

Sua pele escura brilhava com o fogo, as chamas dançavam perversamente sobre os contornos de seus músculos. Nem sequer tinha que tocá-la para fazer com que seu corpo tremesse de desejo. As faíscas, o fogo, as chamas de luxúria, ou o que fosse que estivesse pensando, atravessou seu coração e membros, com uma força vertiginosa e tudo era por ele. O buraco dentro de seu peito começou a reparar-se. Sabia que esta era a peça que faltava.

—Conto com a aprovação da minha senhora? — Ele disse com voz rouca, aproximando-se com uma urgente necessidade de tocá-la. Seu musculoso peito levantava-se com respirações selvagens, como um animal. A cabeça inclinada para baixo, como se estivesse pronto para atacar.

Os lábios dela se abriram ante sua audácia, ante sua insolência enquanto caminhava nu.

Ela tentou assentir com a cabeça para lhe responder, mas quase não podia se mover.

Ualan viu o desejo dela e aproveitou esta oportunidade

para recuperar o controle.

—Agora, esposa, vejamos o que disse que negligencieei.

Morrigan estremeceu. Quando ela não se moveu o suficiente rápido, um perverso sorriso se formou nos tentadores lábios.

A mão de Ualan foi para frente, pressionando imediatamente seu centro aquecido. Ele manteve-se afastado dela, contente por encontrá-la quente e pronta para ele. Seus dedos eram duros contra sua carne, examinando superficialmente a barreira de seda.

—Agora quem resiste?

—Ah. — Morrigan inclinou a cabeça para trás e gemeu.

Com delicadeza, ele acariciou o clitóris, encontrando-o úmido e fazendo-a ficar ainda mais molhada. Ela ficou sem fôlego, com a boca aberta tentando respirar.

Seus pulmões buscaram mais ar.

Mantendo a distância, com exceção de seus dedos ondulantes, Ualan se inclinou para respirar fervorosamente em seu pescoço, deixando trilhas de paixão por todas partes febris.

—Tão quente. — Ele sussurrou com avassaladora paixão. — Tão molhada.

—Ah-hhh. — Ela ofegou, empurrando com mais insistência

ante esse inconsciente tormento. Instintivamente tentou que os dedos se fundissem mais profundamente em seu interior, mas além dos lábios da entrada.

—Tão pronta para mim.

—Sim. — A coxa de Morrigan se levantou para roçar a perna de Ualan. Sua excitação caiu perto de seu estômago, tocando a intimamente, marcando-a, queimando-a.

Com os pés plantados firmemente no chão, Ualan rapidamente ergueu Morrigan por seu traseiro. Obrigando-a separar as pernas, envolvendo-as em sua cintura. Ele a abraçou facilmente com sua força, deslocando o peso para poder reivindicá-la. Morrigan segurou-se em seus ombros em busca de apoio. Seus seios se balançaram diante de seu rosto, o que cortou seu fôlego e o fez grunhir.

Ele a segurou contra seu corpo, apoiando levemente a costas de Morrigan em sua paixão. Morrigan se agarrou a ele, confiando completamente com seu corpo e alma. Ela se arqueou para recebê-lo, buscando de forma natural o que, unicamente ele poderia lhe dar. Sem demora, Ualan guiou sua ereção para ela, colocando a ponta sobre a abertura molhada para separar os lábios delicados. Morrigan gemeu em voz alta, sentindo o duro calor dele pairando sobre a borda. Em seu interior, estremeceu e ficou tensa. Sentia-se muito maior do que esperava. No exterior, ela movia seus quadris oferecendo-se.

—Oh, oh... ah. — Ela juraria que o ouviu ofegar tremulo em

voz baixa enquanto entrava nela.

Como um homem possesso, o guerreiro que havia nele empurrou profundamente ante a sedutora oferta diante dele. Era mais doce que qualquer coisa que ele poderia ter imaginado. O calor dela o surpreendeu, freando o gemido que estava a ponto de sair de sua boca. Os músculos de Morrigan estavam dolorosamente tensos ante o abraço.

Morrigan gritou dor antes de ficar gelada. Seus olhos se encheram de lágrimas. Aspirando ar, estava surpresa pela profundidade da penetração. Queimava como um raio, Isso não era nada parecido ao que havia esperado. Ela respirou fundo e logo outra vez.

Ela esperou muito tempo, zombando até um ponto inimaginável de que a dor era só apenas incômodo secundário.

Ualan olhou com surpresa quando ela ficou tensa, sentindo seus músculos se esticarem ao redor de seu eixo. Fraco, sussurrou: —Acho que você disse que não era pura. Esteve com algum homem?

Morrigan pensou, quase sem emoção, na diferença que havia entre um robô com aparência humana e os humanos reais.

Ela escolheu um modelo novato para fazê-lo mais fácil, um não muito dotado, para ir de uma só vez e rapidamente. A máquina não era nada como o homem que estava agora dentro dela. Pouco a pouco, ela negou com a cabeça. Ualan sorriu,

inclinando-se para roçar seu pescoço.

—Ahh. — Foi sua única resposta, como se essa revelação respondesse muitas de suas perguntas. Ele começou a caminhar com ela para a cama. O movimento provocou que entrasse mais dentro dela e mais profundo. Morrigan gemeu suavemente pelo prazer do ardor. Deitando-a ternamente na cama, ele deixou suas coxas na extremidade do colchão, ao redor de sua cintura.

De pé, ele pegou as coxas na mão. Morrigan olhava as linhas duras de seu corpo quando se movia. Sua carne ondulava com os músculos, com controle. Ualan manteve os pés firmemente plantados, enquanto seus quadris a testavam, entrando não tão profundo. Ainda tinha que entrar completamente.

—Dói? — Ele perguntou, suas palavras um sussurro. Evitando entrar profundamente. O espelho da cabeceira lhe deu a mais erótica vista ao ver como se uniam.

Morrigan negou com a cabeça.

—Não.

Lentamente, ele começou a se mover. Tomando-a com calma, se deslizava cada vez mais profundo com cada empurrão. Era um paraíso úmido. Morrigan não protestou enquanto a paixão abria caminho em sua pele.

—Que tal isto?— Ualan engoliu saliva. Ah, mas era difícil se conter. Ele não queria nada mais que entrar totalmente. —Estou

empurrando muito fundo?

—Há mais de você?— Morrigan ofegou, entendendo seu comentário. Ela olhou para baixo com assombro. Ualan sorriu, ainda cuidando para não empurrar muito profundo.

—Sim. — Ele grunhiu, empurrando com movimentos superficiais dentro de seu calor.

—Mais. — Ela exigiu a media que ia relaxando para ele. Oh, queria que isso funcionasse mais que qualquer coisa. Conquistá-lo completamente para ela. —Quero mais. Eu quero tudo.

Os olhos de Ualan se fecharam, mas Morrigan manteve seu olhar fixo nele. Olhar seu corpo era quase tão prazeroso quanto senti-lo. As mãos em suas coxas começaram a se mover, colocando suas pernas em seus ombros. Os dedos dos pés se enroscaram ao lado de sua cabeça. Ualan grunhiu, empurrando ainda mais enquanto ela avançava contra ele.

—Ahh! — Morrigan gritou, o prazer rasgando-a enquanto dava tudo de si.

Ualan grunhiu com seu grito de prazer. Seus músculos estremeceram, aceitando-o. De repente, não podia mais se conter. Ao escutar seus gritos de prazer, ele acelerou seus movimentos. Suas estocadas ficaram mais poderosas e urgentes na busca pela liberação. Seus quadris bombearam mais rápido, provando a reação dela, mais forte, porem ainda consciente de seu estado alterado.

Morrigan ficou tensa, agarrando a seda sob suas costas. Não podia se mover, não podia lutar. Apenas podia deixar que seu guerreiro gigante a montasse e tomasse por completo o controle. Suas pernas tremiam, seu corpo estremeceu e se agitou. Um gemido de prazer escapou de seus lábios.

Ualan não parou. Seu dedo encontrou o sensível botão que guardava sua entrada, circulando-o enquanto o empurrava para frente, golpeando sua violenta necessidade contra seu centro, obrigando-a a enfrentar seu prazer, empurrando-o ao limite.

O atormentado corpo de Morrigan explodiu com a força de seu clímax. Suas costas se arquearam. Ao mesmo tempo o grito de Ualan se uniu ao dela. Seu corpo se agitou violentamente enquanto derramava sua semente dentro dela. Ficou congelado como uma estátua, liberando-se completamente. Morrigan ofegou muito fraca para se mover, certa de que a morte estava próxima. Com um grunhido de aprovação masculina, soltou suas pernas e arrastou seus membros pesados na cama, obrigando-a se mover com ele enquanto estava intimamente dentro dela.

Ualan a olhou profundamente nos olhos quando saiu dela. Morrigan estremeceu um pouco, mas respondeu com um sorriso tímido. Por um momento ficou em cima dela, acariciando-lhe o cabelo bagunçado com os dedos. Seus olhos imersos em sua camisola. Inclinando-se, ele beijou seu mamilo suavemente antes de encontrar seus lábios para fazer o mesmo. Então, rolando de lado a puxou para seus braços.

—Eu machuquei você? — Ualan perguntou.

—Não muito. Simplesmente arde um pouco.

—Melhorará.

Morrigan acariciou seu rosto. Traçando uma linha sobre sua testa, ela sussurrou: —Dói quando se transforma?

Ualan a olhou com surpresa. Ele pensou que ela não se lembrava.

—Ualan. — Ela começou ao ver sua expressão. —Eu sou uma repórter. Tenho estado por toda parte da galáxia. Inclusive vi plantas gigantes se casarem. Vi pássaros que podiam falar sete idiomas. Eu vi...

Seus lábios a cortaram. Afastando-se, ele disse: —Já entendi.

—De qualquer maneira, não sei por que pensaria que poderia me surpreender com uma coisa tão pequena como uma mudança de forma. — Fechando os olhos com timidez, ela admitiu. —De fato, é muito interessante.

Ualan viu como seus olhos se iluminavam quando ela falava de suas aventuras. Nunca percebeu que foi ele quem colocou essa luz em seus olhos. Isso o destroçou, acreditando que ela queria algo que ele não poderia lhe dar. Sua vida estava ali, esse era seu destino. A casa de Draig o necessitava. Ele era o futuro rei. Nunca poderia ir. A parte de alguns deveres como

embaixador, iria viver e morrer em Qurilixen. Até agora, esteve contente com esse futuro.

—Você ama isto, não é? — Ele tranquilamente perguntou.

—O que? — Ela acariciou sua mandíbula, todo seu ser cantava de satisfação. Sua carne quente sentia-se tão bem contra sua pele. Suas mãos começaram a vagar sem objetivo, incapaz de conseguir o suficiente dele. Não havia um grama de gordura em seu musculoso corpo. Ela traçava levemente cada um dos músculos de seu peito, tocando-o com os dedos. O estômago de Ualan ficou tenso enquanto ela se aproximava das costelas. Morrigan sorriu, dizendo: —Você quer dizer a reportagem?

—Sim. — A palavra foi baixa. Suas mãos apertavam levemente com possessão.

—Eu sou boa nisto. Consegui minha meta, ver diferentes universos. Apreendi costumes diferentes. Inclusive cheguei a estabelecer meu próprio pagamento. Trabalhei duro para ter o que tenho. — Ela disse. Seus dedos o acariciavam lentamente para baixo. Uma parte dela tinha desejos de ver o quanto poderia melhorar. —Tem sido assim toda minha vida. Realmente não sei como fazer outra coisa.

Ualan não disse nada.

—É. — Ela sussurrou. A boca de seu estômago se revolveu. — inha a intenção de perguntar. Quantos anos você tem? Os

arquivos que o Noivas da Galáxia nos deram eram, no melhor dos casos, insuficientes, mas me disseram que vive há 500 anos ou mais. Isto é verdade?

—Escrevendo uma história? — Ele perguntou suavemente, lembrando-se de sua conversa no comunicador.

—Talvez. — Ela respirou, pensando que ele estava a provocando. Ela perguntou-se se ele já tinha se casado alguma vez. Se o que disseram era verdade, então ele podia viver muito tempo depois de sua morte. Ele ainda seria bonito e jovem quando ela estivesse enrugada e velha? Em quanto tempo ele arrumaria outra mulher? Pensar nisso era uma agonia. Ela não queria que houvesse ninguém mais para ele, mas sabia que nunca o condenaria viver mais de cem anos sozinho.

Ela queria perguntar, mas seus olhos traiçoeiros viajaram para seus lábios e sua mente começou a vagar perguntando-se como se sentiria ele roçando sua perna.

—Então feche os olhos esposa, te darei uma história para contar.

Morrigan ofegou enquanto seu corpo se apoderava dela. Logo seus lábios estavam acariciando cada centímetro de seu corpo, lambendo e saboreando-a com beijos e mordidas. Então, quando lambeu seu centro quente desejoso de aliviar a dor que ele causou uns momentos antes, levou-a ao clímax com sua boca abriu e gritou de novo, presa pelas sensações. Nada importava neste momento de êxtase, mas seu marido era um

guerreiro. Ela estava onde queria estar. Ela finalmente estava em casa.

Ualan abraçou sua esposa depois, ele soube que ela era completamente dele. Prometeu a si mesmo ser para sempre se ela o exigisse. Esmagaria reinos à suas ordens. Até compraria o condenado simulador de comida que parecia desesperadamente desejar. Mas, a única coisa que não se atrevia a fazer era deixá-la ir.

Morrigan se agitou em seus braços. Sua mente estava desperta, recuperando-se de sua notável viagem. Ela sabia que suas necessidades não estavam satisfeitas. Ainda podia sentir sua firme ereção em sua coxa. Sem saber que pensamentos passavam pela mente de Ualan neste momento, começou a beijar sua orelha e lhe perguntou.

—Posso ficar em cima desta vez?

Capítulo Dezessete



O corpo de Morrigan não podia estar mais contente com seu amante. Seu corpo ressoava com um suave fogo durante toda a noite e permitiu que enfrentasse a manhã descansada e completamente saciada. Pensando em Ualan, esticou sua mão buscando-o. Bem, talvez não completamente saciada...

—Ualan? — Ela perguntou com um bocejo. Sentiu um espaço vazio ao lado dela na cama e enrugou seu rosto. Sua voz soava rouca pelo sono, ela chamou mais alto. — Ualan?

—Sim. — Veio à resposta solene de seu armário. Suas palavras e envolveram e esteve a ponto de ruborizar ao recordar algumas das coisas perversamente deliciosas que ele fez na noite anterior. Seu marido realmente tinha uma travessa forma de usar as palavras.

—Volte para a cama. — Ela pediu com timidez. —É muito cedo para se levantar.

—É meio-dia. — Ele respondeu e Morrigan jurou que o ouvir ir.

—Meio-dia? — Ela respondeu rapidamente e murmurou. — Maldito planeta. Eu não posso manter minhas horas em ordem.

Ele parou de rir. Dentro do armário, Ualan respirou fundo.

Ele ouviu suas palavras claramente.

Com um grunhido ela perguntou: —O que você está fazendo aí? Volte para a cama por ordem da princesa! Você é um príncipe e não é como se tivesse algo importante para fazer de qualquer maneira.

Com isso, ele deu a volta. Morrigan engoliu saliva ao vê-lo tão bonito em sua roupa formal e com a coroa. A coroa rodeava sua testa, seu cabelo liso caindo de lado.

A túnica preta longa que usava, caia mais abaixo dos joelhos, a abertura da frente revelava uma calça preta. O emblema familiar rodeado por um escudo estava bordado na parte frontal em azul. Ela rapidamente pegou as mantas e cobriu seu corpo nu. Ualan fechou os olhos decepcionado, mas não a impediu.

—O que está acontecendo?— Ela perguntou, ficando de pé.
—Por que você está todo... principesco?

—Vai haver uma reunião com alguns dos outros reinos. — Ele respondeu, alisando abaixo as mangas mais longas de sua túnica formal. Era o uniforme do Conselho de Guerra Draig.

Morrigan franziu o cenho e seu instinto jornalístico a deixou em alerta. Séria ela perguntou: —Attor?

Ualan movimentou a cabeça.

—Eu quero ir com você. — Ela disse, arrastando a manta

cinza com ela quando tentou correr para o armário.

—Não pode ir vestida assim. — Ele riu. Seus olhos não estavam tão alegres.

—Só me dê um segundo. — Ela disse. E o olhou outra vez. O cabelo dela estava todo bagunçado ao redor do rosto e os ombros, suas características ainda estavam de cor rosa pelo sono. Franzindo o cenho, admitiu: —Eu não tenho nada para combinar com isto.

Ela não iria, Ualan pensou um pouco divertido. Estava se vestindo para o conselho de guerra e as mulheres não tinham a entrada permitida. Ocasionalmente a rainha aparecia para dar sua opinião, mas era raro.

—Desculpe, Rigan. Você não pode vir desta vez. — Ualan passou junto a ela para pegar uma espada de estava dentro do cofre fechado com chave que estava no armário. Passando uma alça sobre seu ombro pegou uma faca e escondeu na cintura. Logo colocou uma em cada bota.

—Espera problemas? — Ela perguntou, cada vez mais preocupada. Olhando com olhos redondos.

—Sempre há problemas quando guerreiros se reúnem. — Ele respondeu, divertido.

—Você... — Ela fez uma pausa, seu rosto cada vez mais aterrorizado. Seus olhos escuros freneticamente procuraram o seu. —Você não se machucará?

—Pensei que você confiasse em mim. — Ele suavemente respondeu, não contente com sua preocupação. Mostrava uma verdadeira falta de fé nele como um guerreiro e protetor.

—Pode colocá-las de volta. — Ela disse com embaraço, apontando para o armamento. —Eu não vou fazer nada tolo. Eu só estava com a faca porque Pia iria ensinar-me a lutar com a faca.

—Sei que você não tinha a intenção de atuar dessa maneira. Encontrei uma de suas misturas. Misturou Tetrex com Mifol. Supõe-se que são estimulantes inofensivos, mas quando misturados te deixam louco. — Ualan fechou a tampa, deixando-a destrancada. —Eu coloquei estavas fechaduras antes de encontrar as garrafas.

—Oh, mas ainda estou muito arrependida disso. Eu não machuquei você, verdade?

—Não. — Ele respondeu. Suavemente se inclinou para beijar sua bochecha. —Apenas mantenha-se longe das bebidas que não tem ideia do que são, de acordo?

—Certo. — Ela concordou com um aceno de cabeça obediente. —Por que eu não posso ir com você, Ualan? Por favor. Eu não direi uma palavra. Eu prometo.

—Estamos dando ao rei Attor o direito de defesa. Se for ele que te envenenou e apunhalou Yusef, haverá justiça e, portanto, uma possível guerra. — Ualan começou a descer as escadas.

Não queria dizer que Attor, com toda certeza, iria negar tudo e a guerra seria inevitável de qualquer maneira.

Morrigan o seguiu, arrastando a manta atrás de si.

—Eu não deveria estar lá? Depois de tudo eu fui a pessoa envenenada por ele.

—Não, princesa. — Ele disse, virando-se pela envolver um braço ao redor dela.

Morrigan se aconchegou naturalmente em seu forte peito. Ualan segurou sua respiração capturando seu afeto. A preocupação brilhou em seus olhos quando a olhou.

—Você fica aqui hoje. Os homens de Attor estão aqui e todo mundo foi instruído a ficar dentro de suas casas. Não queremos que haja derramamento de sangue. Não vamos nos arriscar perder ninguém.

Morrigan franziu o cenho, pronta para protestar.

—Shh... — Ele sussurrou quando sua boca se abriu. — Prometa que ficará aqui.

Lentamente, ela movimentou a cabeça.

—Certo, eu prometo. Posso visitar as outras princesas?

—Não é uma boa ideia caminhar nos corredores. — Ele disse. Indo para a porta, ordenou que se abrisse. —A comida será enviada dentro de um momento. Só Mirox tem permissão

para entrar.

Morrigan movimentou a cabeça.

Ualan não queria dizer que provavelmente, haveria espiões rondando por todo o palácio. Quem quer que fosse que apunhalou Yusef conhecia as passagens secretamente bem como escapar por eles. Apesar de que ele queria poupar-lhe preocupação, também sabia que não podia dar-lhe conhecer assuntos familiares em uma etapa tão delicada. Este era um conflito Qurilixien. Não queria atrair a atenção de Morrigan a uma velha disputa de inimizade intergaláctica. Outros apenas tentariam intervir para oferecer ajuda, causando mais problemas que soluções.

—Quando você estará em casa? — Ela perguntou, esperançosa.

—Assim que puder. — Ualan respondeu. —Depende do que Attor tem a dizer.

—Espere. — Ela chamou quando ele foi para a porta. Ele se aproximou dela, passando o dedo sobre seus lábios exuberantes. —Apenas...

O olhar dele brilhava com reflexos dourados quando a olhava.

—Apenas tenha cuidado.

Morrigan não sabia o que mais dizer. Não queria insultá-lo

dando-lhe a entender que seria superado e que não queria que fosse. Ele sorriu e passou os dedos de seus lábios até as suas bochechas em uma carícia suave. Beijou-a delicadamente nos lábios, com uma promessa de prazeres que chegariam mais tarde. Com um suave empurrão, colocou a testa na dela e logo a deixou ir.

—Adeus. — Ela sussurrou sem fôlego, com os joelhos fracos.

A porta se fechou e Ualan se foi.



O rei Attor negou todos os cargos com um sorriso sarcástico. Sabia que enquanto estivesse sob a proteção da justiça, não poderia tocá-lo. Nada se pactuou durante as sete horas de conversa. Mas, outra vez, nada se havia pactuado durante os séculos de luta que se havia produzido entre os reinos. Tentativa de assassinato por ambos os lados não eram nada novo, ainda que não se houvesse produzido nenhum em mais de cem anos.

Depois da reunião, levou outras quatro horas e meia para se assegurar que Attor e seus homens tivessem ido embora. Uma busca exaustiva no castelo revelou que tudo estava em

ordem e o alerta foi retirado da aldeia. Quando terminaram Ualan arrastou seus pés para casa, ele estava muito cansado para pensar.

Ualan sabia que logo poderiam estar enfrentando outra guerra com a Casa de Var. As guerras eram assuntos terríveis para os de sua posição, durando muitas vezes de cinquenta a cem anos com muitas mortes e raramente os progressos eram claros ou as vitórias totais, apenas conseguiam uma trégua durante a qual cada bando repunha seus guerreiros ou se concentravam na reconstrução das aldeias. Os Vars eram oponentes dignos, poderosos.

Ao ver sua esposa já adormecida, Ualan tirou a roupa e juntou-se a ela na cama. Ela se moveu quando ele a envolveu nos braços. Piscando ela sorriu.

Logo ao ver seus olhos cansados, perguntou: —Dia longo?

Ele movimentou a cabeça inclinando-se para beijá-la. Fizeram amor lentamente e pausado, com tempo, tentando não pensar no que os separava. Morrigan pensou em seus limitados anos, que envelheceria e Ualan perderia o interesse nela. Ualan pensou em se ela o deixaria, condenando-o a uma vida de solidão e um vazio absoluto.



Ualan despertou na manhã seguinte tentando atrair Morrigan para seu lado instantaneamente, inclusive antes de abrir os olhos. Suas mãos golpearam a cama vazia no lugar de sua pele quente. Franzindo o cenho e abriu um olho. Ela nunca acordava cedo.

Assim que se vestiu desceu as escadas com a esperança de vê-la no sofá. Curiosamente, sorriu, indo primeiro ao banheiro e logo à cozinha. Seu sorriso diminuiu. Seu coração se apertou dolorosamente em seu peito. Ela foi embora.



Os guerreiros se animaram com o bom humor das quatro princesas, que vestiam calças escuras e túnicas como camisas e levavam facas destinadas às praticas. Olena foi a primeira a lançar. Foi muito bem, já que cada faca havia dado no centro. Os soldados reunidos aplaudiram e bateram os pés. Ela olhou para Yusef, tentando atuar como se não buscasse aprovação.

Uma bandagem branca cobria o braço do príncipe, mas ele parecia bem.

Nadja era inútil, falhou por completo o objetivo em cinco tentativas. Olhou para Olek envergonhada. Os homens aplaudiram mesmo assim.

Morrigan conseguiu acertar o poste na sua vez, ainda que não no centro. Ela fez uma reverência quando foi ovacionada. Havia se levantado cedo, sem poder dormir quando os pesadelos invadiram seus sonhos. Pia enviou um empregado com uma mensagem, solicitando que levasse seu preguiçoso traseiro ao campo de práticas. Morrigan não podia rejeitá-la. Além disso, Ualan estava tão bonito com o braço repousando por cima da cabeça, seu cabelo castanho estendido desordenadamente a seu redor, com uma mecha cobrindo seu olho fechado. Ela não tinha coração para despertá-lo, sabendo o duro que havia trabalhado no dia e noite anterior. Morrigan sorriu ao pensar nisso.

—Talvez as senhoras devessem deixar que um homem lhes mostre como se faz. — Disse uma voz da multidão.

Morrigan rolou seus olhos, recuperando as lâminas de prata para a vez de Pia.

—Ah. — Agro exclamou. —Você é dificilmente um homem, Hume!

Pia pegou as facas, pesando-as cuidadosamente em sua mão enquanto as examinava. Quando ia pela terceira, o

levantou e estudou a lâmina. Franzindo o cenho se dirigiu a seu marido e a entregou. Pegou outra faca de sua cintura para substituir a outra, testando sua lâmina como ela fez com as outras.

Ante a expressão de curiosidade de seu rosto, anunciou em voz alta: —Você precisa verificar o equilíbrio naquela. Desviará para a direita.

Sem apenas mover um músculo, Zoran lançou a lâmina acima de seu ombro. Pegou justo à direita do objetivo. Os homens cordialmente riram. Morrigan olhou fixamente para o príncipe Zoran. Ele era muito maior que Ualan. Ela estremeceu, seu marido era o melhor proporcionado e o mais bonito.

Sem dar a volta, Pia disse: —Eu disse.

Os lábios de Zoran se curvaram de lado em uma careta.

Parando de frente ao objetivo, Pia respirou fundo. Lançando uma das lâminas, ela rapidamente foi para o chão para lançar as outras duas. Então ficou de joelhos e lançou as últimas. A quarta faca chocou com a de Zoran, golpeando-a e soltando-a para substituí-la. A quinta, ela dobrou o braço e perdeu o poste por completo. Os guerreiros aturdidos observavam em silêncio, seguindo o caminho de seu último lançamento com os olhos. Estava a apenas um centímetro de distância dos pés de Hume.

—Falou. — Disse Hume, rompendo o silêncio. Os homens ficaram loucos gritando. Pia fez uma reverência graciosa. As

mulheres saltaram com entusiasmo desfrutando da vitória de Pia.

Ualan ignorou a comoção quando chegou ao campo. Ele buscou em todas as partes e não pode encontrar sua esposa. No princípio, suspeitou que ela o tivesse deixado. Mas, depois de interrogar os guardas na doca, viu que tudo estava em ordem.

Morrigan se virou, vendo Ualan se dirigir a seu irmão. Um sorriso brilhante iluminou seu rosto.

—Cuidado. — Olena brincou golpeando-a no braço. —Ou então nós poderíamos achar que você gosta realmente do bárbaro.

Morrigan ruborizou, afastando os olhos, apenas para olhá-lo outra vez sob os cílios.

Zoran franziu o cenho ante o febril sussurro de Ualan. Sem descruzar seus braços, ele movimentou a cabeça para onde Morrigan permanecia com as outras princesas.

Ualan sentiu um alívio imediato quando a localizou. Mas a preocupação fez com que seu rosto parecesse severo enquanto ia buscá-la. Vendo Olena com as lâminas, ele disse para Morrigan: —Venha.

—O que?— Ela sussurrou. —Nós estamos ainda praticando. Pia vai nos mostrar como rolar lançar as facas enquanto rodamos no chão.

—Não discuta comigo. — Ele silvou. —Venha, agora.

Morrigan estava envergonhada. Quando olhou por cima do ombro, enquanto era arrastada para fora do campo de prática, viu os olhares das outras mulheres que diziam entender perfeitamente sua situação e sentiam muito.

A vergonha de Morrigan se converteu em raiva quando Ualan a arrastou por um caminho que os levava mais perto da aldeia.

Tropeçando por causa de seus passos rápido, e tentando conservar certa dignidade, disse entre dentes: —Que diabos acredita que está fazendo?

Ualan se virou, assegurando-se que ninguém os visse. Mantiveram as vozes baixas. Morrigan não queria criar outra cena.

—Onde você estava esta manhã?

—O que? É disso que se trata? — Ela perguntou incrédula. —Você está irritado porque não estava na cama quando acordou. Eu sinto muito, não percebi era meu dever ver seu... — Morrigan olhou sua calça e pronunciou. —Sua ereção matutina.

—Rigan. — Ele advertiu. Isso não era o que queria dizer e ela sabia.

Ualan, não queria chamar a atenção estando muito perto da aldeia, agarrado seu braço e arrastou mais no bosque.

Morrigan o seguiu em silêncio, ferida por sua atitude. Ela pensou que depois do ocorrido entre eles à noite, ele confiaria mais nela. Obviamente, era a única profundamente afetada com o sucedido à noite. Entender isso realmente irritava.

—Rigan. — Ualan começou novamente quando eles pararam. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Ela era condenadamente bonita e inclusive mais quando estava enjoava.

—Não. — Ela grunhiu em um sussurro. —Eu não percebi que tinha que te consultar cada vez que quisesse fazer algo. Você não quer uma esposa, o que quer é uma cozinheira e uma empregada e... O que quer é uma escrava. Bem mestre, sinto muito. Não percebi que teria que estar ali para sua satisfação cada manhã. Devo satisfazê-lo neste momento? Justo... Aqui?

Um dardo saiu disparado das árvores, pegando Morrigan no pescoço. Seus olhos ficaram brancos e sua cabeça caiu para frente. Ualan a pegou pela mão, automaticamente levantando sua espada com a outra. Doze guerreiros loiros saltaram de entre as árvores, seus corpos emanando fúria enquanto se transformavam em gatos selvagens.

Ualan se viu obrigado a se transformar com torpeza, usando o braço para desviar os golpes do inimigo. Tentava proteger Morrigan, os pés dela se arrastavam na terra, e chamou seus irmãos por ajuda. Logo seus irmãos estavam ao seu lado, mudando a forma Draig enquanto lutavam contra os Vars, Yusef, que apenas podia usar uma mão, ficou na frente

com sua espada valentemente, dando a Ualan tempo para colocar Morrigan a salvo.

Ualan deixou Morrigan no chão, atrás de seus irmãos lutando o mais delicadamente possível que pode antes de voltar para a luta contra seus atacantes. Pia correu rapidamente para unir-se aos homens, lançando uma faca na garganta de uma das criaturas. Quando Zoran levantou o braço, ela se agachou sob ele agarrando uma faca de sua cintura.

Nadja endureceu de medo ao ver a luta entre criaturas humano-dragões contra humano-tigres que pareciam feras. Balançando-se ante o chamado de Olena, lançou-se para frente até ficar perto de Morrigan. Com a ajuda de Olena, elas puxaram a mulher da luta para colocá-la a salvo.

Quase imediatamente os Vars retrocederam para a floresta. Zoran movimentou a cabeça para sua esposa com orgulho, transformando-se novamente. Ualan se virou, cheirando o rastro de Morrigan e foi caminho abaixo, com Yusef e Olek atrás dele.

Nadja estava ao lado de Morrigan, observando suas feridas com seus olhos grandes. Ela estremeceu ao ver o rosto de Ualan como Draig antes de mudar de novo a forma que conhecia. Olhando a seu redor, viu com cansaço as feições humanas de Olek.

Ualan começou a aproximar-se dela.

—Não faça. — Nadja ordenou. Ualan recuou com surpresa.

Ela movimentou a cabeça em seu braço onde as bolhas vermelhas começavam a se formar. —Ela está envenenando você.

A mandíbula de Ualan ficou tensa, mas se conteve.

—Você não pode movê-la ainda. — Nadja disse.

—Mas, o veneno... — Ualan tentou desesperado para ajudar sua esposa.

—Calma. — Nadja disse. Zoran e Pia regressaram do lugar onde teve lugar a batalha, depois de estar seguros de que não permaneceu nenhum inimigo. —Deixe-me pensar. Eu preciso me concentrar.

Ualan olhou para Olek que parecia tão confuso quanto ele estava. Olek encolheu os ombros.

—Dê-me sua faca. — Nadja disse para Pia, estendendo a mão com dedos trêmulos. Pegou-a com os olhos nele, agora no silencioso bosque, Pia imediatamente lhe entregou a faca.

Respirando fundo, Nadja cortou a garganta de Morrigan onde o dardo havia se incrustado na pele. No instante algo verde começou a gotejar e escoar do ferimento. Logo, ela tirou as pontas em forma de estrela do dardo.

Nadja soltou a lâmina e continuou a sangrando o veneno. Quando ela terminou, disse para Ualan: —Tente tocá-la.

Ualan o fez. Ficou ileso.

—É como eu pensei. Eu vi este tipo de veneno antes. Geralmente os antigos amantes-sangues. Ela teria sobrevivido, mas você nunca poderia tocá-la outra vez. É irônico realmente. Desta maneira o amante atual envenena a mulher, selando seu destino. Deve levá-la a um médico.

Nadja ficou de pé, tentando com cansaço se afastar dos Draig.

—Eu diria que quem a envenenou, não queria que você ficasse com ela. — Nadja disse, antes de girar e ir embora com eles. Olek estava logo atrás ela.

Olena ficou de pé, olhando a mulher que desaparecia na floresta. Seus olhos estreitados. Solenemente, pronunciou: —Ela não sabia nada dos Draig.

Ualan levantou sua esposa, sem preocupar-se com o medo que Nadja pudesse ter dele e seus irmãos. Ela poderia superar com muita facilidade. O único que lhe importava era colocar a salvo a sua esposa. Os outros o seguiram enquanto ele levava Morrigan para o centro médico. Ninguém disse uma palavra.

Capítulo Dezoito



—Por que eles atacam as princesas? — Yusef perguntou com uma careta. Olena estava ao seu lado, seu rosto imóvel. Nadja e Olek não se juntaram a eles, mas Zoran e Pia estiveram ao lado de Ualan. Morrigan estava na cama do hospital, depois de ter sido revisada pelos médicos e tomado alguns medicamentos para ajudar a sua recuperação. Se não houvesse sido pela interferência de Nadja, estaria morta. Ela não podia imaginar como seria nunca poder tocar em Ualan.

Ualan olhou para sua esposa. Seu rosto estava pálido, mas estava recuperando a cor. A perfuração em seu pescoço deixou uma marca pequena, mas nada que não se curaria. Seu coração batia dolorosamente com a ideia de quase perdê-la pela segunda vez.

Com perspicácia súbita, Pia sussurrou: —Porque sem nós, vocês não terão nenhum filho. Sua linhagem terminará.

Morrigan piscou. Sua garganta doía muito para falar, assim se manteve quieta. Viu o rosto de Ualan endurecer com a reação. Eles não haviam falado de filhos.

Morrigan sabia que Ualan estava irritado com ela. Não podia culpá-lo. Ela disse algumas coisas muito cruéis; não pode evitar. Seus olhos eram acusadores, como se ela houvesse

estado fazendo algo mau. Agora apenas a olhava. Todo seu corpo doía e o único que queria era que a segurasse em seus braços e a protegesse. Uma vez viu sua mão se afastar, como se quisesse tocá-la, mas mudou de rumo e apenas coçou a cabeça. Seu espírito se decepcionou.

Os lábios de Pia estavam rígidos, enquanto distraia Morrigan da atenção de seu marido e o problema em questão.

—Faz sentido. Eu vi vocês todos lutarem. Especialmente os quatro unidos, seriam um oponente formidável. Vocês esperavam o ataque. Somos novas aqui e supunham que não teríamos uma clara ideia dos perigos. Além disso, somos mulheres. Os homens... Ah, sem ofender ninguém aqui... Os homens, especialmente os guerreiros, quase sempre julgam mal as mulheres, como rivais dignos.

Os príncipes escutaram atentamente suas palavras, sem dar nenhuma opinião de seus pensamentos. Morrigan viu Ualan lentamente fazer uma careta em consideração a suas palavras. Sua mão automaticamente buscou a dele, mas a deixou cair, sem saber como iria tomar Ualan esse gesto tão familiar.

Pia olhou para seu marido. Seu rosto estava cheio de concentração.

—Zoran, se for destruir um inimigo você atacaria sua debilidade ou sua força?

—Só um bobo escolheria lutar contra uma resistência, se

tem uma debilidade. — Ualan disse, movimentando a cabeça para a perspicaz mulher.

Morrigan não podia afastar seus olhos dele. Como desejava ficar sozinha para poder conversar com ele.

—Apenas que, obviamente menosprezaram a força de nossas mulheres. — Zoran acrescentou.

Ualan olhou sua esposa, pensando na expressão de seu rosto e se era consequência da enfermidade. Queria abraçá-la, mas sabia que depois do que ela havia gritado iria acreditar que ele a forçaria a se abraçar. Certo, esta manhã estava pronto para fazer amor outra vez. E porque não? Era uma das poucas ocasiões em que não havia tensão emocional entre eles. Era o momento no qual ele sabia que suas ações e palavras eram puras e não estavam contaminadas pelo engano. Além disso, ela era sua esposa. Era perfeitamente natural que quisesse fazer amor com ela. Negava-se a sentir-se culpado por isso.

—Que melhor maneira de terminar com esta velha inimizade que acabar com os líderes antes de nascerem? — Disse Yusef. Franzindo o cenho, atraindo inconscientemente a Olena sob a proteção de seu braço bom.

—Porque se morrêssemos. — Ualan disse, girando seus olhos novamente para seus irmãos. Ele novamente resistiu ao desejo de agarrar a Morrigan em seu abraço para convencer-se que estava sana e salva. Mas não queria se arriscar a ser rejeitado na frente de sua família. —Não haveria um herdeiro,

que em algum momento, pudesse levantar-se contra eles. Assegurando-se que nossa linhagem termine quando nós morrermos, não haverá ninguém para nos vingar. Sem rei ou proteção, novo povo estaria indefeso. Tudo seria um caos.

—É imperativo descobrimos quem está espionando para os Var. — Disse Yusef. O que o apunhalou conhecia as passagens secretas muito bem como para escapar por eles.

—Espião? — Pia perguntou, piscando. Ela girou com uma careta para Zoran: —Você não disse nada de um espião!

—Olena. — Disse Pia. —Você se lembra daquele empregado no festival, não é? A pessoa que derramou sua bebida? Tem que ser ele. Não parecia mais apto para ser um empregado que eu.

Olena balançou a cabeça, apenas recordava algo que não fosse seu marido naquela noite.

—Sobre o que você está falando? — Zoran exigiu de sua esposa, girando para agarrar seus braços e estudar seus olhos.

—Existem muitos empregados no reino. — Ualan disse. — Para festivais muitos vêm para ajudar. Iria tomar muito tempo localizar todos só para encontrar este aqui.

—Não. — Disse Pia. —Ele estava na coroação. O espião estaria aqui nas cozinhas do palácio. Eu me lembro de tê-lo visto enchendo alguns pratos. Apenas levava dois, diferente do outros empregados que levavam quatro ou mais. Tem que ser ele. Não tinha competência. No entanto, havia algo diferente em seu

caminhar e suas mãos tinham calos nas costas como de alguém que sabia usar uma espada. Apostaria minha vida que é nosso homem.

Morrigan teve uma ideia e desesperadamente querendo ajudar, olhou indecisa para Ualan. Ele não estava prestando atenção. Sabendo que a vida era mais importante que seu orgulho ou a raiva de Ualan, ela disse com voz rouca: —Eu registrei aquela noite na minha câmera. — Todos se viraram a olhar para ela. Timidamente ela admitiu: —Eu sou uma repórter encoberta para um jornal intergaláctico.

Ualan endureceu, mas não a parou. Os olhos de Morrigan o procuraram em busca de um sinal. Ele estava totalmente paralisado. Morrigan engoliu saliva nervosamente.

—Tinha que escrever uma história sobre os casamentos reais. — Ela suavemente continuou. Girando para Ualan, ela suplicou com os olhos que não ficasse irado. Mas seu próprio incômodo pelo que acabava de confessar não lhe impediria ajudar a sua nova família. Muito devagar, ela admitiu: —Minha câmera gravou parte dessa noite. Talvez possa encontrar o empregado de Pia.

—Vale a pena tentar. — Disse Yusef.

—Vou buscá-la. — Ualan disse rígido.

Saiu do quarto do hospital, seus braços rígidos com raiva. Seu estômago se apertava pela facilidade com que ela falava de

expor a ele e sua família.

Com sorte, seus irmãos ignorariam sua confissão. Sabendo exatamente o lugar onde estava a câmara, já que foi ele quem a escondeu, pegou-a. Seu estômago doía, parou para respirar profundamente antes de regressar com ela.

Morrigan o viu sair, ela sabia que estava irritado. O quarto ficou em silêncio, não podia olhar para ninguém com medo de que estivessem com raiva dela. Quando Ualan regressou lhe entregou uma pequena lente de contato e um anel de esmeralda.

—Você pode fazer com que isto funcione para todos vermos? — Yusef pediu.

Morrigan movimentou a cabeça.

—Eu acho que sim.

Ela pediu uma solução salina e limpou a lente antes de colocá-la no olho. Deslizando a esmeralda no dedo para que reagisse a seu sistema nervoso, girou a pedra.

Uma luz brilhou em seus olhos, escurecendo quando ela piscou. Todos olharam assombrados enquanto uma foto do “Festival de Reprodução” aparecia no ar.

Aproximando-se até ficar de pé rodeando Morrigan, todos olharam as fotos.

—Vocês podem ver? — Ela perguntou.

—Sim. — Ualan disse, seu tom duro. Ele respirou fundo, tentando relaxar seu corpo. Não queria que os outros vissem sua fúria.

—Certo, só deixe-me passar estar. — Ela murmurou. Morrigan fechou seu olho e o retrato desapareceu. Imediatamente, ela topou com um vídeo de Ualan na noite do Festival, seu rosto orgulhoso, seu corpo brilhante... engolindo saliva apertou o botão, tentando passar todas as fotos travessas até chegar as mais importantes.

Ela se esqueceu de tudo que estava ali e fez uma nota para apagá-las quando viu o pedaço de pele outra vez que cobria Ualan.

—Morrigan. — Ualan começou. Ele viu seu rosto ficar de um vermelho brilhante e se perguntou a respeito.

Morrigan piscou surpresa ante o som à voz rouca. Um flash do traseiro nu de Ualan surgiu, sem querer, o tamanho real na frente de seus irmãos. Ualan sentiu seu estômago se contorcer em arrogância viril ao ver que ela tirou tal foto, apenas sentia um pouco de vergonha.

—Oh. — Morrigan sentiu pânico. Seu desconforto o abandonou ao ver o pânico de sua esposa enquanto fechava os olhos com fúria e apertava a esmeralda em sua mão.

De repente, Zoran e Yusef começaram a rir vigorosamente.

Com arrogância, Ualan declarou: —Eu não tinha ideia de

que me via tão bem por trás.

Ele foi recompensado com socos de seus irmãos que ainda estavam rindo.

Morrigan quase vomitou de horror. Olena e Pia trocaram divertidos olhares, tentando segurar a risada diante de seus maridos.

—Aqui. — Morrigan disse, voltando ao que estavam buscando enquanto engolia sua vergonha. Uma tela com imagens do festival apareceu. —Não posso produzir som, mas devem ver a imagem em movimento como um filme mudo.

Eles assistiram em silêncio. Então de repente, Pia apontou e disse: —Ali pare, é ele.

Morrigan congelou a imagem com um toque na esmeralda. Ela não podia ver o que eles estavam apontando.

—Sim. — Disse Olena, inclinando-se para frente para olhar de perto. —Eu me lembro. Agora que menciona, ele era bastante estranho.

—Ele tem os cabelos da cor de um Var. — Disse Yusef.

—Mas não o cheiro de um. — Disse Zoran. —Você acha que ele pode ter encontrado uma maneira de mascarar seu cheiro?

—Ele usa as roupas do pessoal da cozinha. — Disse Yusef. —Nós o acharemos e o questionaremos. Se ele for Draig, será fácil para ele provar isto. Se ele for Var, ele apresentará uma

desculpa para não mudar.

Ualan movimentou a cabeça. Yusef e Zoran partiram com suas mulheres.

Morrigan desligou a câmara e tirou a lente de seu olho. Ao ver a mão estendida de Ualan, ela entregou o anel e a lente de volta para ele.

—Ualan. — Ela começou fraca.

—Eu voltarei em um momento. — Ele respondeu saindo. Morrigan horivelmente empalideceu, observando seus largos ombros enquanto ele ia embora. Ele estava furioso. Quando voltou, a câmara havia desaparecido. Ela perguntou-se onde a teria colocado, não importava realmente, exceto pelo fato de que queria apagar as fotos antes que alguém pudesse vê-las.

—Eu iria contar sobre o artigo. — Ela começou.

—Está bem. — Ele a cortou com rispidez. Seus lábios estavam apertados.

Ela abriu a boca para dizer mais, mas o médico voltou antes dela poder conseguir dizer uma palavra. Suspirando, ela observou Ualan dar um passo para trás para ver o médico realizar seu trabalho. Ela o olhou abatida, perguntando-se o que estava se passando por trás da máscara sem emoções de seu rosto. Fosse o que fosse, não podia ser bom e seu coração se rompeu um pouco por isso.



Morrigan recebeu alta sob os cuidados de Ualan. Ele a levou para casa e a deitou na sua cama onde ficou vigiando-a até que ela dormiu completamente cansada. Ela ficaria bem. Ualan não. Sentia-se horrível. Era seu dever protegê-la e havia fracassado, foi envenenada pela segunda vez.

Indo para o andar de baixo, ele foi trabalhar no simulador de comida que comprou para ela como uma surpresa. Ualan realmente não gostava disto e não sabia por que se aborreceu em comprá-lo, enquanto o instalava na parede. Se não poderia protegê-la como havia prometido, então ele não podia esperar que ela quisesse ficar. Ele se preocupava muito com ela.

—Café. — Ele disse para experimentar a máquina. Quando o simulador emitiu um “bip”, sacou uma xícara quente e fumegante com um líquido marrom escuro. Ao cheirar ele fez careta. Isso não podia ser bom.

Fechando a porta, ele disse: —Sloken.

A porta emitiu outro “bip” e quando se abriu a porta, saiu um líquido verde. Cheirava normal e provou um pouco. Não era o melhor que havia provado, mas era passável. Talvez estivesse funcionando.

Ualan franziu o cenho e foi olhar Morrigan. Ao subir as escadas, se reuniu com ela na cama. Suavemente, colocou a mão em seus quadris observando o rosto pálido enquanto dormia no escuro. Se ela não era feliz em seu planeta, então tudo o que poderia fazer era dar-lhe o que queria.

Apesar de que o mataria, era hora de deixá-la ir.



A notícia chegou pouco depois que Ualan levasse sua esposa para casa, o empregado loiro que Pia reconheceu foi detido quase imediatamente pelos príncipes ao entrar na cozinha do palácio. Eles o haviam escondido atrás de um dos fornos de ladrilhos grandes, escondendo-se em seu trabalho. O nariz de Zoran reconheceu o cheiro de um Var sob o cheiro muito potente que cobria todos os Draig.

O espião deve saber que o haviam descoberto, porque tentou fugir. Foi inútil. Yusef estava de pé na porta e com um golpe do braço bom, lhe deu um forte soco na mandíbula, o que o fez cair no chão.

Os empregados Draig piscaram surpresos com o ataque súbito, mas vendo o que o homem estendido no chão era, começaram a animar sem conhecer seu engano. Como o clã Var,

não era muito querido na cozinha.

A família real foi informada da notícia da captura do espião. Olek escoltou o homem para as prisões e neste momento, o Var estava sendo interrogado por Agro. Ualan não tinha como mudar de forma, podia ser mais persuasivo.



Incapaz de deixar que seu amor jogasse por mais tempo, Ualan foi até sua esposa. Com um golpe firme, ele entrou em sua abertura úmida, deslizando nela como se pertencesse ali. Um grito vitorioso saiu dele quando a reivindicou. Morrigan gemeu de excitação, sem se importar com que alguém ouvisse seus gritos. Ualan se moveu para frente com entusiasmo, obrigando seu centro quente se abrir para ele e a aceitá-lo em sua apertada profundidade.

Sentando sobre seus pés, ele a puxou para cima para que pudesse montá-lo. Morrigan o fez de boa vontade, empurrando para cima e para baixo com um decadente ritmo em busca de estocadas mais profundas. Enquanto mais fundo ele entrava, mas imerso na prisão de seda de suas profundidades, apenas para ser liberado e capturado, uma e outra vez.

Morrigan se agarrou aos lados da banheira, espirrando

água sobre a extremidade enquanto o montava mais rápido e mais forte, tentando alcançar a satisfação para colocar fim ao tormento que ele começou com suas intermináveis carícias e seu... seu...

—Ahhh. — Morrigan tremendo com liberdade na tenda do Festival de Reprodução. Ualan a seguiu ao instante, seu grito de paixão e liberação rivalizava com o dela.

Seus lábios se separaram e ele a escutou sussurrar: —Eu amo você, Ualan.

Era apenas um sonho.

Sentando-se com uma sacudida, o corpo de Ualan estava molhado de suor. Piscando, olhou ao redor da sala antes de perceber que acabou dormindo no sofá. Virou a cabeça olhando para o quarto. Seu corpo estava duro, golpeando contra a restrição de sua calça.

Ele iria ver como ela estava, apenas para se assegurar de que estava bem, enquanto permanecia duro com um só propósito correndo por seu sangue.

—Ualan? — Ele ouviu sua voz chamando suavemente na escuridão quando subia a escada. —É você?

Ela parecia assustada. Talvez devesse confortá-la. Um sorriso diabólico apareceu em seu rosto.

—Sim, Rigan.

Ele ouviu seu suspiro.

—Eu estava tendo um pesadelo. Onde estava você? Acordei e você não estava aqui.

—Eu adormeci no andar de baixo. — Ualan respondeu. Isso era decepção em sua voz?

—Oh. — Ela suspirou. Então, timidamente, perguntou: — Você virá para a cama agora?

Ualan se aproximou da cama. Podia ver claramente com sua visão Draig. Sua mão estava estendida para ele. Ele ficou tenso, se moveu um pouco para que seus dedos o pudessem tocar.

Morrigan ofegou. Ualan gemeu. Seus dedos caíram sobre seu membro duro. Ele olhava seu rosto cuidadosamente. Ela sorriu, não sabendo que ele podia vê-la enquanto lambia os lábios.

—Ualan? — Ela sussurrou. Sua mão não se moveu. Ela timidamente moveu a mão sobre o material para senti-lo. Seus lábios se separaram e ofegou baixinho. O perfume dela encheu seu nariz.

De repente, as mãos dela estavam em sua cintura, puxando a calça para baixo em seus quadris. O cálido ar que escapou dos lábios entreabertos o golpeou. Ele viu seu rosto vacilante, como se esperasse uma resposta.

—Não pare. — Ele disse. Seu estômago ficou tenso. Morrigan se inclinou levemente e beijou seu umbigo. Sua excitação roçou seu rosto e outra vez o olhou, incapaz de vê-lo no escuro.

As imagens de seu sonho flutuaram por sua mente, potente, consumindo tudo.

—Tire a roupa. — Ele sussurrou.

Morrigan imediatamente obedeceu. Ela sabia que deveria parar e exigir que ele a escutasse para dar-lhe uma explicação sobre a matéria, que apenas seria publicado se ele desse sua aprovação. Morrigan sabia que estava indo contra toda ética jornalística ao dar uma cópia da reportagem antes que fosse impressa, mas não se importava. Era um pequeno sacrifício que pagaria se assim recuperasse a confiança de Ualan.

Ualan viu que revelava toda sua pele na escuridão. Seus seios subiam e desciam, tentando seus lábios. Com apenas vê-la sentia como se seu sangue esquentasse. Tinha a pele ardendo de necessidade de senti-la. E ao vê-la trêmula soube que ela sentia o mesmo.

—Dê a volta e se ajoelhe. — Ualan respirou.

Morrigan estremeceu, gostando da ordem firme em sua voz, a segurança em suas palavras quando falou. Ficou de costas para ele sem protestar, olhando sobre o ombro para tentar ver como se movia. Ela o sentiu quando a cama se

afundou com seu peso.

—Incline-se para frente.

Morrigan perguntou-se por que ele não a tocava. Seu corpo cantava com fogo líquido, incentivado pela escuridão e pela misteriosa e persuasiva sensação de suas palavras. Ualan se ajoelhou atrás dela, seus olhos ardiam enquanto a olhava.

Quando ela obedeceu, Ualan disse: —Agora levante seu traseiro até me sentir contra você.

—Ualan? — Ela ofegou, mas não hesitou em rastejar de volta na cama. Quando esteve a uma distância que lhe permitia agarrá-la, saltou para frente e a agarrou firmemente pelos quadris com as mãos.

Morrigan gritou surpresa.

Ualan separou suas coxas para poder acariciá-la com a mão. Ela se esfregou contra ele, um gemido baixo proveniente dela o atormentou. Seus dedos suavemente a separaram, deslizando-se ao longo de sua abertura, acariciando-a primeiro com um e depois com dois dedos em seu interior. Apenas quando ardeu em chamas, Ualan a fez retroceder até ficar contra ele.

Ualan a apertou para baixo, fazendo-a se abrir mais até que estivesse perfeita para aceitá-lo. Ele gemeu ao sentir a umidade envolvendo-o. Com um poderoso empurrão ele a penetrou. Morrigan ficou sem fôlego ao se sentir cheia dele,

surpreendendo-se cada vez que ele forçava si mesmo a ir mais fundo.

—Ualan. — Ela disse, gritando seu nome, animando-o. Suas mãos se retorciam na cama, agarrando-se enquanto tentava se manter sobre os joelhos.

Ualan se moveu, impulsionado pela imagem de seu corpo ante ele. Seus seios se refletiam no espelho, torturando-o com seus movimentos. Ela arqueou as costas. Suas mãos se enredaram em seu cabelo, puxando-a levemente.

Morrigan ofegou, sem se importar com os puxões em seu cabelo. Estendendo a mão para seu corpo, Ualan acariciava seu centro com cada estocada. Morrigan gemeu bruscamente, nunca sentiu tanto prazer como o que sentia com ele.

Seus corpos ficaram tensos ante o reclamo dele. Ofegavam, gemiam e gritavam em êxtase. Ualan se golpeava contra ela, empurrando cada vez mais forte, mais fundo. Morrigan estremeceu com violentos arrepios de gratificação, ficou tensa enquanto um espasmo de puro prazer percorria seu corpo.

Ualan grunhiu, perdendo-se nela. Gritou violentamente, movendo-se com mais força.

Quase imediatamente, Morrigan caiu quando ele a deixou ir. Estava de boca para baixo, respirando forte. Seu corpo esperava que Ualan fosse para seu lado, para tocá-la com carinho e aprovação. Ualan a deixou cair na cama, mas suas

mãos não a tocaram. Morrigan sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Pode que ele a desejasse o suficiente para ir até ela e saciar sua luxúria, mas nem sequer estavam conversando e nem havia se movido para abraçá-la.

Ualan queria estreitá-la em seus braços, mas ele não se iludiria pensando que ela se importaria se o fizesse ou não. Por acaso ao mencionar sua história não significava que ela ainda ansiava seu passado? A solidão que o havia afastado antes dela regressou multiplicada por dez, para persegui-lo e atormentá-lo.

Morrigan ficou imóvel, seu corpo continuava fraco depois de seu apaixonado encontro. Fechou os olhos, escutando até que ouviu ele dormir. Logo, quando esteve segura de que ele dormia, se levantou suavemente da cama, com cuidado para não acordá-lo. Morrigan se vestiu sem fazer barulho e as escondidas desceu a escada. Quando chegou no banheiro, fechou a porta, como uma bola sentou-se no chão e começou a chorar.



Ualan sentiu sua esposa se levantar e sua descida suave pela escada do quarto. Perguntou-se o que estava acontecendo. Mas ao ouvir a porta do banheiro se abrir e fechar, fechou os

olhos. Seu coração doía apesar de seu corpo chamar por ela. Sentindo uma profunda dor no peito, tentou não respirar. Era como se seu coração estivesse morrendo.

Capítulo Dezenove



Morrigan estava sentada descansando com os braços na cadeira enquanto levantava um pé descalço. Ualan saiu no dia anterior com seus irmãos para tramar sua vingança.

Ela sabia que ele se sentia mal sobre o que aconteceu, mas ela não o culpava. Não a havia tocado desde a noite do ataque, mas Morrigan esperava que ele apenas estivesse dando tempo para se recuperar. Era muito doce de sua parte dar-lhe espaço, mas desejava que ele não fizesse isso.

Mordendo as unhas de uma maneira que realmente irritava sua sogra, disse: —Eu preciso de um trabalho.

—Você tem um trabalho. — Disse a mulher calmamente.

Morrigan olhou para ela. Inclinando-se pegou seu café do chão e tomou. Ualan havia olhando de forma estranha quando lhe agradeceu pelo simulador dando-lhe beijos por todo o rosto e proclamando que era o melhor marido no mundo. Havia se afastado murmurando algo sobre precisar se reunir com Zoran.

Morrigan negou com a cabeça enquanto descia a xícara para a mesa.

—Ser uma esposa não é um trabalho real.

—As outras poderiam discordar de você. — A mulher calorosamente riu.

—É trabalhoso. — Ela disse com um tom de “não me leve a mal”. —Mas não é um trabalho. Eu preciso de algo para fazer. Não posso apenas ficar aqui sentada o dia todo esperando que Ualan volte de fazer o que quer que seja. Preciso de mais que isso.

—O que você quer fazer?

—Bem, eu sou uma repórter.

—Nós não temos nenhuma necessidade de um repórter. — A rainha disse com um delicado encolher de ombros. —Todas as notícias se estendem por palavra de boca a boca ou decretos reais.

Morrigan franziu o cenho. Ela estava inquieta. Ualan tinha que sair todos os dias para fazer coisas de príncipes. O que supunha que ela tinha que fazer? Ficar deitada engordando? De nenhuma maneira.

—Eu sinto muito não poder te ajudar. — Disse Mede, antes de franzir o cenho e apontar o dedo em seus lábios. Morrigan obedeceu, sorrindo como uma criança: —Você conversou com Ualan sobre isso?

—Não. — Ela murmurou com um sorriso torto. —Ele fica estranho quando falo sobre ser uma repórter. É como se acreditasse que de repente eu contraí lepra.

—O que é isto?— A rainha perguntou, pouco familiarizada com o termo.

—Uma doença antiga, nós a eliminamos há muito tempo, não é importante. — Morrigan se inclinou para frente, cruzando as mãos sobre o queixo enquanto pensava. Um profundo suspiro saiu de seus lábios.

—Poderia ser porque você esconde coisas dele? — Mede disse, sua expressão brilhando sabiamente.

—Como Nadja e Olena? — Morrigan de repente perguntou. —Ualan disse algo sobre elas terem medo?

—Elas estão bem. — A rainha respondeu, não desejando mudar o assunto. Com ênfase, ela repetiu: —Pode ser que se comporte assim porque você esconde coisas dele?

—Como o que? — Morrigan perguntou, vendo que Mede queria chegar a um ponto.

—Ou talvez ele tenha medo. —A rainha continuou.

—Medo? Ualan?— Morrigan sorriu. Agora, isso não era provável.

—Morrigan, quando você disse que nota uma mudança em Ualan quando fala sobre isso, quer dizer que você vê isto em seu rosto ou sente isso dentro de você como se as emoções fossem suas? — Mede se inclinou séria.

—Eu sinto isto. — Ela respondeu fraca, depois de

considerar.

—Isto é porque você sente o que ele está sentindo. E ele sente o que você está sentindo. Se estiver descontente ou nostálgica quando fala sobre as viagens e de ser repórter, então ele sente seu anseio. Inclusive pode ser que pense que quer deixá-lo. — Mede sorriu com tristeza ao ver o rosto de Morrigan mudar com a compreensão.

—Mas, como é possível?

—Os homens Qurilixien recebem um cristal quando nascem. É sua luz guia. Quando vocês formaram um casal pelo cristal, suas vidas se uniram entre si de uma maneira que nunca poderá ser desfeita. Trocaram suas almas. Quando quebrou o cristal, você se assegurou de que não houvesse volta. De certo modo, agora você é sua luz guia.

Morrigan engoliu saliva, congelada.

—Você entende o que isso significa para ele? — A rainha perguntou.

Morrigan negou com a cabeça, os olhos muito fixos na rainha.

—Quer dizer que seu cristal está quebrado. Significa que ele colocou todas as possibilidades de ser feliz em você. Ele deu sua vida por você, Rigan. Nunca haverá ninguém mais para ele durante o tempo que viver. Isto é muito tempo para nosso povo e para você. Ao dar-te sua vida, ele diminuiu a dele para

estender a sua, assim seus destinos poderiam permanecer juntos. Se escolher deixá-lo, estaria sozinho pelo resto de seus dias. Sem nosso sol azul sua vida seria de maneira normal, talvez se estendesse uns quantos anos mais que de costume. Quando ele te levou para sua tenda essa foi sua escolha. Você é dele, Rigan. Não haverá outra em sua cama ou em seu coração. Simplesmente não pode ser.

—Você quer dizer que ele era... — Morrigan ruborizou ao perceber o que estava falando sua sogra.

A rainha simplesmente riu, mas não evitou a reveladora pergunta.

—Eu duvido. Os príncipes ocasionalmente saem de nosso planeta por deveres de embaixador. E, desagradável como soa, não são poucas as... Mulheres com moralidade solta que fazem paradas programadas para os guerreiros. Eles são homens depois de tudo.

Morrigan ruborizou.

—Não pense nisto. Era antes de encontrar você. Uma vez casado, eles não voltam a fazer tais coisas... Nunca. Além disso, existe algo para ser dito de um marido bem treinado. — A rainha sorriu e piscou para ela divertida. Morrigan riu. A rainha continuou. —Ele não irá para elas agora. Não poderia mesmo que quisesse. Você saberia imediatamente. Além disso, se ele quizesse, você saberia também. Ele não desejará nenhuma outra, tenha certeza.

—E você nunca lamentou escolher apenas um homem?

—Nunca, entretanto perto dos cem anos começam a ser muito inventivos. É algo que se pode esperar com interesse. — A rainha ficou de pé. —Agora que esclareci algumas duvidas, tenho outras filhas para visitar. Prometo, que quando tiver filhos vai ter que se preparar Morrigan. Eles te trarão um punhado de problemas, mas também de vez enquanto te trazem flores e terá valido a pena a frustração.

—Como seus pais. — Morrigan meditou, gostando da ideia de ter um filho de Ualan. Ela se perguntou se alguma vez pensou nisso.

—Sim. — Concordou a rainha, pensando em seu próprio marido teimoso. Ela beijou a bochecha de Morrigan. —Somente como seus pais.



As notícias de que os homens partiram para a batalha com o rei Attor e seus guerreiros Var chegaram à noite. Agro descobriu pelo espião que o rei Attor, efetivamente, tinha planejado matar três das quatro princesas. Olena, ele queria para si mesmo, por isso atacou Yusef. Agro também descobriu o paradeiro dos seguidores de Attor e os rastreadores Draig logo

tiveram a posição confirmada. Era um pequeno acampamento Var na fronteira sul das terras Draig.

Morrigan estava muita preocupada, mas tinha fé de que Ualan sairia vencedor. Além disso, depois do que Mede disse, confiava em que ela sentiria se Ualan sofresse alguma coisa. O médico foi vê-la, informando-lhe que tudo estava bem e que estava quase curada. Ficou acordada até tarde, esperando até que mal pode manter os olhos abertos. Não teve nenhuma notícia e passou a noite sozinha.



—Aqui. — A voz de Ualan era dura enquanto entregava a câmara para sua esposa. Estava cansado e desgastado pela batalha. —Isso pertence a você.

Morrigan olhou surpresa. Seu cabelo estava preso em um rabo-de-cavalo e usava uma fina camisa de linho e calça de algodão solta. Ela pediu a Mede livros que abordassem os costumes Qurilixien. Para seu deleite, sua nova mãe lhe enviou um grande número de livros, de história, direito, arte, publicações comerciais, mitos e lendas. Nadja havia lhe emprestado um tradutor para que pudesse lê-los. Era um processo lento, mas estava fazendo investigações e estava se

divertindo. Além disso, lhe ajudava a passar as horas até que Ualan chegasse em casa.

Os livros estavam amontoados ao seu redor fazendo uma grande bagunça, mas Morrigan não se importava. Ela se levantou de um salto, tropeçando neles enquanto corria ao encontro de seu cansado guerreiro. Morrigan lançou seus braços ao redor dele.

Para surpresa de Ualan, ela murmurou: —Eu sabia que você estava bem.

Olhando por cima do ombro, ele estava rígido e apenas devolveu o abraço pela metade. Levou um tempo conseguir a coragem para ir até ela. Os cansados olhos de Ualan olharam os livros, assumindo que estava investigando sobre sua cultura para sua matéria. Isso não lhe impediu entregar a câmara.

Ualan a separou dele e levantando a mão dela, colocou a lente e a esmeralda na palma de sua mão. Pouco a pouco deu um passo para trás.

Morrigan piscou confusa com o gesto. Olhou para ele enquanto descia a mão com a câmara.

—Obrigada.

Ualan movimentou a cabeça.

—O que aconteceu? Ninguém enviou nenhuma notícia. Vocês...?

—O rei Attor está morto. Nós tentamos detê-lo de acordo com nosso tratado e ele chamou suas tropas para a batalha. O filho de Attor tomará o trono. Olek está falando com o novo Rei de Var, negociando uma paz. Parece que nossas batalhas terminaram, espero que sim. — Ualan não podia sentir prazer como tal revelação. Seria um processo lento, mas a paz se poderia alcançar. Alguns dos nobres mais velhos protestariam de ambos os lados. No entanto, afinal, cederiam ante a decisão de seus líderes.

—É uma boa notícia, Ualan. — Morrigan disse. —Estou contente por não ter mais batalhas entre vocês e os Var.

—O que você está fazendo? — Ele perguntou, ignorando seu comentário.

—Ah, só um pouco de pesquisa.

—Hmm. — Ele estendeu outra coisa. —Isto é para você, também.

Morrigan pegou o pedaço de papel da mão dele. Ela engoliu saliva, olhando para baixo viu uma passagem espacial para uma base na Terra que a levaria para casa. Engolindo fortemente o olhou e perguntou cuidadosamente.

—O que é isto?

—É uma passagem. Em seu nome. Com destino para a Terra. Você terá que fazer algumas paradas. Os transportes Qurilixien não costumam viajar para tão longe.

—Eu posso ver que é uma passagem. Mas, o que você está dizendo, Ualan? Você quer que eu vá embora? Você está me mandando embora?

—Eu sei que você está aqui para fazer uma história, Rigan. Sua comunicação com seu editor foi interceptada. Eu ouvi tudo. Quer contar tudo sobre nossas vidas, de nossa guerra com os Var, nossos casamentos. — Ualan suspirou, também cansado de continuar lutando. — Bem, aí está sua câmara. Você devia ter todas as informações que precisa para nos expor.

—Expor você? — Ela engoliu, confusa. — Por que eu quereria expor você?

—Você disse que queria fazer um filme e me expor. — Ele gritou. Ainda que suas palavras soassem mais duvidosas que com certeza.

—Quando? — Ela perguntou-se em voz alta, não se lembrava de fazer um comentário tão estúpido. Nunca pretendeu machucar ninguém com o que escrevia. Bem, talvez a Corporação de Noivas da Galáxia, mas nesse momento ela estava irritada. Duvidava que algo fosse sair dali.

—Quando você estava doente pelo veneno. — Ele respondeu. Sentou-se, cansado no sofá em frente a ela.

Morrigan ruborizou, de repente se lembrando do que estava na câmara. A imagem de Ualan nu veio a sua mente e quase morreu de vergonha. Sem poder olhá-lo nos olhos, pronunciou.

—Expor significa revelar, mas também significa desenvolver uma imagem.

Morrigan estava mortificada. Mal podia se mover. Cobriu o rosto com as mãos e gemeu.

—Que imagem? — Ele perguntou, intrigado.

—Eu iria guardar uma imagem sua para me lembrar de você. — Ela murmurou fraca, não ousado olhar para ele durante um momento longo.

Então Ualan sorriu. Seu prazer durou pouco. Ela levantou a passagem e olhou para ela.

—Sobre o que você vai escrever? — Ele perguntou, cauteloso. Ela nunca disse que iria ficar. Mas, também nunca disse que queria partir.

—Eu fui enviada encoberta para juntar informações sobre as noivas e seu planeta. Eu deveria fazer um artigo sobre os quatro príncipes no Festival de Reprodução e as mulheres sortudas que eles tomaram para esposa. Iria ser uma primeira página exclusiva. Na Terra as mulheres adoram essa coisa de romance.

—Sortudas? — Ele inseriu. Ela estreitou seus olhos ante ele e seu dourado olhar. Ela estremeceu. Ele ganhou. Ela afastou o olhar primeiro. —E agora? O que você escreverá?

—Eu podia expor você como uma espécie que muda de

forma. — Ela disse. —Ninguém sabe sobre você.

—Nos machucaria. Nós precisamos de noivas e não seriam muitas mulheres que viriam para se casar com um dragão. Teríamos que recorrer ao sequestro, o que está mal visto. Isso poderia iniciar uma guerra com os planetas humanoídes.

Morrigan movimentou a cabeça de acordo. Seus traços estavam em branco, mas ela podia sentir a dor em seu assentimento.

—Seria a história da minha carreira. — Ela suavemente disse. —Eu poderia conseguir qualquer tarefa a qualquer preço.

—Se voltar para sua casa é tão importante você, então vá. Você tem toda a evidência e a história que precisa. — Ualan ficou de pé. Ele estava muito cansado pela batalha com os Var e com seu próprio coração para discutir com ela. Suspirando forte, ele disse: —Vá para casa, Morrigan. Eu não vou me colocar em seu caminho.

—E nós? Nosso casamento?— Ela perguntou, sabendo muito bem do que ele estava disposto a desistir para vê-la feliz. Ele estava disposto a sacrificar sua vida de felicidade e companhia para dar a ela o que ele achava que ela queria. Ninguém jamais sacrificou tanto por ela.

—Você veio aqui por mim, não por uma história. Os deuses trouxeram você aqui para mim e o cristal me ajudou a encontrá-la. E então sou eu quem deixa você ir. Eu não serei a causa de

sua infelicidade.

Ela sabia que era verdade. A história sempre foi uma desculpa. Uma parte dela queria se afastar de sua vida, uma parte dela queria sentir-se protegida e ser feliz. Estava cansada de viajar, mas havia se negado a admiti-lo até agora. Os sonhos que foram enterrados mais profundos eram os mais difíceis de eliminar. Ela se afezrou à sua fantasia infantil de explorar o espaço com ambas as mãos. A realidade não era nada parecida com a fantasia. Os intermináveis dias que havia passado sozinha em uma cápsula espacial, viajando a poços úmidos em regiões exteriores... Isso era real.

—Eu deveria chamar meu editor. — Ela suavemente sussurrou.

Ualan movimentou a cabeça, triste. Ele acenou para seu quarto.

—O comunicador está lá em cima. Eu pensei que você poderia desejar contactá-lo com suas informações de voo e de ordens para que pudesse fazer a chamada sem interrupção.

Morrigan ficou de pé, caminhando devagar para a escada. O comunicador e as armas estavam de volta na estante, junto a eles, viu sua coroa. Tinha um aspecto diferente de como se lembrava. Mede lhe disse no hospital que quebrou quando desmaiou pelo envenenamento. Pegando-a percebeu que brilhava com fragmentos do cristal quebrado de Ualan. Deixando a coroa, pegou o comunicador e com um só clic-clic marcou o

número de Gus.

Ela não teve que esperar muito tempo antes dela ouvir o homem berrar: —Já era hora de que aparecesse, Rigan. Onde diabos esteve?

—Oi-yah, Gus. — Ela forçou seu tom.

—Oi-yah? Oi-yah, Gus? — Ele perguntou antes de se acalmar. —Eu estou abrindo as linhas, Rigan, envie sua história. Amanhã a publicarei. Estou guardando a primeira página da edição intergaláctica para você.

—Eu não posso fazer isto, Gus. Eu não a tenho.

—O quê? Você ainda está escrevendo? Hum. — Ele ponderou. —Bem suponho que está chamando pelos documentos de anulação. Direi algo, me envia a história e eu te darei o que precisa para sair desse casamento... Passagem de primeira classe e tudo. O que acha, Morrigan?

—Desculpe, Gus. Não há nenhuma história aqui. Eu estava errada. Ah, e me demito!

—O que?! — O homem gritou. —Você não pode me deixar Rigan! Você é a melhor repórter maldita que eu tenho. Ninguém poderia cobrir aquele planeta de limo como você fez! Vamos, você não pode deixar este negócio, está em seu sangue. Você ficará louca sem isto.

—Eu achei um príncipe, Gus. — Ela disse com um sorriso

suave em seus lábios. —E acho que vou mantê-lo.

Morrigan levantou os olhos para ver Ualan de pé na entrada do armário. Um sorriso afetuoso estava se formando em seus lábios em compreensão. A emoção fluiu docemente e abertamente entre eles, o último obstáculo foi derrubado por sua mão.

—Rigan? — Ualan sussurrou, a esperança brilhava em seus olhos bonitos.

—Seria minha carreira, Ualan. — Ela sussurrou de volta. — Mas você é minha vida.

—Rigan! — Gus gritou. —Eu não posso ouvir você, o que você disse? Oh, não importa, você está falando como uma louca. Olha, vou te liberar de seu contrato sem problemas, mas tem que me dar uma exclusiva.

—Desculpe, Gus. — Ela disse, olhando descaradamente para Ualan. —Cuide de meu apartamento, é seu. Venda tudo, mas me envie minhas unidades de limpeza... todas.

—Entendi. — Gus disse, não escutando. —A repórter estrela se apaixona por sua história.

Morrigan sorriu, não realmente prestando atenção no homem. Seus olhos brilhavam com amor por seu marido.

—Não, espera. — Disse Gus com voz rouca. —Princesa repórter encontra seu príncipe.

—Não. — Ela disse, seus olhos começando a viajar sobre o corpo firme de Ualan.

Ele ergueu uma sobrancelha, movendo-se para tirar a camisa ante a insinuante inclinação de cabeça.

— Igan, vamos menina, você precisa me dar algo! — As palavras de Gus foram seguidas pelo som de um punho golpeando.

—Desculpe, Gus, não posso fazer isso.

—Que tal um livro? — Ele ofereceu. —Eu darei a você um avanço enorme!

—Não. Eu quero viver a vida por algum tempo. Estou cansada de ver de fora.

—Que tal os príncipes? — Ele insistiu. Suas palavras quase soaram como um lamento. Os olhos de Morrigan estavam ocupados devorando seu marido enquanto ele tirava a roupa. Ficou de pé para reunir-se com ele, tirando sua própria camisa e jogando-a de lado. —O que você pode me dizer sobre eles?

—Não há muito. — Ela respondeu com uma piscada diabólica.

Ualan levantou a sobrancelha parecendo insultado. Ela tirou a camisa pela cabeça.

—Eles são completamente desinteressantes. — Ela persistiu, apertando seus lábios em um gesto de tédio.

Os olhos de Ualan se transformaram em um fogo dourado. Perigo e excitação a percorriam enquanto o olhava. Ela sorriu com um gesto de excitação, Ualan deslizou a calça pela cintura e ficou de pé, orgulhoso. Morrigan abriu a boca com fingida surpresa enquanto olhava com diversão sua ereção.

Perversamente pronunciou: —E eles são muito, muito... — Seus olhos percorreram o corpo de Ualan a cada palavras, enquanto terminava com timidez. —... Pequenos.

Ualan rosnou, lançando-se para frente, pegou-a nos braços e apertou seu corpo nu no dela.

—Rigan? Rigan?! — Insistia a voz de Gus. Eles o ignoraram.

Ualan acariciou sua garganta antes de olhá-la nos olhos. Morrigan sorriu. Suas mãos viajavam por suas costas, apertando a pele quente de seu traseiro sob a calça. Em silêncio, ela lhe acariciou o peito com um dedo.

—O médico esteve aqui antes para me olhar.

Seus olhos se estreitaram. Morrigan mordeu seu lábio, indecisamente movendo sua mão até tocar seu estômago. —O que você acha? — Ela sussurrou quase tímida.

— Eu acho não, eu sei que estou apaixonado por você. — Ele sussurrou, percebendo que ela estava dizendo que estava grávida.

Os olhos de Morrigan brilharam.

—Realmente?

Ele riu, inclinando-se para beijá-la profunda e ternamente, sua expressão estava dizendo, “Claro, mulher tonta”.

—Oh. — Ela suspirou quando ele a deixou respirar. Tinha os joelhos fracos, com os olhos cheios de desejo, ela gemeu. —Eu amo você, também, Ualan. Eu podia nunca te deixar.

—Rigan. — Ualan rosnou, esmagando-a com uma profunda paixão. Gus continuou gritando, mas eles o ignoraram. —Eu te amei desde o primeiro momento. Eu amei você e só você minha vida inteira. Prometo te fazer feliz. Você nunca lamentará escolher ser minha rainha.

—Você já me faz feliz. — Ela sussurrou, seu coração em seus olhos. Então, afastando-se, ela perguntou: —Rainha?

—Sabe? Eu sou o mais velho. — Ele disse, suspirando, inclinando-se para depositar beijos no nariz e bochechas. — Quando meus pais decidirem se fastar, você será minha rainha.

Ele tentou reivindicar sua boca e ela o deixou por um breve segundo. Então, empurrando-o com o braço, perguntou: — Espere um minuto. Que idade você tem de qualquer maneira, dragão?

Ualan meramente sorriu. Suas mãos conseguiram envolvê-la nos braços em um abraço que lhe roubou as palavras e seu coração. Não precisava falar mais.

—Rigan, maldição, você chegou...

Ualan a puxou de volta, rindo, com a intenção de sair-se com a sua, mas pelo olhar em seus olhos, ela iria sair-se com a sua também... Por um longo momento. Puxando-a, suas mãos começaram a trabalhar em sua cintura, empurrando sua calça para o chão.

—Rigan!

Ualan sorriu, olhando diabolicamente a seus lábios enquanto levantada o pé até golpear o irritante comunicador.

—Rig...!

Crunch

fim



PARCERIA

PL & PRT



Uma olhadinha no próximo livro:

Dragon Lords 02 - O PRÍNCIPE PERFEITO

Michelle M. Pillow

Um refúgio perfeito...

Nadja Aleksander tem tudo o que poderia querer na vida, exceto sua liberdade. Pulando para fora de seu noivado, livre de um homem que seu pai controlador escolheu para ela, pega passagem na primeira nave espacial que pode encontrar. Com destino a um planeta de homens humanóides primitivos, Nadja planeja encontrar um homem simples, trabalhador, que lhe permitirá viver seus dias na obscuridade total.

Um erro perfeito...

O Príncipe Olek de Draig, embaixador real, está satisfeito com sua noiva refinada e corando. Quando ela o escolhe para ser seu companheiro de vida, parecendo feliz em sua decisão, seu coração se acelera — até a manhã seguinte, quando sua noiva princesinha não quer nada com ele. Olek não sabe o que fez para perturbar sua noiva sedutora, mas está determinado a reacender a faísca que queimava na noite que se conheceram.